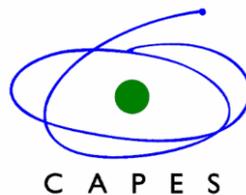




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
DOUTORADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

***TU E VOCÊ* NO FALAR DE FORTALEZA-CE: VARIAÇÃO E AVALIAÇÕES
LINGUÍSTICAS**



FORTALEZA –CEARÁ

2019

TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

TU E VOCÊ NO FALAR DE FORTALEZA-CE: VARIAÇÃO E AVALIAÇÕES
LINGUÍSTICAS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada.
Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo.

FORTALEZA-CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Guimarães, Tatiane de Araújo Almeida Studart.
Tu e você no falar de Fortaleza-CE: variação e
avaliações linguísticas [recurso eletrônico] / Tatiane
de Araújo Almeida Studart Guimarães. - 2019.
1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do
trabalho acadêmico com 219 folhas, acondicionado em
caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do
Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2019.
Área de concentração: Linguagem e Interação.
Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araújo.

1. Formas de Tratamento Pronominal. 2.
Sociolinguística Variacionista. 3. Norma Culta. 4.
Avaliações Linguísticas. 5. Falar de Fortaleza. I.
Título.

TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

TU E VOCÊ NO FALAR DE FORTALEZA-CE: VARIAÇÃO E AVALIAÇÕES
LINGUÍSTICAS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada.
Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 08 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



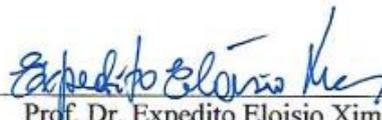
Prof^ª. Dr^ª. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof^ª. Dr^ª. Maria Silvana Militão de Alencar
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Expedito Eloisio Ximenes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dedico àqueles que nos deixaram e viraram
uma estrela: vovô Gerson e vovó Mazé e
àqueles que trouxeram mais alegria à minha
vida: Bernardo e Raul.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Rosane e Júlio, pelo trabalho árduo durante esses seis anos de estudos, em que me ajudaram, acolheram e cuidaram. Não só de mim mas também de minha família;

Ao meu marido, Cantídio, que não me deixou desistir, pelo amor, pela paciência que teve durante a minha ausência e pelo apoio incondicional;

Aos meus filhos, Raul e Bernardo, meus bens mais preciosos, os quais, mesmo não compreendendo que a mãe tinha que estudar, “aceitaram” e não viam a hora “de tudo isso terminar”;

Aos meus irmãos, Talita e Cláudio, e à minha tia Regiane os quais me ajudaram cuidando dos meus filhotes;

À professora Aluiza Alves de Araújo, minha eterna orientadora, pelo acolhimento, apoio e paciência todas as vezes em que eu mudava o projeto e, sempre com muito humor, trazia-me para o lugar certo. É um exemplo para todos nós;

Aos professores Dr. Valdecy Pontes e Dr. Wilson Araújo (UECE) pelas valiosas contribuições durante a banca de qualificação;

Aos professores do POSLA que auxiliaram e compartilharam seu conhecimento em minha caminhada pelo mestrado e doutorado;

Às minhas amigas irmãs de orientação, Germana, Rakel e Lidiane, com quem pude dividir angústias, produzir artigos e compartilhar materiais de pesquisa; a Rakel, em especial, por me salvar com dicas do Excel;

Às minhas amigas “Clandestinas”, pelos momentos de desopilar e dividir as angústias da maternidade;

À minha amiga irmã e companheira Rebeca, que sempre está por perto. Você mora no meu coração;

Às minhas amigas Valéria, Neda e Gi, pelas conversas e gargalhadas, com muito açaí na Praia do Futuro;

Aos informantes do PORCUFORT e aos meus informantes do teste de atitudes que responderam a esse “pequeno” questionário;

À Capes pelo suporte financeiro durante esse percurso.

“Tu és o grande amor da minha vida
Pois você é minha querida
E por você eu sinto calor
Aquele seu chaveiro escrito “love”
Ainda hoje me comove
Me causando imensa dor
Eu me lembro do dia que você entro num bode
Quebrou minha vitrola e minha coleção de
Pink Floyd
Eu sei que eu não vou ficar aqui sozinho
Pois eu sei que existe um careta em meu
caminho”

(Raul Seixas)

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é descrever e analisar a variação pronominal na função de sujeito *tu/você* no falar culto de Fortaleza-CE. Também fizemos uma análise da atitude e do comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra em relação a essa variável. Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (1968), e na Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), e nos Testes de Atitudes (LAMBERT, 1967). Este estudo pauta-se por investigar o uso da língua em tempo aparente, realizando análise a partir de um quantitativo expressivo de dados, tratados estatisticamente pelo programa GoldVarb X (2005). A amostra é constituída por 18 informantes do PORCUFORT (Português Culto de Fortaleza), com entrevistas coletadas entre os anos de 1993 e 1995, e distribuídas por três faixas etárias (22 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos ou mais) e sexo/gênero (masculino; feminino). E, para os testes de atitudes, 152 informantes responderam a um questionário. Investigamos quais fatores linguísticos, estilísticos e sociais favorecem a ocorrência do pronome *tu*. Tivemos como resultado do PORCUFORT um total de 654 ocorrências, distribuídas entre as seguintes variantes: *tu* (16,1% com 105 dados), *você* (56,3% com 250 dados), *cê* (22,90% e 250 dados) e *o senhor* (4,7% e 31 dados). Fizemos uma rodada binária no GoldVarb X com as formas *tu e você*, que apresentou 7 variáveis relevantes para o uso do pronome *tu* na função de sujeito: sequência discursiva, entonação frasal, faixa etária, tipo de pronome, grau de simetria entre os informantes, paralelismo formal e sexo. A sequência narrativa mostra-se como a mais relevante, seguida das frases interrogativas como favorecedoras do pronome *tu*. A determinação do referente mostra-se também significativa. As conversas em que havia informantes em total simetria favorecem o uso do *tu*. Vale também reforçar, ainda, que os mais jovens também são responsáveis pelo uso do *tu*, bem como as mulheres. Já, quanto ao paralelismo formal, o *tu* precedido de *tu* é o que mais beneficia o uso do pronome em questão. Os resultados gerais desta pesquisa apresentam indícios de uma mudança em curso, pois, na variação *tu/você*, o pronome *tu* apresentou uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem; já o pronome conservador *você* predominou na faixa etária mais velha. A comparação da avaliação e do comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra aponta reações subjetivas bastante uniformes em relação ao *tu/você*, o que parece indicar que um novo padrão de prestígio está entrando no falar de Fortaleza, o *tu*, mas que este ainda não alcançou uniformidade no uso real, já que neste falar ainda predomina o uso do *você*.

Palavras-chave: Formas de Tratamento Pronominal. Sociolinguística Variacionista. Avaliações Linguísticas. Norma Culta. Falar de Fortaleza.

ABSTRACT

The central objective of this research was to describe and analyze the pronominal variation Tu/você in Fortaleza-CE. We also made an analysis of the attitude and linguistic behavior of the speakers of our sample in relation to this variable. Based on the Theory of Variation and Linguistic Change, outlined by Weinreich, Labov and Herzog (1968), and in Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), and Attitude Testing (LAMBERT, 1960), this study is designed to investigate the use of language in apparent time, performing analysis from an expressive quantitative data, treated statistically by the program. The sample consisted of 18 informants from the PORCUFORT (Portuguese Cultured of Fortaleza), with interviews collected between 1993 and 1995, and distributed in three age groups (22 to 35 years, 36 to 55 years and 56 years or more), and sex/gender (male and female). And, for the attitude tests, 152 questionnaires answered. We investigated what linguistic, stylistic and social factors favor the occurrence of the pronoun tu, an innovative variant in this speech community. We had as a result of PORCUFORT a total of 654 occurrences, distributed among the following variants: tu (16.1% with 105 data), você (56.3% with 250 data), cê (22.90% and 250 data) and sir (4.7% and 31 data). We made a binary round in GoldVarb with the forms Tu/você, which presented 7 relevant variables for the use of the pronoun tu in the subject's function: discourse sequence, phrasal intonation, age group, type of pronoun, degree of symmetry among informants, parallelism formal and sex. The narrative sequence proved to be the most relevant, followed by the interrogative phrases as favoring the pronoun tu. The determination of the referent was also significant. The conversations in which there were informants in total symmetry favored the use of você. It is also worth emphasizing that the younger ones were also responsible for the use of you as well as women. As far as formal parallelism is concerned, the tu preceded by you was the one that most benefited the use of the pronoun in question. The general results of this research showed signs of a change in progress, since in the Tu and você variation, the innovative pronoun tu presented a greater probability of use in the younger age group; already the conservative pronoun você prevailed in the older age group. The comparison of the attitude and the linguistic behavior of the speakers of our sample pointed to fairly uniform subjective reactions to Tu and você, which seems to indicate that a new prestige pattern is entering the Fortaleza speech, but tu have not yet achieved uniformity in actual use, since in this talk still the use of você predominates.

Keywords: Forms of Pronoun Treatment. Variationist Sociolinguistic. Linguistic Evaluations. Cultured Norm. Fortaleza Speech.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Design da Audiência: Pessoas e os papéis na situação de fala.....	51
Figura 2 - Seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa <i>você</i> e <i>tu</i> no português brasileiro.....	67
Figura 3 - Mapa de Fortaleza dividida em 6 regionais.....	104
Figura 4 - Árvore de decisão.....	114
Figura 5 - Notícia sobre projeto de lei.....	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Interpretação da variação de acordo com o comportamento das variantes, segundo Labov (1994).....	36
Quadro 2 - As formas de tratamento no século XX no Brasil.....	63
Quadro 3 - Trabalhos que pesquisam o uso do <i>tu</i> e <i>você</i> no Brasil.....	69
Quadro 4 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra.....	101
Quadro 5 - Distribuição dos informantes da nossa amostra por número do inquérito /gênero, idade e profissão no PORCUFORT.....	102
Quadro 6 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra (nascidos em Fortaleza).....	128
Quadro 7 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra (nascidos em alguma cidade do Ceará).....	129
Quadro 8 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra (nascidos nas demais localidades).....	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Frequência de distribuição das variantes no PORCUFORT.....	132
Gráfico 2 -	Distribuição das variantes no PORCUFORT <i>tu</i> e <i>você</i>	133
Gráfico 3 -	Distribuição dos informantes no Teste de Atitudes por origem.....	155
Gráfico 4 -	Percentual de respostas da pergunta “Você considera que, no dia-a-dia, você se preocupa em como fala?”.....	156
Gráfico 5 -	Percentual de respostas da pergunta: Você acredita que fala a norma culta ou a norma popular?.....	156
Gráfico 6 -	Percentual de respostas da pergunta do filho falando com a mãe.....	158
Gráfico 7 -	Percentual de respostas da pergunta do filho falando com o pai.....	159
Gráfico 8 -	Percentual de respostas da pergunta do pai falando com o filho/filha	159
Gráfico 9 -	Percentual de respostas da pergunta falando com cônjuge ou namorado(a).....	160
Gráfico 10 -	Percentual de respostas da pergunta falando com avô ou avó.....	161
Gráfico 11 -	Percentual de respostas da pergunta falando com seu irmão ou irmã	162
Gráfico 12 -	Uso do pronome <i>senhor</i> no trabalho para falar com o chefe.....	163
Gráfico 13 -	Uso do pronome <i>você</i> no trabalho com o chefe.....	164
Gráfico 14 -	Uso do pronome <i>tu</i> sem concordância canônica no trabalho com o chefe.....	165
Gráfico 15 -	Uso do pronome <i>tu</i> com concordância canônica no trabalho com o chefe.....	165
Gráfico 16 -	Percentual de respostas para o uso de <i>você</i> e <i>senhor</i> para se dirigir a professor.....	170
Gráfico 17 -	Percentual de respostas para o uso dos pronomes para se dirigir a amigos.....	172
Gráfico 18 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “eu uso mais o pronome <i>você</i> que o pronome <i>tu</i> ”.....	173
Gráfico 19 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “No dia a dia, eu só uso o pronome <i>você</i> ”.....	174
Gráfico 20 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “Só utilizo o pronome <i>tu</i> em situações de grande intimidade/informalidade”.....	175

Gráfico 21 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “O uso do pronome <i>tu</i> e <i>você</i> varia de acordo com gênero e idade da pessoa com quem eu falo”.....	176
Gráfico 22 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “O uso do pronome <i>tu</i> e <i>você</i> varia de acordo com o assunto que é conversado”.....	177
Gráfico 23 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso mais <i>você</i> quando vou reclamar algo com alguém que tenho intimidade”.....	178
Gráfico 24 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso mais <i>você</i> quando vou pedir algo com alguém que tenho intimidade”.....	179
Gráfico 25 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso mais <i>tu</i> quando faço alguma brincadeira ou usa da ironia com alguém que tenho intimidade”.....	180
Gráfico 26 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso pronome <i>senhor/senhora</i> quando não conheço a pessoa ou não tenho intimidade”.....	181
Gráfico 27 -	Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso pronome <i>senhor/senhora</i> quando a pessoa é mais velha”.....	182
Gráfico 28 -	Percentual de resposta sobre o uso do pronome <i>tu</i>.....	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).....	71
Tabela 2 -	Resultado da pesquisa de Costa (2016) para <i>tu</i>.....	71
Tabela 3 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado em Tefé.....	72
Tabela 4 -	Resultado da pesquisa de Martins (2010) para <i>tu</i>.....	73
Tabela 5 -	Resultados da pesquisa de Silva (2015) para o pronome <i>tu</i>.....	74
Tabela 6 -	Resultados da pesquisa de Alves (2010) para o pronome <i>tu</i>.....	75
Tabela 7 -	Resultados da pesquisa de Santana (2008) para o pronome <i>tu</i>.....	76
Tabela 8 -	Resultado da pesquisa de Oliveira (2007) para o pronome <i>você</i>.....	77
Tabela 9 -	Resultado da pesquisa de Dias (2007) para o pronome <i>tu</i>.....	78
Tabela 10 -	Resultado da pesquisa de Santos (2012) para o pronome <i>tu</i>.....	79
Tabela 11 -	Resultado da pesquisa de Mota (2008) para o pronome <i>tu</i>.....	80
Tabela 12 -	Resultado da pesquisa de Paredes Silva (2008) para o pronome <i>tu</i>- Amostra 80.....	82
Tabela 13 -	Resultado da pesquisa de Paredes Silva (2008) para o pronome <i>tu</i>- Amostra 00.....	82
Tabela 14 -	Resultado da pesquisa de Paredes Silva (2008) para o pronome <i>tu</i>- Amostra 96.....	82
Tabela 15 -	Resultado da pesquisa de Modesto (2006) para o pronome <i>tu</i>.....	83
Tabela 16 -	Resultado da pesquisa de Lopes (2017) para o pronome <i>tu</i>.....	84
Tabela 17 -	Resultado da pesquisa de Rocha (2012) para o pronome <i>tu</i>.....	85
Tabela 18 -	Resultado da pesquisa de Rocha (2012) para o pronome <i>tu</i> nos testes de atitudes.....	86
Tabela 19 -	Resultado da pesquisa de Franceschini (2011) para o pronome <i>tu</i>.....	87
Tabela 20 -	Resultado da pesquisa de Lorengian-Penkall (2004) para o pronome <i>tu</i>- F/PA/RI.....	89
Tabela 21 -	Resultado da pesquisa de Lorengian-Penkall (2004) para o pronome <i>tu</i>- RS.....	89
Tabela 22 -	Resultado da pesquisa de Lorengian-Penkall (2004) para o pronome <i>tu</i>- SC.....	90

Tabela 23 - Atuação da sequência discursiva sobre o pronome <i>tu</i>.....	134
Tabela 24 - Atuação da sequência discursiva sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você</i>) em Loregian-Penkal (2004).....	136
Tabela 25 - Atuação da entonação frasal sobre o pronome <i>tu</i>.....	138
Tabela 26 - Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> em Lucca (2005).....	140
Tabela 27 - Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> em Costa (2016).....	140
Tabela 28 - Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> em Andrade (2010).....	141
Tabela 29 - Atuação da entonação sobre o pronome <i>tu</i> em Guimarães (2014).....	141
Tabela 30- Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu</i>.....	142
Tabela 31 - Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você</i>) em Guimarães (2014).....	143
Tabela 32 - Atuação da tipo de referente sobre o pronome <i>tu</i>.....	144
Tabela 33 - Atuação do tipo de referente sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você</i>) em várias pesquisas sociolinguísticas variacionistas.....	145
Tabela 34 - Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome <i>tu</i>	146
Tabela 35 - Atuação do paralelismo formal sobre o pronome <i>tu</i>	147
Tabela 36 - Atuação do tipo de fala sobre o pronome <i>tu</i> (<i>tu x você</i>) em Santos (2012)	148
Tabela 37 - Atuação do gênero/sexo sobre o pronome <i>tu</i>.....	149
Tabela 38 - Uso do <i>tu</i> com ou sem concordância canônica para se referir ao chefe.....	166
Tabela 39 - Resultado do uso dos pronomes a colegas mais próximos e colegas mais distantes.....	166
Tabela 40 - Uso dos pronomes no ambiente universitário: falando com seus professores (das três faixas etárias).....	169
Tabela 41 - Percentual de respostas para o uso dos pronomes para se dirigir a colegas.....	171

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	25
2.1	LINHAS INICIAIS.....	25
2.2	A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	25
2.3	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	37
3	A TEORIA DA POLIDEZ E TEORIA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE.....	38
3.1	LINHAS INICIAIS.....	38
3.2	A TEORIA DA POLIDEZ.....	38
3.3	TEORIA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE.....	40
3.4	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	45
4	O ESTILO NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS.....	46
4.1	LINHAS INICIAIS.....	46
4.2	O ESTILO COMO ATENÇÃO À FALA (LABOV, 2008 [1972]).....	46
4.3	O ESTILO ORIENTADO PARA/PELA AUDIÊNCIA DO FALANTE (BELL, 1984).....	49
4.4	O ESTILO E AS TRÊS ONDAS DE ESTUDOS DE VARIAÇÃO (ECKERT, 2005).....	52
4.5	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	60
5	ESTUDOS SOBRE OS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	61
5.1	LINHAS INICIAIS.....	61
5.2	PERCURSO HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAL.....	61
5.3	ESTUDOS RECENTES SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAIS NO BRASIL.....	68
5.4	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	91
6	AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	92
6.1	LINHAS INICIAIS.....	92
6.2	TESTES DE AVALIAÇÕES.....	92
6.3	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	99

7	METODOLOGIA.....	100
7.1	LINHAS INICIAIS.....	100
7.2	TIPO DE PESQUISA.....	100
7.3	O <i>CORPUS</i> E A AMOSTRA.....	100
7.4	COMUNIDADE DE FALA ANALISADA: FORTALEZA.....	103
7.5	CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO.....	104
7.6	VARIÁVEIS CONTROLADAS.....	106
7.6.1	Variável dependente.....	108
7.6.2	Variável independente.....	108
7.6.2.1	Variáveis linguísticas.....	108
7.6.2.2	Variáveis estilísticas.....	109
7.6.2.3	Variáveis sociais.....	118
7.7	LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....	122
7.8	ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	124
7.9	TESTES DE ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	128
7.9.1	Nossos informantes.....	128
7.9.2	Procedimento.....	130
7.10	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	131
8	RESULTADO DA ANÁLISE DOS DADOS.....	132
8.1	PORCUFORT (1993-1995).....	132
8.2	ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS TESTES DE ATITUDES.....	154
8.2.1	Primeiras perguntas: o uso da língua.....	155
8.2.2	Segundo momento: perguntas de acordo com o ouvinte.....	157
8.2.2.1	Ambiente familiar.....	157
8.2.2.2	Ambiente profissional.....	162
8.2.2.3	Ambiente universitário.....	168
8.2.2.4	Ambiente descontraído.....	172
8.2.3	Terceiro momento: declarações sobre o uso das formas pronominais....	173
8.3	SÍNTESE DA SEÇÃO.....	186
9	CONCLUSÃO.....	187
	REFERÊNCIAS.....	191
	APÊNDICES.....	204
	APÊNDICE A – TESTE SOBRE A FALA.....	205

APÊNDICE B- RESPOSTAS SOBRE O USO DO PRONOME TU NOS TESTES DE ATITUDES.....	213
--	-----

1 INTRODUÇÃO

Na língua portuguesa do Brasil, duas formas de tratamento são recorrentes - o *você* e *tu* -, mas a opção por uma ou outra forma não ocorre de maneira aleatória. De acordo com essas escolhas, podemos inferir informações tanto sobre o falante como também sobre o interlocutor do discurso, o que foi ratificado por várias pesquisas já conduzidas no Brasil, as quais serão mencionadas no parágrafo seguinte.

Costa (2016) no Pará; Babilônia e Martins (2011) e Martins (2010) no Amazonas; Alves (2010) e Herênio (2006) no Maranhão; Silva (2015) no Rio Grande do Norte; Guimarães (2014), Sales (2004) e Soares (1980) no Ceará; Nogueira (2013), Santana (2008) e Assunção e Almeida (2008) na Bahia; Andrade (2010) (2015), Dias (2007) e Lucca (2005) no Distrito Federal; Santos (2012), Lopes *et al.* (2009) e Paredes Silva (2008¹) no Rio de Janeiro, Nascimento (2011) e Modesto (2006) em São Paulo, Mota (2008) e Herênio² (2006) em Minas Gerais; Franceschini (2011), Rocha (2010), Zilli (2009), Orlandi (2004) e Packer (1990) em Santa Catarina e Loregian-Penkal (2004) no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, são pesquisas sociolinguísticas sobre o uso do *tu* e *você* no Brasil que ratificam essa afirmativa, ao apresentarem resultados diferentes de acordo com cada região. Embora geralmente os falantes utilizem as duas formas, em cada localidade, adotam uma das variantes de maior destaque.

Esses estudos apontam que o uso de *você* é predominante na maioria das regiões, no entanto, o uso do pronome *tu* é recorrente em determinadas localidades. No trabalho de Herênio (2003), por exemplo, em que se estudou o fenômeno em duas cidades: Uberlândia-MG e em Imperatriz –MA, não foi encontrado o pronome *tu* na primeira cidade, enquanto, na segunda, houve tanto o *tu* como o *você*. Pesquisas no estado de São Paulo, como a de Modesto (2006) e a de Nascimento (2011), indicam que não há presença de *tu* em Santos e em São Paulo, respectivamente. Assim, utilizar o pronome *tu* no estado de São Paulo, ilustrando, pode causar um estranhamento, enquanto que, na cidade de Fortaleza, o uso das duas formas, *tu* e *você*, ocorre sem que nenhuma destas sofra estigma, como relata Guimarães (2014)³.

Além de Guimarães (2014), encontramos outros dois estudos sobre as formas de tratamento na comunidade de Fortaleza, que são os trabalhos de Soares (1980) e Sales (2004). A pesquisa de Soares (1980), pioneira sobre as formas de tratamento no Ceará, também se

¹ Paredes Silva apresenta vários trabalhos sobre o uso dos pronomes de tratamento na cidade do Rio de Janeiro. Neste último artigo, faz um apanhado das pesquisas já realizadas. Sendo assim vamos nos deter apenas a este estudo.

² A autora estuda tanto os dados da cidade de Imperatriz-MA como Uberlândia-MG.

³ Guimarães (2014) estuda as formas de tratamento na norma popular de Fortaleza.

constitui um dos primeiros estudos sobre a variação pronominal de 2ª pessoa no português oral brasileiro. A autora aborda as formas de tratamento em Fortaleza, utilizando uma amostra constituída por falantes fortalezenses natos ou vindos do interior do Ceará, desde que fossem residentes na capital cearense. A pesquisa, que ainda hoje é referência para os estudos sobre as formas de tratamento, foi desenvolvida no final da década de 70, o que mostra a necessidade de realização de uma pesquisa mais atual sobre as formas de tratamento.

Sales (2004), sob a perspectiva dialetológica, faz uma análise comparativa entre dados da norma culta e da norma popular com o uso de dois objetos linguísticos: o uso do *tu* e *você*, e do *nós* e *a gente*. A autora utilizou dois *corpora*: PORCUFORT e A Linguagem falada em Fortaleza. Neste estudo, realizado com base em 24 informantes, os falantes são distribuídos de forma desbalanceada por célula, com 14 com nível superior e 10 sem nível superior. Sua pesquisa se baseou, exclusivamente, em entrevistas do Diálogo entre Informante e Documentador (DID), uma vez que a autora preferiu analisar, nos dois *corpora*, o mesmo tipo de registro, e o segundo *corpus* era composto somente por DID.

O estudo de Guimarães (2014), realizado na cidade de Fortaleza com falantes que possuem, no máximo, o Ensino Médio, com base no *corpus* do NORPOFOR, coletado entre 2003 e 2006, utilizou o tipo de registro D2 (Diálogo entre Dois Informantes). Foram encontradas com muita frequência as formas *tu* e *você* e houve o aparecimento da forma *o senhor* e das formas de tratamento nominais, como *macho*, *rapaz*, *mulher*, *menina*, dentre outras. A diversidade lexical na cidade de Fortaleza aponta para uma questão importante: o uso das formas de tratamento não se dá de maneira aleatória. De acordo com o interlocutor e a relação entre os interlocutores, um dos pronomes de segunda pessoa pode ser mais empregado que o outro, pois quanto menos monitorada a pessoa estiver mais próxima estará a sua fala do vernáculo.

Ressaltamos que, mesmo havendo estudos sobre as formas de tratamento *tu* e *você*, em Fortaleza, não possuímos um estudo mais atual sobre esse fenômeno com falantes de alta escolaridade. O último estudo que contemplou, em sua amostra, falantes altamente escolarizados foi realizado por Sales (2004). Apesar de usar informantes do mesmo projeto PORCUFORT, como já foi informado, a autora optou por utilizar os DIDs (Diálogos entre Informante e Documentador) em vez de Diálogos entre Dois Informantes (D2).

Este estudo fundamenta-se na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1994; 2006, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Esse modelo teórico-metodológico tem, por princípio, a existência de uma ciência da linguagem social e assume a coexistência de variantes no meio social a qual procura analisar a probabilidade do uso dessas

variantes. Para compor nosso pilar teórico, adotamos, também, a Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e a Teoria da Semântica do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). Nas interações comunicativas, as formas de tratamento estão voltadas ou para o poder (relações assimétricas) ou para a solidariedade (relações simétricas). Usando a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana, intenta-se realizar uma análise em tempo aparente, a fim de verificar se o processo do pronome *tu* representa uma variação estável ou se há indícios de uma mudança em curso, seja a sua implementação, seja a sua recuperação sociolinguística.

Essa pesquisa consiste em uma análise da variação das formas de tratamento (*tu* e *você*) na função de sujeito, em uma amostra constituída por falantes fortalezenses com nível superior e extraída dos D2 (Diálogo entre Dois Informantes) do PORCUFORT (1993 a 1995) e uma análise dos dados dos testes de atitudes linguísticas desenvolvido no final de 2018, amostra constituída por falantes, em sua maioria, fortalezenses com nível superior.

É salutar informar que os estudos de localidades amplas contribuem para uma melhor descrição da diversidade do português brasileiro.

O Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (doravante PORCUFORT) foi desenvolvido, durante o período de 1993 e 1995, pelo professor José Lemos Monteiro com o intuito de organizar um banco de dados do português oral culto de Fortaleza, uma vez que a capital cearense não foi contemplada nos estudos do Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta do Brasil). Para o desenvolvimento do PORCUFORT foram utilizadas técnicas e métodos baseados nos do NURC, ou seja, todos os informantes desse projeto tinham o nível superior de ensino.

Trabalharemos em nossa amostra, com o tipo de registro D2 (Diálogo entre Dois Informantes), uma vez que os pronomes de segunda pessoa são produzidos durante a interação⁴ e, quanto mais próximos forem os informantes, mais se espera o uso dos pronomes.

Esta tese enquadra-se na linha 2 de pesquisa (Multilinguagem, Cognição e Interação) e está atrelada ao projeto intitulado “**Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE**”, coordenado pela orientadora do presente trabalho, Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo. Os estudos nessa linha de pesquisa constituem uma fotografia do falar de Fortaleza, com pesquisas já realizadas sobre o uso das fricativas (RODRIGUES, 2013, 2018), o uso das formas de tratamento na

⁴ Não usaremos os DID's (Diálogo informante e documentador) porque não temos interesse em analisar a fala dos documentadores, visto que são eles que fazem as perguntas aos informantes, o que pode induzir ao uso de uma forma em detrimento de outra.

norma popular (GUIMARÃES, 2014), o uso dos verbos existenciais na norma popular (SOUZA, 2015), o uso das negativas na norma popular (SANTOS, 2016), o uso da monotongação do ditongo /ej/ na norma popular (CYSNE, 2016), o uso de *nós* e *a gente* na norma popular (ARAÚJO, 2016), o uso da concordância verbal na norma popular (PEREIRA, 2017), o uso das vogais pretônicas /e/ e/o/ na norma culta, o uso dos verbos botar e colocar na norma popular (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018) e, por fim, o uso dos existenciais na norma culta (VIANA, 2018).

Para desenvolvermos esta pesquisa, alguns questionamentos tornaram-se fundamentais e nos guiaram:

- a) Quais fatores linguísticos (tipo de referente, paralelismo formal, polaridade, tópico discursivo, tipo de frase e tipo de relato) condicionam o uso dos pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* entre os falantes do PORCUFORT?
- b) Quais condicionamentos sociais (faixa etária, sexo, tipo de relação entre os interlocutores, grau de simetria) agem sobre os pronomes de segunda pessoa entre os falantes do PORCUFORT?
- c) A variação das formas de tratamento *tu* e *você* entre os falantes do PORCUFORT trata-se de um caso de variação estável ou trata-se de uma mudança em progresso?
- d) Nas avaliações linguísticas, qual forma de tratamento os falantes dizem preferir *tu* ou *você*?
- e) Há diferenças quanto ao uso dos pronomes no que diz respeito à faixa etária do interlocutor?
- f) Há diferenças quanto ao uso dos pronomes no que diz respeito ao assunto abordado na conversa?
- g) Há diferenças quanto ao uso dos pronomes no que diz respeito ao gênero do interlocutor?
- h) Há diferenças quanto ao uso dos pronomes no que diz respeito à relação de poder entre os interlocutores?
- i) Há falantes que afirmam usar somente uma forma de tratamento pronominal?
- j) Os falantes preferem usar a forma *tu* com a concordância canônica ou sem concordância?
- k) A forma *o senhor* continua sendo usada por falantes fortalezenses?

Foram formuladas também algumas hipóteses para a nossa pesquisa que buscaremos confirmar:

Na amostra do PORCUFORT, nossa hipótese é que o pronome *você* seja mais recorrente que o *tu*, uma vez que o *você* é um pronome utilizado tanto nas relações mais formais, como nas mais informais (MENON, 1995). Além disso, acreditamos que o uso do *tu* esteja acompanhado, na maioria das vezes, de verbos com a concordância canônica. Conjecturamos também que as conversas com teor mais informal beneficiam o uso do *tu*, enquanto as conversas mais formais favorecem o *você*. Quanto ao tipo de referente, esperamos que o referente específico beneficie o uso do *tu*, bem como o paralelismo formal; o *tu* precedido de *tu* também privilegie o seu uso. Esperamos também que as frases interrogativas atuem como aliadas no uso do pronome *tu*.

Já quanto aos fatores sociais esperamos que os homens e os mais jovens beneficiem o uso do *tu*, principalmente, nas relações de solidariedade. Defendemos, também, que sejam favorecedoras do pronome *tu* as relações simétricas, ou seja, quando forem da mesma idade ou faixa etária, ou do mesmo sexo/gênero.

No que diz respeito à concordância canônica da conjugação do verbo relacionado ao pronome *tu*, acreditamos que o percentual seja baixo, mas que ainda haja um número significativo que opte por essa forma de conjugação do pronome *tu*.

Nas avaliações linguísticas, realizadas no final de 2018, esperamos que os informantes afirmem usar as três formas de tratamento *tu*, *você* e *o senhor*, mas que o seu uso não se dê de maneira desordenada, nem aleatória: acreditamos que o uso da forma de tratamento *o senhor* seja usado, principalmente, para se referir a pessoas mais velhas, mas também a pessoas que tenham um cargo hierárquico superior. Pressupomos que o *você* seja um pronome neutro, usado nas mais diversas situações, ou seja, independente do gênero do falante, faixa etária, e até mesmo relação com o outro. Já para o *tu* esperamos que os informantes declarem que o produzam em situação de muita intimidade, com pessoas próximas, mais jovens, e que a situação hierárquica seja de superior para inferior. Também cremos que os informantes respondam que o assunto seja um fator importante para o uso dos pronomes. Conteúdos mais alegres, situações de brincadeiras, por exemplo, acreditamos que os informantes apontem o uso do *tu* como diferencial.

Ainda sobre os testes de atitudes, diferente da amostra do PORCUFORT, esperamos que a maioria dos informantes afirmem que não usam a concordância canônica do pronome *tu*, uma vez que o uso aqui em Fortaleza não é estigmatizado.

Ao final desta seção introdutória (SEÇÃO 1), descrevemos, de forma sucinta, as demais partes constituintes da tese.

A seção 2 (A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA) apresenta as bases teóricas. Já a seção 3 (ESTUDO SOBRE A TEORIA DA POLIDEZ E A TEORIA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE) consiste no estudo do Poder e da Solidariedade o qual é aplicado aos pronomes de segunda pessoa. A seção 4 (ESTILO NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS) apresenta a concepção de estilo de acordo com as ondas sociolinguísticas. Na seção 5 (ESTUDOS SOBRE OS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA), buscou-se traçar um panorama dos estudos variacionistas dos pronomes de segunda pessoa no Brasil. Na seção 6 (AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS), apresentam-se estudos das avaliações e atitudes linguísticas, bem como alguns trabalhos já desenvolvidos. Nossa metodologia é apresentada na seção 7 (METODOLOGIA), na qual mostramos como foi realizada a pesquisa: contexto de pesquisa, amostra, variáveis selecionadas para a pesquisa, procedimentos e, por fim, a análise estatística e análise dos testes de atitudes. A seção 8 (RESULTADOS DA ANÁLISE) traz os resultados parciais da pesquisa e as análises parcialmente desenvolvidas. Neste momento, discutimos os resultados da análise após submetermos os dados ao programa GoldVarb X e retomamos cada uma das questões de pesquisa, a fim de respondê-las, bem como os objetivos propostos. Também são apresentados nessa seção os resultados dos testes de atitudes. Na seção 9, (CONSIDERAÇÕES FINAIS) trazemos as conclusões a que pudemos chegar nessa pesquisa. Por fim, na seção 10 (REFERÊNCIAS), mostramos as referências para essa pesquisa.

2 TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

2.1 LINHAS INICIAIS

A presente seção buscou fazer um breve panorama sobre a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008, 1994, s/d; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

2.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Na Tradição Gramatical, o objeto de estudo é a norma-padrão, sendo, portanto, a língua correta e aquela usada por escritores renomados e estudiosos de textos escritos. Por muito tempo, isso vigorou; no entanto, em meados do século XX, surge a Linguística Moderna que rompe com a Tradição Gramatical. Um dos aspectos do rompimento tem a ver com a proposta de que qualquer variedade da língua pode ser objeto de estudo, sem que uma seja mais importante que outra.

O Estruturalismo de Linguística, cujo principal precursor foi Fernand de Saussure, teve como início a publicação póstuma do livro Curso de Linguística Geral, o qual foi escrito por seus alunos, a partir das notas tomadas em sala de aula na Universidade de Genebra nos anos de 1907, 1908/09 e 1910/11. Nessa corrente, o foco não estava na variação, mudança e norma, e sim no sistema, na estrutura abstrata que permitiria que as línguas funcionassem.

Apesar de o estruturalismo ter sido o marco inicial da Linguística Moderna, ainda não foi o momento em que as diversas variedades das línguas passaram a ser consideradas um sistema regido por leis próprias e dotado de homogeneidade. Saussure determina a dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*), mas estabelece um corte metodológico, determinando a língua (*langue*) como seu objeto de estudo. Segundo o autor, a língua (*langue*) “não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação” (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Já a fala (*parole*) seria a parte fisiológica e física, não entraria nos estudos de Saussure, “o lado executivo fica de fora, pois, a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 2006, p. 21). Saussure, então, opta por deixar de fora de seus estudos a fala por considerá-la caótica, difícil de ser sistematizada.

Dessa forma, embora Saussure tenha definido a língua (*langue*) como um fato social, não se propõe estudar a *parole*, porque acredita que não se pode descrever, nem

explicar a sua heterogeneidade, excluindo a preocupação com os elementos de ordem verdadeiramente social e pressupondo a homogeneidade como um requisito básico para a descrição.

Tal fato pode ser o motivo desencadeador que fez com que muitos linguistas não observassem que fatores sociais pudessem interferir em fatos linguísticos. Para eles, as explicações dos fatos linguísticos devem estar associadas a fatores internos à língua. E este princípio foi seguido por várias correntes, iniciando-se pelo estruturalismo formalista saussuriano e intensificando-se com os estruturalismos formalistas, tanto o europeu (Glossemática de Hjelmslev) quanto o americano (Distribucionalismo de Bloomfield e TGT de Chomsky).

Meillet, discípulo de Saussure, se opõe à escolha feita pelo mestre, ao desvincular o sistema da sociedade. Também criticava a dicotomia “sincronia e diacronia”, para Meillet, a estrutura só poderia ser explicada a partir da história e da diacronia. “Ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva da realidade” (CALVET, 2002, p.14).

Calvet (2002, p. 16) afirma que a persistência de Meillet em defender que a língua é, ao mesmo tempo, um “fato social” e um “sistema que tudo contém” faz dele um precursor, de alguma forma, do que hoje é conhecido como Sociolinguística. Como, para Meillet, a língua é um fato social, e a linguística seria uma ciência social, somente a mudança social é que pode dar conta da variação linguística.

Em 1964, em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), participaram vários estudiosos que hoje se constituem referências clássicas dos estudos voltados para a relação língua e sociedade. Referimo-nos a John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer, entre outros. É nesse evento que surge a Sociolinguística. Bright declara que uma das maiores dificuldades da Sociolinguística é mostrar que a variação não ocorre de forma aleatória, mas decorre das diferenças sociais sistemáticas. Portanto, segundo Bright, “só se pode conceber a sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatos de língua, que vem complementar a linguística ou a sociologia e a antropologia” (BRIGHT *apud* CALVET, 2002, p. 31). O autor propõe uma lista de dimensões da sociolinguística que permitem informar quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística, são elas: a oposição sincronia/diacronia; os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos; a extensão da diversidade, com tríplice classificação: diferenças multidialetais, multilinguais ou multissociais; as aplicações da sociolinguística, com mais

uma classificação em três partes: a sociolinguística como diagnóstico de estruturas sociais, como estudo do fator sócio-histórico e como auxílio ao planejamento (CALVET, 2002, p. 30).

No entanto, foi William Labov que se ocupou definitivamente com estudos voltados para a relação entre língua e sociedade, com a intenção de sistematizar as variações existentes na língua falada por meio de pesquisas que consideram fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo e escolaridade. Sua intenção era demonstrar a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem.

No início da década de 60, Labov faz uma investigação inicial dos padrões de mudança linguística no inglês falado na ilha Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), mais precisamente sobre os ditongos /ay/ e /aw/. Esse trabalho é considerado um marco na sociolinguística, pois o método utilizado era, até então, inédito. Ele propunha analisar e interpretar os fenômenos linguísticos no contexto social por meio de estatística. Esse procedimento pôde ser replicado em pesquisas subsequentes, dando origem à Teoria Variacionista.

A escolha por essa ilha não se deu também de forma aleatória: é uma comunidade independente do continente norte-americano, apresentando uma complexidade social e geográfica, possuindo um registro de resistência linguística ao manter muitas características antigas e, provavelmente, típicas da Inglaterra do século XVIII, ainda preservadas após muitas gerações. Assim, ele teria uma comunidade sem muita interferência de outras localidades.

Nessa pesquisa, Labov considerou as questões culturais, econômicas e sociais locais. Pôde concluir que, na ilha em questão, há uma herança fonética dos chilmarkenses, além de demonstrar que o uso centralizado ou não dos referidos ditongos era, inconscientemente, uma forma que determinados moradores tinham de se reafirmarem como nativos, renegando a pressão social feita pelas culturas dos visitantes e veranistas, ou a revelação, também de forma inconsciente, de insatisfação, seja pela vontade de deixar a ilha, seja pela vontade de se assemelhar-se aos demais americanos. Para Labov, esses falantes nativos assumiam posturas linguísticas que demarcavam sua identidade cultural.

Em 1966, Labov (2006) estuda as variedades do inglês não padrão, na região, conhecida como *The Lower East Side*, da cidade de Nova Iorque. Estavam representados os grupos alvos de seu estudo: classe média, classe operária e classe baixa e os principais grupos étnicos da cidade: italianos, judeus, irlandeses, alemães, ucranianos, poloneses, afro-americanos e porto-riquenhos. Nesse estudo, Labov (2006) afirma que a maioria de seus informantes demonstrava fortes opiniões sobre a língua falada por nova-iorquinos e não hesitava em expressá-las. Observou que a forma como esses indivíduos percebiam a língua

que falavam estava relacionada com as declarações socialmente aceitas sobre esse objeto. Dessa forma, era comum condenarem a língua de uma pessoa, de um grupo ou de uma cidade inteira. Logo, Labov concluiu que as pessoas envolvidas na pesquisa procuravam escapar da identificação como nova-iorquino, e, através da própria fala, ficava perceptível como uma força motivadora para a mudança fonológica (LABOV, 2006).

No seu trabalho sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos em Nova Iorque, Labov (2008) observou a fala dos vendedores de três lojas - Saks, Macy's e S. Kein -, que possuem público alvo bem distinto: a Saks atende a um público de classe alta; a Macy's, de classe média; e a S. Kein, da classe trabalhadora. Sua hipótese era que a produção /r/ pelos vendedores iria variar de acordo com o *status* da loja. O autor diz que o principal efeito estratificador sobre os empregados é o prestígio da loja, junto com as condições de trabalho.

Nessa pesquisa, Labov pôde perceber que aqueles que trabalham na loja de maior prestígio possuem maior segurança linguística que os vendedores das outras lojas. No caso dessas lojas, na Macy's, que atende o público de classe média, seus funcionários são os melhores remunerados e possuem melhores condições trabalhistas. É interessante dizer que, mesmo tendo melhor remuneração e melhores condições de trabalho, os vendedores preferem trabalhar na Saks, pois é a loja de maior prestígio e seus funcionários sentem-se compartilhando esse prestígio. Labov constatou que desconsiderar o contexto no qual o fenômeno linguístico está inserido, muitas vezes, pode causar resultados enviesados. É o que constatamos ao lermos “que testes rápidos e anônimos deste tipo não podem ser interpretados plenamente sem o conhecimento detalhado da história dialetal da área e sem um estudo mais sistemático da distribuição das variáveis linguísticas e normas subjetivas” (LABOV, 2008, p. 89).

Posteriormente, em 1967, Labov desenvolveu um trabalho com crianças negras do gueto de Harlem em Nova Iorque. As crianças dessa localidade eram taxadas de problemáticas porque não conseguiam acompanhar as aulas e Labov, com o objetivo de descobrir se o dialeto falado pelas crianças estava relacionado com seu fracasso escolar em aprender a ler, comprovou que elas dispunham de um vocabulário básico exatamente igual ao de qualquer outra criança e dominavam dialetos ou variedades linguísticas que são sistemas linguísticos perfeitamente estruturados, possuindo a mesma capacidade para a aprendizagem conceitual e para o pensamento lógico que qualquer outra criança. Porém, o deficit de aprendizagem de leitura dessas crianças estava relacionado “à depreciação simbólica do inglês

vernáculo afro-americano, que era parte de um racismo institucionalizado em nossa sociedade e determinava o fiasco educacional àqueles que a usavam (LABOV, s/d, tradução nossa)⁵”.

Labov (2008) declara que, para avaliar a verdadeira capacidade verbal da criança, não se pode desconsiderar o contexto cultural em que está inserida. A partir disso, ele usa várias técnicas que deixam os falantes à vontade, transformando entrevista em conversa informal e o falante esquece até que está sendo gravado.

Os estudos de Labov mostraram que há uma relação intrínseca entre língua e sociedade. Assim, língua é entendida como um conjunto estruturado de normas sociais usada num determinado contexto social, com o intuito de expressar suas necessidades, suas ideias e suas emoções a outro (LABOV, 2008).

Essas pesquisas se tornaram importantes não apenas por estudar a língua, mas por conseguir sistematizá-las. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Paiva e Duarte (2006, p. 133) enfatizam que a inovação dos autores está no fato de eles terem inovado ao sistematizarem, “ordenar” a fala. Agora, cabe ao linguista não apenas informar a variação, mas descrever e explicar como e por que ocorre.

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística considera a língua em seu contexto sociocultural. Como já foi mencionado, não só os fatores linguísticos, mas os fatores sociais são importantes. Também não basta apenas mostrar a existência ou a importância da variação, é “necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107). Os autores também enfatizam a necessidade de haver um controle dos fatores tanto linguísticos como sociais, para que haja uma melhor precisão do fenômeno. Caso contrário, poderá apresentar um resultado duvidoso, impreciso.

Um ponto importante a salientar é que, para os sociolinguistas, a co-ocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e a concorrência (quando duas formas concorrem, ou seja, só pode ser usada uma forma) existem nas comunidades de fala. Um exemplo disso seria se, em caso de maior intimidade e maior interação, os falantes usassem mais *tu/você* e, em casos mais formais, com pouca intimidade, usassem *senhor*. O primeiro caso seria de co-ocorrência e o segundo seria de concorrência.

⁵ “[...] was the symbolic devaluation of African American Vernacular English that was a part of the institutionalized racism of our society, and predicted educational failure for those who used it”.

Labov (1978) define como variável o dizer a mesma coisa no mesmo contexto, ou seja, as duas formas teriam o mesmo valor de sentido.

Para exemplificar, Labov (1978, p. 2) explica:

Como sabemos que alguém fala como um compatriota, a menos que saibamos que existem formas rurais e formas urbanas com mesmo significado? Como sabemos que alguém falou educadamente para nós, a menos que saibamos que ele escolheu uma das várias maneiras de dizer a mesma coisa, neste caso, a variante mais polida⁶(LABOV, 1978, p.2, tradução nossa).

O autor informa que se deve haver além da autoidentificação do falante, a acomodação ao ouvinte. Ao reconhecer essa importância, temos uma visão mais estreita do significado representacional.

Sistematizando, as variantes linguísticas seriam as formas alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2004). As variáveis podem ser categorizadas também como: dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que desejamos estudar, no caso a variação das formas de tratamento *tu* e *você*. Já as variáveis independentes são aquelas que condicionam a variável dependente e se classificam em variáveis linguísticas ou sociais. O paralelismo formal seria um exemplo de variável linguística, enquanto o sexo/gênero seria um fator social.

Após a explanação sobre a mudança linguística, acreditamos ser importante fazer o mesmo sobre a comunidade de fala, visto que nossa pesquisa tem como foco a comunidade de fala de Fortaleza. Tal conceito não pode ser entendida apenas como um conjunto de pessoas que falam exatamente igual, mas sim que compartilham traços linguísticos que os diferencia de outros grupos. No entanto, outras questões sobre a comunidade de fala fazem com essa definição não seja tão simples.

Labov (2008) afirma que para conceituar língua deve-se levar em conta o contexto social, uma vez que ela tem função comunicativa. Nossa comunidade de fala baseia-se na definição de Labov (2008) o qual afirma que a língua não pode ser analisada desvinculada do contexto social de uma comunidade de fala. Para Labov (2008, p. 150]):

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas

⁶ How do we know that someone that like a countryman unless we know that there are rural forms and urban forms with the same meaning? How do we know that someone has spoken politely to us, unless we know that he chose one of several ways of saying the same thing.

compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Guy (2000), percebendo as dificuldades ligadas à noção de comunidade de fala, se posiciona, explicitando que a comunidade de fala é a unidade social, com duas funções na teoria sociolinguística. Uma delas é fornecer dados, “explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes” (GUY, 2000, p. 18). A segunda função seria fornecer “uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas)” (GUY, 2000, p. 18).

Guy (2000) explicita que, apesar de as diferenças encontradas na literatura sociolinguística, podemos apresentar algumas características à comunidade de fala que são semelhantes a todas as definições. São elas, nas palavras do autor:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas (GUY, 2000, p. 18).

Ainda sobre as comunidades de fala, Labov (2008) postula que há fronteiras que delimitam o indivíduo a participar de uma comunidade e não de outra, e que podem ocorrer de forma consciente ou inconsciente. Severo (2008, p. 7), parafraseando a proposição de Labov, mostra que “o nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável está associado à classificação dos elementos variantes da língua face à avaliação social a que estão sujeitos”. No nível consciente, os falantes compartilham atitudes e valores semelhantes em relação à língua.

Tal classificação engloba três tipos, conforme Labov (2008) e (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) apresentam: indicadores, marcadores e estereótipos. Segundo o autor, os *indicadores* são traços linguísticos, abaixo do nível de consciência, encaixados em uma matriz social, exibindo diferenciação segundo a faixa etária e o grupo social, mas sem apresentar nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. No que se refere aos *marcadores*, eles possuem tanto estratificação estilística quanto

estratificação social. Apesar de estarem abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva, como, por exemplo, o uso das formas de tratamento, tanto pronominal como nominal. Já os *estereótipos* são formas linguísticas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade de forma negativa, ou seja, são formas estigmatizadas, como o caso das sínopes das proparoxítonas (figado ~ [‘figu]).

O uso das formas de tratamento de segunda pessoa, *tu e você*, foco desta pesquisa, representa um exemplo de marcador linguístico, já que eles permanecem abaixo do nível de consciência, correlacionando-se às estratificações sociais e estilísticas e podendo ser diagnosticados em testes subjetivos. No entanto, o uso dos pronomes, apesar de ser correlacionado a estratificações sociais e estilísticas, não é marcado pelos falantes.

Quanto à questão de mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que a língua continua sendo estruturada, enquanto as mudanças vão ocorrendo, ou seja, as mudanças estruturais não afetam a estruturalidade da língua. Para defender esse ponto, propõem o rompimento com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade para o axioma da heterogeneidade ordenada.

Os autores reforçam a ideia de que não se deve associar estrutura com homogeneidade. “A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante ativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125).

É relevante dizer que as isoglossas⁷ não dividem um território com áreas bem delimitadas, mas sim um *continuum* sutilmente subdivididos. Dessa forma, as mudanças não ocorrem simultaneamente nessa localidade, nem com toda comunidade em sua totalidade, mas de forma gradual. No caso, elas envolvem a covariação (duas ou mais variantes atuando no mesmo contexto) de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

A mudança linguística ocorre nas gramáticas de toda comunidade de fala. “Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.126)

Essa mudança também ocorre dentro da comunidade como um todo e não apenas em determinados participantes. Não podemos nos esquecer que tanto os fatores linguísticos

⁷ Fronteiras geográficas virtuais sob o critério da variação.

como os sociais são importantes para o desenvolvimento da mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 87) ratificam que é um processo contínuo a mudança linguística, e por haver interação linguística, é inevitável que isso ocorra.

Labov (2008) postula também que não podemos considerar apenas as pressões estruturais, pois, ao restringir, poderá ser muito difícil explicar qualquer mudança, conforme o autor expõe. “Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo vazio. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação” (LABOV, 2008, p. 20).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que a mudança começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada. Em outras palavras, quando duas ou mais variantes co-ocorrem, e observamos uma mudança gradativa, uma sendo mais usada que outra, há uma mudança linguística em progresso.

Ainda os mesmos autores, Weinreich, Labov e Herzog (2006), apontam quatro tipos de isoglossas, mas apresentaremos somente uma, a que usaremos em nossa pesquisa. Nosso objeto de estudo se estrutura na isoglossa ou feixe de isoglossas que coincide com a fronteira política (ou geográfica), uma vez que delimitamos nossa comunidade de fala a falantes fortalezenses, residentes em sua cidade natal, de acordo com nossa amostra do PORCUFORT. Os autores ressaltam que explicar a transição geográfica de dialetos através de um território parece haver uma correspondência, mas há casos de contatos entre falantes com sistemas diferentes, principalmente em um mundo globalizado, em que as pessoas se comunicam de todo lugar. Dessa forma, será necessário analisar os processos que ocorrem em tais situações de contato em termos de como um falante pode entender e aceitar como seus os elementos estruturais na fala de outros⁸.

Os autores salientam que nem toda variação e heterogeneidade implica mudança, mas toda mudança implica variação e heterogeneidade. Em outras palavras, podemos dizer que nem sempre se pode apontar para uma mudança linguística, pode ser uma variação estável, mas, para haver mudança, teremos sempre variação. Sem variação não há mudança.

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006), existem alguns problemas para os quais uma teoria da mudança deve fornecer respostas. Seriam eles: *fatores condicionantes* (conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança); *transição*, que são

⁸ Para minimizar o máximo a interferência de outras comunidades, o *corpus* PORCUFORT desenvolvido usando falantes naturais de Fortaleza, com pais cearenses e que não moraram em outra localidade, nem trabalharam em outro lugar.

os estágios intervenientes entre dois estados da língua, que segue em um *continuum*; *encaixamento*, que é o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social; *avaliação* que são os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua; e *implementação* que são as razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época.

O problema dos *fatores condicionantes* está relacionado à determinação do conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Weinreich, Labov e Herzog (2006) observam que nem toda combinação de fatores linguísticos e sociais estão contemplados nos estudos, tendo em vista que quem faz a seleção do grupo de fatores é o pesquisador.

No que tange à *transição*, é importante destacar que exigirá a determinação do valor de uma variável linguística. A mudança ocorrerá de forma lenta e gradual, e pode ser perceptível através da faixa etária, uma vez que se é uma variante usada somente pelos mais velhos, pode significar que vai desaparecer, bem como usada somente por mais novos, pode ser uma variante incorporada na comunidade. Pode ocorrer “à medida que o falante aprende uma forma alternativa, durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e quando uma das formas se torna obsoleta” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 122).

A respeito do *encaixamento*, Weinreich, Labov e Herzog atestam que haverá pouca discordância entre os linguistas de que as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. Na estrutura linguística, raramente ocorre uma mudança de um sistema inteiro por outro. Entretanto, “um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 123). Na estrutura social, assim como o próprio sistema não é homogêneo, os fatores sociais não influenciam de forma igual a existência de um fenômeno, e pode haver pouca correlação nos estágios iniciais e finais de uma mudança.

Na *avaliação*, podemos observar com mais facilidade a mudança, tendo em vista que está no nível consciente do falante. Pode adquirir *status* de prestígio ou ser estigmatizada. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 120), o nível de consciência social é importante para a mudança linguística e que nela, quando uma variável linguística adquire

importância social, os falantes substituem a norma de prestígio pelo vernáculo⁹ básico como “controle no audiomonitoramento”, ou seja, monitoramento da fala pelo próprio falante.

Labov denomina de pressão que vem de cima (*pressure from above*) o mecanismo em que as pressões partem de um nível social mais elevado em direção à fala das pessoas que estão num nível inferior na hierarquia social, buscando conformá-las ao padrão de fala da classe superior. Quando essas pressões que partem de cima ocasionam mudanças fonológicas nas palavras são denominadas de mudanças que vêm de cima (*changes from above*). No entanto, Labov (2008) aponta que nem sempre a mudança linguística ocorre através daquele grupo de maior *status* - as pressões podem se originar na parte inferior da pirâmide social (pressões que vêm de baixo [*pressures from below*]). Quando isso ocorre, o grupo de prestígio estigmatiza a forma resultante de mudança, por meio do domínio que eles possuem das várias instituições da rede de comunicação.

Por fim, a *implementação* ocorre quando a mudança linguística já está encaixada e generalizada em outros elementos do sistema. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125), a “completação (sic) da mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía”.

O tratamento da variação e mudança linguística remete a duas noções de cunho metodológico: a observação em tempo aparente e a observação em tempo real. Observar a mudança em tempo aparente é o que se faz na análise da aplicação da regra variável por falantes de diferentes faixas etárias. A produção pelos diferentes grupos de uma determinada variável dá mostras sincrônicas daquilo que poderá se concretizar como mudança na língua. Infere-se que os indivíduos de maior idade representem a fala de gerações anteriores e que seu padrão de uso linguístico desaparecerá com eles. Enquanto isso, os mais jovens levarão adiante seu padrão, representando agora o que a língua poderá ser no futuro. Podemos ver no Quadro 1 como ocorre os estudos em tempo aparente.

⁹ Labov (2008) define vernáculo como a fala não monitorada, com o mínimo de atenção.

Quadro 1 - Interpretação da variação de acordo com o comportamento das variantes segundo Labov (1994)

Padrão sincrônico	Interpretação	Individual	Comunidade
Horizontal (uniforme)	1. Estabilidade	Estável	Estável
Vertical - Aumento regular/ diminuir com a idade	2. Classificação por idade	Instável	Estável
Vertical - Aumento regular/ diminuir com a idade	3. Mudança geracional (tempo aparente)	Estável	Instável
Horizontal (uniforme)	4. Mudança comum	Instável	Instável

Fonte: Adaptado de LABOV (1994).

No Quadro 1, vemos que, quando o uso de uma variante for horizontal (uniforme), com taxas que cresçam ou decresçam de forma contínua entre os diferentes grupos etários, ela oferece indícios, mas talvez não forneça ao pesquisador dados suficientes, para que ele decida se o fenômeno encontra-se na língua como mudança em progresso ou como gradação etária, isto é, como uma alteração regular no comportamento linguístico que se repete de geração em geração em certa idade e que em breve desaparece. Nesse sentido, uma análise longitudinal pode ser necessária.

Segundo Sankoff (2006), a análise de regra variável em tempo real considera dados de momentos distintos de uma comunidade de fala, e pode ser realizada de duas formas: pela comparação dos estudos atuais com estudos mais antigos ou pela repetição de uma análise após um lapso de tempo.

O autor aponta ainda uma outra opção para o pesquisador: o estudo de tendência. Nele os dados são obtidos não com o mesmo falante, mas com falantes que tenham o mesmo perfil, com as mesmas características consideradas relevantes na análise anterior. Buscam-se padrões da comunidade como um todo, partindo-se de amostras representativas separadas por um período de tempo. Tais amostras precisam ser constituídas de forma que contenham as mesmas variáveis sociais, assim como o mesmo número de informantes.

Em resumo, podemos apresentar assim: estudo em tempo aparente: análise de um *corpus* de uma comunidade de fala; estudo em tempo real pode ocorrer de três maneiras: a) Análise comparativa com outras pesquisas; b) Primeiro *corpus* e o recontato (estudo de

painel); c) Dois *corpora*: o mais antigo e um novo *corpus* com a mesma comunidade de fala (estudo de tendência).

A nossa pesquisa, no caso, é uma análise em tempo aparente, uma vez que pretendemos fazer somente um *corpus* em um espaço de tempo delimitado.

2.3 SÍNTESE DA SEÇÃO

Nesta seção, abordamos a noção da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, apresentando noções de comunidade fala, como também os tipos de estudos variacionistas. Na próxima seção, será desenvolvida questões sobre a Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), teoria muito usada em pesquisas que abordam o uso das formas de tratamento e que será usada nesse trabalho.

3 A TEORIA DA POLIDEZ E TEORIA DO PODER DA SOLIDARIEDADE

3.1 LINHAS INICIAIS

Nessa seção, abordaremos duas teorias que são importantes para a nossa pesquisa: a teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e a Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960).

3.2 TEORIA DA POLIDEZ

Ao falarmos ou escrevermos, temos como foco nosso interlocutor e, por isso, fazemos escolhas (conscientes ou inconscientes) linguísticas com cuidado, para que possamos nos fazer entendidos, sem contratempos. Não apenas nossas escolhas linguísticas, mas também o tom de voz, os gestos, as expressões faciais tornam-se relevantes. Nossas escolhas se revelam mais ou menos polidas para o nosso interlocutor.

Partindo disso, Leech (1983) propõe dois tipos de polidez: a relativa e a absoluta. A primeira refere-se a um contexto ou situação e indica certos atos linguísticos como intrinsecamente polidos, já a polidez absoluta seriam os atos linguísticos impolidos. Para Leech, a polidez está associada ao que é favorável ou desfavorável ao ouvinte, com escalas entre extremos positivo e negativo. “A polidez é essencialmente assimétrica, de modo que ser mais polido para o falante é ser menos polido para o ouvinte [...] Havendo maior custo para o ouvinte, a proposição é menos polida; havendo maior benefício, é mais polida” (BEZERRA, 1994, p. 99).

Outra escala desenvolvida por Leech é a de poder (autoridade de um interlocutor) e distância social (grau de intimidade entre interlocutores). O autor aponta quatro funções ilocucionárias:

- a) Os atos competitivos - cujo objetivo ilocucionário compete com o objeto social, ex: ordem; b) Os atos de convivência - se o objetivo ilocucionário coincide com o social, ex: cumprimento; c) Os atos colaborativos – em que o objetivo ilocucionário é indiferente ao social, ex: afirmação; d) Os atos conflitivos – se o objetivo ilocucionário se opõe ao social, ex: ameaça (BEZERRA, 1994, p. 100).

No que concerne à polidez, dentre as teorias que tentam conceituá-la, a mais conhecida e de maior prestígio é a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987). Os autores propõem um modelo de interação baseado na noção de face, desenvolvida a partir da proposta de Goffman (1967). O termo “face” não está atrelado somente ao significado habitual de

aparência, semblante, pode ter conotação de dignidade, autorrespeito, prestígio. Seria o “valor positivo que uma pessoa reclama para si através daquilo que os outros presumem ser o alinhamento por ela adotado durante um contato específico [...] uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967, p. 76-77).

De acordo com Goffman (1967), todo indivíduo vive em um mundo de encontros sociais, que promovem contatos com outros participantes. Ao se expressar, o indivíduo será avaliado não somente pelos outros como também por ele mesmo, conforme Goffmann apresenta.

Uma pessoa tem, está em, ou mantém uma face quando a linha que efetivamente segue apresenta uma imagem de si mesma internamente consistente, apoiada por julgamentos e evidências transmitidos pelos outros participantes e confirmada por evidência transmitida através de agências impessoais na situação (GOFFMAN, 1967, p. 78).

Partindo desse conceito, Brown e Levinson entendem a polidez como um conjunto de estratégias discursivas destinadas a evitar ou amenizar o conflito. A Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), leva em consideração duas propriedades básicas que podem explicar o comportamento dos participantes na interação verbal: a racionalidade e a imagem pública. A primeira propriedade considera que cada indivíduo tem um modo de raciocinar que pode ser definido de modo preciso e que o conduz aos meios necessários para chegar aos fins que deseja alcançar. No caso da segunda propriedade, defende-se que cada indivíduo constrói uma imagem para si próprio, buscando manter o prestígio no meio social em que vive.

Quanto à imagem pública, encontramos duas vertentes: a face positiva e a face negativa. A primeira consiste na personalidade (imagem) desejada pelos interactantes, ou seja, a maneira como os indivíduos desejam ser vistos pela sociedade, ou seja, a necessidade de sermos aceitos, aprovados e de pertencermos a um grupo. A face negativa, por outro lado, está relacionada ao território, ao direito de sofrer perturbação, à preservação pessoal, ou seja, o desejo de todo indivíduo em ser livre, de agir sem impedimentos. Assim, enquanto a face negativa enfatiza a distância e o poder, a face positiva enfatiza a aproximação e a solidariedade.

Considerando que a imagem pública é constantemente ameaçada pelos atos linguísticos, três fatores sociais podem estabelecer o nível de polidez, ou seja, a situação pode ser mais ou menos polida. Seriam eles: o poder relativo do ouvinte sobre o falante e vice-versa, o *status*; a distância social entre os dois, que diz respeito ao conhecimento mútuo; e o

grau de imposição do próprio ato comunicativo, que envolve esse ato, considerando não só os interactantes e sua posição, mas também o meio em que ocorre o ato comunicativo.

3.2 TEORIA DO PODER E SOLIDARIEDADE: O USO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA

Da teoria da Polidez, temos a dicotomia, *poder e solidariedade*, desenvolvida por Brown e Gilman (1960). Tal estudo é de suma importância para entendermos ainda mais as interações sociais, principalmente no que concerne ao uso das formas de tratamento (doravante FTs). Cintra (1972) aponta para três tipos de formas de tratamento: as nominais, as pronominais e as pronominalizadas, que o autor distingue-os como:

1. **Tratamentos pronominais** do tipo de *tu, você, vocês, V. Ex^a, V. Ex.^{as}*: Tu queres? Vocês querem? V. Ex^a quer?
2. **Tratamentos nominais** do tipo de: a) *o senhor, a senhora, os senhores, as senhoras*; b) *o senhor Dr., o senhor Ministro*; c) *o pai, a mãe, o avô*; d) *o Antonio, a Maria*; e) *o meu amigo, o patrão*, etc. Exemplos: **o senhor quer?**; **os senhores querem?**; **o senhor Dr. quer?**; **o senhor Ministro quer?**; **o pai quer?**; **a Maria quer?**; **o meu amigo quer?**; **o patrão quer?**.
3. **Tratamentos verbais** ou seja, a simples utilização da desinência do verbo como referência ao interlocutor-sujeito: **Queres? Quer? Querem?** (CINTRA, 1972, p. 11-12, grifos do autor).

Nesta pesquisa, deter-nos-emos apenas às formas pronominais, mais precisamente *tu* e *você*. Elas são usadas de forma recorrente em nossas interações, não são escolhidas aleatoriamente. Alguns fatores, como intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder (PRETI, 2004), fazem com que usemos uma forma em detrimento de outra.

Em vista disso, o uso de cada forma de tratamento não será aleatório, dependerá de vários fatores, como *status* e papel social. Preti (2004) informa que o *status* pode ser tanto adquirido como atribuído ou herdado. *Status* atribuído Preti (2004) define como aquele socialmente marcado, por exemplo, em razão do sexo (pode-se falar do *status* de uma mulher casada) ou pela idade (*status* do idoso). Já o *status* adquirido é aquele conquistado por mérito, pela competição, como ocupar um cargo eletivo, mas este isso vai exigir do indivíduo determinados comportamentos considerados convenientes para o que ele ocupa.

O autor reforça que a leitura feita sobre o outro não se limita à postura ética, mas a todo o conjunto: seu modo de falar e sua aparência também são importantes, como vemos a seguir:

Quando dizemos que a pessoa que ocupa um *status* deve subordinar-se a certos comportamentos, queremos referir-nos, de maneira ampla, não apenas a posturas éticas, mas também a aspectos ligados à sua representação física, à sua aparência, ao seu vestuário. E, também, à sua linguagem, componente importante na criação de sua imagem. Esse conjunto de normas relativas a cada *status* tem o nome de *papel social* (PRETI, 2004, p. 181, grifos do autor).

Não à toa, usamos formas de tratamento mais respeitosas com as pessoas mais velhas, com pessoas que temos pouca ou nenhuma intimidade. Mesmo nas relações de solidariedade, Brown e Gilman (1960) reforçam que há necessidade de determinadas adequações. Em uma situação em que há muita intimidade, não se chama um amigo íntimo de idade próxima de *senhor*. O seu uso durante uma conversa com pouca formalidade poderia gerar desconforto, devido ao uso impróprio do tratamento.

Brown e Gilman (1960), em seu trabalho intitulado *The Pronouns of Power e Solidarity*, abordam a presença dessa dicotomia nos pronomes de segunda pessoa em várias línguas. Denominam como símbolos, que também adotaremos a seguir, *T* e *V* (do Latim *tu* e *vos*) para designar, respectivamente, algo mais familiar, próximo; e o outro, um pronome mais polido.

As autoras, Brown e Gilman (1960), definem o *poder* e a *solidariedade* como duas dimensões importantes para os estudos dos pronomes de segunda pessoa. Enquanto o *poder* refere-se à relação assimétrica, em que um exerce poder sobre o outro; a *solidariedade* diz respeito à questão de intimidade, de aproximação entre os falantes. Segundo os autores, a segunda dimensão vem aumentando, aparecendo cada vez mais nas relações solidárias.

Em sua pesquisa, Brown e Gilman (1960) informam que, no Latim antigo, usava-se somente o *tu*. Segundo os autores, a forma *vos* foi usada pela primeira vez, sendo dirigida a um imperador, mas há várias teorias sobre como realmente ocorreu. Somente no século IV que o uso no plural ocorreu efetivamente. No Latim, o plural ainda era usado somente para o imperador ou figuras importantes. No entanto, línguas derivadas do Latim, como Português, Francês, Espanhol e Italiano possuem a variação *T/V*.

A flutuação do *T/V* pode-se dar, segundo Brown e Gilman (1960), devido à dicotomia poder e solidariedade. Os autores chamam de poder a relação entre pessoas de forma não recíproca, ou seja, um exerce poder sobre o outro. Assim, o superior fala *T*, mas recebe *V*. Vale salientar que as formas de poder podem variar de acordo com: a forma física, a idade, o sexo, a função institucionalizada na igreja, no estado, no exército ou na família.

Outro ponto importante é que as formas para a relação de poder não são homogêneas nas várias línguas. Elas podem variar não só com a língua, mas também com o

tempo em que era usada. Brown e Gilman (1960) ilustram isso, mencionando que, na Europa Medieval, era comumente usado *T*, mas as pessoas recebiam *V*. Na Itália, no século V, os penitentes falavam *V* com os padres, mas recebiam *T*. “Uma vez que o poder não recíproco só prescreve uso entre superior e inferior, que exige uma estrutura social em que existem fileiras de poder únicas para cada indivíduo”¹⁰ (tradução nossa).

Assim, observa-se que o emprego *T/V* dependia do uso de cada língua, mas que essa distinção foi *T* para intimidade e *V* formalidade foi dada com o tempo.

Por muitos séculos, no francês, inglês, italiano, espanhol e alemão, o uso do pronome *T-V* era usado em relação não recíproca entre pessoas de poder desigual e do Estado de mútuo (de acordo com a associação de classe social), entre pessoas de poder mais ou menos equivalente. Não foi a primeira regra de diferenciação entre iguais, mas, gradualmente, uma distinção desenvolvida que às vezes é chamado de *T* de intimidade e de *V* de formalidade (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257¹¹, tradução nossa).

A segunda dimensão trata-se da semântica da solidariedade. Refere-se a uma relação interpessoal solidária, ou seja, os dois indivíduos possuem certo grau de intimidade.

Segundo Brown e Gilman, em geral, o uso do *V* está relacionado a pessoas com pouca intimidade, distantes. No entanto, vale salientar que isso não significa que haja diferença de poder. “A regra para fazer o uso distintivo *T/V* pode ser feita generalizando a permanência de poder. Diferentes tipos de poder causam *V* para uma direção; diferentes pessoas não envolvidas causam *V* e podem surgir de ambas as direções¹²” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257, tradução nossa).

Assim, se há diferença de poder, o superior daria *T*, mas receberia *V*, entretanto, independentemente de poder, mas se não há intimidade suficiente, ambos dizem e recebem *V*. Isso porque o *V* se torna mais provável, mesmo em relações simétricas, mas em que a solidariedade diminui.

A pergunta que fica é: Como é determinada a solidariedade para o uso *T*? Bem, o que se observa é que não são atributos físicos (idade, sexo/gênero, por exemplo), mas sim os

¹⁰ Since the nonreciprocal power semantic only prescribes usage between superior and inferior, it calls for a social structure in which there are unique power ranks for every individual (BROWN; GILMAN, 1960, p. 256).

¹¹ For many centuries French, English, Italian, Spanish, and German pronoun usage followed the rule of nonreciprocal *T-V* between persons of unequal power and the rule of mutual *V* or *T* (according to social-class membership) between persons of roughly equivalent power. There was at first no rule differentiating address among equals but, very gradually, a distinction developed which is sometimes called the *T* of intimacy and the *V* of formality (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257).

¹² A rule for making distinctive use of *T* and *V* among equals can be formulated by generalizing the power semantic. Differences of power cause *V* to emerge in one direction of address; differences not concerned with power cause *V* to emerge in both directions (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257).

valores. De acordo com Brown e Gilman, o uso do *T* pode ser produzido devido à frequência de contato, bem como por semelhanças objetivas. “No entanto, o contato frequente não conduz necessariamente à solidariedade. Na verdade, o resultado do contato, caso os participantes pensem de forma similar, é que pode ocorrer a semântica da solidariedade”¹³ (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257, tradução nossa).

Dessa forma, não é somente a frequência do uso dos pronomes que trará a solidariedade, mas serão as semelhanças entre os dois indivíduos que a trarão.

T deriva a sua definição comum como o pronome de qualquer condescendência ou intimidade e *V* sua definição como o pronome de reverência ou formalidade. Essas definições ainda estão em curso, mas o seu uso tem ido além disso¹⁴ (BROWN; GILMAN, 1960, p. 258, tradução nossa).

Os valores pragmáticos das FTs portuguesas, corteses e descorteses, e suas condições de uso dependem, fundamentalmente, além dos valores semântico-lexicais que cada uma denota, das propriedades reais ou presumidas dos interlocutores. O uso das FTs dependerá de vários fatores sociolinguísticos, como o tipo de relação (de poder ou de solidariedade), ou seja, o contexto em que está inserido.

Em sua pesquisa sobre *T/V* nos falares de diversos estudantes estrangeiros que residiam em Boston, Brown e Gilman (1960) realizam vários estudos. Em um destes, eles elaboram um questionário em inglês com perguntas sobre como é o tratamento dentro de casa, com os familiares, entre colegas, funcionários de locais que eles frequentam no seu país de origem. As perguntas poderiam ser respondidas das seguintes formas: *T* indubitavelmente; *T* provavelmente; possivelmente *T* e *V*, provavelmente *V*, indubitavelmente *V*. Essas perguntas foram respondidas por alunos estrangeiros (França, Itália e Alemanha) das universidades de Harvard, Boston University, MIT, e Office of the French Consul em New England, que residiam em Boston em 1957. Foram, no total, 81 informantes do gênero masculino, 50 franceses, 20 alemães e 11 italianos.

Os resultados dessa pesquisa não foram homogêneos, ou seja, para cada país, houve uma conclusão diferente. Houve um contraste entre alemães e franceses. Enquanto os alemães optam pelo *T* mais nas situações familiares, ou seja, no relacionamento entre os

¹³ However, frequent contact does not necessarily lead to the mutual. It depend on whether contact results in the discovery or creation of the like-mindedness that seems to be the core of the solidarity semantic (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257).

¹⁴ *T* derives its common definition as the pronoun of either condescension or intimacy and *V* its definition as the pronoun of reverence or formality. These definitions are still current but usage has, in these definitions are still current but usage has, in fact, gone somewhat beyond them (BROWN; GILMAN, 1960, p. 258).

parentes, os franceses preferem usar *T* em relações entre amigos, em situações de camaradagem. Ponto importante é no que concerne aos italianos, visto que são os que mais usam *T*. Vale salientar que o uso *T* pelos homens italianos estende-se às mulheres italianas, diferentemente dos alemães e franceses que restringem o *T* aos homens.

No Brasil, é possível encontrar pesquisas que trabalham o uso dos pronomes *tu* e *você* à luz da teoria da polidez, como é o caso do trabalho de Bezerra (1994, 1997) que estuda a fala de crianças da Paraíba. Neste estudo, foram feitas gravações em 1992 no condomínio onde as crianças moravam. Os informantes, no total de 19, tinham entre 6 a 12 anos, eram de classe média, filhas de profissionais de nível universitário. Baseado nos pressupostos teóricos de Brown e Levinson (1987), constatou que os pronomes *tu/você* estão presentes nas conversas entre familiares, mas que essas formas parecem indicar regras para seu uso.

Em situações de intimidade, em que há interesse mútuo entre falante e ouvinte, há o predomínio do *tu*; já, nas situações de não solidariedade, em que o falante ameaça a face do ouvinte, predomina o uso do *você*. A alternância dos pronomes surge em atos competitivos (ordem, pergunta...) e conflitivos (insulto, ameaça, entre outros). Em sua pesquisa, Bezerra (1994) constatou que as crianças, em sua aquisição de regras de polidez, estão aprendendo a substituir atos conflitivos, sem atenuação, por outros em que o grau de polidez varia.

Machado (2010), estudando as formas de tratamento da 2ª pessoa no falar de Aracaju-SE, considera que a intenção do falante e o tipo de impacto causados no interlocutor estão relacionados aos pronomes e estão divididos conforme o grau de subserviência; formalidade/respeito; ou, ainda, de acordo com a intenção de criar uma situação de intimidade com o interlocutor.

A autora pode constatar na pesquisa que o falar aracajuano ligado às formas de tratamento analisadas “revela as relações sociais existentes, assim como explicita as significações de algumas práticas sociais cotidianas dessa comunidade linguística” (MACHADO, 2010, p. 11).

O trabalho de Mendes (1998), que ocorreu no Congresso Universitário da UFMG, em 1995, foi desenvolvido a partir de gravações de 10 mesas redondas e dos debates subsequentes, a fim de se observar quais formas são mais frequentes em um ambiente universitário. A predominância do pronome *você* aponta para uma tendência à informalidade, principalmente por se tratar de uma situação formal. O pronome *você/vocês* foi utilizado por falantes de todos os níveis de hierarquia, tanto em relação a falantes de mesmo nível, quanto a falantes de nível inferior ou superior.

A autora enfatiza que, embora a amostra seja pequena, houve predominância da simetria do fator intimidade. Entretanto, os casos de simetria detectados nem sempre podem ser atribuídos à intimidade. Foi observado também que homens e mulheres são igualmente informais, os homens um pouco mais que as mulheres.

Soares e Leal (1993), baseadas na Sociolinguística Interacional, analisam as formas de tratamento nas interações entre pais e filhos em Belém do Pará, sendo alguns professores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e outros funcionários dessa universidade. Os resultados indicam que o pronome mais usado pelos filhos para se dirigirem aos pais é o *tu*, seguido pelo tratamento *senhor*. Entretanto, filhos de professores têm o *tu* por preferência, enquanto os filhos de funcionários preferem *senhor*; adolescentes usam as formas *tu* e *senhor* com a mesma frequência, já as crianças mostram preferência por *tu*. Os pais belenenses, na maior parte das ocorrências, tratam seus filhos por *tu*, considerando-se que usam mais *tu* para os filhos adolescentes que para as crianças.

Sette (1980) estudou as formas de tratamento na fala coloquial do recifense sob a perspectiva interacionista. No ambiente familiar, no tratamento usado com os pais, encontrou-se tanto o pronome *o(a) senhor(a)*, como *você*. No ambiente de trabalho, os informantes afirmaram usar apenas *você* e *senhor*. Neste ambiente, o fator idade só é significativo na escolha de tratamento de superior para inferior. Quando é de inferior para superior, a preferência foi quase sempre *senhor*.

Interessante observar também que, em alguns trabalhos recentes, a alternância dos pronomes *você* e *tu* também é estudada não só à luz da Teoria Variacionista, mas também se embasa na Teoria do Poder e da Solidariedade. Dentre eles, podemos citar as pesquisas de Guimarães (2014), Santos (2012), Lopes *et al.* (2009), Modesto (2006), Lucca (2005).

Consideramos, portanto, que a Teoria da Polidez, bem como a teoria do Poder e da Solidariedade são relevantes bases teóricas para fundamentar a alternância dos pronomes de segunda pessoa. Dessa forma, utilizamo-la em nosso trabalho.

3.3 SÍNTESE DA SEÇÃO

Nessa seção, abordamos as duas teorias, Teoria da Polidez e a Teoria do Poder e da Solidariedade. A segunda teoria mostra-se bastante relevante nos estudos atuais das formas de tratamento e esta será usada nesta pesquisa. Na próxima seção, trataremos da questão do estilo nas pesquisas sociolinguísticas, uma vez que o tratamento dado ao estilo varia e tem se mostrado relevante nas pesquisas atuais.

4 O ESTILO NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

4.1 LINHAS INICIAIS

Apesar de os estudos da disciplina Estilística terem se tornado populares na segunda metade do século XX, foi pensada apenas como um campo de estudos da Linguística e da Linguística Aplicada (HORA; PEDROSA; LUCENA, 2014). E, ainda hoje, os estudos sociolinguísticos, comumente, trabalham de forma superficial a dimensão estilística. Tradicionalmente, costumam considerar a variação estilística em função das situações de formalidade ou informalidade em que ocorre a interação. Essa foi a abordagem dada ao estilo desenvolvida por Labov em seu estudo sobre o inglês falado em Nova Iorque em 1966. O trabalho pioneiro de Labov deu origem ao modelo de análise adotado pelas pesquisas variacionistas até os dias atuais.

Posteriormente, Bell (1984), em seu trabalho com locutores de rádio, afirma que o estilo do falante é orientado em função dos interlocutores que estão envolvidos no processo de interação linguística.

Os estudos sobre estilo mais recentes buscam entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais. Nessa proposta, desenvolvida por Eckert (2005), o estilo é analisado como um mecanismo que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação e o foco das pesquisas seriam em comunidades de práticas.

Reforçamos que essas propostas não são, necessariamente, excludentes, mas cada uma determina os seus fundamentos que visam contribuir para a análise e compreensão do fenômeno da variação linguística.

4.2 O ESTILO COMO ATENÇÃO À FALA (LABOV, 2008)

Labov foi o primeiro a fornecer uma abordagem operacional da noção de estilo. A atenção à fala é o foco da proposta de Labov (2008) quanto ao estudo do estilo.

O modelo proposto por Labov baseia-se nos seguintes axiomas (LEFEBVRE, 2001):

1. Existem formas alternativas que possuem um mesmo conteúdo referencial e que são intercambiáveis em um dado contexto. Essas formas são chamadas de variantes¹⁵ de

¹⁵ Ver seção sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

uma variável. No nosso caso, temos como variável linguística a forma pronominal de segunda pessoa e as variantes *tu* e *você*, de modo que elas podem variar no mesmo contexto.

2. Os membros de uma comunidade linguística atribuem um valor social às variantes e as utilizam de maneira socialmente significativas. “É assim que em todas as comunidades linguísticas complexas os grupos sociais se distinguem pelo seu modo de falar” (LEFEBVRE, 2001, p. 214). Dessa forma, observamos que homens e mulheres se distinguem, assim como os mais velhos dos mais novos, e os que têm escolaridade para aqueles que não a possuem.

3. Nenhum falante se limita a ter apenas um estilo. Os falantes variam de acordo com a situação de comunicação em que estão.

4. A seleção das variantes não se dá de forma aleatória, nem independente: ela é determinada ao mesmo tempo pelo contexto linguístico em que aparece, como pelos falantes que as selecionam, bem como pelo contexto comunicativo em que estão inseridos.

5. A seleção das variantes não é categórica, mas se exprime em termos relativos.

6. A seleção de uma variante tende a se manifestar em co-ocorrência com a seleção de outras variantes às quais possuem o mesmo valor social.

A pesquisa desenvolvida por Labov sobre o inglês falado em Nova Iorque, em 1966, reflete sobre o papel do estilo no uso da língua e apresenta bases teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista.

Nesse trabalho desenvolvido sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos em Nova Iorque, observou a fala dos vendedores de três lojas (*Saks*, *Macy's* e *S. Klein*), que possuem público alvo bem distinto. A *Saks* tem um público de classe alta, a *Macy's* apresenta um da classe média e a *S. Klein* é bastante frequentada pela classe trabalhadora, como define Labov (2008). Sua hipótese é a de que a fala dos vendedores iria variar de acordo com o *status* da loja. O autor informa que o principal efeito estratificador sobre os empregados é o prestígio da loja, junto com as condições de trabalho.

Labov pôde perceber, nesse estudo, que aqueles que trabalham na loja de maior prestígio possuem maior segurança linguística que os das outras lojas. Um fato peculiar dessa pesquisa foram as anotações das observações de Labov. Na loja *Macy's*, que tem o público de classe média, seus funcionários são os que possuem os maiores salários e possuem melhores condições trabalhistas. No entanto, os vendedores preferem trabalhar na *Saks*, pois é a de maior prestígio e seus funcionários sentem-se compartilhando esse prestígio. Suas descobertas afirmam que desconsiderar o contexto no qual o fenômeno está inserido, muitas vezes, pode causar resultados enviesados.

Segundo Labov (2008), a mudança de estilo pode ser medida pelo grau de monitoramento que um falante dedica à própria fala. Desse modo, quanto maior for o nível de atenção do falante, maior será o seu direcionamento linguístico em relação à variedade padrão da língua. E o contrário também ocorre, quanto menor o monitoramento do falante ao seu modo de falar, mais próximo estará do vernáculo da língua. Labov reforça que o vernáculo (a fala mais natural, o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala) é o estilo ideal para as análises linguísticas, tendo em vista que é aquele em que o sujeito presta o mínimo de atenção ao monitoramento da sua fala e o uso encontrado na maioria das situações linguísticas do cotidiano, em casa, com os familiares e com amigos.

Com intuito de obter esse vernáculo, Labov (2008) estabeleceu um contínuo estilístico que vai da fala casual (*casual speech*) – em que o estilo é menos monitorado, ou seja, o falante dá menos atenção a sua fala – à fala monitorada (*careful speech*) – em que o estilo é mais controlado pelo informante, ou seja, há um maior grau de atenção prestada à fala. Como seu intuito é captar o vernáculo, ele estabelece níveis de formalidade¹⁶ e de informalidade na obtenção dos dados, que permitem avaliar possíveis indícios de mudança na língua quando o estilo é alterado, ele procura, na própria entrevista¹⁷, meios que a fala perpassasse do mais formal ao mais informal.

Com o intuito de obter essa variação, Labov (2008) utilizou algumas estratégias, bem dizer, cinco estilos: casual, monitorado, leitura, lista de palavras e pares mínimos. Nessas estratégias, o falante iria prestar mais atenção à fala. A fim de encontrar a fala casual, Labov procurou estratégias para que consiga o vernáculo:

- Fala fora da entrevista formal;
- Fala com uma terceira pessoa;
- Fala que não responde diretamente a perguntas;
- Parlendas e rimas infantis e
- Risco de vida.

Por fim, Labov demonstrou que as variáveis que estavam associadas à formalidade, correspondiam ao padrão da língua e gozavam de prestígio na sociedade; em contrapartida, as variáveis presentes nas situações informais, geralmente se associavam ao usolinguístico não padrão, estigmatizado pela população. O autor constatou que, nos grupos de menor poder aquisitivo e/ou menor escolaridade, havia um uso maior de variáveis não

¹⁶ Formalidade aqui trata-se do modo como o falante preste mais atenção à sua fala.

¹⁷ No nosso caso, Diálogo entre Dois Informantes.

padrão/estigmatizadas, na medida em que nos grupos de maior poder aquisitivo e/ou maior escolaridade o uso dessas variáveis foi reduzido.

A noção de estilo, elaborada por Labov, supõe uma ordenação dos estilos conforme uma só dimensão: o grau de atenção conferida à linguagem. E, exatamente, por se orientar apenas pela atenção à fala e as suas correlações de atenção-formalidade-prestígio/desatenção-informalidade-estigma, ou seja, em um modelo unidimensional do contínuo estilístico, o autor sofreu críticas. Pesquisas subsequentes buscaram trabalhar em uma linha mais multidimensional, tratando de questões como atitude, identidade e simbologia internas às comunidades linguísticas. Labov, no entanto, rebate às críticas, explicando que o fato de que a sua abordagem não tem intenção de abranger os diversos tipos de estilos de fala encontrados na vida real, mas sim de ser um meio útil para identificar a fala informal na entrevista sociolinguística.

O seu modelo de pesquisa é, sobretudo, uma metodologia para o isolamento dos estilos contextuais passíveis de serem encontrados em uma entrevista sociolinguística (LABOV, 2008). Vale ressaltar ainda que essa concepção traz uma importante reflexão para os estudos que pretendem analisar a língua em situações reais de uso, pois coloca a atenção como o modo cognitivo que liga o social aos fatores linguísticos.

4.3 O ESTILO ORIENTADO PARA/PELA AUDIÊNCIA DO FALANTE (BELL, 1984)

Bell (1984), em seu artigo “*Language style as audience design*”, apresenta, logo no início de seu texto, uma crítica às pesquisas de Labov ao afirmar que a dimensão do estilo da variação linguística não havia sido tratada adequadamente na teoria sociolinguística até então. No modelo teórico proposto por Bell, o destinatário fica no centro das atenções com o papel importante para as mudanças de estilo.

A pesquisa de Bell originou-se de sua pesquisa de doutorado, realizada com locutores de rádio da Nova Zelândia, em 1977. O linguista analisou a fala de locutores de rádio neozelandeses e observou que, em determinados contextos, o único fator que poderia explicar a ocorrência de variação estilística seria a audiência dos programas: tendo em vista que eram sempre os mesmos locutores, as notícias eram semelhantes, e o único ponto que mudava era o público ouvinte. O pesquisador percebeu o estilo como construto mais orientado às pessoas com quem se fala e menos orientado aos mecanismos ou funções da língua. Desse modo, a mudança de estilo se oriunda das diferenças linguísticas entre os indivíduos pertencentes a diferentes grupos sociais.

Bell concebeu estilo como sendo norteador pelas pessoas com quem se fala, em contraponto ao contínuo de formalidade proposto inicialmente por Labov. Baseado na concepção de que o estilo é uma resposta do falante a sua audiência, Bell estendeu suas observações a outros domínios de uso da língua e percebeu que o seu modelo poderia ser ampliado para as mais diversas situações de comunicação.

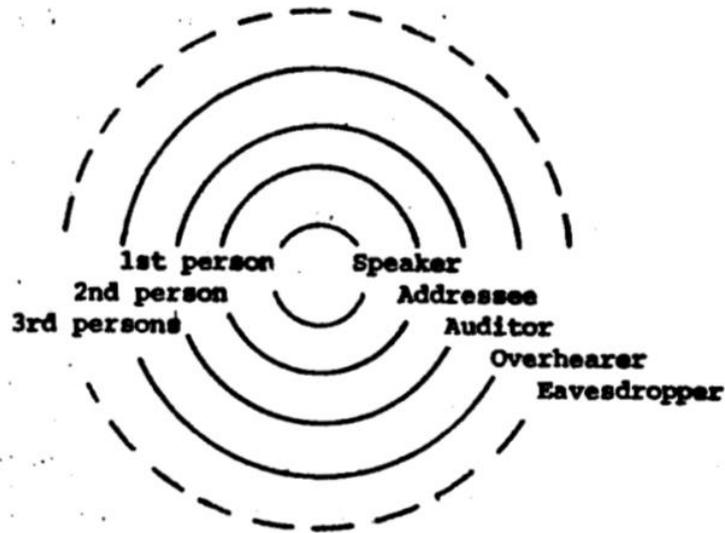
Assim, o autor entendeu que o estilo tem sempre uma significação de base normativa, isto é, um dado estilo é associado a dado grupo e/ou dadas situações e, dessa forma, carrega consigo o gosto dessa associação. Tal afirmação nos leva a entender que a mudança de estilo e avaliação estão entrelaçadas. E que as mudanças na audiência são fatores primordiais para essas mudanças estilísticas. Assim, enquanto atividade responsiva à audiência, o falante operaria alterações observáveis nos vários níveis linguísticos (escolhas de pronomes, estratégias de polidez, partículas pragmáticas, por exemplo).

Justificando seu foco no ouvinte, Bell explica que os sociolinguistas correlacionam a dimensão social a características apenas do próprio falante (sexo, escolaridade, idade). Assim, propõe que a dimensão estilística possa ser correlacionada aos atributos da pessoa com quem se fala.

Assim, Bell desenvolveu seu modelo teórico que chamamos de *Audience design*. Esse modelo explica que o falante molda o seu estilo principalmente em relação ao seu ouvinte, ou seja, a sua audiência. Ao destacar a importância da audiência para as alternâncias de estilo na língua, o autor não elenca somente o papel do ouvinte, seu destinatário, mas ressalta também o papel que outras pessoas da audiência desempenham na articulação que se faz do estilo de fala em relação à situação de interação em que se encontra, mesmo que em menor grau. A audiência, então, é composta por destinatários que podem ser conhecidos, ratificados e interpelados, conhecidos e ratificados, conhecidos e não ratificados, ou ainda, desconhecidos.

Na Figura 1, podemos visualizar a proposta de Bell acerca dos ouvintes:

Figura 1- Design da Audiência: Pessoas e os papéis na situação de fala



Fonte: Bell (1984).

De forma sintética, a audiência é assim composta:

Addressee – ouvintes que são conhecidos, ratificados e *addressed*

Auditor – ouvintes que não são diretamente *addressed*, mas que são conhecidos e ratificados

Overhearer – ouvintes não ratificados, mas de que o falante tem consciência

Eavesdropper – ouvintes não ratificados e de que o falante não tem consciência

Com base em tais observações, o linguista entendeu a mudança de estilo como uma atividade de dupla dimensão: uma iniciativa, o “design de audiência”, e outra responsiva, o “design de referência”. No primeiro caso, trata-se de observar que a mudança de estilo iniciativa é essencialmente uma redefinição feita pelos falantes da sua própria identidade em relação a sua audiência. Portanto, as mudanças, embora de iniciativa do indivíduo, são produzidas em função de um tipo particular de destinatário. No caso do “design de referência”, trata-se das mudanças estilísticas que o falante opera para identificar-se mais fortemente com seu próprio grupo, ou com outro grupo ao qual deseja filiar-se. Esta pode ainda envolver identificação simultânea com dois grupos de uma vez.

Ainda que as mudanças de estilo expostas neste modelo de análise caracterizem-se por serem eminentemente responsivas, a teoria prevê também uma atitude iniciativa do falante, quando usa o estilo para redefinir a situação existente. É importante dizer que este modelo trouxe para as análises de variação estilística uma visão que associa o uso da língua a estratégias de identificação com os grupos aos quais pertencem, ou querem pertencer, os

falantes, mesmo que tenha concebido o estilo em uma perspectiva unidimensional: a da audiência.

4.4 O ESTILO E AS TRÊS ONDAS DE ESTUDOS DE VARIAÇÃO (ECKERT, 2005)

Ao se discutir estilo, Bell trouxe, como já vimos, uma concepção diferente e significativa para os estudos sociolinguísticos. Não obstante, temos também Eckert que apresentou uma nova perspectiva, mostrando os modelos de estudos sociolinguísticos que foram nomeados de ondas de estudos e analisando como o estilo está presente em cada um desses modelos.

Hora e Wetzels (2011) afirmam que

A proposta de Alan Bell não só introduziu uma visão coerente de mudança de estilo, mas também integrou uma variedade mais ampla de descobertas sociolinguísticas anteriormente díspares, e colocou novas generalizações e previsões teóricas testáveis sobre a relação entre a variação estilística e a social. Tais ideias contribuíram para uma nova visão de estilo, e elas têm sido objeto dos estudos de variação. Eckert (2000) e outros têm explorado o papel da variação na construção ativa dos estilos pessoais e de grupos, vendo as variáveis individuais como recursos que podem funcionar na construção de novas personalidades (HORA; WETZELS, 2011, p. 161).

A seguir, apresentamos o modelo de Eckert, que apresenta as três tendências de estudos, nomeadas por ondas sociolinguísticas. Os estudos sociolinguísticos de base quantitativa, segundo Eckert (2005), apresentaram abordagens distintas sobre o fenômeno da variação, no que diz respeito aos seus pontos de vista, metodologias e práticas de análise. A autora apresenta três tendências de estudos da variação, classificadas por ela como “ondas”. Vale reforçar que essas ondas que não são evolutivas, nem se sobrepõem umas às outras no ordenamento histórico da disciplina, mas cada uma faz parte do todo que corresponde ao estudo da variação linguística.

A primeira onda é fundamental para os estudos variacionistas, pois as pesquisas que se inserem nessa perspectiva fazem uma ampla descrição e distribuição dos usos variáveis de grandes populações urbanas ao redor do mundo, considerando a correlação dos usos com as restrições sociais, como sexo, idade, classe social, e relacionam ao uso padrão ou não padrão das variantes linguísticas. Os estudos baseados nessa tendência têm como objetivo descrever e analisar um fenômeno na fala de uma determinada comunidade de fala. Esses estudos também servem ao propósito de se comparar os resultados de um mesmo fenômeno em distintas localidades.

Eckert (2012) aponta diferenças quanto à metodologia da pesquisa de Labov, e os estudos atuais dessa natureza. Sua pesquisa foi baseada em uma amostra representativa da comunidade e os estudos subsequentes vieram a concentrar-se no preenchimento de células definidas por categorias macrosociológicas. Ainda segundo Eckert (2012, p. 88), “usando entrevistas gravadas e correlacionando as características da produção de fala entre os falantes e entre os oradores, este trabalho introduziu um novo empirismo quantitativo na linguística, com apoios teóricos fundamentais¹⁸” (tradução nossa).

Outro ponto importante desses estudos é a replicabilidade das pesquisas, visto que, ao adotarem as mesmas categorias sociais, isso permite que os bancos sejam padronizados, possibilitando a comparação entre as pesquisas. Com o intuito de se ter esses resultados, sua metodologia deve ser pautada em confiabilidade (os mesmos resultados devem ser repetidos na análise do mesmo fenômeno) e intersubjetividade (dois pesquisadores diferentes devem obter os mesmos resultados, seguindo a mesma metodologia).

Eckert (2005) resume a primeira onda - desenvolvimento do grande quadro:

- Pesquisas amplas de comunidades geograficamente definidas;
- A hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social;
- Variáveis como marcadores de categorias sociais primárias e carregando traços de prestígio/estigma;
- Estilo como atenção prestada à fala e controlado pela orientação em direção ao prestígio/estigma.

A segunda onda surgiu com a motivação de investigar mais profundamente a significação dos usos linguísticos no interior das comunidades. Os estudos de segunda onda também são de natureza quantitativa, o que difere é o tipo de pesquisa, que é uma abordagem etnográfica, abarcando categorias sociodemográficas mais abstratas, para evidenciar como o vernáculo assume valor local (nomeadas de redes sociais). Essas pesquisas focam comunidades pequenas, mas por um longo período de tempo, observando as categorias sociais localmente mais evidentes. Com o intuito de descobrir o lugar dessas categorias na prática social local, houve uma visão mais clara de como modos de fala estão imbuídos de locais de significado.

Estudos dessa natureza são ilustrados pelas pesquisas de Labov, na ilha de Martha Vineyard e acerca do inglês afroamericano (AAVE), o de Eckert, sobre o papel das categorias

¹⁸ Using recorded interviews and correlating features of speech production across and within speakers, this work introduced a new quantitative empiricism into linguistics, with supportive theoretical underpinnings.

jokers e *burnouts* na indexação de classe socioeconômica em grupos de adolescentes em Detroit, e o de Milroy, em um estudo em Belfast.

Segundo Eckert, esses estudos, que são de cunho etnográfico, buscam fornecer explicações para os padrões de grande escala de variação, e selecionar uma comunidade de prática é de particular relevância a esses padrões. A autora prova, através das categorias *jocks* (representa a cultura da classe média – cultura institucional) e *burnouts* (representa a cultura da classe trabalhadora – cultura local e pessoal), - em uma pesquisa desenvolvida por dois anos em uma escola na cidade de Detroit - que é a variação constituída pelas práticas e ideologias que as constituem e não apenas com as categorias polares.

Nessa pesquisa, ela identificou dois grupos: os *burnouts*, em oposição aos *jocks*. A vestimenta, maquiagem, estilo de cabelo, bijuteria e outros adornos, as bijuterias dentre outros adornos, o uso e exibição de seus pertences, a demarcação do território, conduta e linguagem são alguns dos exemplos descritos pela pesquisadora. Eckert observou que a diferenciação sistemática das vogais variáveis em geral resulta em formas de fala bastante distintas que incorporam categorias sociais de gênero e classe.

Ainda ressalta a diferença entre as meninas *burnouts* comuns e as *burned-out burnouts*

[...] a uma divisão social importante dentre as garotas *burnout*, entre as chamadas *burnouts* “comuns” e as *burned-out burnouts* – dois grupos de garotas absolutamente diferentes umas das outras, e que não se socializam entre si. As *burnouts* comuns é um grupo baseado em relações de vizinhança, e cujas identidades enquanto *burnouts* têm a ver com fatores tais como lealdade à amizade, valores da classe trabalhadora, e oposição à cultura corporativa da escola¹⁹ (ECKERT, 2001, p. 124-125, tradução nossa).

Os resultados revelaram que as garotas *burned-out burnouts* tornaram-se amigas no final do fundamental e no ensino médio porque se consideram mais “iradas”, além de “mais *burnouts*”, taxando as outras *burnouts* como “um bando de *jocks*”. As garotas *burned-out burnout* são, em certo sentido, ícones locais. A variável vocálica que carrega o sentido urbano mais claro nesta comunidade é o extremo alteamento do núcleo do (ay), sendo a variante de prestígio. As garotas *burned-out burnout* induzem todo o grupo no uso desta variável. Para Eckert (2001), o mesmo ocorre em relação ao uso de outras variáveis, o uso

¹⁹ This range corresponds to an important social division among the burnout girls between what are called the “regular” burnouts and the “burned-out burnouts” – two network clusters of girls who are quite different from each other, and who do not socialize with each other. The regular burnouts are a neighborhood-based crowd, whose identities as burnouts have to do with such things as friendship loyalty, working class values, and opposition to the corporate culture of the school.

carregado da fala das garotas *burned-out burnout* com o comportamento exagerado é que define os sentidos do estilo que leva às correlações mais amplas entre variáveis vocálicas e afiliação a uma categoria social. A pesquisa de Moore (2010) analisou a variação entre *were/was* em uma comunidade de prática em Bolton, Inglaterra. Apesar de seus dados seguirem os resultados semelhantes aos dos bancos sociolinguísticos, sua metodologia de coleta etnográfica possibilitou captar a correlação entre o uso não padrão e a estrutura social da comunidade de prática, configurando a variável como um índice de prática social.

No estudo de Labov (2008) em 1966, o autor busca estudar o uso das variedades do inglês não-padrão, particularmente de porto-riquenhos e negros da cidade de Nova Iorque. De forma contundente, desmistifica a lógica que atribuía à “privação e pobreza linguística” às dificuldades de aprendizagem das classes trabalhadoras e minorias étnicas socialmente desfavorecidas. Labov (2008) rejeita completamente o conceito de deficiência linguística, que considera um mito sem nenhuma base na realidade social.

Freitag, Martins e Tavares (2012) informa que esse tipo de pesquisa consegue avaliar melhor o fenômeno da variação, no entanto são dispendiosas e demoradas e o “*corpus* de análise não segue o alinhamento dos bancos de dados constituídos de acordo com a estratificação social baseada em indicadores sociodemográficos amplos” (FREITAG, MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922).

Nessa abordagem, a prática social local define o valor de uma dada variável. E o estilo, diferente da primeira onda, passa a ser definido de acordo com o engajamento do sujeito nas atividades locais.

Eckert (2005) sintetiza a segunda onda (como desenvolvimento do quadro local) a partir das seguintes características:

Estudos etnográficos de comunidades definidas demograficamente;

As categorias locais como ligadas à demografia social;

Variáveis como indicadores de categorias localmente definidas;

Estilo como atos de filiação.

Os resultados dos estudos da segunda onda foram importantes porque, além das categorias sociais primárias elencadas nos estudos da primeira onda, identificaram as categorias sociais relevantes que estavam vinculadas ao lugar. Os estudos etnográficos demonstraram que as formas de falar estão carregadas com o significado local. Sua relevância foi porque isso permitiu que se pensasse na língua como uma prática construída na dinâmica das interações sociais. E, dessa perspectiva, origina-se a terceira onda de estudos da variação.

A terceira onda pode ser determinada por estudar o papel da variação na prática estilística. Os estudos de 3ª onda continuam quantitativos, utiliza os aspectos metodológicos das ondas anteriores. O que a difere das demais está no fato de inverter a ordem da pergunta: não mais buscar correlação entre o padrão linguístico e as categorias sociais, mas sim identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico. Contemplando uma dimensão mais cotidiana, propõe a retomada do significado social da variação, mudando o foco da estrutura para a prática linguística. Os estudos dessa onda não utilizam comunidades de fala, e sim comunidades de prática – grupo de indivíduos engajados em função de um propósito-, permitindo investigar o papel do indivíduo, em termos de hierarquia, inovação e adesão a variáveis linguísticas (ECKERT, 2005).

Os estudos de terceira onda são recentes e têm como característica a variação não sendo vista como reflexo do lugar social, mas como um recurso para a construção de significado social. A estrutura se molda no dia a dia, com os condicionamentos sociais impostos e as relações sociais de poder estabelecidos atuando sobre ela. Eckert (2012) reforça que não nega essa estrutura, mas dá ênfase ao seu papel no condicionamento da prática paralelamente ao papel da prática na produção e reprodução da estrutura, a fim de captar com mais detalhes a dinâmica do valor social das variáveis. De acordo com a autora, há a necessidade de conectar as categorias mais abstratas, arraigadas na experiência do falante, com as comunidades imaginárias mais amplas, centrando o foco na construção do conceito de comunidade de prática.

A comunidade de prática oferece uma perspectiva diferente do foco tradicional na *comunidade de fala* como um contexto explicativo para a heterogeneidade linguística. Já a perspectiva da comunidade de fala, utilizada na primeira onda, considera a heterogeneidade como baseada em uma população geograficamente definida e estruturada por categorias sociais amplas e fundamentais, particularmente a classe, o sexo, a idade, a raça e a etnia. A *comunidade de prática* é uma maneira de localizar o uso da linguagem etnograficamente de modo a criar uma ligação entre a prática responsável local e a participação em categorias extralocais e gerais.

Segundo Eckert (2005) e Freitag (2012), o conceito-chave para a construção do significado social é o de prática estilística. Até então, nas demais pesquisas, o estilo era visto como apenas um ajuste à formalidade diante das situações comunicativas.

A face renovada de estilo o identifica com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade. A identidade consiste, por sua vez, em tipos particulares

explicitamente localizados na ordem social. Continuamente, os falantes atribuem significado social à variação de um modo consequente, situação que implica certo grau de agentividade (FREITAG, 2012, p. 923).

Eckert (2005), partindo do conceito discutido com Peter Ladefoged em que uma língua é uma instituição, define a linguagem como uma prática que se desenrola a partir dessa instituição. Assim, a acumulação de prática é que produz e reproduz essa instituição. A partir disso, Eckert conclui que se pode observar a estratificação de comunidades de contatos mais íntimos pela conexão da competência do falante individual com a instituição.

A fim de estudar a variação nas comunidades, mas de modo que possa vê-la como um recurso para a construção de significado social, Eckert (2005, p. 16) estuda comunidades menores, nomeadas de comunidade de prática, e as define como “um agregado de pessoas que reúnem em uma base regular para se envolver em alguma empresa²⁰” (tradução nossa).

Essas comunidades não são necessariamente empresas, o que envolve trabalho, mas todo local em que as pessoas sempre vão e compartilham informações. A autora também informa que as mulheres estão mais suscetíveis que os homens a participar mais de comunidades de prática. Isso, porque, em geral, participam de vários círculos sociais, como as aulas de ginástica.

Podemos dizer que o indivíduo não é um ser isolado do mundo, e sua participação neste mundo é importante. Ele “constrói uma identidade – um senso de lugar no mundo social – para equilibrar a participação em uma variedade de comunidades de prática e em formas de participação em uma dessas comunidades²¹” (ECKERT, 2005, p. 17, tradução nossa).

No Brasil, a pesquisa de Bentes (2009), inserida na terceira onda, pretende dar visibilidade aos complexos processos de elaboração de identidades, de registros e estilos a partir da manipulação dos recursos das diferentes variedades linguísticas no interior dos grupos sociais.

Bentes reflete sobre a fala definida como popular ao analisar os múltiplos recursos linguísticos e textual-discursivos que inserem a sua produção discursiva no campo do popular nas falas do rapper Mano Brown em diferentes contextos, público e privado (discurso de agradecimento em cerimônia de entrega de prêmios e depoimento a um jornalista no interior de seu carro), que as complexas relações entre determinados traços linguísticos e a posição enunciativa do sujeito (que revela uma reflexão contínua sobre o seu pertencimento de classe

²⁰ A community of practice is an aggregate of people who come together on a regular basis to engage in some enterprise (writ large).

²¹ The individual constructs an identity – a sense of place in the social world – in balancing participation in a variety of communities of practice, and in forms of participation in each of those communities.

e sobre sua própria trajetória no campo social) são caracterizadoras da natureza popular dessas falas.

A autora observa que o comportamento de duas variáveis selecionadas, em outro contexto, praticamente não se modifica.

O monitoramento estilístico do rapper é fundamentalmente ambivalente: com o uso de formas não marcadas (por exemplo, os inteligentes), o rapper garante que sua fala seja identificada/reconhecida como a fala de um sujeito que pertence ao grupo social ao qual se dirige: moradores da periferia de São Paulo; já com o uso de formas marcadas (por exemplo, as consequências são monstruosas), o rapper procura legitimar seu discurso, revelando um grau alto de consciência sociolinguística sobre a maior estigmatização social de determinadas variantes linguísticas, tais como a de ausência explícita de concordância entre verbo e sujeito (BENTES, 2009, p. 128).

Além disso, Bentes observa que o artista manipula recursos semióticos em seu discurso, a fim de dar uma identidade de classe a sua linguagem, legitimando o lugar enunciativo ocupado por ele.

A nosso ver, a autocorreção efetuada pelo rapper é um dos indícios do fato de que os sujeitos das camadas populares da sociedade, ao circularem por campos e contextos sociais distintos, estão constantemente inseridos em interações complexas, que demandam deles, no curso de sua produção linguístico-discursiva, atitudes que são, a um só tempo, de negociação e de fixação de interesses, objetivos e identidades muitas vezes conflitantes entre si (BENTES, 2009, p. 128).

E conclui que o importante na definição do “popular” é considerar o manejo de variados recursos semióticos a serviço na elaboração de distinções sociais.

Acreditamos que é isso que o *rapper* Mano Brown faz cotidianamente: a um só tempo manipula recursos semióticos de forma a dar uma identidade de classe a sua linguagem, construindo, ao mesmo tempo, uma legitimação para o lugar enunciativo que ocupa e, portanto, uma distinção social. Assim é que a natureza popular de sua linguagem não pode ser reificada ou essencializada, já que se forja na vida, na prática, na experiência social. E isso é, ao mesmo tempo, sua beleza e um desafio para todos os que se interessam pela linguagem humana (BENTES, 2009, p. 132).

Alguns antropólogos afirmam que as escolhas das categorias sociais indexam atitudes, posturas, atividades que são, por sua vez, associadas às categorias de pessoas, como o caso da linguagem das mulheres japonesas. Elas têm como características utilizar uma linguagem bem distinta da dos homens, como variedade de honoríficos. No entanto, nos últimos tempos, a imprensa tem sido acusada de fazer as mulheres utilizarem a linguagem dita masculina. E é exatamente o que as meninas japonesas têm feito: desafiar a ordem de gênero,

rompendo na linguagem essas diferenças entre homens e mulheres presentes na sociedade japonesa.

Um ponto relevante apontado por Eckert (2005) é que

o sentido de variação situa-se no seu papel na construção de estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística não envolve simplesmente colocando variáveis em estilos, mas em compreender este posicionamento como parte integrante da construção de significado social²² (ECKERT, 2005, p. 24).

Eckert (2005) evidencia a necessidade dos estudos sociolinguísticos, considerando o estilo, não somente observando seu objeto de estudo em um estilo, e sim compreendendo a representatividade do estilo, como construção de significado social.

Nesta prática estilística, os indivíduos combinam uma variedade de recursos existentes para a construção de novos significados ou modificações no antigo significado. Procura-se adaptar as variáveis linguísticas no mundo mais amplo para a construção de sentido social a nível local (as comunidades de prática). Vale salientar que a utilização dessas variáveis exige que se tenha algum significado convencional geral, o qual pode ser em estilo particular. Logo, a linguagem é uma prática, que envolve realização contínua e reconstrução da convenção.

De acordo com Eckert (2005, p. 24), “o estilo (como a linguagem) não é uma coisa, mas uma prática. É a atividade em que as pessoas criam significado social. Nem a linguagem nem o mundo social são estáticos, e a prática estilística é parte da prática em que a mudança- ou estabilidade- é provocada²³”.

Por conseguinte, conforme a terceira onda da sociolinguística, deve-se atentar para a linguagem e o estilo não como uma fotografia, estática, e sim como dinâmica, passível de mudança.

Eckert (2005) define a terceira onda como perspectiva estilística e resume, assim, as suas características:

Estudos etnográficos de comunidades de prática;

As categorias locais construídas a partir de pontos de vista comuns;

Variáveis como indicadores de posições, atividades, características;

²² In other words, the meaning of variation lies in its role in the construction of styles, and studying the role of variation in stylistic practice involves not simply placing variables in styles, but in understanding this placement as an integral part of the construction of social meaning.

²³ And style (like language) is not a *thing* but a *practice*. It is the activity in which people create social meaning. Neither language nor the social world is static, and stylistic practice is part of the practice in which change – or stability – is brought about.

Compreender a elaboração dos estilos como construção de uma persona social.

Não se trata somente de identificar os fenômenos variáveis nos estilos, mas compreender de que maneira esses fenômenos compõem o significado social da variação. Disso decorre que as variáveis não estão associadas a um estilo de modo rígido ou estático, mas são construídas, definidas e ressignificadas nas práticas das quais emergem. O estilo se configura, portanto, como a manifestação visível do significado social.

4.5 SÍNTESE DA SEÇÃO

Nessa seção, apresentamos os estudos sociolinguísticos que abordam a dimensão estilo. Nossa intenção foi mostrar que essa questão vem sendo abordada para apontar como será usada em nossa pesquisa. Nossa pesquisa se baseia nas comunidades de fala, sendo a primeira onda sociolinguística. No entanto, no que diz respeito à dimensão estilística, pretendemos não somente analisar o grau de atenção do falante, como também o do ouvinte, a relação falante e ouvinte e o tópico discursivo, por isso essa explanação sobre a dimensão estilística. Na próxima seção, faremos uma breve contextualização histórica do uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa, foco de nossa pesquisa.

5 ESTUDOS SOBRE OS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

5.1 LINHAS INICIAIS

Nesta seção, abordamos alguns estudos sobre as formas de tratamento pronominais com o intuito de apresentar os estudos já realizados. Inicialmente faremos um percurso histórico com o uso dos pronomes, apoiados em Lopes e Cavalcante (2011), Menon (1995), Monteiro (1994) Cintra (1972) e Biderman (1972).

Na segunda subseção, apresentamos alguns estudos mais recentes sobre essa temática, que serviram como acervo para comparar os resultados das pesquisas quanto ao uso das formas pronominais.

5.2 PERCURSO HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAL

As formas pronominais existem em todas as línguas, mas o seu uso não ocorre de maneira homogênea. Cintra (1972) afirma que, no português²⁴, é possível distinguir três formas de tratamento:

- a) Formas próprias de intimidade;
- b) Formas usadas no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implicam em intimidade;
- c) Formas chamadas de reverências - de cortesia, por sua vez repartidas por uma série muito variada de níveis, correspondentes a distâncias diversas entre interlocutores.

O autor apresenta, assim, uma oposição entre essas formas:

- a) *Tu*;
- b) *Você*;
- c) *V. Ex.^a, o senhor, Dr., o Antonio, a Maria, o Sr. Antonio, a Sr^a. Maria, a D. Maria etc.* (CINTRA, 1972, p. 15).

Com isso, Cintra (1972) evidencia o contraste relacionado à língua portuguesa. Enquanto o português tem três planos, certas línguas, como o francês, o castelhano ou o italiano, apresentam apenas dois planos: *tu*, para intimidade; *vous*, para cortesia (francês), *tu*, *usted* (espanhol); *tu, lei* (italiano); *you* (para as duas situações no inglês).

²⁴ Cintra (1972) estuda o português europeu.

Ratificando as ideias de Cintra (1972), Biderman (1972) apresenta como eram usados os pronomes no português medieval tanto por brasileiros como por europeus. O *vós* era a forma polida de se dirigir ao interlocutor, ao passo que o *tu* era usado para relações solidárias (entre dois de igual poder) ou ainda usada de superior para inferior. A forma *você*, oriunda de uma forma honorífica, teve mudanças de valor, no decorrer do tempo, além de mudanças fonéticas. Antigamente, era muito usada por uma pessoa socialmente inferior ao se dirigir a alguém de status mais elevado na hierarquia social.

Estudos, como o de Coutinho (1976), afirmam que o pronome de segunda pessoa *você* era antigamente o tratamento de respeito *vossa mercê*, que o processo de mutação fonética deve ter sido: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*. Acredita-se que essas formas chegaram ao Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos - século XIII-XIV. Apenas em meados do século XVIII, os usos tornaram-se divergentes. Os estudos em torno desse fenômeno verificaram que *Vossa Mercê*, usado no período dos séculos XVII e XIX, mantinha um caráter de respeito, utilizado principalmente em relações assimétricas, inferior para superior.

Além da mudança fonética, percebe-se a mudança de valor. O *você* sempre foi uma forma de se referir ao interlocutor, como bem expõe Menon (1995), “primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não íntimo para um tratamento íntimo” (MENON, 1995, p. 95).

Os estudos de Biderman (1972) apontam que, no século XIX, em Portugal e no Brasil, as formas de tratamento se classificavam de acordo com sua função social e o grau de intimidade com quem se falava. O pronome *você* era a forma usada para quem se referia do trato superior ao inferior: tanto em decorrência da idade, da posição social, como de relações assimétricas e iguais não íntimos. No Brasil, ocorreu a substituição do *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, entre o século XIX e o século XX. Em suas pesquisas com cartas, Biderman conclui que, até os anos 70, Machado de Assis usava *tu* com os íntimos, de modo geral. No final do século XIX e começo do XX, utiliza, de forma geral, o *você*. Nas correspondências com seu amigo Salvador de Mendonça, usava o *tu* até 1901, depois passa a usar *você*, mas os possessivos continuam de segunda pessoa.

Quadro 2 - As formas de tratamento no século XX no Brasil

	Íntimo	Não-íntimo	
Superior	<i>O senhor</i>	<i>O senhor</i>	
	<i>A senhora</i>	<i>A senhora</i>	
Igual	<i>Você</i>	<i>O senhor</i>	<i>você</i>
		<i>A senhora</i>	
Inferior	<i>Você</i>	<i>Você</i>	
		<i>O(a) senhor(a)</i>	

Fonte: Biderman (1972, p. 366).

O Quadro 2 mostra as formas de tratamento no século XX. O tratamento de *o(a) senhor(a)* dado a um íntimo (superior), como aos pais, já não é generalizado. Em algumas grandes cidades, os jovens tratam os pais de *você*. Biderman (1972) pôde constatar que, no Brasil, as formas de tratamento são como uma extensão da semântica da solidariedade em detrimento da semântica do poder, assim como em algumas culturas europeias (França, Itália e Alemanha), quando observado por Brown e Gilman. Quanto à interação entre pessoas da mesma classe social e mesma faixa etária, o tratamento pode alternar entre *o(a) senhor(a)* e *você*. No entanto, observava que o uso de uma das formas não era aleatório, enquanto *o(a) senhor(a)* era usado mais por pessoas de educação mais conservadora em ambientes mais refinados que necessitavam de um tratamento mais formal e menos familiar, o uso do *você* ocorria entre os considerados inferiores. Biderman informa que, apesar de haver o predomínio do *você* entre os inferiores, o uso de *o(a) senhor(a)* também ocorria.

Lopes e Cavalcante (2011, p. 36) informam que “a forma vulgar *você* passou a ser produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sociopragmáticas, ‘conteúdo negativo intrínseco’, em oposição à sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*”. No Brasil, a partir do século XIX, *você* passa a concorrer com o *tu* nas relações solidárias mais íntimas. Como o seu uso não era considerado estigmatizado, possivelmente auxiliou em sua expansão.

Sobre a concordância do verbo com o pronome *você*, Menon (1995) explica como se deu o processo e conclui, por fim, porque não faz sentido dizer que o verbo está na terceira pessoa.

Historicamente, como foi demonstrado, a forma *você(s)* origina-se de uma *locução nominal* (constituída de um pronome possessivo mais um substantivo) e, nessa categoria, passa a requerer o verbo na *terceira pessoa*. No entanto, durante o

processo de modificação fonética e de valor social, a forma se pronominalizou, isto é, passou por um processo de *gramaticalização*, mudando de categoria: de *nome* (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um *nome* - substantivo ou adjetivo -, exercendo as mesmas funções gramaticais) para *pronome*. Este novo pronome é *de* segunda pessoa; logo, a forma verbal que o acompanha também passa a ser uma forma de segunda pessoa. Então, não faz sentido algum continuar a dizer que o verbo está na terceira pessoa com um pronome de segunda pessoa. Essa afirmação contrariaria, inclusive, uma das regras do sistema de concordância verbal do português: *o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa* (MENON, 1995, p. 96- 97, grifos da autora).

Esse mesmo questionamento é feito por Bagno (2009, p. 246), explicando o processo de gramaticalização “*Vossa Mercê*, que era um pronome de tratamento, foi sofrendo aglutinações e erosões fonéticas (até se transformar plenamente num pronome pessoal. ”

Tendo em vista essa realidade, expressa seu descontentamento ao afirmar que as gramáticas e os livros didáticos ainda permanecem mostrando o *você* como pronome de tratamento, só porque é conjugado em 3ª pessoa. “Mais honesto seria dizer que *você* é um pronome de 2ª pessoa do ponto de vista semântico e de 3ª pessoa do ponto de vista morfológico” (BAGNO, 2009, p. 246).

Sobre a conjugação do verbo, Menon (1995) aborda a reestruturação, em função da modificação do pronome sujeito, no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa passa a ter duas formas: “uma continua a ter o morfema tradicional, por exemplo: *-s*, para o presente do indicativo, e a outra apresenta um morfema \emptyset de pessoa, segundo o pronome pessoal que o falante utiliza” (MENON, 1995, p. 97).

Desse modo, o uso da forma *tu* ocorreria com o uso do verbo com o morfema tradicionalmente relacionado à 2ª pessoa do singular e, no caso do uso do pronome *você*, utilizará a forma verbal portadora do morfema \emptyset . Apesar de essas duas formas coexistirem hoje, para a expressão da segunda pessoa, não se pode tomar como uma afirmação totalmente verdadeira, tendo em vista os últimos trabalhos, em que observamos esse uso até mesmo onde é mais produzido o *tu*, a sua concordância canônica pouco ocorre.

Menon (1995, p. 97) acredita que “os falantes ‘interiorizaram’ a forma verbal com morfema \emptyset como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome”. O que reforça a sua hipótese é a utilização, “mesmo por falantes onde *tu* é a forma preferida no singular, da forma plural *vocês*. Como *vocês* é o plural de *tu*, basta subtrair da forma verbal o morfema de plural *-m* e dispor-se-á da forma singular, à qual se adiciona o pronome *tu*” (MENON, 1995, p. 97).

Por fim, o pronome *você* pode substituir tanto o *tu*, como também o *senhor*. Quanto a este último, estudos indicam uma pequena ocorrência dessa forma nos estados

brasileiros. Esse pronome é mais utilizado no sentido de respeito, levando em consideração a formalidade da situação comunicativa. Devido à pouca ocorrência, Monteiro (1994, p. 153) diz:

A nosso ver, os jovens quebraram preconceitos e tentaram modificar seu espaço na sociedade brasileira, definindo um padrão de comportamento pautado pela ideia de liberdade ou autonomia face aos que se consideravam superiores em relação a eles. Em decorrência dessa nova postura, o tratamento respeitoso que se esperava do filho para o pai, do aluno para o professor e até mesmo do empregado para o patrão deixou de ter a rigidez que caracterizava as relações assimétricas. Já hoje é comum o emprego de você nas mais diversas díades.

Biderman (1972) salienta que, quando se trata de alguém da mesma classe social e da mesma faixa etária, o tratamento "*o senhor, a senhora*" pode alternar com "*você*". Geralmente as pessoas de educação mais conservadora e de ambientes mais refinados utilizam o tratamento mais formal e menos familiar. Trata-se de regra flutuante, dependendo dos imponderáveis da personalidade individual. Já quando ocorre em um caso de um inferior, as pessoas que preferem estabelecer distâncias, por não apreciarem familiaridade, podem também utilizar *o senhor, a senhora*, ao invés de *você*. Ou então, por se tratar de um empregado mais velho que o patrão (a patroa), o tratamento de mais respeito pode ser utilizado.

Esse apanhado histórico prova que as línguas não usam as formas de tratamento de modo homogêneo. Até mesmo no português brasileiro já se observa diferença, como bem coloca Biderman (1972, p. 366).

Suspeito que o tu trocado anteriormente com Salvador Mendonça, se relacione com a origem desse amigo (português). Um século depois, nesse último quartel do século XX, o tratamento na 2ª pessoa está quase extinto no Brasil, apesar de vários vestígios. Um deles: o uso do pronome oblíquo te e dos possessivos teu, tua, etc. no interior do sistema da 3ª pessoa (*você*). Lembre-se de que no Rio Grande do Sul o uso de tu é corrente mas acompanhado das formas verbais da 3ª pessoa. Não será por influência dos países vizinhos de fala espanhola como o Uruguai? O uso esporádico de tu que se ouve no Rio de Janeiro parece-me artificial, isto é, resultante de uma tendência "esnobe" em certos indivíduos que pretendem "falar carioca".

Scherre *et al.* (2015) fazem um mapeamento do uso dos pronomes de segunda pessoa no Brasil. Nesse apanhado, encontra a variação sincrônica das formas pronominais *tu, você, ocê, cê, o senhor/a senhora* e a forma nula falada em todo território brasileiro. E, assim, Scherre *et al.* (2015) buscam remodelar seu mapa, propondo seis subsistemas no eixo geográfico ou horizontal.

A criação desse mapa veio dos estudos sociolinguísticos que, segundo os autores, foram mais de 29 mil dados de 60 amostras diversificadas: provenientes tanto de entrevistas sociolinguísticas, conversas naturais estimuladas e não estimuladas, ocultas e não ocultas, como também amostras de entrevistas geolinguísticas e conversas estimuladas por gravuras.

Essas pesquisas foram de suma importância para o mapeamento do uso dos pronomes. Os autores reforçam que o emprego de *o senhor/a senhora* é usado, normalmente, quando a pessoa com quem se fala é mais velha ou busca um distanciamento, mas que as mulheres mais velhas não gostam de serem chamadas assim. A forma nula (ou seja, sujeito desinencial) seria usada tanto depois de ter empregado um pronome, como também quando o falante não sabe qual pronome usar com o outro.

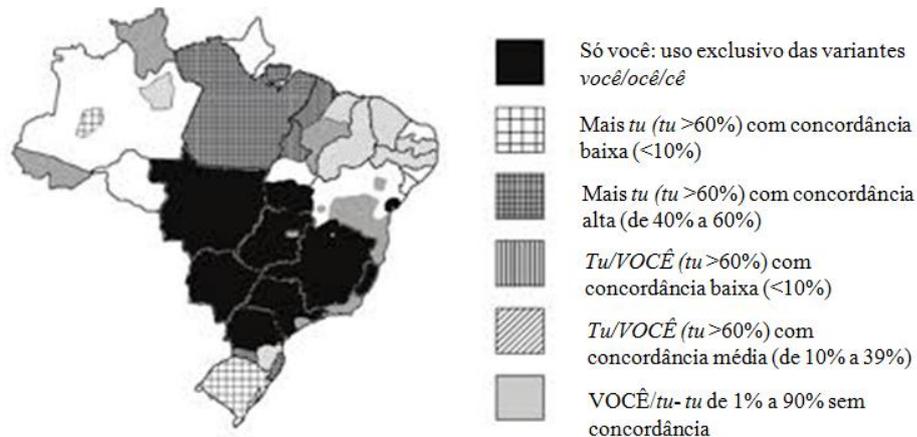
O modelo proposto por Scherre *et al* (2015, p. 138-139), como já informamos, é a divisão em seis subsistemas:

1. Subsistema só *você*: uso exclusivo das formas *você/ocê/cê*;
2. Subsistema mais *tu* com concordância baixa: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%;
3. Subsistema mais *tu* com concordância alta: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60%;
4. Subsistema mais *tu/você* com concordância baixa: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância entre 10%;
5. Subsistema mais *tu/você* com concordância média: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância entre 10% e 30%;
6. Subsistema mais *você/tu*: *tu* entre 1% a 90% sem concordância.

Scherre *et al* (2015) informam que, embora em duas pesquisas, uma com dados de Pelotas/RS (AMARAL, 2003) e outra com dados de Ribeirão das Ilhas/SC (LORENGIAN-PENKAL, 2004), os resultados se apresentaram quase 100% para *tu*, os autores não se sentem confortáveis em afirmar que possa haver um subsistema só com *tu*, como ocorre com o uso do *você*.

Em seguida, mostramos a figura de como ficou dividido esse subsistema dos pronomes, de acordo com Scherre *et al*. (2015).

Figura 2 - Seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa *você* e *tu* no português



Fonte: Scherre *et al.* (2015, p. 142).

Observamos que o mapeamento realizado por Scherre *et al* (2015) abrange quase todo o país, o que nos possibilita ter uma noção de como a variação está distribuída em nosso território, conseguindo conhecer melhor a realidade linguística brasileira. No entanto, esse mapeamento apresenta regiões em que há uma carência na descrição dessa variação, como é o caso dos estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Amapá, Rondônia e parte dos estados da Bahia, Tocantins e Amazonas.

Os autores apontam que o subsistema **só você** é suprarregional, mas se concentra na área central do país, envolvendo a antiga capitania de São Paulo. São representantes da região Centro-Oeste os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, excluindo Distrito Federal ou a Grande Brasília. A região Sudeste é representada pelos estados do Espírito Santo, Minas Gerais (exceto São João da Ponte, ao norte, perto da Bahia) e São Paulo (exceto Santos). A região Nordeste é representada pela Bahia, basicamente por sua capital, Salvador; a região Norte, pelo estado de Tocantins; e a região Sul, pelo estado do Paraná.

Já o subsistema **mais tu com concordância baixa** é encontrado em regiões dos extremos Norte e Sul. O estado do Amazonas é o representante da região Norte e, na região Sul, é o Rio Grande do Sul.

Quanto ao subsistema **mais tu com concordância alta**, encontramos o estado do Pará como representante do Norte e Santa Catarina como representante do Sul.

O subsistema **tu/você com concordância baixa** é encontrado nas regiões Nordeste (Maranhão e Tocantins²⁵) e Sul (Santa Catarina). O subsistema **tu/você com concordância média** é encontrado nas regiões Nordeste, Norte e Sul também, mas se

²⁵ Os autores inserem, neste momento, Tocantins na região Nordeste.

concentra na região Nordeste com Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco. Na região Norte, o estado representativo é o Amazonas e na região Sul, Santa Catarina.

Por fim, o subsistema **você/tu sem concordância** só não tem representante na região Sul, como apontam os autores. Na região Centro-Oeste, temos o Distrito Federal, na região Sudeste, os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, na região Nordeste, pelos estados do Maranhão e da Bahia e, na região Norte, pelos estados de Roraima e Acre.

Após esse percurso histórico dos estudos de pronomes de segunda pessoa, observamos que essa mudança no comportamento das formas *tu* e *você* não ocorrem somente diacronicamente, mas também sincronicamente. Não é à toa que estudos atuais mostram resultados diversos de acordo com a localidade. A seguir, veremos algumas pesquisas que buscaram descrever o uso desses pronomes em estudo na próxima subseção.

5.3 ESTUDOS RECENTES SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAIS NO BRASIL

No que diz respeito aos estudos dos pronomes de segunda pessoa, encontramos uma vasta literatura tanto nas pesquisas de língua falada como escrita. Nessa subseção, abordaremos alguns estudos que trataram os pronomes *tu* e *você*, no *corpus* oral, e que tenham usado algum programa de análise estatística. Pesquisas como as de Herênio (2006) e Oliveira (2005) não serão contempladas nesse momento pela ausência de pesos relativos em seus resultados. Além disso, não abordaremos também pesquisas, como a de Andrade (2010, 2015) e Lucca (2005), que trabalharam apenas com crianças/adolescentes.

Assim as pesquisas sobre as formas pronominais que não contemplem o uso do *tu*, apenas o pronome *você* e suas variantes não serão descritas nesse momento, uma vez que nosso intuito é apresentar esses dados para compará-los aos nossos. É válido informar que foram encontrados 7 trabalhos dessa natureza²⁶. Outros estudos também foram encontrados quanto ao uso do pronome *você*, mas não serão descritos aqui, seja por trabalharem com *corpus* escrito (TEIXEIRA, 2002), seja por trabalharem só a indeterminação dos pronomes (CARVALHO, 2010) ou por só tratarem de um pronome (SOUSA; GRITTI; OLIVEIRA, 2008).

²⁶ Os sete trabalhos encontrados concentram-se na região Sudeste, com exceção do de Loregian-Penkal e Menon (2012), em Curitiba-PR, e do de Andrade (2010), em Brasília. As demais pesquisas são de Nascimento (2011), em São Paulo-SP, Calmon (2010), em Vitória-ES, Gonçalves (2008), em Arcos-MG, Peres (2006), em Belo Horizonte-MG, e Coelho (1999), em São Francisco-MG. Em alguns estudos, os autores enfatizam que não foi encontrado o uso do *tu*. Nessa região, de modo geral, ocorre o uso quase categórico do *você*, mas alternando com as variantes *ocê* e *cê*.

Quadro 3 - As formas de tratamento no século XX no Brasil

Localidade	Autor/Ano da pesquisa	Total das ocorrências	Tu	Você
Cametá-PA	Costa (2017)	489	62,8%	37,2%
Chapecó-RS	Lopes (2017)	268	45,5%	54,5%
Natal-RN	Silva (2015)	378	16%	84%
Rio de Janeiro	Santos (2012)	391	19,9%	80,1%
Concórdia-SC	Franceschini (2011)	926	55%	45%
Tefé-AM	Martins (2010)	806	64,5%	35,5%
Municípios do Maranhão	Alves (2010)	328	38,4%	61,6%
São Luís	Alves (2010)		38,8%	60,2%
Pinheiro	Alves (2010)		36,9%	63,1%
Bacabal	Alves (2010)		56,5%	43,5%
Tuntum	Alves (2010)		35,7%	64,3%
Alto Parnaíba	Alves (2010)		15,2%	84,8%
Balsas	Alves (2010)		56,7%	43,3%
Ratones e Santo Antonio de Lisboa-SC	Rocha (2010)	134	97%	3%
São João da Ponte-MG	Mota (2008)	509	10%	89 ²⁷ %
Feira de Santana-BA	Santana (2008)	243	35%	65%
Rio de Janeiro	Paredes Silva (2008)			
	Amostra 80	686	6,12%	93,88%
	Amostra 00	579	7,08%	92,82%
Santo Antonio	Oliveira (2007)	1128	12%	88%

²⁷ Mota (2008, p. 60).

de Jesus e Poções-BA				
Brasília, Lago Sul e Lago Norte	Dias (2007)	900	12,8%	87,2%
Santos-SP	Modesto (2008)	708	32%	67%
Região Sul	Loregian-Penkal (2004)			
Florianópolis-SC		767	76%	24%
Porto Alegre-RS		819	93%	7%
Ribeirão da Ilha-SC		462	96%	4%
Panambi-RS		467	84%	16%
Flores de Cunha-RS		784	83%	17%
São Borja-RS		701	94%	6%
Lages-SC		1225	15%	85%
Blumenau-SC		490	27%	73%
Chapecó-SC		519	51%	49%

Fonte: Elaborado pela autora.

a) Região Norte

Costa²⁸ (2016) estuda o uso do *tu*, *você* e *o senhor* em Cametá, PA, com o uso de um grupo focal. São no total 16 gravações, compostas por dezesseis (16) informantes-base (estratificados de acordo com a faixa etária (08 na faixa etária I - 21 a 29 anos e 08 na faixa etária II – 32 a 42 anos); escolaridade (08 informantes com Ensino Médio e 08 com Ensino Superior); e sexo (08 do sexo masculino e 08 do sexo feminino). Com base nesta amostragem, obteve um total de 489 ocorrências de orações em que apareceram as formas de referência à segunda pessoa na função de sujeito. Destas ocorrências, 307 foram da forma pronominal *tu*,

²⁸ Apesar de a autora fazer três análises, apresentaremos o resultado da rodada *tu e você*, tendo em vista que este é o propósito do nosso trabalho.

182 do pronome de tratamento *você*, o que corresponde, respectivamente, a 62,8%, e 37,2% de percentual dos dados considerados na pesquisa. Na Tabela 1, apresentamos as variantes, a porcentagem referente a cada uma das variantes e o valor total dos dados da pesquisa de Costa (2016).

Tabela 1 - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA)

Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito	Frequência	Total de dados
<i>tu</i>	62,8%	307
<i>você</i>	37,2%	182
Total de dados		489

Fonte: Costa (2016, p.155).

De posse desses dados, a autora, após submetê-los ao programa GoldVarb X, obteve os seguintes resultados:

Tabela 2 - Resultado da pesquisa de Costa (2016) para *tu*²⁹

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
<i>Paralelismo estrutural</i>	<i>Não primeiro da série, precedido por tu</i>	92%	0,854
<i>Escolaridade</i>	<i>Ensino Médio</i>	74.4%	0,618
<i>Referência do pronome</i>	<i>Referência indireta/específica a um indivíduo</i>	70.2%	0,849
<i>Referência do pronome</i>	<i>Referência direta/específica a um indivíduo</i>	72.8%	0,688
<i>Tipo de relação entre os</i>	<i>Simétrica</i>	65.6%	0,603

²⁹ Só apresentaremos os dados favorecedores para *tu*.

<i>interlocutores</i>			
Tipo de frase/entonação	<i>Exclamativa</i>	80%	0,882
Tipo de frase/entonação	<i>Interrogativa (negativa e afirmativa)</i>	65.1%	0,596
Sexo/gênero	<i>Masculino</i>	69.3%	0,589

Fonte: Adaptado de Costa (2016).

A pesquisa de Martins (2010) é a respeito da alternância *tu/você/senhora* na cidade de Tefé-AM. O *corpus* analisado foi constituído entre 2008 e 2009 e é composto por 19 entrevistas (algumas com mais de 1 informante), sendo que destas 4 foram feitas sem o conhecimento prévio do informante. No entanto, vale ressaltar que eles foram notificados posteriormente, sendo-lhes reservado o direito de recusar o uso da gravação na pesquisa. No total, 30 informantes participaram da pesquisa, 15 mulheres e 15 homens, divididos em três faixas etárias (de 7 a 10, de 20 a 35 e de mais de 50 anos), com dois níveis de escolaridade (fundamental e superior).

Os dados, submetidos ao Varbrul³⁰, revelaram que o pronome *tu* (com 42,9% ocorrências) é o mais utilizado pelos informantes e que a concordância com a forma verbal canônica é muito baixa (apenas 3,7%). Além disso, é informada a frequência de uso do *senhora*, 4,9%, e do *você*, 22,9%. Dos 1213 dados, foram desconsiderados os dos pronomes zero, cuja frequência foi de 28,6%.

Tabela 3 - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado em Tefé

Pronome	Percentual	Total de dados
<i>tu</i>	64,5%	520
<i>você</i>	35,5%	286
Total		806 dados

Fonte: Adaptado de Martins (2010).

³⁰ O Varbrul é constituído por um conjunto de programas para análise estatística de fenômenos variáveis.

Dentre todas as variáveis selecionadas para *tu*, observamos que: o paralelismo (precedido por outro *tu*, com 64,5% e 0,75³¹) é o grupo mais relevante dentre todos; o grau de intimidade aparece como a variável social de maior relevância e mostra que o emprego do *tu* cresce com o aumento da intimidade, com 80,9% e 0,59; no tipo de gravação, as gravações ocultas se destacam com 90,7% e 0,78; a faixa etária (as crianças, com 83% e 0,58) foi selecionada como relevante; o gênero (as mulheres, com 70,6% e 0,58) foi selecionado como o quinto grupo de fator mais importante; e o tipo de referência, com destaque para a específica, 74,7% e 0,55), como podemos ver na Tabela 4.

Tabela 4 - Resultado da pesquisa de Martins (2010) para *tu*³²

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
<i>Paralelismo estrutural</i>	precedido por outro <i>tu</i>	64,5%	0,75
<i>Grau de intimidade</i>	<i>Íntimo</i>	80,9%	0,59
<i>Tipo de gravação</i>	<i>Ocultas</i>	90,7%	0,78
<i>Faixa etária</i>	as crianças	83%	0,58
<i>Sexo/gênero</i>	as mulheres	70,6%	0,58
<i>tipo de referência</i>	específica	74,7%	0,55

Fonte: Adaptado de Martins (2010).

b) Região Nordeste

Silva (2015) estuda o uso dos pronomes *tu* e *você* na função de sujeito dos natalenses (Rio Grande do Norte), usando a mostra do Banco Conversacional de Natal (coletado na década de 90). Sua amostra consiste em 12 conversas. Como resultado, tem no total 378 dados. Observa que o pronome *você* é mais usado (316 dados, 84%), enquanto o *tu* (62 ocorrências, 16%). Após rodar os dados no GoldVarb, tem como resultado três variáveis que beneficiam o aparecimento do *tu*, como mostra a Tabela 5:

³¹ O segundo número, a partir de agora, vai se referir ao peso relativo do fator.

³² Só apresentaremos os dados favorecedores para *tu*.

Tabela 5 - Resultados da pesquisa de Silva (2015) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Natureza da relação entre os interlocutores	Amigos	21%	0,62
Ambiente de Conversação	Mais informal	19%	0,58
Tipo de discurso	Não relatado ³³	18%	0,56

Fonte: Adaptado de Silva (2015).

A Tabela 5 apresenta as variáveis selecionadas como favorecedoras do pronome *tu*: Natureza da relação entre os interlocutores (amigos favorecedores com 21%, 0,62); Ambiente de Conversação (mais informal com 19%, 0,58) e Tipo de Discurso (não relatado com 18%, 0,56).

Alves (2010), em uma abordagem geossociolinguística, estuda a variação de uso das formas *tu/você* nos municípios maranhenses de São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Alto Parnaíba e Balsas. O *corpus* da pesquisa é constituído a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão, resultado da aplicação de 28 questionários realizados com informantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos). A maioria dos informantes tinha apenas o ensino fundamental, e somente 4 possuíam o ensino superior.

Foram considerados apenas os pronomes em função de sujeito, no total de 328 ocorrências: 126 ocorrências para o *tu*, 168 para o *você*, 27 para o *cê* e 7 para o *ocê*. Com a utilização do GoldVarb X, constatou-se que o *você* (61,6% das ocorrências) é a forma mais frequente no falar maranhense. Dos grupos de fatores considerados pela autora, apenas três foram selecionados pelo programa como favorecedores do *tu*: faixa etária, tipo de relato e localidade, como podemos ver na Tabela 6.

³³ Em vez de usarmos essa nomenclatura “não relatado”, chamaremos esse mesmo fator como original.

Tabela 6 - Resultados da pesquisa de Alves (2010) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Faixa etária	Jovens (18-30 anos)	52%	0,63
	Mais velhos (50-65 anos)	30,2%	0,41
Tipo de relato	Discurso relatado por terceiros	61,1%	0,76
Localidade	Balsas	56,7%	0,72
	Bacabau	56,5%	0,67
	Pinheiro	36,9%	0,54

Fonte: Adaptado de Alves (2010).

A Tabela 6 mostra que os mais jovens, com idade entre 18 a 30 anos (52% e 0,63), utilizam mais o *tu*, ao contrário dos mais velhos, com idade entre 50 a 65 anos (30,2% e 0,41). Os dados indicam que os jovens tendem a alternar mais os pronomes do que os mais velhos. Quanto à localidade, observou-se que: a) em São Luís e Tuntum, os mais jovens usam mais o *tu*; b) no Alto Parnaíba, não se verificou o emprego do pronome *tu* pelos mais velhos; c) as regiões de Balsas, Bacabal e Pinheiro são as que apresentam a maior ocorrência do *tu*, com 56,7% e 0,72; 56,5% e 0,67; 36,9% e 0,54, respectivamente; d) nas demais localidades, há um padrão, que é o equilíbrio no uso do pronome *tu* quanto à idade. O grupo de fator tipo de relato, segundo na ordem de seleção, indica que o *tu* é favorecido pelo discurso relatado por terceiros (61,1% e 0,76), pois, ao narrar um acontecimento, o falante se afasta do fato narrado e, portanto, do seu envolvimento direto com o discurso. Ao fazer uma rodada considerando o *tu* com a concordância, a autora verificou que a fala própria (24,5% e 0,66) apresenta um favorecimento maior deste pronome com a concordância do que em falas retomadas (4,3% e 0,17). A concordância canônica (11,1%) mostra-se baixa.

A pesquisa de Santana (2008) analisa a variação dos pronomes *tu* e *você* entre os interlocutores de Feira de Santana-BA, partindo de um *corpus* constituído de 12 amostras de fala, resultante de entrevistas realizadas com informantes de nível superior (universitários e graduados). Segundo o autor, nas conversas, foram provocadas narrativas sobre experiências pessoais no trabalho, na família, entre amigos e na universidade com o objetivo de deixar o informante à vontade. Foram analisados o modo verbal (indicativo, subjuntivo e imperativo),

a relação documentador/informante (íntima e não íntima), o gênero (masculino e feminino) e a faixa etária (I: de 22 a 29, II: de 30 a 45 e III: 46 a 60 anos).

Com auxílio do programa GoldVarb 2001, evidenciou-se que, na variação *tu/você*, de um total de 243 ocorrências, o pronome *você* corresponde a 65% das realizações e o *tu* equivale a 34%. Os grupos de fatores relevantes para *tu*, seguindo a ordem de relevância, foram: o gênero (mulheres, com 54% e 0,85), a relação documentador/informante (relação íntima, com 42% e 0,72) e a faixa etária, de 22 a 29 anos (44% e 0,50). Quanto a esta última variável, os dados da faixa III revelam 100% de realização do pronome *você*, como podemos ver na Tabela 7.

Tabela 7 - Resultados da pesquisa de Santana (2008) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Gênero	Mulheres	54%	0,85
Relação documentador/informante	Relação íntima	42%	0,72
Faixa etária	22 a 29 anos	44%	0,50

Fonte: Adaptado de Santana (2008).

Oliveira (2007) examina a alternância entre *tu* e *você* em comunidades rurais do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus e Poções. A autora parte de um *corpus* constituído por 48 entrevistas sociolinguísticas, sendo 12 para cada comunidade, subdivididas em duas áreas do município: sede e rural. No total, foram controlados os seguintes grupos de fatores sociais: sexo, escolaridade (analfabeto ou semianalfabeto), estada fora da comunidade (ausência ou não da comunidade por pelo menos seis meses) e a faixa etária (faixa 1 – 20 a 40, faixa 2 – 40 a 60 e faixa 3 – acima de 60 anos).

Com 1128 dados, após a utilização do Varbrul, verificou-se que o uso do *você* corresponde a 88% das realizações e o pronome *tu* equivale a 12%. Apesar da autora não informar a ordem de seleção das variáveis pelo programa, apresenta os grupos de fatores selecionados, bem como os pesos relativos, conforme veremos abaixo, na Tabela 8.

Tabela 8 - Resultados da pesquisa de Oliveira (2007) para o pronome *você*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Referencialidade	Traço semântico de indeterminação	99%	0,84
Paralelismo formal	Você-você	99%	0,73
Faixa etária	20 a 40 anos	88%	0,54
	40 a 60 anos	91%	0,55
Gênero	Homens	89%	0,57
Tipo de interlocutor	Membros fora da comunidade	89%	0,71
Efeito gatilho	Com efeito	89%	0,53

Fonte: Adaptado de Oliveira (2007).

A referencialidade mostra o favorecimento do *você* na presença do fator traço semântico da indeterminação (99% e 0,84), ao passo que a utilização do *tu* aumenta com o referente determinado. O paralelismo formal revela que o *você* é privilegiado quando o antecedente é realizado com a mesma forma (99% e 0,73). No tocante à faixa etária, nota-se que há uma maior realização do uso do *você* por falantes da faixa I (88% e 0,54) e da faixa II (91% e 0,55). A respeito do gênero, constata-se que os homens (89% e 0,57) favorecem mais o *você* do que as mulheres (86% e 0,40). O tipo de interlocutor indica que o informante tende a usar o *você* com interlocutores mais formais, isto é, aqueles com os quais o entrevistado não tem contato, ou seja, um indivíduo de fora da comunidade. O falante distingue os interlocutores que são membros da comunidade (72% e 0,45) daqueles que não o são (89% e 0,71), respectivamente. A variável efeito gatilho permite verificar se há interferência da fala do documentador na escolha de uma das variantes pelo informante. Esta variável indica que, quando o *você* (89% e 0,53) é mencionado pelo documentador, há uma extensão do uso da mesma forma pelo informante, ao contrário do que ocorre com o *tu* (42% e 0,05).

c) Região Centro-Oeste

A pesquisa de Dias (2007) analisa o uso do *tu* dos brasilienses em três regiões: RAI - Brasília, RAXVI - Lago Sul e RAXVIII - Lago Norte. No total, utilizaram-se 18 informantes, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino) e a faixa etária (entre 13 e 19 anos, entre 20 e 29; e 30 em diante).

Os resultados revelaram o predomínio do uso de *cê* (51,4%) frente às variantes *você* (26,5%) e *tu* (10,6%). Após submeter os dados ao GoldVarb X, constatou-se que, dos 1080 dados coletados, a autora se concentrou em 900 ocorrências, eliminando-se 124 dos pronomes nulos e 56 que estavam na posição de objeto. O resultado ficou 12,8% para *tu* (115 dados) e 87,2% para *você* (785 dados). Verificou-se que 7 informantes não utilizaram o *tu*.

As variáveis selecionadas são expostas abaixo.

Tabela 9 - Resultados da pesquisa de Dias (2007) para o pronome tu

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Tipo de fala	Ironia/brincadeira	31,7%	0,80
	Conversa casual	12,9%	0,56
Faixa etária	13 a 19 anos	28,8%	0,76
	20 a 29 anos	12,5%	0,56
Sexo	Homens	14,9%	0,60

Fonte: Adaptado de Dias (2007).

A única variável linguística selecionada para o favorecimento do pronome *tu* foi o tipo de fala, destacando-se a ironia/brincadeira (31,7% e 0,80) e a conversa casual (12,9% e 0,56). O grupo de fator social selecionado como o mais relevante foi a faixa etária, sendo que os mais jovens, de 13 a 19 anos (28,8% e 0,76), são os maiores favorecedores do *tu*, seguidos dos de 20 a 29 anos (12,5% e 0,56). Logo em seguida, a variável sexo, terceira na ordem de seleção, mostra os homens (14,9% e 0,60) como aliados do *tu*, ao contrário das mulheres (10,8% e 0,41).

d) Região Sudeste

Santos (2012) analisa o retorno de produtividade do *tu* correlacionado com a forma verbal neutra na cidade do Rio de Janeiro. Seu *corpus* é formado por 52 informantes, estratificados de acordo com sexo/gênero (masculino e feminino), a faixa etária (aproximadamente 18 a 30 e 31 a 55 e mais de 56 anos) e o grau de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior). Os informantes foram extraídos de cinco amostras: 18 do perfil profissional (2006); 5 da amostra Almirante Barroso (2006); 9 da amostra advogados (2008); 13 da amostra zona oeste (2009); e 7 da amostra norte (2009). As questões, em geral, se baseavam na pergunta "como faço para chegar à rua x?". Foram selecionados apenas os pronomes-sujeitos.

Inicialmente, a autora apresenta os dados gerais, mostrando que, de um total de 648 ocorrências, foram registrados 49% (318 ocorrências) dos casos para *você*, seguido de sujeito nulo, 39% (251 ocorrências), e, por fim, 12% (79 ocorrências) do *tu*. Em sua abordagem panorâmica, a autora observa que o *você* é mais produzido na zona norte (56%), enquanto o *tu* ocorre mais na zona oeste (21%). As mulheres (53,9%) falam mais *você* do que os homens (44,40%). O *você* é mais usado por pessoas que têm o ensino superior (56,30%), enquanto o *tu* é mais aplicado por pessoas que possuem ensino fundamental (12%) e médio (12%).

Após esses resultados, é feita uma rodada e Santos apresenta o seguinte resultado: dos 11 grupos de fatores escolhidos pela autora, cinco foram selecionados pelo GoldVarb 2001, na rodada *tu x você*³⁴:

Tabela 10 - Resultados da pesquisa de Santos (2012) para o pronome tu

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Paralelismo formal	<i>Tu precedido de tu</i>	66,7%	0,87
Modalidade verbal	Ordem	31,1%	0,66
	Certeza	23,7%	0,60
Escolaridade	Ensino superior	13,1%	0,55
Bairro	Zona oeste	33,8%	0,80
Sexo/gênero	Masculino	25,4%	0,62

Fonte: Adaptado de Santos (2012).

A Tabela 10 apresenta os fatores selecionados pelo programa da pesquisa de Santos (2012): o paralelismo formal (*tu* precedido de *tu*, 66,7% e 0,87), modalidade verbal (ordem, 31,1% e 0,66, certeza 23,7% e 0,60), escolaridade (ensino superior, 13,1% e 0,55), bairro (zona oeste 33,8% e 0,80) e gênero/ sexo (masculino 25,4%, e 0,62). Por fim, a autora constata que o *tu* ainda é estigmatizado na cidade do Rio de Janeiro.

O estudo de Mota (2008) investiga os pronomes *tu* e *você* no português oral de São João da Ponte-MG. Compõem a amostra as entrevistas sociolinguísticas com 24 informantes, que só possuem o ensino fundamental, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino) e com a faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25, 26 a 49 e mais de 50). Vale

³⁴ A autora faz várias rodadas, mas só nos deteremos na rodada *tu x você*.

salientar que a autora faz as rodadas com as entrevistas e com o teste de produção³⁵, mas aqui só mencionaremos os resultados do trabalho com as entrevistas.

Dos grupos de fatores selecionados pelo GoldVarb 2011, foram considerados relevantes: função sintática, grau de intimidade, faixa etária e estatuto do interlocutor na interação. Segundo a autora, um fato revelador diz respeito à distribuição das ocorrências das formas pronominais: 89% para o pronome *você* e 10% para o *tu*, de uma amostra de 509 ocorrências. O trabalho de Mota (2008) mostra o aparecimento do pronome *tu* que já era informado por Mendes (1998) sobre a inexistência desse pronome no dialeto mineiro.

Tabela 11 - Resultados da pesquisa de Mota (2008) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Função sintática	<i>Objeto</i>	48%	0,91
Grau de intimidade	Íntimo	26%	0,81
Faixa etária	15 a 25 anos	3%	0,72

Fonte: Adaptado de Mota (2008).

A Tabela 11 mostra os resultados da pesquisa de Mota. Quanto aos grupos de fatores linguísticos, a função sintática é a única selecionada. A presença do *tu* ocorre mais na função de objeto (48% e 0,91) do que na função de sujeito (4% e peso de 0,41). Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, temos, por ordem de relevância, o grau de intimidade, a faixa etária e o estatuto do locutor. Na primeira variável, o *tu* aparece mais em situações íntimas (26% e 0,81) que em situações não íntimas (1% e 0,32). Na segunda, apenas a faixa etária de 15 a 25 anos (3% e 0,72) favorece o uso do *tu*, ao contrário das demais: 7-14 anos (12% e de 0,30), 26-49 anos (24% e 0,19) e 50 anos ou mais (3% e 0,14).

Paredes Silva (2008) faz um apanhado de todos os seus trabalhos, com diferentes *corpora* (1988, 1996 e 2000). A autora busca mostrar a mudança que parece estar em curso no português brasileiro, mais precisamente no falar carioca - o retorno do *tu*, disputando espaço com *você*. O estudo da autora teve início em cartas pessoais com escrita informal. Nesse

³⁵ O entrevistador sugeria a palavra e um informante fazia a pergunta. Foram 36 palavras sugeridas, variando entre o mais formal e o menos formal. Segue um exemplo retirado de Mota (2008, p. 55):

E- *Bicicleta, faça uma pergunta pra ele.*

I1- *Cê gosta muito de bicicleta?*

I2- *Gosto. Meu esporte favorito é ciclismo.*

E- *Faça uma pergunta pra ele.*

I2- *Que qui tu acha [da que] dessas bicicleta qui tu vê?*

(Entrevistador sugere palavras a dois colegas de sala – T 1, p. 96)

corpus, ela observou o uso do *você* (com 70%) e do sujeito nulo (com 30%). A faixa etária não se mostrou relevante para a escolha dos pronomes neste trabalho. Na década de 90, observa-se a mudança: o aparecimento do *tu*. Utiliza-se o Banco de Dados Interacionais (BID) do PEUL/UFRJ, cujo material é mais espontâneo. No entanto, a autora acredita que, pelo fato de os informantes já saberem da existência da gravação, o uso do *tu* é inibido, menos de 10 ocorrências em 6 interações de 25 minutos. É relevante dizer que o *tu* era conjugado sem flexão. Essa investigação mostrou-se importante, pois apresentou à autora outro fenômeno que estava ocorrendo: a clitização, ou seja, o aparecimento do *cê*, como aponta os resultados: 30% para zero, 32% para *você* e 38% para *cê*.

Em outro momento, a pesquisadora faz um novo estudo, dessa vez, sem dizer aos informantes que seriam gravados. Isso só era informado ao final, para que pudessem decidir se o material coletado poderia ser utilizado no trabalho. A pesquisa de 2000, porém, não mostrou um aumento na frequência do uso do *tu*, comparada a de 80, mas é importante dizer que somente dois grupos de fatores são selecionados pelo Varbrul nas duas décadas: o sexo e a idade.

Em Amostra 80, como é chamada a primeira pesquisa de *corpus* oral, foram encontrados os seguintes resultados: um total de 686 ocorrências, 11%/0,72 para uso do *tu* entre os homens e 1%/0,29 para o uso do *tu* entre as mulheres. Na Amostra 00, como é chamada a segunda pesquisa citada, foram computadas 579 ocorrências dos pronomes e destas 13%/0,72 são realizações do *tu* por mulheres e entre os homens é de 2%/0,31. Quanto à faixa etária, na amostra 80, os mais jovens favorecem o uso do *tu* (de 7-14 anos: 22%, 0,61; de 15-25 anos, 10%, 0,61) e, na amostra 00, a faixa favorecedora é a de 15 a 25 anos (13%, 0,64). As duas pesquisas mostram um uso de 9% do pronome.

Em estudo de tempo aparente, que a autora nomeia por Amostra 96, nota-se a supremacia do uso do *tu*, pois o seu emprego foi apontado em 68% dos casos. Nesta análise, o Varbrul selecionou a faixa etária (de 20 a 29 anos, com 70%, 0,60) e o sexo (os homens com 69%, 0,57) como fatores relevantes para o uso do *tu*. A autora conclui que o uso do *tu* e *você* sugere uma mudança em curso, embora ainda restrita a alguns grupos sociais e contextos discursivos; no caso do *tu*, há contextos em que ocorre um menor monitoramento e maior grau de intimidade.

Abaixo, nas Tabelas 12,13 e 14, estão descritos os fatores selecionados pelo VARBRUL.

Tabela 12 - Resultados da pesquisa de Paredes Silva (2008) para o pronome *tu* Amostra 80

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Sexo	<i>homem</i>	11%	0,72
Faixa etária	15 a 25 anos	13%	0,64

Fonte: Adaptado de Paredes Silva (2008).

Tabela 13 - Resultados da pesquisa de Paredes Silva (2008) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Sexo	<i>homem</i>	13%	0,72
Faixa etária	7 a 14 anos	22%	0,61
	15 a 25 anos	10%	0,61

Fonte: Adaptado de Paredes Silva (2008).

Tabela 14 - Resultados da pesquisa de Paredes Silva (2008) para o pronome *tu* Amostra 96

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Sexo	<i>homem</i>	69%	0,57
Faixa etária	20 a 29 anos	70%	0,60

Fonte: Adaptado de Paredes Silva (2008).

Modesto (2006) estuda o uso das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, no litoral do Estado de São Paulo. O *corpus* constitui-se de 20 inquéritos, correspondentes a textos conversacionais realizados entre falantes santistas. Os informantes foram estratificados de acordo com três grupos de fatores sociais: gênero (masculino e feminino), faixa etária (15 a 20 anos e 21 anos ou mais) e escolaridade (ensino médio e ensino superior). Considerando todo léxico³⁶ encontrado, o pronome *você* (0,93%), com 476 ocorrências, apesar da baixa frequência, admitida pelo autor, aparece mais que o *tu* (0,45%), com 232 ocorrências. As formas de tratamento apresentam a seguinte frequência de uso: *você*, com 67% e *tu*, com 32%. Observou-se que não se usa a forma canônica de 2ª pessoa com a forma *tu*.

Ao utilizar o GoldVarb 2001, foram selecionados 5 grupos de fatores, seguindo a ordem de importância: monitoramento, expressividade, função sintática, referenciação, expressividade e escolaridade.

³⁶ Para contar as palavras, utilizou-se o MS-WORD XP, da Microsoft.

Tabela 15 - Resultados da pesquisa de Modesto (2006) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Monitoramento	<i>Menor</i> <i>monitoramento</i>	46%	0,61
Função sintática	Objetiva	71%	0,77
Expressividade	Mais expressivo	50%	0,65
Escolaridade	Ensino médio	40%	0,60
Referenciação	Direta	42%	0,61

Fonte: Adaptado de Modesto (2006).

Em contexto de menor monitoramento, a frequência de uso e o peso relativo da forma *tu* são, respectivamente, 46% e 0,61 e, para a forma *você*, tem-se 53% e 0,38. Com maior monitoramento, temos os seguintes resultados: *você*, com 82% e 0,62 e *tu*, com 17% e 0,37. A variável expressividade indica que quanto mais expressivo, maior o uso do *tu* (50% e 0,65) e quanto menos expressivo, maior o uso do *você* (79% e 0,39). A variável referenciação apresenta os seguintes resultados: direta 42% e 0,61; indireta 33% e 0,47; indeterminada 17% e 0,32. A função sintática do pronome, se subjetiva ou objetiva, revela que o uso do *tu* é favorecido com a função objetiva (60% e 0,77), enquanto a função subjetiva favorece *você* (71% e 0,53). A escolaridade mostrou que o uso do *tu* está mais presente na fala das pessoas de ensino médio (40% e 0,60) do que na fala de indivíduos com ensino superior (29% e 0,40).

e) Região Sul

Lopes (2017) estuda a variação linguística das formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular (*tu e/ou você*), em posição de sujeito, no português da cidade de Chapecó. Sua pesquisa foi composta por 19 informantes de Chapecó/SC, e, no segundo momento, analisou as percepções e atitudes linguísticas de 7 desses informantes, no que tange ao uso das formas *tu e/ou você*. Para isso, foram aplicados mapas de percepções e questionários de atitudes linguísticas a 7 informantes, da cidade de Chapecó-SC. Para a coleta das percepções linguísticas dos chapecoenses, frente à presença dos pronomes *tu e/ou você* no território brasileiro e catarinense, foram utilizados excertos de fala das cidades de Chapecó-SC, Itabaiana-SE e Natal-RN. Os resultados gerais mostram que, do total de 268 ocorrências de uso variável das formas de referência à segunda pessoa do singular, os chapecoenses usam mais o pronome *você* em relação a *tu*. O estudo variacionista evidenciou, com base na análise estatística que, das doze variáveis consideradas, as mais relevantes no condicionamento da

variação dos pronomes *tu* e/ou *você* em Chapecó são: a) sexo/gênero; b) faixa etária; c) referência pronominal; d) escolaridade e e) sequência discursiva.

Tabela 16 - Resultado da pesquisa de Lopes (2017) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Sexo/gênero	Masculino	73,5%	0,79
Faixa etária	25-49 anos	64,6%	0,74
Referência	Interlocutor	57,7%	0,76
Pronominal			
	Particular	54,1%	0,58
	Genérico	40,8%	0,56
Escolaridade			
Sequência discursiva	Descritiva	43,3%	0,65
	Dissertativa	48%	0,55

Fonte: Adaptado de Lopes (2017).

Os resultados apontam que, em Chapecó, as mulheres variam o emprego dos pronomes *tu* e/ou *você* de modo equilibrado, ao contrário dos homens que usam mais o *tu* em relação ao *você*. Quanto à faixa etária, a forma *você* se mostra mais frequente entre os jovens - falantes de 7 a 14 anos e de 15 a 24 anos - em relação à faixa etária mais velha - os de 25 a 49 anos - que utilizam mais a forma *tu*. Os informantes com Ensino Fundamental I utilizam mais o *você* em comparação aos informantes com Ensino Médio que usam mais o *tu*.

Entre os três tipos de sequência discursiva, a sequência narrativa é o contexto que mais propicia o emprego da forma *você*, enquanto a forma *tu* é mais frequente entre as sequências dissertativas e descritivas.

Já quanto à investigação sobre as percepções e atitudes linguísticas, os chapecoenses reconhecem a sua variedade em relação à variedade de Itabaiana-SE e Natal-RN. O pronome *você* é avaliado positivamente pelos chapecoenses e é usado em contextos mais e menos formais, ao contrário do pronome *tu*, que é utilizado somente em contextos menos formais pelos chapecoenses. Na avaliação de sentenças, quando o pronome *você* apareceu com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, a estrutura foi avaliada, quase categoricamente, como positiva pelos chapecoenses; a estrutura sintática com o pronome *tu*, com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, também recebeu avaliação

positiva, ainda que esta recebeu algumas avaliações negativas; ao contrário das outras sentenças, a estrutura do pronome *tu*, com o verbo flexionado na segunda pessoa do singular, foi avaliado negativamente, pela maioria dos informantes.

Rocha (2012) investiga a variação *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (oblíquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português de Florianópolis (SC). O *corpus* é composto uma amostra constituída de 28 entrevistas e outra de 40 testes de percepção e produção realizados com informantes florianopolitanos. Os resultados gerais mostram que os ilhéus preferem, de uma forma geral, o uso de *tu* para o tratamento com o seu interlocutor. Foram 573 dados, com 440 para *tu* (76%), 99 para *você* (17%) e 5 para *o senhor* (5%). A análise estatística evidencia que os grupos de fatores mais relevantes no condicionamento da variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso em Florianópolis são, para as duas amostras utilizadas: a) sexo; b) faixa etária; c) tipo de relação entre os interlocutores; d) paralelismo sujeito e clítico e e) paralelismo sujeito e possessivo; para a amostra de entrevistas, a) diazonalidade e b) escolaridade também se mostraram relevantes, como podemos ver na Tabela 17:

Tabela 17 - Resultados da pesquisa de Rocha (2012) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Sexo	Feminino	95%	0,72
Faixa etária	Mais jovens	96%	0,88
Diazonalidade	Mais urbano	91%	0,76
Tipo de relação entre os interlocutores	Relação simétrica e assimétrica descendente	96%	0,87
Escolaridade	Mais escolarizados	96%	0,71
Paralelismo sujeito e clítico	Formas paralelas	91%	0,66
Paralelismo sujeito e possessivo	Formas paralelas	85%	0,57

Fonte: Adaptado de Rocha (2012).

Segundo Rocha (2012), os resultados apontam que, em Florianópolis, as mulheres usam mais *tu* que os homens, e os mais jovens usam mais a forma *tu* do que os mais velhos. Para dirigir-se ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior é *tu*, enquanto na relação entre iguais, a forma mais utilizada é *tu* e, no caso de inferiores se dirigindo aos superiores, a forma preferida é o *senhor*, seguida de *você*. Os florianopolitanos usam mais o paralelismo entre as formas pronominais, independentemente do pronome usado. Os mais escolarizados usam mais a forma *tu* do que os menos escolarizados. Os indivíduos das zonas menos urbanas usam mais a forma *tu* do que os das zonas mais urbanas.

Já os testes apresentaram os seguintes resultados: 47% para *tu*, 33% para *você* e 20% para *o senhor* também foram analisados pelo GoldVarb e tiveram como grupo de fatores relevantes: tipo de relação entre os informantes, paralelismo sujeito clítico, sexo, faixa etária, paralelismo sujeito e possessivo, como veremos na Tabela 18:

Tabela 18 - Resultados da pesquisa de Rocha (2012) para o pronome *tu* nos testes de atitudes

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Tipo de relação entre os interlocutores	Relação simétrica e	70%	0,63
	assimétrica descendente	58%	0,63
Paralelismo sujeito e clítico	Formas paralelas	65%	0,61
Sexo	Feminino	53%	0,61
Faixa etária	Mais velhos	48%	0,58
Paralelismo sujeito e possessivo	Formas paralelas	49%	0,54

Fonte: Adaptado de Rocha (2012).

Praticamente todos os resultados dos testes de percepção e produção corroboram os resultados da amostra de entrevistas, exceto quando tratamos da faixa etária. A maioria dos ilhéus avalia positivamente a forma *você* e a considera “boa” ou “mais bonita” que as demais formas de segunda pessoa (*tu* e *o senhor*) e, por outro lado, não consideram “feia” ou “ruim” nenhuma dessas formas, embora uma boa parte deles considere o *tu* “feio” ou “ruim”.

Franceschini (2011) procura descrever e analisar, em sua tese, a variação pronominal nós/a gente e *tu/você* em Concórdia-SC. A amostra, coletada entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, foi constituída por 24 entrevistas, uma por informante, distribuídas por: duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais), sexo (masculino e feminino) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio).

De um total de 926 ocorrências, foram encontradas 55% das ocorrências do pronome *tu*, mostrando que é mais utilizado na localidade que o *você* (45%). A análise estatística do Varbrul apresentou seis grupos de fatores relevantes: a determinação do referente mostrou-se o mais significativo, ou seja, em contexto de sujeito indeterminado, o pronome *você* é mais usado (52% e 0,57) e, em contexto determinado, o pronome *tu* predomina (79% e 0,72). O segundo grupo selecionado foi o grau de escolaridade, indicando que, no ensino fundamental II (76% e 0,68), o *tu* é favorecido, e o *você* é privilegiado no ensino médio (53% e 0,58). O terceiro grupo foi o sexo/gênero, revelando que as mulheres (61% e 0,56) favorecem mais o *tu*, enquanto os homens (50% e 0,56) beneficiam mais o *você*. O tipo de ocorrência foi o quarto grupo, com as formas isoladas (67% e 0,57) favorecendo o *tu*, já o *você* é beneficiado por formas iguais (53% e 0,55). O quinto grupo foi o tipo verbal, favorecedor do *tu* com verbos epistêmicos (70% e 0,58) e do *você* com verbos *dicendi* (54% e 0,68). A faixa etária foi a última variável selecionada e os dados indicam uma provável mudança em curso, pois o pronome *você* apresenta uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem (50% e 0,53); já o pronome *tu* está mais presente na fala dos mais velhos (64% e 0,55).

Tabela 19- Resultados da pesquisa de Franceschini (2011) para o pronome *tu*

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Determinação do referente	Contexto sujeito determinado	79%	0,72
	Ensino fundamental II	76%	0,68
Sexo/gênero	Mulheres	61%	0,56
Paralelismo	Isolado	67%	0,57
Tipo de verbo	Epistêmico	70%	0,58
Faixa etária	Mais jovens	50%	0,53

Fonte: Adaptado de Franceschini (2011).

Loregian-Penkal (2004) estuda a alternância do *tu x você* na Região Sul, utilizando dois bancos de dados: o Varsul (RS e SC) e o *corpus* Brescancini (Ribeirão da Ilha). É importante dizer que a autora não lida com dados de fala de Curitiba, porque, em sua primeira análise, Loregian (1996) observou que curitibanos usam apenas *você*. Assim, os municípios selecionados neste trabalho são: Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (FPR); 3 cidades do interior de Santa Catarina: Chapecó, Blumenau e Lages (CBL); 3 cidades do interior do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja (FPS). São 24 informantes de cada localidade, excetuando-se Ribeirão da Ilha, com 11 informantes. Ao todo, são 203 informantes, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino), a faixa etária (25 a 49 anos; mais de 50) e o grau de escolaridade (primário, ginásio e colegial).

Foram selecionados apenas os pronomes na função de sujeito. Dos 203 informantes, 8 fizeram uso do tratamento zero; 91 usaram o pronome de forma categórica; 78, só com *tu*; e 15, só com *você*. Foi utilizado o Varbrul 2S. A autora selecionou 7 variáveis linguísticas e 5 sociais e foram feitas 3 rodadas binárias para o uso do *tu*. A primeira rodada foi realizada com as cidades Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha. A segunda foi feita com a região de Santa Catarina e a terceira foi realizada com o Rio Grande do Sul. Depois a autora fez rodadas para todas as cidades, mas, como a nossa pretensão é ter um panorama geral, para que possamos comparar nossa pesquisa com essa e, considerando a extensão desse trabalho, não serão descritas aqui.

Foram selecionados, na primeira rodada, 7 grupos de fatores, sendo a variável sexo a mais relevante, mostrando as mulheres (96% e 0,74) como favorecedoras do *tu*, diferentemente dos homens (75% e 0,20); o segundo grupo foi a localidade que revelou o fato de Porto Alegre (93% e 0,61) e Ribeirão da Ilha (96% e 0,78) serem aliadas da regra, ao contrário de Florianópolis (76% e 0,34). Quanto aos fatores linguísticos, foi selecionado, em terceiro lugar, a explicitação do pronome, que indicou que o *tu* é favorecido sem pronome explícito (97% e 0,80).

Tabela 20 - Resultados da pesquisa de Loregian-Penkhal (2004) para o pronome tu - F/PA/RI

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Sexo	Mulheres	96%	0,74
Localidade	Porto Alegre	93%	0,61
	Ribeirão da Ilha	96%	0,78
Explicitação do pronome	Explícito	97%	0,80

Fonte: Adaptado de Loregian-Penkhal (2004).

Na Região do Rio Grande do Sul, foram selecionados 5 grupos de fatores. Dessas a localidade foi a variável de maior relevância para o *tu*, destacando-se apenas a cidade de São Borja(94% e 0,76); o segundo grupo mais relevante foi o gênero do discurso³⁷, cujos resultados indicam que as explicações (40% e 0,72) e as receitas (69% e 0,89) e também o gênero argumentativo (23% e 0,51) favorecem o *tu*.

Tabela 21 - Resultados da pesquisa de Loregian-Penkhal (2004) para o pronome tu- RS

Variável	Fator	Percentual	Peso Relativo
Localidade	São Borja	94%	0,76
Gênero do discurso	Explicações	40%	0,72
	Receitas	69%	0,89
	Argumentativo	23%	0,51

Fonte: Adaptado de Loregian-Penkhal (2004).

Já na Região de Santa Catarina, 7 variáveis foram selecionadas como favorecedoras do *tu*: o sexo foi a primeira, sendo apenas as mulheres (38% e 0,61) aliadas da regra; a segunda foi a escolaridade que apontou o primário (94% e 0,72) como o único nível favorecedor do *tu*; e a terceira é a alternância pronominal: o *tu*, usado antes (51% e 0,36), mostrou-se inibidor da regra. Nota-se a manutenção do pronome *tu* como uma marca da

³⁷ A autora informa que a escolha desta variável teve o propósito de avaliar se o gênero discursivo exerce ou não influência nas regras variáveis que analisaram. Dessa forma, estipularam quatro fatores para compor a variável: segmentos predominantemente narrativos, segmentos predominantemente argumentativos, explicações, receitas e não se aplica às ocorrências que não se encaixaram nestes quatro gêneros (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 96-97).

identidade e de valores regionais. No entanto, os informantes de Lages e, em menor escala, os de Blumenau, mostram que são os mais avançados em direção ao uso apenas de *você*.

Tabela 22 - Resultados da pesquisa de Loregian-Penkak (2004) para o pronome *tu*-SC

Variável	Variante	Percentual	Peso Relativo
Sexo	Mulheres	38%	0,61
Escolaridade	Primário	94%	0,72
Alternância pronominal	Tu usado antes	51%	0,36
		42%	0,61

Fonte: Adaptado de Loregian-Penkak (2004).

Observamos nesta seção o uso dos pronomes em algumas localidades em que há a presença dos pronomes *tu* e *você*. Os estudos aqui apresentados são aqueles de natureza variacionista e que há dados rodados no GoldVarb para que possamos analisar de acordo com a seleção e com os pesos relativos.

Os dados das pesquisas nessa seção nos revelam que nos extremos do país (região Sul e Norte) os falantes optem por usar mais o pronome *tu*. No Nordeste, os últimos estudos mostraram o uso acentuado do pronome *você*, assim como ocorre na região Sudeste e Centro-Oeste.

Interessante mostrar que, nas regiões onde há o aparecimento considerável do pronome *tu*, as mulheres são favorecedoras (MARTINS, 2010; SANTANA, 2008, ROCHA, 2012, FRANCESCHINI, 2011, LORENGIAN-PENKAL, 2004), diferenciando apenas COSTA (2016), em que os homens são favorecedores do pronome *tu* mesmo ele sendo o mais utilizado. Observamos também que os mais jovens são sempre os que beneficiam o uso do *tu*, como variante inovadora (ALVES, 2010).

Um fator sempre analisado é o tipo de referente. O pronome *tu* aparece sempre como específico, enquanto o *você* é indicativo de pronome genérico.

Tipo de relação entre os interlocutores também foi selecionado pelo programa (COSTA, 2016) e mostrando-se bem relevante para a análise de seus dados.

Para finalizar, na pesquisa de Scherre *et al.* (2015), há um mapa que identifica como atuam os pronomes *tu* e *você* nas demais regiões do país. Nosso intuito, dentre outros, é compará-lo com os nossos resultados, bem como observar se há mudanças no que tange ao

uso desses pronomes em Fortaleza. No mapa em questão, afirma-se que há o uso de *você/tu*, mas que a concordância canônica é muito baixa.

5.4 SÍNTESE DA SEÇÃO

Esse foi apenas um recorte de alguns estudos sociolinguísticos que trabalham o uso do *tu* e *você*. Além desses, podemos encontrar outros que abordam o uso do *você*, *ocê* e *cê* (em algumas regiões não se encontra o uso do *tu*, como nas cidades de São Paulo e Curitiba). Os estudos de outra natureza que utilizaram outro tipo de *corpus* e os que não trabalharam com programa de análise estatística também não foram contemplados nesse momento. Dessa forma, observamos a riqueza de pesquisas no que diz respeito ao uso dos pronomes de segunda pessoa, ainda intrigando os pesquisadores. Nossa intenção de fazer esse breve recorte teve como objetivo observar as variáveis selecionadas para replicá-las em nossa pesquisa, bem como comparar os resultados durante a nossa análise.

6 AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS

6.1 LINHAS INICIAIS

As avaliações linguísticas são elementos preciosos nos estudos sociolinguísticos, uma vez que buscam observar como os falantes avaliam as escolhas linguísticas. Nessa seção, discorreremos acerca dos trabalhos pioneiros sobre as atitudes linguísticas e avaliações linguísticas. Além disso, trataremos dos trabalhos realizados com testes de atitudes na mesma comunidade de fala de Fortaleza, bem como discorreremos sobre as pesquisas que abordaram o mesmo fenômeno, ou seja, as formas de tratamento pronominais.

6.2 TESTES DE AVALIAÇÕES

Como já informamos anteriormente, Weinreich, Labov e Hergoz (2009) apresentam alguns princípios para a Teoria da Mudança Linguística. Dentre eles, temos a avaliação subjetiva linguística da alternância de código.

Os autores reforçam que os pesquisadores, na maioria dos estudos em comunidades heterogêneas, têm como objetivo separar os vários níveis e determinar as condições para a escolha dos falantes ou para suas alternâncias entre os níveis.

Weinreich, Labov e Hergoz (2009) informam, ainda, que a pesquisa de Lambert *et al.* (1960) foi um dos trabalhos pioneiros e que apresentou resultados relevantes, com correlatos subjetivos da alternância de linguagem, revelando serem mais uniformes que o próprio comportamento no que concerne às atitudes sociais dos falantes é.

O estudo de Lambert *et al.* (1960), na Universidade McGill, oferece uma boa metodologia e uma série de princípios empíricos para o estudo das reações subjetivas. Foi empregada a *matched guises* (falsos pares), técnica em que o falante bilíngue é escutado, em diferentes momentos, falando francês ou inglês, ou hebraico e árabe, ou inglês com ou sem sotaque judaico, e os informantes avaliam as vozes de acordo com traços de personalidade, sem perceber que estão avaliando a mesma pessoa duas vezes, ou seja, fazendo um julgamento sobre as personalidades dos falantes. Constatou-se que “não pode haver dúvidas de que conjuntos de atitudes sociais bem sedimentadas são fatores poderosos na determinação do curso da história da língua em comunidades multilíngues” (WEINREICH, LABOV, HERGOZ, 2009, p. 102-103). Isso se dá porque os informantes, inconscientemente, traduzem suas atitudes sociais frente à língua em diferentes julgamentos sobre honestidade, confiabilidade e a inteligência dos falantes.

Em uma pesquisa subsequente, Lambert (1967) descobriu que os estudantes canadenses que compartilham as atitudes negativas em relação aos falantes de francês possuem maior dificuldade em aprender o francês que os estudantes nos Estados Unidos.

Os autores concluem que o estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto relevante da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. No entanto, segundo os autores, essa teoria deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis em uma estrutura heterogênea. Informam que esses correlatos subjetivos não podem ser deduzido e que o nível de consciência social é importante fator da mudança linguística, a qual tem que ser determinada diretamente. Ainda afirmam que correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões de mudanças de comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança.

Para o estudo das atitudes, Labov (2008) elenca algumas possibilidades de testes, a fim de captar as atitudes linguísticas dos falantes.

A primeira é o *teste de percepção* do tipo ABX (LABOV, 2008), no caso de fusão total de uma distinção fonológica, os falantes não conseguem ouvir se x é mais próximo de A ou de B, mas onde regras variáveis estão operando e a fusão não se completou, eles exibirão êxito parcial.

Outra possibilidade são os *testes de repetição* com pessoas mais velhas. Normalmente esses testes são aplicados por psicolinguistas em crianças de 2 a 5 anos, mas Labov teve uma boa surpresa em sua pesquisa sobre os falantes do vernáculo inglês negro, quando seus informantes não tiveram dificuldade de repetir com precisão frases longas dentro de seu próprio sistema gramatical, mas o mesmo não ocorreu com o inglês padrão, tendo que repetir a frase algumas vezes.

Além desses, existem os *testes antecedentes familiares*, que são trechos gravados de falantes “típicos” e é solicitado que o informante identifique a origem étnica, a raça, a classe social desses falantes.

Em *testes de autoavaliação*, as atitudes dos falantes para com variáveis linguísticas se mostraram bem estabelecidas. Aqui, Labov enfatiza que os informantes respondem de acordo com o que eles acreditam ter prestígio ou ser a mais “correta”, diferente do que os que eles realmente usam no dia a dia. Assim, reforça afirmando que os dados não podem ser interpretados como padrão de fala real das pessoas.

Já nos *testes de correção de sala de aula* são solicitados aos informantes que corrijam as frases que se afastem dos modelos escolares. Mas, segundo Labov (2008), é praticamente impossível obter resultados quando se faz *testes de correção vernacular* (os informantes devem passar das formas prestigiadas para as formas vernaculares não padrão), uma vez que “a influência da situação formal de teste é tamanha que a pessoa não consegue perceber acuradamente as regras não padrão” (LABOV, 2008, p. 249).

Para finalizar, Labov (2008) apresenta os *testes de insegurança linguística*. Afirma que, em toda comunidade, existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiadas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Essas pessoas irão exibir uma alternância estilística maior que aqueles que não reconhecem tais padrões. Nesse teste, há uma lista selecionada de variantes socialmente marcadas, e o informante é indagado sobre qual, dentre duas formas, é a correta e, em seguida, qual delas ele mesmo usava de fato.

No Brasil, encontramos trabalhos que usam os testes de atitudes, avaliações linguísticas para analisar os fenômenos linguísticos. Cyranka (2007), Oliveira (2007), Corbari (2012), Rocha (2012, 2013, 2015), Silva e Aguilera (2014), Oushiro (2015), Da Costa Avelheda, Da Silveira e Souza (2017), Furtado (2017) e Rodrigues (2018) são algumas das pesquisas desenvolvidas, para ilustrar.

Pesquisas feitas na mesma comunidade de fala em estudo, na cidade de Fortaleza, também foram feitas, como a de Furtado (2017) e de Rodrigues (2018). Apesar de não trabalharem com o mesmo fenômeno, os resultados dos testes podem nos ajudar a entender um pouco sobre a nossa comunidade.

Furtado (2017) tem como objetivo descrever e analisar as ocorrências da variação da concordância de número em predicativos do sujeito em falantes na cidade de Fortaleza, com base no *corpus* NOPORFOR (Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). No que diz respeito aos testes de atitudes, Furtado (2017) aplicou o teste de reação subjetiva para 300 alunos de diversos cursos das três áreas de estudo - Ciências Hhumanas, Exatas e Biológicas - da Universidade Federal do Ceará. Com base nesses resultados, a autora busca avaliar como os falantes fortalezenses avaliam o fenômeno variável em estudo. Conclui que, no geral, falantes do sexo feminino tendem a ser mais conservadores em relação ao uso da concordância nominal em predicativos do sujeito. Também observa que o tipo de elocução, formal ou informal, mesmo não tendo sido uma variável selecionada como estatisticamente significativa pelo programa, é relevante como variável prioritariamente para variantes correlacionadas à saliência fônica, como a tonicidade dos itens regulares e processo

morfofonológico de formação de plural. Quanto aos testes de reação subjetiva, a autora percebe que alunos de ciências exatas tendem a ser mais conservadores em relação ao fenômeno em estudo. Por fim, a autora, observa que os testes de reação subjetiva indicam que a falta de concordância de número nos predicativos do sujeito na cidade de Fortaleza é avaliada negativamente, mesmo em situações informais.

Já Rodrigues (2018) estuda a realização variável das fricativas /ʒ/, em ataque silábico, e /z/, em ataque e coda silábicos, como nos exemplos: “[ʒ]á ~ [h]á”, “me[z]mo ~ me[ʒ]mo”, “de[z]de ~ de[ʒ]de”, na cidade de Fortaleza. Em sua pesquisa, utilizou os inquéritos do PORCUFORT (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza), a fim de observar como se dá a realização dessa variável no português culto falado na cidade de Fortaleza-CE. A autora também aplica um teste de atitudes linguísticas de falantes do Português do Brasil sobre a produção aspirada dos fonemas supracitados em 16 informantes, contendo 42 questões, das quais apenas 10 buscavam especificamente as avaliações linguísticas dos participantes diante do fenômeno exemplificado em trechos de inquéritos dos projetos NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), PORCUFORT e da página de Facebook “Suricate Seboso”. As variáveis analisadas constituem características dos participantes do teste: gênero, escolaridade, naturalidade e cidade/estado onde mora atualmente. Segundo Rodrigues (2018), a análise dos dados nos mostrou que os elementos mais bem avaliados foram, para a aspiração de /ʒ/: as imagens do Suricate, as participantes de gênero feminino, os indivíduos sem Ensino Superior e os informantes que residem fora do Nordeste; para a aspiração de /z/: os trechos do PORCUFORT, os participantes de ambos os gêneros, os indivíduos sem Ensino Superior e aqueles que moram fora do Nordeste. Diante desse quadro, a autora conclui que a glotalização das fricativas /ʒ/ e /z/ no falar de Fortaleza ainda é um fenômeno estigmatizado por estar ligado apenas ao plano fonológico, o que dificulta sua implementação no sistema linguístico. No entanto, ressalta que possivelmente o fenômeno permanece na língua como uma variação estável pelo fato de ele ser bastante recorrente no falar culto de Fortaleza e por ter sido relativamente bem avaliado pelos participantes do teste.

Quanto às pesquisas que envolvem as formas de tratamento, até o momento só foram encontradas as de Rocha (2012, 2013, 2015), as quais abordam o uso dos pronomes, ao se dirigir a pais e mães e ao se dirigir a amigos, respectivamente, por falantes de Florianópolis.

Rocha (2012) desenvolve um trabalho (como já abordamos na seção sobre as formas de tratamento) sobre o uso das formas *tu*, *você* e *o senhor* em Florianópolis, usando

tanto um banco oral como testes de atitudes. Os testes foram aplicados a alunos de uma escola de Educação Básica do entorno da UFSC, a acadêmicos de alguns cursos de graduação da UFSC, a alunos do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina/Florianópolis/Campus Continente), a trabalhadores do comércio do centro de Florianópolis, dentre outros.

Obteve, no total, 212 questionários respondidos³⁸, sendo 127 destes de informantes nascidos em Florianópolis ou região metropolitana e moradores desses mesmos lugares e 85 de informantes nascidos em outras cidades e moradores de Florianópolis ou região. No teste aplicado, foram feitas cinco perguntas sobre o uso das formas de tratamento, como veremos a seguir. Tendo em vista que a maioria dos informantes são os nascidos em Florianópolis, apresentamos os resultados dos testes apenas deles.

A primeira pergunta do teste foi: qual forma *você* costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga? Para esta questão obtiveram o seguinte percentual de respostas: 65% respondeu só *tu*; 20% só *você*; 14% *tu e você*; 0% *o senhor*.

A segunda pergunta do teste indagava o informante se ele usava a forma *você* para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Para esta questão, foram as seguintes respostas: 35% uso de *tu*, 31% uso de *o senhor* 18% uso de *tu e você*.

A terceira pergunta do teste indagava: qual forma *você* costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)? Nesta pergunta, tiveram 65% *o senhor*; 17% *tu e você*; 11% só *tu*.

A quarta pergunta foi sobre avaliação linguística e indagava o informante sobre qual dessas formas *você* acha boa ou mais bonita? As opções de resposta eram: i) *tu*, ii) *você*, iii) *senhor/a* e iv) não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima. Os dados dos nativos de Florianópolis mostram que a forma considerada boa ou mais bonita pela maioria dos informantes é *você* (40,1%), seguida de *o senhor* (28%), Não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima (13%), *tu* (11%), *o senhor* (4,72%), *tu e você* (1,57%) e *tu e o senhor* (0,78%).

A quinta pergunta do teste de percepção também era uma questão de avaliação linguística e indagava o informante sobre qual dessas formas *você* acha feia ou ruim? As opções de resposta eram: i) *tu*, ii) *você*, iii) *o senhor* e iv) não acho boa ou mais bonita nenhuma das formas acima. A maioria dos informantes de Florianópolis não acha feia ou ruim nenhuma das formas (60%) e, conforme Ramos (2012), isso significa que não há um julgamento predominantemente negativo sobre as formas *tu*, *você* e *o senhor*.

³⁸ Apresentaremos somente os resultados de Florianópolis.

A autora conclui que esses resultados revelam que os falantes avaliam positivamente a forma *você* e a considera “boa” ou “mais bonita” que as demais formas de segunda pessoa (*tu* e *o senhor*) e, por outro lado, não consideram “feia” ou “ruim” nenhuma dessas formas, embora uma boa parte deles considere o *tu* “feio” ou “ruim”.

Em Rocha (2013), um artigo oriundo de sua tese defendida em 2012, observou-se que, nas relações de assimetria com os pais, os informantes estão divididos entre os que afirmam preferir o uso exclusivo de *tu* e os que afirmam usar somente *o senhor*, além daqueles que usam a forma *você*, confirmando o caráter mais respeitoso e mais distante do *você* e de maior proximidade e intimidade do *tu*, além do caráter mais polido, mais cortês e mais respeitoso de *o senhor*.

A pesquisa de Rocha (2015) analisa a forma que os falantes usam para falar com um amigo. Os resultados apontaram que, nas relações de simetria, os informantes garantem que usam majoritariamente o *tu*, seguido por um baixo percentual de *você* e também por um baixo percentual de uso alternado das duas formas (*tu* e *você*). Esses resultados corroboram os de outras pesquisas com dados empíricos realizados em Florianópolis.

Martins *et al.* (2018) pesquisaram as atitudes linguísticas dos falantes portuenses frente às formas de segunda pessoa do singular em uso, mais especificamente no pronome *tu*, para saber como esse pronome é avaliado, positiva ou negativamente pela comunidade de fala de Porto Nacional - Tocantins. Nessa pesquisa, usam 36 informantes, estratificados de forma homogênea: foram 18 mulheres e 18 homens, com o intervalo de idade entre 18 e 86 anos. Em relação ao nível de escolarização, foram selecionados 12 falantes com ensino fundamental completo e incompleto, 12 com ensino médio completo e 12 com ensino superior completo.

Na primeira proposta, foi solicitado que os informantes falassem sobre as brincadeiras infantis de quando eram crianças. Eles tinham a intenção de fazer com que falassem livremente, sem se preocupar com o estilo formal da língua, ou seja, que utilizassem o seu vernáculo (considerando o entorno comunicativo).

Esse primeiro teste metodológico forneceu, segundo os autores, um material oral muito significativo, principalmente quando foram repassadas as instruções do passo a passo das brincadeiras e das receitas culinárias. Os falantes dialogaram livremente com eles e utilizaram o pronome de segunda pessoa do singular para interagir com os interlocutores presentes nas situações sociocomunicativas, que, na maioria das vezes, não eram somente os entrevistados e os entrevistadores, mas contavam, às vezes, com a presença de amigos, vizinhos, colegas de trabalho e pessoas da família; todos esses sujeitos foram considerados em nossas análises. Conforme Martins *et al.* (2018), a partir das observações desse material oral,

constituído a partir de um método interativo de falar sobre as brincadeiras infantis e receitas culinárias, foram captados trechos significativos para a análise.

Nesse segundo momento, optaram por fazer um teste de produção que consistiu em criar mecanismos que levassem o falante a escolher uma das variantes de segunda pessoa do singular (*tu* ou *você*) para produzir/formular uma pergunta à entrevistadora ou a colegas e familiares presentes durante a realização da entrevista. Foram sugeridas algumas palavras sobre estado civil, profissão, lazer, família e local de origem dos interlocutores. Os autores consideraram que a ideia de trocar os papéis (pesquisadora passa a ser entrevistada pelos participantes) foi uma excelente estratégia que repercutiu na seleção de relevantes fatores cognitivos, já que o uso da segunda pessoa do singular foi imprescindível.

No terceiro momento, foi aplicado um questionário baseado no questionário de Rocha (2013), no qual os pesquisadores fazem as seguintes perguntas:

- a) Qual a forma de segunda pessoa do singular costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga? Tu/você/ocê/cê?
- b) Qual forma costuma usar para dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Tu/você/ocê/cê?
- c) Qual forma costuma usar para se dirigir a alguém superior (patrão/patroá, por exemplo)? Tu/você/ocê/cê?
- d) Qual dessas formas acha mais bonita? Tu/você/ocê/cê?
- e) Qual dessas formas acha feia ou ruim? Tu/você/ocê/cê?

No quarto momento, foi perguntado aos falantes sobre os endereços de restaurantes, pontos turísticos, tais como: Catedral, Praça Centenário, Praia etc. O objetivo dessa última situação discursiva consistiu em verificar se os falantes continuaram ou não usando a mesma variante utilizada no início da situação discursiva.

Como resultado de sua pesquisa, conforme Martins *et al.* (2018), alguns falantes com ensino superior afirmam achar o pronome *tu* bonito; entretanto, julgaram ser difícil utilizá-lo, por causa da conjugação do verbo relacionado ao pronome *tu*, optando pela variante *você e cê*, por ser mais fácil a flexão verbal de terceira pessoa do singular.

Os autores evidenciaram uma avaliação positiva dos falantes de nível superior, ao contrário, os falantes do ensino médio e ensino fundamental avaliaram de forma negativa o pronome *tu*.

Em nossa pesquisa, pretendemos fazer, assim como Rocha (2012, 2013, 2015) e Martins *et al.* (2018), um teste de percepção, a fim de observarmos se os falantes usam o pronome *tu*, qual é o pronome de segunda pessoa do singular que os portuenses utilizam ou

afirmam usar para se dirigirem aos seus interlocutores, como avaliam o seu uso na língua portuguesa.

6.3 SÍNTESE DA SEÇÃO

Essa seção apresentou os estudos que utilizaram as atitudes linguísticas e avaliações linguísticas para analisar seu fenômeno linguístico. Descrevemos os estudos de Furtado (2017) e Rodrigues (2018), tendo em vista que as pesquisas abordam a mesma comunidade de fala, Fortaleza, bem como os estudos de Rocha (2012, 2013, 2015) e Martins *et al.* (2018), por tratarem do mesmo fenômeno linguístico, o que nos auxiliou em nossa pesquisa, o uso dos pronomes de segunda pessoa.

7 METODOLOGIA

7.1 LINHAS INICIAIS

Nesta seção, apresentamos como se desenvolveu a pesquisa do ponto de vista metodológico. Mostramos o tipo de pesquisa, bem como os *corpora* e as amostras selecionadas. Também discorremos sobre as variáveis dependentes e independentes controladas em nosso trabalho, a comunidade de fala estudada, o procedimento e a análise estatística.

7.2 TIPO DE PESQUISA

Nossa pesquisa é de natureza quali-quantitativa, e como em toda pesquisa variacionista, apesar de o estudo ser quantitativo, o objetivo final não é produzir números, e sim identificar e explicar fenômenos linguísticos, e, no nosso caso, explicar como atuam os pronomes de segunda pessoa, *tu* e *você*, no falar de Fortaleza a partir de amostras do PORCUFORT. Além disso, elaboramos e aplicamos um teste de atitudes para observarmos o que pensam os falantes fortalezenses sobre o uso dos pronomes.

Nossa pesquisa trata-se de uma descrição linguística sob a perspectiva da sociolinguística variacionista e torna-se evidente contar com uma amostra significativa, como Guy e Zilles (2007, p. 19) informam que “devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos; conseqüentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação de dados, e a interpretação e inferência”. Desse modo, para identificar e explicar os fenômenos linguísticos do ponto de vista sociovariacionista, é preciso descrevê-lo e quantificá-lo.

7.3 O *CORPUS* PORCUFORT E A NOSSA AMOSTRA

Utilizamos neste trabalho os inquéritos do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (doravante PORCUFORT). O PORCUFORT é um banco de dados constituído por 72 informantes, o qual foi coordenado pelo prof. Dr. José Lemos Monteiro, no período de 1993 a 1995, e teve a colaboração de três alunas bolsistas (Aluiza Alves de Araújo, Cristiane Ferreira de Souza e Kátia Cilene David da Silva) do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Ceará. Foi desenvolvido utilizando técnicas e métodos baseados naqueles que nortearam o Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta do Brasil), e,

assim como no NURC, todos os informantes desse projeto tinham o nível superior completo. A amostra está estratificada de acordo com o sexo/gênero³⁹, a faixa etária e o tipo de registro e tinha o objetivo de organizar um banco de dados da variedade urbana culta da língua portuguesa falada pelos fortalezenses. Este banco encontra-se totalmente transcrito e digitalizado. Até o presente momento, o PORCUFORT vem sendo o banco de dados utilizado como fonte de dados sobre a norma culta oral de Fortaleza (ARAÚJO, 2011).

Os informantes desse *corpus* foram estratificados de acordo com o sexo/gênero, a faixa etária e o tipo de registro, com as seguintes características:

- i) são indivíduos nascidos em Fortaleza ou cearenses que vieram para esta capital com até 5 anos de idade;
- ii) pouco se afastaram desta capital, mas sempre que o fizeram foi por um período nunca superior a dois anos seguidos;
- iii) possuem residência fixa em Fortaleza;
- iv) possuem pais cearenses;
- v) possuem nível superior.

Quanto à amostra que selecionamos do PORCUFORT para este estudo, decidimos controlar as variáveis sexo/gênero (homem e mulher) e faixa etária (22 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos em diante). Cada célula terá 3 informantes, como mostra o Quadro 4, abaixo.

Quadro 4 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra

Gênero/Sexo Idade	Homem	Mulher
22 a 35 anos	03	03
36 a 55 anos	03	03
56 em diante	03	03
Total	09	09

Fonte: Elaboração da autora.

No total, temos 18 informantes. No Quadro 5, trazemos a descrição dos informantes do PORCUFORT, informando o número do inquérito que cada um participou, bem como o sexo/gênero, a idade e a profissão na época da gravação. Para a elaboração deste quadro, consultamos as fichas dos informantes que se encontram hoje sob a guarda da Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, assim como o próprio banco de dados.

³⁹ O PORCUFORT usa o termo sexo (biológico), não o distinguindo do gênero (social).

Quadro 5 - Distribuição dos informantes da nossa amostra por número do inquérito sexo/gênero, idade e área de formação no PORCUFORT

Inquérito	Sexo/gênero	Idade	Área de formação
02	Mulher	23 anos	Graduada em Arquitetura e Urbanismo
07	Mulher	26 anos	Graduada em Psicologia
07	Mulher	47 anos	Graduada em Pedagogia
11	Homem	70 anos	Graduada em Medicina veterinária
16	Mulher	37 anos	Graduada em Letras
28	Homem	35 anos	Graduado em Geografia
30	Homem	40 anos	Graduado em História
30	Mulher	31 anos	Graduada em Administração
33	Mulher	69 anos	Graduada em Filosofia e Teologia
33	Mulher	54 anos	Graduada em Pedagogia e Teologia
34	Homem	41 anos	Graduado em Educação Física
34	Homem	25 anos	Graduado em Ciências
39	Mulher	66 anos	Graduada em Pedagogia
39	Mulher	62 anos	Graduada em Letras
45	Homem	50 anos	Graduado em Engenharia Química
47	Homem	27 anos	Graduado em Letras
47	Homem	64 anos	Graduado em Letras e direito
48	Homem	71 anos	Graduado em Letras Anglo-Germânicas

Fonte: Elaboração da autora.

Quanto ao tipo de registro selecionado, escolhemos o D2 (Diálogo entre Dois Informantes) por ser o que apresenta menor grau de monitoramento estilístico e em que os informantes se mostram mais à vontade, para que se tenha uma fala mais espontânea. Tal fato se dá por esse registro ser realizado por informantes que, obrigatoriamente, possuíam um elevado grau de intimidade, já que todos deveriam ser amigos de longa data ou familiares próximos.

As pesquisas realizadas com entrevistas labovianas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), apesar de já terem fornecido material relevante para estudos sociolinguísticos, não auxiliariam muito em pesquisas como a nossa, por dois

motivos: primeiro, analisamos o informante e não o documentador - nessas entrevistas, quem mais utiliza as formas de segunda pessoa são os documentadores, os informantes utilizam bem menos e, muitas vezes, são influenciados pelo pronome que dito pelos documentadores. Outra questão é que, nessas entrevistas, muitas vezes, os próprios documentadores indicam a forma de tratamento que será utilizada.

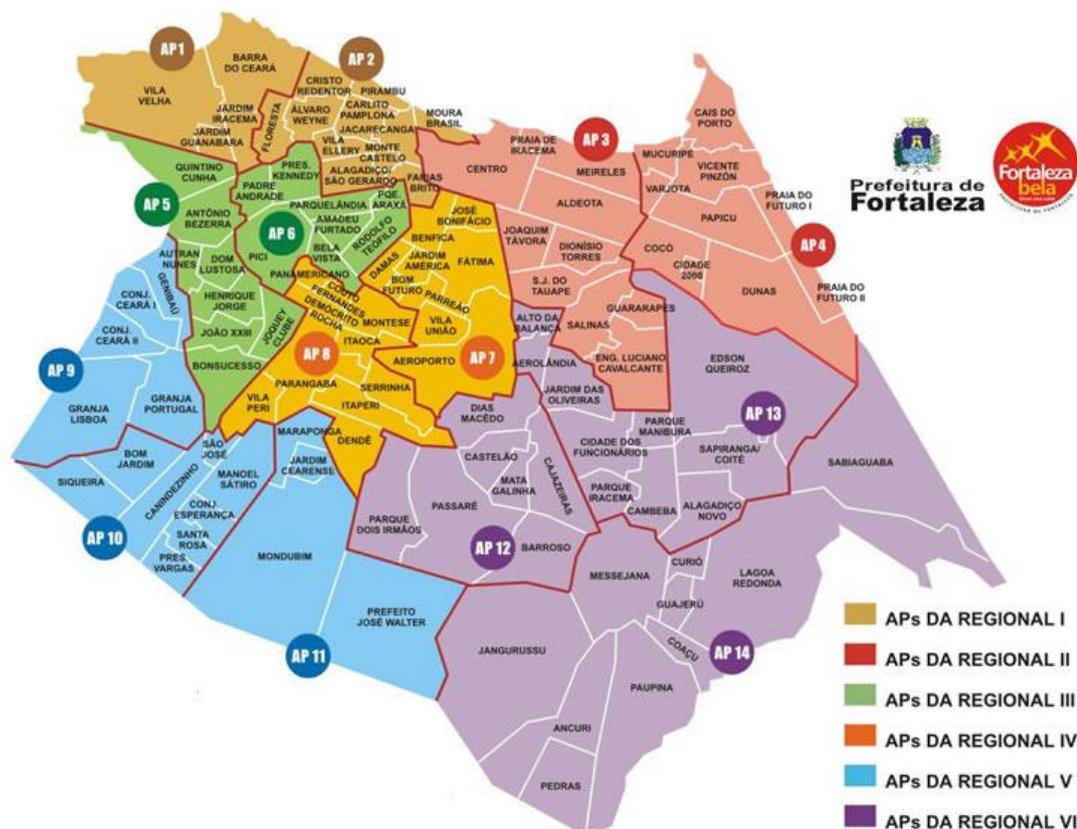
Portanto, o uso de Diálogos entre Dois Informantes (D2) seria uma boa alternativa para se observar a presença das formas de tratamento, pois, por se tratar de uma conversa entre duas pessoas que se conhecem, as formas de tratamento apareceriam com mais frequência, uma vez que nossa variável dependente (*tu e você*) trata-se de um marcador. Além disso, os dois informantes escolhem quando e onde será feita a gravação, para que haja o maior conforto entre os informantes, facilitando ainda mais o baixo monitoramento.

Segundo Labov (2008), variantes deste tipo apresentam tanto estratificação estilística quanto estratificação social. Apesar de estarem abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva. Assim, é necessário um registro que tenha menor monitoramento, para que o informante produza a forma de tratamento de forma que não seja induzido pela gravação.

7.4 COMUNIDADE DE FALA ANALISADA: FORTALEZA

Fortaleza é capital do Ceará, situado no Nordeste brasileiro. A capital é vizinha dos municípios de Caucaia, Eusébio, Maracanaú, Pacatuba, Itaitinga, Aquiraz e São Gonçalo do Amarante. Seu território se estende por 314,9 km², contando com 2.452.185 habitantes no censo de 2018 e tendo a população estimada em 2.643.247. A densidade demográfica é de 7 786,44 habitantes por km² no território do município. Com base nos dados do Censo Demográfico, realizado em 2018, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fortaleza possui 114 bairros, nos quais estão presentes as evidências das disparidades de renda e suas repercussões no nível educacional, reflexo do sistema político-econômico dominante. A divisão geopolítica do município em regionais (Secretarias Executivas Regionais) e bairros é mostrada na Figura 3.

Figura 3 - Mapa de Fortaleza dividida em seis regionais e 114 bairros



Fonte: Blog Z: notícias, eventos e esportes (2019)⁴⁰.

Na Figura 3, podemos visualizar a divisão da cidade de Fortaleza em 6 regionais, bem como os municípios que fazem fronteira.

7.5 CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO

Para conhecermos um pouco sobre quem são nossos informantes, achamos viável explicar, antes de tudo, sobre o momento histórico da época em que foram entrevistados. Isso nos ajudará a contextualizar melhor tanto a cidade como também seus falantes. Para tanto, discorreremos sobre as questões socioeconômicas da década de 90, período em que foi constituído o *corpus* com o qual trabalhamos.

A construção do banco de dados PORCUFORT se deu entre os anos de 1993 e 1995, período em que o Brasil passava por grandes transformações socioeconômicas e

⁴⁰ Disponível em: <<http://zefilhoeres.blogspot.com/2011/10/fortaleza-agora-e-capital-do-nordeste.html>>. Acesso em: 1º mar. 2019.

políticas. Por esta razão, acreditamos que é relevante dedicar uma seção para descrever este cenário, uma vez que tais informações refletem nas conversas gravadas em nossa amostra.

No cenário político da época, Fernando Collor de Melo foi eleito para presidente nas eleições de 1989, as primeiras eleições diretas para presidente desde 1960. Ele derrotou candidatos como Luiz Inácio Lula da Silva, Leonel Brizola e Mário Covas.

O governo Collor foi iniciado em março de 1990. O então presidente estabeleceu medidas econômicas radicais, o chamado Brasil Novo ou Plano Collor, para tentar combater um dos principais problemas da economia do país: a inflação, que na época chegava a 1700% ao ano (para efeito de comparação, nos últimos anos ela não passou dos 7% ao ano)⁴¹. A principal dessas medidas foi o confisco das poupanças por um período de 18 meses, a qual foi estabelecida por meio de medida provisória. A ideia tinha como meta diminuir a quantidade de moeda em circulação, fazendo com que as pessoas comprassem menos, assim a demanda diminuiria e, conseqüentemente, os preços, o que faria a inflação cair, de modo a preservar o poder de compra da população (ROMÃO, 2003).

No entanto, a estratégia adotada pelo presidente não funcionou, e a inflação continuou, deixando a população insatisfeita. Para piorar o cenário, em 1991, surgiram denúncias de corrupção, envolvendo pessoas próximas a Collor, como a sua esposa, Rosane Collor. Em 1992, o presidente sofreu um processo de *impeachment*, sendo retirado do cargo de presidente. Quem assumiu seu lugar foi o vice-presidente, Itamar Franco, para concluir o mandato até o ano de 1994. Tinha como objetivo recuperar a confiança da sociedade e implementar um novo plano de estabilização econômica. O Plano Real, que consistia em combater a inflação por meio da dolarização da economia⁴² e do engrandecimento da moeda nacional, foi elaborado por um grupo de economistas, liderado pelo, então, ministro da fazenda, Fernando Henrique Cardoso. O sucesso do Plano Real levou Fernando Henrique Cardoso a vencer as eleições de 1994.

Toda essa turbulência de acontecimentos no Brasil causava impactos em todos os estados, inclusive no Ceará. Durante os anos 1990, o poder público desempenhou papel de relevo na estruturação e reestruturação urbana de Fortaleza. Na gestão do governador Ciro Gomes (1991-94), desenvolveu-se o Projeto Sanear em Fortaleza, ampliando a rede de esgotos e contribuindo para diminuir um dos mais graves problemas na cidade.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.politize.com.br/impeachment-collor-porque-sofreu/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

⁴² Série de medidas econômicas assumidas por um país que têm como característica principal a substituição da moeda nacional ou o estabelecimento do dólar como referência nas transações comerciais.

Na capital cearense, o prefeito era Juracy Magalhães (1990 a 1993), e a cidade passava por intensas transformações na ocupação e organização do espaço físico, implementando ações promocionais e normativas. Juracy centrou suas ações na construção de grandes obras, como o Aterro da Praia de Iracema, a reforma na Praça do Ferreira, a urbanização da Praia do Futuro, a criação do sistema integrado de ônibus; asfaltamento, abertura e alargamento de vias, como a avenida Domingos Olímpio e Leste-Oeste, a construção da ponte sobre o Rio Ceará e o novo Mercado Central (BRUNO; FARIAS, 2012).

Durante o ano de 1992, foi aprovado o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), o qual estabeleceu um conjunto de normas e diretrizes no que diz respeito à ocupação e expansão da área urbana. No que tange à estrutura urbana, com intuito de preservar o patrimônio cultural e combater a especulação imobiliária, dentre outros objetivos, Fortaleza passou a ser dividida em macrozonas (urbanizada, adensada e de transição), microzonas e zonas especiais, além da instituição do bairro como unidade de referência principal para o planejamento urbano. Foram definidas também as zonas de urbanização prioritárias, em função da sua localização acesso e estrutura, que tendem a possuir alta densidade das atividades na macrozona urbanizada e adensável⁴³.

Quanto ao ensino superior, a partir da década de 90, sofreu um processo de deterioração acentuada. Houve uma imediata diminuição dos investimentos públicos em educação em todos os níveis devido ao ajuste fiscal prolongado, resquícios de décadas anteriores. Resultado: impedimento da expansão e sucateamento das universidades federais já existentes (BRASIL, 2004/2006). Paralelo a isso, a rápida expansão do ensino médio aumentou a pressão para o acesso ao ensino superior, ocasionou um processo desordenado da rede privada, promovendo novas possibilidades de acesso ao ensino superior. Apesar desse aumento das instituições privadas de ensino superior, as públicas continuavam sendo as principais promotoras da qualificação docente nos níveis de mestrado e doutorado, uma vez que as instituições privadas se dedicavam somente ao ensino.

Segundo Almeida (2017), um outro fator relevante era que, nessa década, os jovens de idade entre 18 e 24 anos estavam matriculados em outros níveis de ensino que não o superior. Isso quer dizer que os indivíduos em idade escolar universitária estavam cursando ainda o ensino fundamental ou médio. Assim, boa parte dos possíveis candidatos ao ingresso no ensino superior ainda não tinham os requisitos necessários para ingressar na universidade.

⁴³ FORTALEZA EM FOTOS. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/01/fortaleza-e-os-anos-90.html>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

Nos primeiros anos da década de 90, o sistema ainda permaneceu praticamente estagnado - de 1990 a 1993 cresceu apenas 3,5%. Os sinais de recuperação só apareceram após 1994. As matrículas aumentaram em parte pela expansão do ensino médio, acelerada nos últimos anos, e pela pressão de uma clientela de adultos já integrados no mercado de trabalho, que procura as instituições de ensino superior para melhorar suas chances profissionais com a obtenção de um grau acadêmico (MARTINS, 2000).

No Ceará, as IES privadas respondiam por apenas 3,1% das matrículas em 2002, atingindo o patamar de 22,4% em 2012 e eram inexistentes em 2002 as matrículas em IES federais no interior (BITTENCOURT *et al.*, 2014, p. 307-308). Tal dado apresenta a dificuldade de entrar na faculdade, uma vez que se limitava a concorrer a poucas universidades. Assim, era conferido um status social ao indivíduo que possuísse o diploma de nível superior.

Vale ainda expor a queda do poder aquisitivo da classe média e que quem estudava nas instituições públicas eram aqueles que tinham mais privilégios, fazendo com que houvesse uma alta disputa por vaga, o que não ocorria nas privadas, já que nem preenchiam seu quadro discente (MARTINS, 2000).

Foi nesse cenário político que aconteceram as primeiras gravações do Projeto PORCUFORT, realizadas apenas com indivíduos com nível superior completo. Este percurso histórico torna-se relevante apresentar para que possamos entender o porquê de tantas conversas girarem em torno de temas relacionados à política e à economia. Em vista disso, ressaltamos a importância deste banco de dados, não apenas como fonte de material para pesquisas sociodialetais, mas também como documento histórico de um período importante da nossa trajetória.

De posse dessas informações sobre o contexto vivido pela população fortalezense em 1993 a 1995 (período em que o PORCUFORT foi elaborado), apresentaremos as variáveis que compuseram a nossa pesquisa.

7.6 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Após termos explanados sobre o contexto em que foi feito as gravações do PORCUFORT, seguiremos mostrando as variáveis controladas nesse trabalho. Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas tanto a variável dependente, como as variáveis independentes, que foram divididas em variáveis linguísticas, sociais e estilísticas.

7.6.1 Variável dependente

A variável dependente é uma variável binária, a variação pronominal de 2ª pessoa, sendo que as suas variantes são as formas de tratamento pronominais *tu/você* na função de sujeito.

7.6.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes selecionadas estão baseadas na literatura e as separamos em três tipos: em linguísticas, sociais e estilísticas:

7.6.2.1 Variáveis linguísticas

a) Tipo de referente

Essa variável se refere à forma como o pronome é usado: se de forma específica, referindo-se diretamente ao interlocutor, ou de forma genérica, para se referir a qualquer pessoa.

Alguns trabalhos apontam que esse fator tem relevância para o estudo da alternância entre *tu x você*, como os de Guimarães (2014), Franceschini (2010) e Oliveira (2007; 2005). No nosso estudo, analisamos tanto o pronome com referente determinado quanto o com referente indeterminado. O referente é indeterminado quando ele se refere ao “grupo”, ou seja, é usado de forma genérica.

- genérico: entende-se por forma genérica aquela que não é exclusiva para aquela pessoa com quem está se falando.

- (01) Inf. 1 - tá entendendo? e com um vidro... TAL... que você não possa ver dentro... eu acho que sei lá... tipo () num sei comé que eles chamam não eu vou falar com o cara da esquadria porque por exemplo nesse banheiro aqui... porque meu apartamento é aqui digamo {certo (Inq. 02)}

- específico: entende-se por referente específico aquele pronome destinado à própria pessoa com quem se fala.

- (02) Inf. 1 - tu tá entendendo?... porque num VAI construir nada aqui {aqui na frente (Inq. 02)}

b) Paralelismo formal

Paralelismo formal é a repetição de uma forma linguística. Marcuschi (1996) considera que a repetição constitui uma estratégia central da oralidade e sua hipótese é que os padrões sintáticos na fala estariam em íntima relação com os padrões interacionais de tal forma que propriedades sintáticas de superfície seriam controladas em níveis discursivos.

Scherre (1998) afirma que a própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente, no nosso caso o uso do *tu* e *você*, no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas.

Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como paralelismo linguístico, denominação assumida neste texto. Embora esta variável tenha um efeito uniforme e geral – candidata a universal de uso e processamento linguístico (cf. SCHERRE; NARO, 1991) –, sua interpretação ainda tem sido bastante diversificada (SCHERRE, 1998, p. 30).

O paralelismo formal foi apontado por alguns estudos como fator linguístico de maior relevância nos estudos variacionistas de alternância pronominal, como foi constatado nas pesquisas de: Santos (2012), Martins (2010), Zilli (2009), Oliveira (2005, 2007), Lucca (2005) e Orlandi (2004). Esse grupo de fatores consiste em apontar se os pronomes de segunda pessoa tendem a se repetir durante a fala no mesmo turno. Será dividido em:

- com paralelismo- primeiro da série;

(03) Inf. 1- não o fox
NÃO mas você vai ouvir essa música que eu tô citando... você vai ter a oportunidade de ouvir viu?... mas é bonito viu?... SÓ o título... Tudo cabe num beijo... oh que... beleza né?... (Inq. 48)

- com paralelismo - não primeiro da série

(04) Inf. 1- não o fox
NÃO mas **você** vai ouvir essa música que eu tô citando... você vai ter a oportunidade de ouvir viu?... mas é bonito viu?... SÓ o título... Tudo cabe num beijo... oh que... beleza né?... (Inq. 48)

- forma de tratamento isolada

- (05) Inf. 1 - aí... **você** num precisa ganhar o presente em si... a gente faz várias vezes aí abre... desemBRUIha ... aí tem uma menSAGEM ou tem uma perGUNta... a gente faz umas quatro embrulho ou cinco só pra participar MAS e a cesta a pessoa ganha... uma caixa de chocolate?... (Inq. 07)

c) Entonação frasal

No estudo de Dias (2007) e de Assunção e Almeida (2008), foi apontado como fator de relevância o tipo de estrutura da frase, se afirmativa, exclamativa ou interrogativa. Já Andrade (2010), em sua pesquisa em Brasília, optou por estudar o tipo de entonação, se interrogativa ou não interrogativa. Segundo a autora, o motivo se deu por, muitas vezes, não conseguir distinguir a exclamativa da declarativa. O mesmo fez Guimarães (2014) e, em seu trabalho, esta variável foi a primeira a ser selecionada pelo programa. Dessa forma, decidimos, assim como Andrade (2010) e Guimarães (2014), analisar os subfatores abaixo:

- não interrogativa (declarativa/exclamativa)

- (06) Inf. 2 - se **você** quiser trocar o TRINco numa porta...{o mundo se acaba (Inq.02)

- interrogativa

- (07) Inf. 1 - ...aí pronto... aí tem:: esse negócio... agora o que é que **tu** achou da fachada? **tu** acha que vai ficar legal?... (Inq. 02)

d) Tipo de relato:

Em alguns estudos, o tipo de relato aparece como relevante, como o de Lucca (2005). No trabalho de Guimarães (2014), essa variável se mostrou relevante principalmente quando se analisa *o senhor e você*. É dividida em:

- relatos da própria pessoa (relato original)

- (08) Inf. 1 - ...SeGUNdo que eu terminei o projeto inTEIro pra ele chegar e muDAR... o TAL do pavimento em pilotis o pavimento lá emBAIXo todii::nho... agora... **tu** manca pra apagar nanquim?... (Inq. 02)

- relatos retomados pelo interlocutor (relato reportado).

- (09) Inf. 1 – M. é a empregada da vó... "Cíntia telefone"... aí eu PÁ... aqui BEM do lado né? passei o telefone pro QUARto... "ALÔ" quando eu vi é o P. () "C. tava tava dormindo?" aí eu disse "TAVA"... "dá pra **tu** vim trabalhar?" tive nem reação... eu tive nem reação {de inventar uma (02)

e) Polaridade da sentença: afirmativa e negativa

Adotamos o termo polaridade que designa um campo de tensão gradual que se move entre dois pontos de configuração da informação sentencial: polaridade negativa e

positiva, conforme Lima-Hernandes e Barroso (2007). Esse termo já foi adotado por vários pesquisadores, como Seixa e Alkmim (2012), Souza, Gritti e Oliveira (2008), Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2006), os quais procuraram estudar a polaridade negativa.

Nos trabalhos dos pronomes de segunda pessoa, encontramos o de Guimarães (2014) e o de Andrade (2010) que controlaram a polaridade da sentença por meio dos fatores: afirmativa *versus* negativa. Com base nisso, testaremos as seguintes variantes:

- afirmativa

- (10) Inf. 1 - porque se **você** der uma RAta minha filha é pra vida toda... é pra vida vida toda se a criatura lhe ver... A vida toda to{da vai (Inq. 02)

- negativa

- (11) Inf. 2 - aí **você** num disse não (Inq. 07)

7.6.2.2 Variáveis estilísticas

Dentre os grupos de fatores estilísticos, serão estudadas quatro variáveis.

a) Sequência discursiva

Apesar de não haver estudos sobre os pronomes que analisam essa variável, decidimos observar qual o seu efeito sobre os pronomes em análise. Bezerra defini sequência discursiva como

Unidades linguístico-textuais básicas (prototípicas) que fazem parte da constituição dos gêneros textuais, contribuindo para se identificar um gênero que se estrutura com predominância de forma narrativa ou argumentativa, por exemplo. Ou seja, são formas linguísticas organizadas que constituem a estrutura composicional de um gênero, sendo, por isso, mais estáveis e menos suscetíveis a alterações por influência de fatores sociais (BEZERRA, on-line).

Para Adam (2008, p. 204), uma sequência discursiva é uma rede relacional hierárquica, ou seja:

uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem; uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto).

Adam (2008) afirma que a teoria das sequências textuais representa uma contrapartida em relação à generalidade das tipologias de textos. Propõe cinco tipos de

sequências (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal) que se constituem em esquemas textuais que foram memorizados e são reconhecidos pelos sujeitos nos processos de produção e recepção de textos.

Baseamo-nos no modelo de Adam (2008), em que o autor apresenta cinco sequências textuais, explicativa, narrativa, descritiva, argumentativa e dialogal. Segundo Görski e Valle (2014, p. 87), “essas sequências são concebidas pelo autor como um recurso cognitivo, definidas como uma rede relacional hierárquica e uma entidade relativamente autônoma, sendo atualizadas na superfície textual mediante exigências pragmáticas”.

Narrativa: o relato verbal de um fato ou de uma história no passado. É a exposição de fatos por meio de ações (cujo papel do agente é essencial) e de eventos (efeito de causas em que o agente não intervém). Sua estrutura de base é constituída por cinco macroproposições ou momentos: uma situação inicial; um desencadeador ou nó; uma re-ação ou avaliação; um desenlace ou resolução e uma situação final.

Descritiva: trecho de um fato, um objeto ou uma pessoa são expostos e descritos detalhadamente em suas peculiaridades e contornos. Em sua composição textual, temos operações de tematização: de ancoragem (denominação inicial do objeto); de ancoragem diferida (em que a denominação do objeto só aparece no final da sequência) e de retematização ou reformulação (nova denominação do objeto, finalizando a sequência).

Argumentação: o trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende seus pontos de vista. Normalmente é introduzido com o “Eu acho...”. É a ação de demonstrar, justificar ou de refutar uma tese ou argumentos, por meio de conhecimentos colocados, com o objetivo de convencer o interlocutor.

Dialogal: o trecho de pelo menos duas perguntas e duas respostas curtas sobre determinado assunto. Nessa sequência discursiva, incluímos também os marcadores conversacionais⁴⁴. Em outras palavras, produzidos por dois interlocutores por meio de intercâmbios, que, ao se combinarem no evento da interação, constituem as sequências. Sua estrutura canônica é composta por pergunta, resposta e avaliação e, em torno desse núcleo transacional, podem haver sequências fáticas de abertura e fechamento.

Explicativa: trechos com a descrição didática das etapas necessárias à realização de alguma tarefa, por exemplo, uma receita culinária, uma explicação de como fazer algo.

⁴⁴ Utilizaremos a definição de marcadores discursivos de Rost Snichelotto (2008, p. 51), uma vez que a autora afirma que, embora o estudo dos marcadores se constitua terreno heterogêneo, a literatura permite-nos vislumbrar algumas similaridades: MDs são ‘expressões que relacionam segmentos discursivos’ (SCHIFFRIN, 1987; FRASER, 1999, p. 193) e articulam diferentes valores semântico-pragmáticos: ‘tanto de caráter textual, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala’ (GÖRSKI; ROST; DAL MAGO, 2004).

Consideramos receita as respostas do tipo “Como se faz para”. É um segmento curto, formado por proposições, em que se combina um SE (introdutor de um problema) com É QUE ou É PORQUE (introdutor de explicação), cuja função é transformar um estado de conhecimento. Sua estrutura esquemática é composta por: uma esquematização inicial destinada a introduzir o objeto problemático; a questão ou problema; a explicação ou resposta e, por último, a ratificação - avaliação.

É importante dizer que, em geral, podemos encontrar algumas dessas sequências, concomitantemente, nos textos, o que contribui para que se use o termo sequências textuais, indicando-se que há partes composicionais diversas que entram na organização do texto.

Dessa forma, em uma crônica, por exemplo, podemos encontrar uma sequência narrativa (as ações que ocorrem no decorrer do texto), uma sequência dialogal (as conversas dos personagens), uma sequência descritiva (ao descrever um local ou um personagem). Apresenta uma predominante, mas não impossibilita que estejam outras sequências presentes no mesmo texto. No nosso caso, o predomínio será dialogal, mas esperamos encontrar outras sequências, principalmente a narrativa, uma vez que acreditamos que os informantes se valham de histórias para prosseguir na interação.

b) Tópico discursivo:

Freitag (2014) aponta que analisar somente as sequências, podemos deixar de lado dados pertinentes. Além disso, nas pesquisas de Dias (2007) e Guimarães (2014), este grupo foi considerado relevante, por isso decidimos incorporá-lo as nossas variáveis. Esperamos que, assim como nesses trabalhos, os assuntos de maior intimidade, como brincadeiras, conversas casuais, recordações (da infância, juventude) sejam selecionadas como favorecedoras do pronome *tu*, bem como conversas de tom mais sérios sejam para o *ocê*.

Labov (2001) apresenta um modelo de análise de estilos de fala na entrevista sociolinguística denominado Árvore de Decisão – The Decision Tree (LABOV, 2001, p. 84). Essa árvore assume o modelo mais reduzido de entrevista, contando somente com a dinâmica conversacional, sendo esperada a sua aplicação para identificar estilos de fala na entrevista (ou seja, para depois que a entrevista estiver pronta).

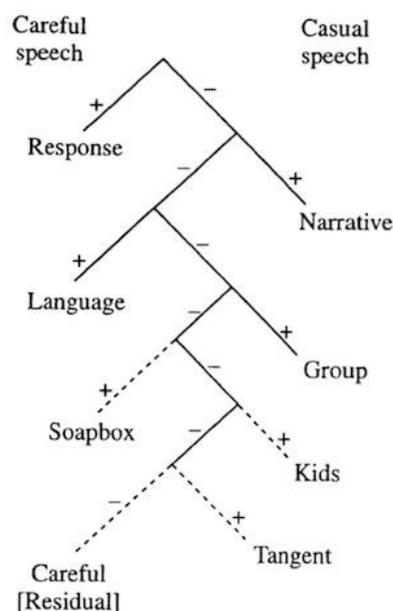
No modelo da Árvore de Decisão, cada classe estilística da fala espontânea (fala monitorada ou casual) está descrita em termos de contextos estilísticos específicos, que correspondem a ocasiões particulares dentro da entrevista que induzem o entrevistado a desenvolver determinado estilo de fala previsto. Esse modelo compreende oito contextos

estilísticos, sendo quatro contextos para a fala monitorada e quatro contextos para a fala casual.

A fala cuidada, para a árvore de decisão, é definida como o corpo principal das trocas conversacionais entre entrevistador e sujeito (entrevistado), em um situação social de entrevista – gênero no qual o entrevistador faz perguntas e obtém como resposta um embrião de perfil biográfico do sujeito (e não como a repetição de um mesmo segmento ou leitura de palavras) (FREITAG, 2014, p. 131).

Freitag (2014) finaliza afirmando que a árvore de decisão é um “aprimoramento de um protocolo de segmentação baseado em pistas contextuais”, e sua organização é feita de ordem decrescente de objetividade, como podemos ver na Figura 4.

Figura 4 - Árvore de decisão



Fonte: Labov (2001).

Cada ponto da árvore mantém um critério de decisão, regra que define se um trecho de fala espontânea corresponde (ou não) ao seu contexto estilístico respectivo. Para a fala casual, são estabelecidos os seguintes contextos estilísticos, a saber:

***Narrative* (Narrativa):** compreende os trechos de fala veiculados através das narrativas orais de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, 1997);

Group (Grupo): fala direcionada a outros interlocutores que, além do entrevistador, porventura estejam presentes na situação de conversação da entrevista;

Kids (Infância): relatos sobre jogos ou experiências de infância, enunciados explicitamente em primeira pessoa;

Tangent (Digressão): fala evasiva, que desvia do último tópico estabelecido pelo entrevistador e é mantida em seu curso somente por interesse do entrevistado.

Já para a fala monitorada, os contextos estilísticos são:

Response (Resposta): primeiro trecho de fala espontânea que segue a pergunta do entrevistador, seja qual for a produção (por exemplo, uma narrativa, uma opinião, etc.). Corresponde a uma sentença que veicula mais do que um feedback ou um eco da fala do entrevistador;

Language (Língua): trechos que tratam de aspectos linguísticos, incluindo atitudes a respeito da língua;

Soapbox (Opinião genérica): opinião de caráter geral, não restrita ao interlocutor-entrevistador, mas expressa como se fosse para uma audiência mais ampla. Fala marcada pela repetição e pela elevação do seu nível de intensidade (volume);

Residual (Residual): último contexto estilístico da árvore de decisão, compreende todos os trechos de fala não classificados nos outros contextos.

Eckert (2001) critica o modelo da árvore de decisão, ressaltando a mistura de critérios de natureza diversa para definir a fala cuidada: a categoria resposta é definida em função da posição e do tópico discursivo discorrido; as categorias língua e infância são definidas pela identificação do tópico discursivo discorrido; as categorias *soapbox* e narrativas referem-se à sequência discursiva (*soapbox* também apresenta indícios de mudança de audiência); por fim, a categoria grupo é definida exclusivamente em função da audiência.

Baugh (2001) também discute a árvore de decisão de Labov e sugere *a priori* que os contextos não sejam identificados como formais ou informais. Além disso, propõe uma adaptação do modelo de modo que contemple, em casa um dos oito ramos, uma dimensão gradiente de informalidade/formalidade.

Schilling-Estes (2007) e Eckert (2001) defendem uma abordagem multidimensional da variação estilística. Para isso, deve-se levar em conta a audiência e o tópico, por exemplo.

A autora [Eckert] ressalta a pertinência da busca não só do *como* as pessoas usam recursos estilísticos mas do *porquê* – quais os significados que as variantes carregam e que funções desempenham no discurso corrente, salientando que as entrevistas

sociolinguísticas são reveladoras de traços de identidade (GÖRSKI; VALLE, 2014, p. 85).

Valendo-se da proposta de Labov (2001), adaptações podem tornar relevante essa variável. Freitag (2014, p. 136) expõe que o tópico discursivo pode “balizar a extensão/escopo das sequências discursivas, assim como dar pistas do que são contextos de fala mais ou menos cuidada.”. A autora informa que o escopo do assunto não é uma tarefa fácil e que se deve ter um controle rigoroso, e que não se pode definir previamente, nem definir que um assunto é complexo em relação a outro, uma vez que depende do contato do falante com aquele assunto. Economia brasileira pode ser um assunto complexo para a maioria dos brasileiros, mas não para um economista ou mesmo para aquele que se interessa pelo assunto.

Assim, os assuntos foram desenvolvidos no decorrer da codificação. Seleccionamos no total 10 tópicos discursivos que foram bem recorrentes em nossos dados, a saber:

- a) **conversas casuais**: As conversas casuais foram aquelas conversas que consideraram se encaixar em um assunto propriamente dito, mas que se tratava de algo atual que a informante passava ou estava fazendo. Muitos marcadores conversacionais se encaixaram, principalmente quando o informante perguntava ao outro como ele estava.
- b) **conversas relacionadas ao trabalho**: conversas relacionadas ao trabalho de algum dos informantes, como também a busca por emprego.
- c) **conversas sobre relacionamento amoroso**: conversa de cunho íntimo, em que se falavam sobre a vida amorosa de um dos informantes.
- d) **conversas de cunho político e sobre a história do Brasil**: tendo em vista o momento histórico em que foi gravado o PORCUFORT (pós *impeachment*), assuntos relacionados à política era muito recorrente.
- e) **conversa sobre terceiros**: qualquer conversa em que o assunto central seja alguém não presente na conversa.
- f) **Recordações**: são todas as recordações (da infância, de onde morava, da escola/universidade, da família). O tempo no passado indica um momento vivido. Como foram poucos, amalgamamos essas recordações. O informante poderia falar da infância, do local onde viveu, sobre a época de escola e faculdade, ou até mesmo sobre sua família.

- g) **assuntos sobre religião:** alguns informantes eram bastantes religiosos e falavam sobre esse assunto diversas vezes. Aqui estão inseridos tanto o assunto de religião, como a religiosidade do informante.
- h) **conversas sobre entretenimento artístico:** o assunto em questão aqui é, em geral, televisivo. São as novelas, jogos de futebol e programas que assistiram e comentaram.
- i) **observações irônicas/brincadeira:** durante as conversas, era comum os informantes fazerem considerações de cunho irônico e engraçado.
- j) **críticas e repreensão:** nessas conversas estão inseridas as críticas que se faziam ao outro informante, bem como repreendê-lo por alguma atitude.

c) Grau de simetria entre os interlocutores:

Uma variável presente em alguns estudos do uso dos pronomes de segunda pessoa é o grau de simetria entre os interlocutores. Observaremos se o interlocutor adequa sua fala à sua audiência. Bell (1984) considera que o falante, ao modelar a sua fala, leva em conta o ouvinte, ou seja, a sua audiência. Brown e Gilman (1960) explicam que as relações assimétricas ocorrem quando existe uma relação hierárquica de poder nas relações - superior/inferior, seja pela idade, seja por função no ramo profissional ou simétrica, quando os falantes se encontram em uma relação de igualdade de papéis sociais. Dias (2007) aponta que, quando a relação é simétrica, utiliza-se o pronome de maior intimidade e, quando a relação é assimétrica, emprega-se a forma de menor intimidade. Trabalhos como o de Lopes e Duarte (2003) e o de Silva e Barcia (2002) que estudaram peças teatrais brasileiras e portuguesas e cartas particulares, respectivamente, corroboram essa afirmativa e mostram que, nas relações de assimetria, o uso do pronome de menor intimidade será utilizado pelo interlocutor que estiver na posição desfavorável, enquanto o pronome de maior intimidade será empregado pelo falante que estiver na posição favorável.

Em nosso trabalho, dividimos esta variável em quatro fatores que são:

muito simétrico (os informantes apresentam a mesma faixa etária e o mesmo sexo/gênero);

totalmente assimétrico (os interlocutores têm faixas etárias diferentes e sexos/gêneros distintos);

parcialmente simétrico (os participantes possuem mesma faixa etária e sexos/gêneros diferentes);

parcialmente assimétrico (os interlocutores apresentam faixas etárias; diferentes e mesmo sexo/gênero).

d) Tipo de relação: de poder e solidariedade.

A partir da teoria de Brown e Gilman (1960), resolvemos analisar as relações de poder e solidariedade. Os autores chamam de semântica do poder a relação entre pessoas de forma não recíproca, ou seja, um exerce poder sobre o outro. Assim, o superior fala *T*, mas recebe *V*. Reforçamos que as formas de poder podem se apresentar de forma variada, seja pela forma física, a idade, o sexo/gênero, profissão ou dentro da estrutura familiar.

A semântica da solidariedade se refere a uma relação interpessoal solidária, isto é, os dois indivíduos possuem certo grau de intimidade. Segundo Brown e Gilman (1960), em geral, o uso do *V* está relacionado a pessoas com pouca intimidade, distantes.

Na maioria dos inquéritos, há uma relação de intimidade, já que são os próprios informantes que selecionam o seu interlocutor. No entanto, mesmo nas relações de intimidade, há conversas em que a relação entre os informantes é assimétrica, seja pela idade, seja pela posição hierárquica (caso, por exemplo, conversa entre pai e filho).

Nessa variável, categorizamos de 3 formas:

Relação de solidariedade: pessoas em uma relação solidária. Exemplo: dois amigos.

Relação de poder superior: pessoas em relação de poder, sendo este o que exerce poder sobre o outro. Exemplo: pai e filho, sendo este o pai.

Relação de poder inferior: pessoas em relação de poder, sendo este o que sofre o poder do outro. Exemplo: pai e filho, sendo este o filho.

7.6.2.3 Variáveis sociais

Dentre os grupos de fatores sociais, serão estudadas duas variáveis:

a) Faixa etária

Os estudos variacionistas apontam a variável faixa etária como um grupo de fatores importante, uma vez que pode dar indícios de uma mudança linguística em progresso. Araújo (2007), em seu artigo sobre a variável faixa etária nos trabalhos sociolinguísticos, concluiu que, quando a variável é um fenômeno em uma possível mudança em curso, ela é mais recorrente na fala dos jovens do que na fala dos idosos; já, quando se trata de uma variável estável, os mais jovens e os mais velhos apresentam frequências mais altas da

variante inovadora e os medianos (que são os adultos com carreira consolidada) apresentam uma frequência significativamente mais baixa devido às pressões de mercado. Quanto aos estudos sobre as formas de tratamento, como foi apontado na pesquisa de Franceschini (2011) em Concórdia-SC, o pronome *tu* está mais presente na fala dos mais velhos, enquanto o pronome *você* apresenta uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem. Dos trabalhos já realizados, vimos que, nos estudos em Fortaleza, de Guimarães (2014); no Maranhão, de Alves (2010); em cidades rurais da Bahia, de Oliveira (2005, 2007); em Feira de Santana, de Assunção e Almeida (2008) e, em Brasília, de Dias (2007), a faixa etária foi a variável social de maior relevância.

No Centro-Oeste, como vemos em Dias (2007), os jovens usam mais o *tu*, enquanto os mais velhos usam mais o *você*. No Sul, o trabalho de Loregian-Penkal (2004) revela que os jovens são os que mais utilizam o pronome *tu*. No Nordeste, os estudos de Guimarães (2014), Alves (2010) e Oliveira (2005, 2007) mostram que os jovens favorecem o uso do *tu*. Dessa forma, acreditamos haver necessidade de controlarmos na nossa amostra os seguintes fatores:

Faixa etária I (22 a 35 anos);

Faixa etária II (36 a 55 anos);

Faixa etária III (a partir dos 56 anos).

b) Gênero/sexo

A respeito dos termos gênero e sexo, é inevitável não destacar a discussão. Enquanto o sexo é atribuído por uma questão biológica, o gênero é atribuído pelo seu papel social. Apesar de não diferenciarmos um termo do outro, uma vez que o *corpus* que foi constituído como base de nosso estudo dá preferência ao sexo biológico ao contatar o informante, trataremos esta variável como gênero/sexo. Ressaltamos que não há em nosso banco de dados fala de trans-homens⁴⁵ nem trans-mulheres, mas não por questão de preconceito, e sim devido às características do PORCUFORT.

Quanto às diferenças na fala entre homens e mulheres, Paiva (2010, p. 35) afirma que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres “refletem mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres”, retomando a ideia de gênero em vez de sexo.

⁴⁵ Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Nem todas as pessoas são assim, porque há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero. As pessoas não cisgênero são as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans (JESUS, 2012).

Labov (2008), por sua vez, assevera que, em fala monitorada, as mulheres optam pela variante de prestígio, bem como usam menos que os homens as formas consideradas estigmatizadas. O autor ainda informa que, na fala casual, as mulheres tendem a usar a variante inovadora e se corrigem mais que os homens nos contextos formais. Assim, pode-se pressupor que homens e mulheres, mesmo vivendo na mesma comunidade de fala, procuram meios diferentes para se comunicar.

Os estudos sociolinguísticos ratificam a ideia de que mulheres tendem a usar a norma-padrão e a variante inovadora, quando esta tem mais prestígio, mais que os homens, e suposições acerca do assunto. Dentre elas, acreditamos que as pressões sociais sejam uma delas. Por muito tempo, a mulher foi considerada o “sexo frágil” (ainda hoje com menos impacto que antes), e isso reverbera na linguagem com a tentativa de quebrar os preconceitos. Lakoff (2010, p. 17) assevera que “o efeito maior dessas discrepâncias é que às mulheres é sistematicamente negado acesso ao poder, com o pretexto de que elas não são capazes de sustentá-lo, como demonstrado por seus comportamentos linguísticos e por outros aspectos”.

O que chama atenção é que, em pleno século XXI, ainda haja tanta diferença que reverbere na fala. Ano passado, em Hollywood, a atriz mais bem paga, Emma Stone, recebeu 26 milhões de dólares⁴⁶, enquanto o homem mais bem pago, Mark Wahlberg, ganhou 68 milhões de dólares no último ano⁴⁷. Homens e mulheres fazem o mesmo trabalho, mas são remunerados diferentemente. As mulheres, para receberem o mesmo tratamento que os homens, necessitam se destacar muito mais que eles.

A respeito do Brasil, assim como ocorre no cinema em Hollywood, continuamos a diferenciar homens e mulheres quanto às diferenças de salário. Homens continuam recebendo salários superiores aos das mulheres, mesmo exercendo a mesma função, conforme é mostrado em reportagens recentes⁴⁸. Além desse dado salarial, temos o preconceito contra a mulher e o feminicídio. A revista Carta Capital⁴⁹ mostra pesquisa que aponta que o preconceito mais praticado no Brasil é o machismo, com 61% dos dados, ainda na frente do racial com 46%. Mesmo com mudanças significativas, como a Lei Maria da Penha, uma lei

⁴⁶ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/veja-as-10-atrizes-mais-bem-pagas-de-2017/>>. Acesso em: 11 out. 2018.

⁴⁷ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/os-20-atores-mais-bem-pagos-do-mundo-segundo-a-forbes-2/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

⁴⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/11/desigualdade-salarial-homem-mulher-ibge.htm>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2093>>. Acesso em: 13 out. 2018.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/no-brasil-o-machismo-e-o-preconceito-mais-praticado>>. Acesso em: 13 out. 2018.

recente contra a violência doméstica sofrida por mulheres, ainda há muita violência e preconceito vivido pelas mulheres.

Peña e Castillo (1998) declaram que a diferença entre homens e mulheres acontece há muito tempo, devido à desvalorização da mulher no decorrer dos anos. Os autores entendem que as mulheres constituiriam um grupo minoritário, de menor *status*. Por conta disso, o uso da língua funcionaria como uma arma, para que elas não se sentissem inferiores ao homem, uma vez que a sociedade não trata os dois gêneros no mesmo nível.

O resultado disso foi que, ao longo do tempo, as mulheres adquiriram consciência de si mesmas como um grupo, mais especificamente como um grupo minoritário. Segundo Peña e Castillo (1998), estudos recentes em psicologia social indicam que as pessoas podem adquirir identidade social, como resultado de sua participação em vários grupos, mas somente adquirem sentido como tal, quando comparados a outros grupos. Esta comparação mostra que há grupos com *status* mais elevado do que os outros, geralmente os grupos no poder, e tem uma grande autoestima, e os grupos de menor *status*, subordinados e com baixa autoestima. Neste último grupo, poder-se-ia inserir a mulher⁵⁰, visto que é amplamente reconhecido que ela tem um *status* inferior em relação aos homens cis em sociedade. E na necessidade de mudança de status, na busca de reconhecimento e de igualdade, não somente aspectos sociais são levados em conta. Baseados nisso, podemos pressupor que a luta por igualdade de gênero leve as mulheres, inconscientemente, a optar por uma língua mais conservadora, a fim de que possa ser respeitada e aceita igualmente como os homens.

Ao investigar sobre o uso de pronomes de segunda pessoa, deveríamos, então, esperar, neste caso, que a mulher preferisse o pronome neutro, considerado mais polido, *você*. É válido dizer que a preocupação linguística não ocorre apenas na fala mais monitorada, mas também, no estilo menos monitorado, a mulher tende a se preocupar com o uso da variável de maior prestígio. Tanto que, nos trabalhos sociolinguísticos, o grupo de fatores sexo/gênero quase sempre é apontado como relevante para a ocorrência da variação. Ao tratarem dos pronomes *tu* e *você*, Guimarães (2014), Santos (2012), Franceschini (2011), Andrade (2010), Paredes Silva (2008), Dias (2007), Lucca (2005) e Lorengian-Penkal (2004) constataram a importância desta variável em suas pesquisas. As pesquisas sociolinguísticas revelaram que, em casos de variação estável, os homens utilizam mais frequentemente as formas não padrão do que as mulheres. No entanto, nos casos em que há indícios de mudança linguística, as

⁵⁰ Não somente mulheres, como negros, pobres, as diferentes orientações sexuais (homo-gay, lésbica, bi, assexuado, pan), o homem trans, a mulher trans e os deficientes físicos.

mulheres usam as formas inovadoras com mais frequência do que os homens (LABOV, 1990). Para Labov (2008, p. 348),

a generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”. Esse papel de cada gênero faria parte dos padrões de interação social, que operam sobre um conjunto sutil de valores sociais convencionais. Não seria “somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro.

No que tange aos trabalhos já realizados sobre a alternância dos pronomes de segunda pessoa no Brasil, Scherre e Yacovenco (2011) realizaram uma síntese desses estudos, mostrando a distribuição destes pronomes, por região brasileira, em função do comportamento de cada gênero e do que isso representa do ponto de vista sociolinguístico. Vejamos as palavras das autoras a este respeito:

Associamos o uso mais frequente de TU por parte das mulheres (caso das localidades das regiões Sul, Nordeste e Norte), quando esse pronome for um traço mais geral ou de fácil registro e marcar a identidade geográfica dos falantes. Por outro lado, associamos o uso menos frequente de TU por parte das mulheres (caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste), quando esse pronome for um traço menos geral ou de difícil registro e não marcar a identidade geográfica dos falantes, mas, sim, essencialmente, interação solidária ou de maior proximidade entre os falantes (logo, os homens estão à frente, quando esse pronome for um traço mais específico, marcando relações solidárias entre grupos mais coesos) (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 135).

A realização dos pronomes na fala das mulheres não ocorre de forma homogênea no Brasil. Enquanto em algumas localidades, há o predomínio do *tu*, em outras prevalece o *você*. Como Scherre e Yacovenco (2011) bem enfatizam, o uso do *tu* pode ocorrer pelo traço mais genérico ou marcar a identidade geográfica. Observa-se que as duas formas são aceitas, mas, dependendo da localidade, a própria população adotará uma como a de prestígio ou marca identitária. E isso se dará, preferencialmente, através da fala da mulher.

Destarte, considerando as informações apresentadas aqui, decidimos analisar o comportamento desta variável em nossa amostra, controlando os fatores:

Masculino

Feminino

7.7 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Tendo em vista que o material do PORCUFORT já está transcrito, inicialmente fizemos uma leitura das transcrições para sabermos quais inquéritos apresentavam mais registros do fenômeno em estudo e, em seguida, fizemos a audição apenas daqueles que apresentavam mais ocorrências dos pronomes analisados. A audição justifica-se pelo fato de que sempre é possível que ocorram equívocos nas transcrições ou revisões das entrevistas, considerando a própria natureza desta atividade.

Foram desconsiderados os 15 primeiros minutos de cada inquérito selecionado, pois acreditamos que, neste intervalo, o informante ainda não se sinta confortável com a gravação e monitore a sua fala.

Seguidos esses passos, realizamos a seleção das formas de tratamento *tu* e *ocê* encontradas no *corpus*, para então ser feita a codificação dos fatores. A codificação permite que as cadeias codificadas sejam lidas pelo programa computacional, no caso o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Tivemos o cuidado em utilizar códigos motivados, minimizando possíveis erros de codificação. Assim, não utilizamos códigos como l e 1 ou 0 e 0 no mesmo grupo, o que poderia dificultar futuramente o processo de correção e a leitura dos dados. Para cada variante, foi usado apenas um símbolo que constava no teclado, como ilustramos a seguir:

(vm2seoagd*tv Inf. 1 - aí você recebe essa... (232 Inq. 28)

A título de informação, essa codificação significa o seguinte:

v você

m sexo/gênero masculino

2 faixa etária 2

s relação de solidariedade

e sequência explicativa

o relato original

a polaridade afirmativa

g pronome genérico

d frase declarativa

* relação assimétrica

t tópico discursivo sobre o trabalho

v paralelismo *v* precedido de *v*

Salientamos que os códigos podem se repetir, desde que não estejam na mesma variável. Após o arquivo salvo em formato .tkn, os dados foram preparados para serem

submetidos à análise estatística. Em seguida, passamos a usar a ferramenta estatística que será descrita a seguir.

7.8 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Usamos, para a nossa análise, o pacote computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), versão mais atual do Varbrul, que é constituído por um conjunto de programas para análise estatística de dados linguísticos em variação. Sobre o Varbrul, Guy e Zilles (2007) afirmam que:

é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

O Varbrul permite que possamos fazer uma análise mais adequada da alternância das formas de tratamento pronominais, definindo “a natureza e a extensão de cada um dos efeitos condicionadores, permitindo ‘predizer’ probabilisticamente a taxa aproximada [do uso dos pronomes] por certo indivíduo” (GUY; ZILLES, 2007, p. 49). Esses resultados poderão ser fornecidos através das informações sobre as características sociais da pessoa, da situação social e do contexto linguístico.

Guy e Zilles (2007) ainda explicam como é desenvolvida a análise com auxílio da ferramenta de estatística:

Na análise quantitativa, cada fator recebe um ‘peso’ (‘valor do fator’ ou ‘probabilidade de *input*’ (‘Po’), que é, de fato, uma medida global do índice de aplicação da regra. Uma função matemática é usada para combinar os valores dos fatores e a probabilidade de *input*, a fim de produzir os índices esperados de aplicação da regra em cada célula. Diversas funções foram usadas na literatura; a que é favorecida atualmente é a ‘função logística’ (GUY; ZILLES, 2007, p. 51).

Inicialmente, foi criado um arquivo de especificação e, em seguida, foram corrigidos os dados. Após isso, submetemos o arquivo de dados ao *checktok*, que verifica se há presença de erros grosseiros na codificação, ou seja, os erros que podem ter sido cometidos na fase de digitação.

Nesse momento, corrigimos os erros e utilizamos o arquivo corrigido para criar o arquivo de células, responsável por apresentar as percentagens obtidas para todas as variáveis.

Neste arquivo, pode ocorrer nocaute⁵¹ que, segundo Guy e Zilles (2007, p. 158), “é um fator que, em um dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente”. Quando aparece um nocaute, a primeira ação do pesquisador é verificar se ele resulta da pequena quantidade de ocorrências ou se são nocautes verdadeiros. Se a segunda opção for a escolhida, os nocautes são excluídos das rodadas seguintes, ou seja, os dados que apresentaram comportamento categórico são excluídos, visto que “o instrumento quantitativo que produz pesos relativos é apropriado exclusivamente para fenômenos linguísticos variáveis” (SCHERRE; NARO, 2010, p. 152). No entanto, apesar de serem retirados, não devem ser desconsiderados pelo pesquisador, pois são de extrema importância para o estudo em questão, uma vez que podem dar indícios de “um início ou fim de uma mudança linguística, ou a especialização de significância referencial, de funções discursivas ou de funções pragmáticas” (SCHERRE; NARO, 2010, p. 153).

Caso o nocaute seja aparente, que é quando há poucas ocorrências, Guy e Zilles (2007, p. 160) apresentam algumas formas de resolver isso, mas ainda reter os dados: amalgamar o fator nocauteado a outros fatores ou não usá-lo. Segundo os autores, quando os dados dos nocautes estão isolados em um fator com poucos dados, a melhor opção é combinar tal fator com outro que não seja nocaute. O importante aqui é decidir com que fator o nocaute será amalgamado. Deve haver cuidado para existir uma lógica em sua combinação e não se criar outro grupo em que haja nocaute. Os autores também enfatizam que, caso haja muitos dados, o ideal é que o pesquisador pense na possibilidade de não retirar os dados sob pena de alterar os pesos relativos (são valores projetados pelo programa que medem o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise).

A segunda forma de eliminar os nocautes é recodificá-lo com “não aplicável”, o que significa que o fator com nocaute não será lido na cadeia de codificação, mas o dado continuará fazendo parte da nossa amostra. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 161), essa não é a forma preferível de tratar o nocaute e aponta os casos em que isso pode ocorrer: “quando não existe nenhuma amalgamação com outro fator do mesmo grupo que seja plausível em termos teóricos; há muito pouco dados; a exclusão de fatores com nocautes permite ainda assim que se obtenha um grupo apropriado, talvez com outro título”.

⁵¹ O nocaute nada mais é do que apenas uma variante usada em determinado contexto.

Ainda lidando com o arquivo de células, é possível ocorrer, em uma análise estatística do GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), um *singleton group*, termo dado para os casos em que só são registradas ocorrências para um único fator dentro de um grupo. Nesses casos, eliminamos esse grupo, visto que o programa não roda, quando há nocautes ou *singleton group*.

Após decidir o destino que deve ser dado aos nocautes, se excluídos ou amalgamados, prossegue-se a análise com a obtenção da seleção das variáveis relevantes para a regra de aplicação e dos pesos relativos referentes a cada um dos fatores considerados relevantes.

Quanto aos valores dos pesos relativos, estes valores se referem a uma regra binária em que 1 é o máximo e 0 é o mínimo. Scherre e Naro (2010), assim como Guy e Zilles (2007), informam que: abaixo de 0,50, o fator pode ser considerado desfavorecedor da regra variável e, acima de 0,50, é tido como favorecedor; já 0,50 é considerado o ponto neutro, ou seja, não favorece nem desfavorece a regra analisada. Assim, o cálculo do desvio da média ponderada tenta equilibrar os percentuais, indicando a probabilidade de ocorrência ou não do fenômeno. Quanto mais perto de 1, maior a chance de ocorrência do fenômeno e quanto mais perto de 0, menor a sua probabilidade de realização, ou seja, o fator analisado não exerce influência na variação, provavelmente é por conta de outro fator. Os valores percentuais são importantes, mas deve-se ter o cuidado de fazer a sua leitura junto com a do peso relativo, que estabelece uma significância estatística para a ocorrência de uma determinada variante. Nesse caso, o valor do peso relativo oferece ao pesquisador uma informação estatisticamente mais precisa sobre o fenômeno, já que trabalhar apenas com os percentuais pode acarretar em atribuir uma informação duvidosa ao objeto de estudo (GUY; ZILLES, 2007). A esse respeito, Guy e Zilles ressaltam que

Quando há vários fatores contextuais diferentes afetando uma variável linguística, uma série de tabelas que apresente esses efeitos separadamente [...] pode facilmente dar resultados distorcidos ou até enganadores, se os dados não estiverem uniformemente distribuídos por todas as variáveis independentes. Uma vez que a distribuição dos dados linguísticos geralmente é, de fato, desigual, uma análise multivariada dará resultados mais preciosos, porque ao mesmo tempo em que computa o efeito de uma variável independente, ela controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis independentes conhecidas (GUY; ZILLES, 2007, p. 34).

O pesquisador deve observar também qual foi o *input*, que representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente, ou seja, é a média global corrigida,

obtida na melhor rodada, que é indicada pelo próprio programa. Scherre e Naro (2010, p. 165) discorrem sobre isso:

O papel do *input* no modelo misto ou logístico é o de fazer com que exista “somente um conjunto de efeitos de fatores que prediz qualquer conjunto particular de percentagens contextuais” e permitir que diferentes análises do mesmo conjunto de dados possam ser adequadamente comparadas (SANKOFF, 1988b). O *input* funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, e o efeito de cada fator pode ser interpretado como uma medida do desvio deste ponto de referência associado ao fator.

Além do *input*, observa-se também o *nível de significância* que quanto mais baixo (0,05 ou 0,01) maior a confiança de que esse dado seja verdadeiro, ou seja, não foi um dado camuflado pelos percentuais (SCHERRE; NARO, 2010).

Feita a primeira análise, pode-se fazer o seu refinamento por meio de outras mais específicas, aprofundando o resultado através de testes com as variáveis estudadas. “Muito mais comum são situações em que é preciso realizar sucessivas análises, para testar várias hipóteses e sub-hipóteses, e, ao final, aperfeiçoar o ajuste do modelo quantitativo” (GUY; ZILLES, 2007, p. 174). Para isso, o primeiro passo é eliminar grupos de fatores que não são significativos para o trabalho. Tendo-se os primeiros dados informados pelo *step-up/step-down*⁵², devem-se “testar (com rodadas adicionais) as distinções feitas dentro dos grupos de fatores e eliminar os que não são significativos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 174-175).

Guy e Zilles (2007) também informam que há outras opções para se fazer testes com as variáveis. “Consideramos [...] outras recodificações e rodadas adicionais: testar análises alternativas, eliminar redundância e superposição de fatores e investigar interação” (GUY; ZILLES, 2007, p. 175).

Ao final da análise estatística, os dados são interpretados do ponto de vista sociolinguístico. Convém lembrar, conforme Scherre e Naro (2010, p. 162), que “os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista”. Assim, de nada valem os dados, se o linguista não souber interpretá-los.

⁵² A opção *step* testa a significância de cada grupo de fatores fornecendo informações sobre os melhores grupos de fatores, isto é, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico observado.

7.9 TESTE DE AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS

No segundo momento da pesquisa, fizemos uma avaliação dos falantes em relação a sua própria fala. Esse teste teve o propósito de mostrar como se dá a relação do falante com o uso dos pronomes, sua relação com a língua e como eles percebem a língua no contexto em que está inserido.

Optamos por fazer um teste de avaliações linguísticas para entender e analisar como os falantes de Fortaleza avaliam o fenômeno em estudo. Nossa intenção é não apenas descrever como os falantes usam as formas de tratamento, como também observar como eles pensam acerca desses usos.

7.9.1 Nossos informantes

Tivemos um total de 260 questionários respondidos, mas só usamos 258, tendo em vista que dois se recusaram a assinar o termo de consentimento, e, por isso, foram eliminados, não fazendo parte de nossa análise.

Dos 258, 152 são da cidade de Fortaleza/CE, 56 são nascidos em outras cidades do Ceará e 50 são nascidos nas demais cidades brasileiras. Ficaram estratificados assim:

Quadro 6 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra (nascidos em Fortaleza)

Faixa etária Gênero/sexo	Mora em Fortaleza			Mora em outra localidade		
	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III
Homem	24	20	0	4	4	0
Mulher	49	34	5	9	2	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 152 nascidos em Fortaleza, 133 moram na cidade, enquanto 19 moram em outra localidade (que pode ser tanto ainda dentro do Ceará, como em outro estado). A faixa etária que mais respondeu às perguntas está na primeira, com pessoas de 20 a 25 anos. Foram 24 homens, mulheres que moram em Fortaleza, e 4 homens e 9 mulheres que moram em outra localidade. Em seguida temos a faixa etária II (entre 36 a 55 anos), com 20 homens e 34

mulheres que moram em Fortaleza, e 4 homens e duas mulheres que moram em outra localidade. Na faixa etária III (mais de 56 anos), só encontramos 5 informantes, todas mulheres que nasceram e moram em Fortaleza.

Quadro 7 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra (nascidos em alguma cidade do Ceará)

Faixa etária Gênero/sexo	Mora no Ceará			Mora em outra localidade		
	FE I	FE II	FE I	FE II	FE I	FE II
Homem	4	4	0	7	1	1
Mulher	14	6	0	11	8	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos informantes que nasceram no Ceará, mas não na capital, encontramos o total de 56. Desses, foram 4 homens da faixa etária I e 4 homens da faixa etária II que continuam morando onde nasceram, e 7 homens da faixa etária I, 1 homem da faixa etária II, 1 homem da faixa etária III, que atualmente moram em outra localidade. Já as mulheres, foram 14 da faixa etária I e 6 da faixa etária II, que moram onde nasceram e 11 da faixa etária I e 8 da faixa etária II que moram em outro local. Vale reforçar que não encontramos mulheres da terceira faixa etária aqui.

Quadro 8 - Distribuição dos informantes por sexo/gênero e faixa etária na nossa amostra (nascidos nas demais localidades)

Faixa etária Gênero/sexo	Mora em Fortaleza			Mora em outra localidade		
	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III
Homem	2	2	1	10	2	0
Mulher	8	6	1	12	6	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, os nascidos fora do Ceará. Foram no total 50. O número pequeno fez com que decidíssemos juntar todos eles. Foram 2 homens da faixa etária I, 2 da faixa etária II e 1 da faixa etária III, que moram em Fortaleza. Já os que moram em outra localidade são 10 homens da faixa etária I e 2 da faixa etária II. Enquanto isso, as mulheres são 8 da faixa etária I, 6 da faixa etária II e 1 da faixa etária III. Dos que moram em outra localidade, são 12 da faixa etária I e 6 da faixa etária II. Dos que moram em outra localidade não foi encontrado nenhum informante da terceira faixa etária.

Todos os informantes são graduados, com exceção de poucos, somente 5, que estão na faculdade, mas não concluíram a graduação. Os cursos são os mais diversos, há médicos, advogados, arquitetos, engenheiros, professores, com uma quantidade considerável de professores, 99 dos informantes responderam que esta é a profissão que atuam.

7.9.2 Procedimento

O teste foi aplicado por meio da ferramenta virtual *Google Forms*, disponibilizada pela empresa *Google*, onde as pessoas, em geral, podem criar e responder questionários. Essa ferramenta foi escolhida pela capacidade de alcançar um grande número de respondentes, uma vez que o questionário foi enviado por *e-mail*, *Whatsapp* e redes sociais. Solicitamos aos amigos e conhecidos que respondessem e compartilhassem o questionário. Passadas três semanas, obtivemos um total de 260 questionários respondidos por informantes que tinham concluído o nível superior.

O fato de os informantes anonimamente responderem o formulário no ambiente de sua preferência colabora no sentido de deixar o informante mais à vontade e responder o teste de acordo com a sua disponibilidade de tempo. Na primeira parte do questionário, que está no apêndice (APÊNDICE A), havia perguntas pessoais, como e-mail, local de nascimento e onde mora atualmente, gênero (feminino/masculino/outro), faixa etária (20 a 35; 36 a 55; mais de 56), onde estudaram no ensino médio (privada/pública) e no ensino superior (privada/pública). Na segunda e na terceira seções, foram feitas perguntas sobre o uso do fenômeno em estudo, *tu* e *você*, observando o interlocutor (com pais, irmãos, amigos, professores, chefe e colega de trabalho) e o grau de formalidade.

Esse procedimento teve como objetivo propiciar aos falantes uma reflexão sobre as variantes de segunda pessoa do singular, tornando-os conscientes sobre o uso dessas

variantes e verificar o seu comportamento quanto às formas linguísticas de maior prestígio ou não.

Na quarta parte, o informante deveria responder se aceitava participar da pesquisa, ficando ciente de que poderia recusar (Termo de Consentimento). Todos os informantes estavam cientes do que tratava a pesquisa, além de saberem como seriam usadas as respostas. Ao final, somente duas pessoas não aceitaram que o seu questionário fosse usado para o estudo, sendo descartado esse material de nossa pesquisa.

Após concluído, ficamos somente com as respostas dos informantes moradores de Fortaleza, local no qual se obtiveram mais respostas. Os resultados ficaram em uma tabela do Excel, e, a partir disso, foi feita a análise quali-quantitativa. No entanto, diferente do primeiro momento de nossa pesquisa, não submetemos os dados ao programa GoldVarb X, uma vez que nossa pretensão era ter mais dados para uma análise qualitativa.

7.10 SÍNTESE DO SEÇÃO

Nesta seção, abordamos o nosso tipo de pesquisa, bem como o *corpus* selecionado. Apresentamos um breve resumo da comunidade de fala que foi analisada, as variáveis que foram selecionadas para nosso estudo. Essas variáveis foram escolhidas devido à sua relevância em outros estudos sobre os pronomes de segunda pessoa. Explicamos os procedimentos e o modo como foi feita a análise estatística. Apresentamos, na segunda parte da pesquisa, os testes de atitudes e os procedimentos utilizados na sua aplicação. Na próxima seção, apresentaremos os resultados de nossa análise do PORCUFORT e dos testes de atitudes.

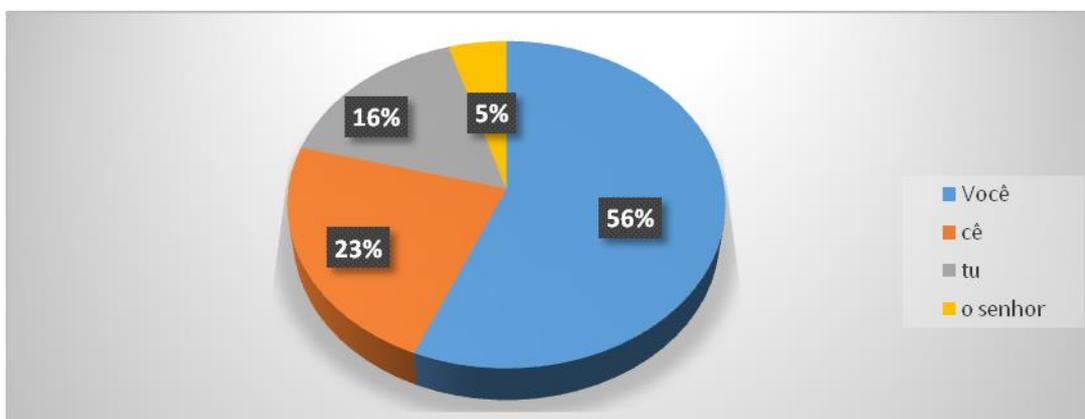
8 RESULTADO DA ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção está dividida em duas partes, a primeira é dedicada à descrição e análise dos grupos de fatores selecionados pelo programa GoldVarb (2001) referente à amostra do PORCUFORT. A segunda parte é dedicada à análise dos resultados dos testes de percepção e produção aplicados aos informantes de Fortaleza em 2018 que também foram submetidos às análises unidimensionais e multidimensionais do programa estatístico.

8.1 PORCUFORT (1993-1995)

Iniciamos nossas análises com os dados retirados das transcrições do PORCUFORT. Apesar de analisarmos somente os pronomes *tu* e *você*, selecionamos todos os pronomes de segunda pessoa na função de sujeito. Foram descartados os sujeitos elípticos, os enunciados incompletos e aqueles que geraram dúvidas na transcrição do *corpus*. Tivemos um total de 654 ocorrências, distribuídas entre as seguintes variantes: *tu* (16,1% com 105 dados), *você* (56,3% com 368 dados), *cê* (22,90% e 150 dados) e *o senhor* (4,7% e 31 dados), como podemos ver no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Frequência de distribuição das variantes no PORCUFORT

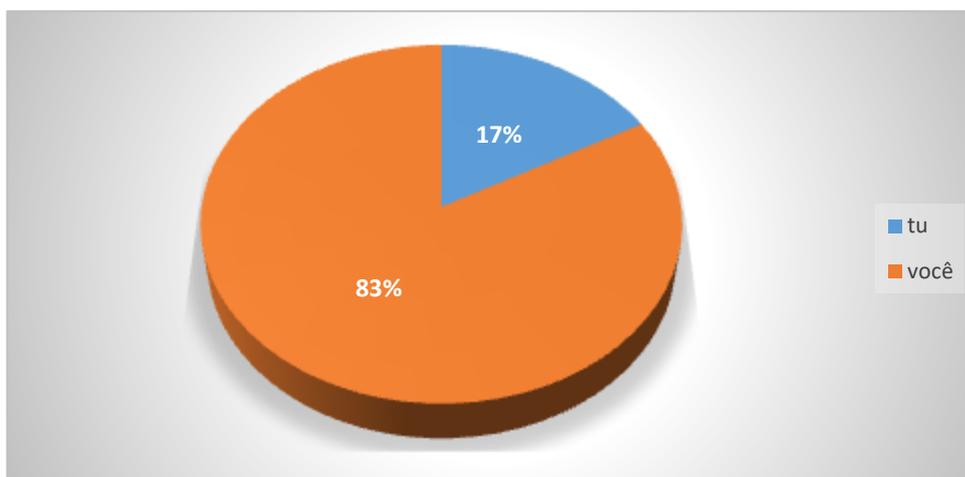


Fonte: Elaborado pela autora.

Optamos por amalgamar os dados do *você* e *cê*⁵³ e ficamos com um total de 618 dados. Em nossa primeira rodada, fizemos uma análise binária entre o *tu* e *você* e tivemos o seguinte resultado: 105 dados (16,9%) para o *tu* e 518 para o *você* (83,1%). Com esses dados codificados, iniciamos nossa análise no programa GoldVarb.

⁵³ Apesar de estudos que optam por diferenciá-los, observamos que os fatores selecionados pelo programa não sofreram alteração e preferimos amalgamá-los.

Gráfico 2 - Distribuição das variantes tu e você na função de sujeito no PORCUFORT



Fonte: Elaborado pela autora.

A concordância verbal foi controlada apenas em relação ao pronome *tu*, visto que todos os dados do pronome *você* tem a terceira pessoa do singular. Para esse grupo de fatores, contamos apenas com frequências e percentagens, já que apenas uma das formas variantes é levada em conta.

Apesar de não entrar em nossa análise, foi observado que 15,23% do uso do pronome *tu* (com 16 ocorrências) teve a concordância canônica. Um resultado expressivo, se comparado a outras localidades. Abaixo, alguns exemplos do uso do pronome *tu* com a concordância canônica.

- (12) Inf. 1 - Inf. 1 - AÍ HOUve uma semana de... treinamento lá no Liceu... quase nós que ia... tu foste?... (Inq. 16)
- (13) Inf. 1 - e:: agora
eu tenho um:: artigo MUIto interessante tu chegaste a ver que a gente...
(recorreu) eu mandei tirar Xerox distribuir aqui no SINE {todim (Inq. 28)
- (14) Inf.1- ótimo...
ótimo porque ele então /tá se revelando... porque:: ah também tem um livro aqui né/ No Limiar da Esperança {tu já ouviste falar?... (Inq. 39)

Devido aos nocautes, eliminamos alguns dados para *você* (suprimimos a sequência textual descritiva, com apenas 01 dado para *você*; no grau de simetria informantes com diferentes sexos, eliminamos 03 dados para *você*; e no tópico discursivo, eliminamos 07 dados para as críticas e 10 ocorrências para as recordações). Após resolvermos os nocautes,

fizemos uma rodada com o seguinte resultado: (82,5% para *você* com 496 dados e 17,5% para *tu* com 105 ocorrências).

Os 601 dados foram submetidos à análise do Goldvarb X e tivemos, como melhor *stepup*, o 53 (*Input* 0.069, *Log likelihood* = -171.671 e *Significance* = 0.010). Das 11 variáveis testadas, quatro foram excluídas: tópico discursivo, tipo de relação, tipo de relato e polaridade. Sete grupos de fatores foram selecionados pelo programa, por ordem de relevância: sequência discursiva, entonação frasal, faixa etária, tipo de pronome, grau de simetria entre os informantes, paralelismo formal e sexo, os quais serão analisados, na ordem apresentada, a seguir.

a) Sequência discursiva

Tabela 23 - Atuação da sequência discursiva sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total ⁵⁴	%	P.R.
<i>Narrativa</i>	20/80	25	0,746
<i>Dialogal</i>	65/156	41,7	0,669
<i>Argumentativa</i>	7/67	10,4	0,585
<i>Explicativa</i>	13/298	4,4	0,324

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira variável selecionada foi a sequência discursiva. A sequência narrativa foi a maior favorecedora do pronome *tu* (0,746), seguido por dialogal (0,669) e argumentativa (0,585). A sequência explicativa é a única que não privilegia o pronome *tu* (0,324), como podemos ver na Tabela 23.

Antes de iniciar a análise, reforçamos a diferença entre gêneros e tipos textuais, uma vez que vem sendo, por vezes, os termos utilizados indistintamente. Enquanto, os gêneros são “uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154), o tipo textual é uma forma de organização interna do gênero. Mesmo com conceitos bem distintos, os gêneros e os tipos textuais são indissociáveis e “não subsistem isolados nem alheios um ao outro, são formas constitutivas do texto em funcionamento” (MARCUSCHI, 2008, p. 156).

⁵⁴ Aplica refere-se à quantidade de ocorrências da variante analisada, enquanto o Total refere-se ao total de vezes que as duas variantes foram realizadas nessa rodada. O P.R. é a abreviatura para Peso Relativo.

As sequências discursivas (narração, descrição, argumentação e explicação) compõem os mais variados gêneros (notícia, crônica, cartas, editorial, conto, entre outros.), perpassando-os e organizando o discurso, o que pode inclusive caracterizar o próprio gênero. Segundo Labov (2001), as entrevistas sociolinguísticas estão, basicamente, assentadas na sequencialidade, temporalidade e iconicidade, com relação aos fatos vividos, a partir da experiência pessoal do entrevistado. Essa característica faz com que tendamos a enquadrá-las como um gênero ligado ao domínio do cotidiano. Em nossa pesquisa, no lugar de entrevistas, temos a conversa entre dois informantes que se conhecem. O predomínio nessas conversas é sequência dialogal, com a presença predominante de sequências narrativas. Freitag *et al.* (2012) afirmam que, além do domínio da arte, as entrevistas sociolinguísticas podem ser enquadradas no domínio científico, por constituir-se em um instrumental metodológico para coletar dados de fala em situações comunicativas naturais e espontâneas, visando a pesquisar fenômenos que caracterizam o vernáculo. Do mesmo modo, podemos chamar as conversas entre dois informantes (D2), que possuem a mesma intenção, e não há o direcionamento do entrevistador. Ressaltando, assim como Freitag *et al.* (2012), que é com todo o cuidado que se nomeiam as entrevistas sociolinguísticas de gênero, entendendo ser esse do domínio da ciência da linguagem.

Freitag *et al.* (2012) enfatizam que, pelo fato de a Sociolinguística variacionista laboviana trabalhar com análise estatística, a fim de observar os fenômenos de variação e mudança linguística, poderá haver problemas se isolarmos os dados e tentarmos fazer generalizações, visto que cada ocorrência de uma variável vem inserida em um enunciado e, conseqüentemente, em um contexto social, que abarca uma gama de fatores que influenciam a escolha do falante. Os autores reforçam que “há várias forças simultâneas atuando em diversas direções; isolá-las pode levar a generalizações inválidas” (FREITAG *et al.*, 2012, p. 4) e que, mesmo com motivos contrários à adoção da classificação e categorização de sequências discursivas na entrevista sociolinguística, “temos evidências de sua produtividade, o que nos levou a uma revisão acerca do modo como essa variável tem sido controlada nos estudos sociolinguísticos” (FREITAG *et al.*, 2012, p. 4).

As sequências discursivas têm sido definidas como estruturas convencionalizadas de que o falante dispõe na língua para organizar o seu discurso. Marcuschi (2008) enumera cinco sequências: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Enquanto isso, Adam enumera as cinco sequências textuais, como: narrativa, argumentativa, descritiva, explicativa e dialogal.

Bronckart (1999) faz ressalvas ao trabalho de Adam (1992), dentre elas, a distinção entre as sequências descritiva e injuntiva. A sequência injuntiva, que se aproxima do instrucional (receitas), é caracterizada por ensinar de maneira detalhada procedimentos a serem realizados para se cumprir determinado feito. Conforme Bronckart (1999), Adam considera essa sequência como parte da descrição, já que para ele são “descrições de ações”. Seguindo Bronckart (1999), mantivemos a sequência injuntiva separada da sequência descritiva, por entender que as duas sequências apresentam funções distintas: enquanto a primeira “visa a fazer agir o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção” (BRONCKART, 1999, p. 237), a segunda tem como objetivo apresentar um conjunto de propriedades de determinado objeto ou espaço físico. Além disso, a sequência injuntiva se diferencia da descritiva pela presença de verbos envolvendo, necessariamente, uma sucessão cronológica na realização dos procedimentos, características essas ausentes na descrição.

Dessa forma, decidimos por analisar, enumerando seis sequências, a saber: narrativa, argumentativa, descritiva, explicativa, dialogal e injuntiva. No entanto, não houve um caso de sequência injuntiva, como vimos na tabela anterior. Em nossos resultados, as narrativas e as sequências dialogais foram as que mais favoreceram o uso do *tu*.

O único trabalho sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa que trabalha com essa variável é o de Loregian-Penkak (2004). No entanto, os resultados se apresentam bem distintos dos nossos, como podemos ver na Tabela 24.

Tabela 24 - Atuação da sequência discursiva sobre o pronome tu (tu x você) em Loregian-Penkak (2004)

FATORES	FLD, POA, RIB55			CHA, BLU, LAG56			FLC, PAN, SOB57		
	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.
Argumentativo	823/910	90	0,62	187/820	23	0,51	420/479	87	0,52
Narrativo	712/815	87	0,39	216/1047	21	0,39	994/1050	94	0,37
Explicações	79/93	85	0,26	63/154	40	0,72	121/150	80	0,78
Receitas	155/155	100	Knockout	85/69	69	0,89	143/185	77	0,86

Fonte: Elaborada por Loregian-Penkak (2004).

⁵⁵ As localidades das siglas são: Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão

⁵⁶ As localidades das siglas são: Chapecó, Blumenau e Lages

⁵⁷ As localidades das siglas são: Flores da Cunha, Panambi e São Borja

Na pesquisa de Loregian-Penkall (2004), os fatores argumentativos (0,62; 0,51; 0,51) e receita (0,89; 0,86) são os que favorecem o uso do pronome *tu*. As explicações beneficiam o uso apenas em dois conjuntos de localidades (Chapecó, Blumenau e Lages: 0,72, Flores da Cunha, Panambi e São Borja: 0,86). Enquanto em nossa pesquisa, além das sequências argumentativas não privilegiarem o uso do pronome em questão, não houve o fator receita (texto injuntivo) em nossa amostra. Outro detalhe é que eliminamos a sequência descritiva porque houve nocautes para o pronome *tu*. Acreditamos que os resultados diferentes ocorram porque o uso do *tu* é mais frequente na amostra de Loregian-Penkall (2004) que em nossa amostra.

O excerto, a seguir, mostra uma sequência narrativa entre duas mulheres de 26 anos (psicóloga) e 47 anos (educadora), conversando sobre os problemas na educação, contando, explicando e argumentando sobre os problemas vivenciados por elas.

- (15) Inf. 2 - é aí faz os teste em VÁrios colégio o que sai o resultado primeiro ou que sai o resultado mais favorável... olhe pra ti pra tu ter/ uma idéia sábado veio um me/ uma criança fazer teste aqui... para o::: terceiro ano... chegou o menino /tava BEM... olha basta que eu te diga o teste dele A. corrigiu ele tirou OÍto vírgula seis em Português... quase nove né? (Inq. 07).

Nesse segundo momento, as mesmas mulheres, ainda conversando sobre os problemas na educação, uma delas explica como proceder na escola onde ela ensina.

- (16) Inf. 1 - ...pois é F. a gente pensou em iNÚmeros pra ver se dava certo mas num... num se aCHOU que poderia deTERminar nada não a gente achou que a maneira de tornar as pessoas mais Livres pra escolHER ... o facilitaDOR ou a facilitadora no caso... SERIA o NÚmero por exemplo cada sala comporta ... tantas pessoas... aí::... vai chegando vai chegando aí você vai procurando você /cê tem oh... escolha aTÉ enquanto a sala num /tiver completa... aí depois que a sala estiver comple::ta... aí você... tem que procurar (Inq. 07).

Em um outro momento, uma das informantes, ao explicar como a outra deve proceder, o pronome mais recorrente é o *você*. Assim, o uso do *tu* mostra-se presente em situações de informalidade, e acreditamos que as sequências do tipo narrativa, dialogal e argumentativa tenham influenciado mais o uso do pronome *tu* que as sequências explicativas, porque as que favorecem o pronome são justamente aquelas em que monitoramos menos nossa fala, o que Labov nomeia de *paradoxo do observador* “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244). Acreditamos que ao contar algo, nos envolvemos mais, principalmente quando o assunto é sobre nós mesmos ou

algum de nosso interesse, bem como argumentar/convencer alguém de algo, enquanto o ato de explicar ou descrever não necessita de envolvimento emocional dos informantes.

b) Entonação frasal

Tabela 25 - Atuação da entonação sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Interrogativa</i>	60/155	38,7	0,734
<i>Declarativa/ exclamativa</i>	45/446	10,1	0,413

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda variável selecionada pelo programa foi o tipo de frase. Este fator diz respeito tanto às frases interrogativas quanto às declarativas e/ou exclamativas. Como podemos ver na Tabela 25, as frases interrogativas (38,7% e 0,734) favorecem o uso do *tu* de forma bastante expressiva, ao passo que as frases declarativas e/ou exclamativas (10,1% e 0,413) inibem o seu emprego.

Nossa hipótese inicial de que as frases interrogativas beneficiam o pronome *tu* foi confirmada, uma vez que foi a entonação frasal foi um fator selecionado pelo programa, e que as frases interrogativas fossem favorecedoras do *tu*.

A prosódia tem mostrado a grande importância da entoação nos estudos variacionistas dos pronomes de segunda pessoa. A entoação funciona como uma estratégia do falante para transmitir significados necessários para construção do sentido.

De acordo com Hernandorena (2005, p. 239), a frase entonacional seria “o conjunto de frases fonológicas ou apenas uma frase fonológica que porte um contorno de entoação identificável”. O contorno entoacional das frases declarativas, exclamativas ou interrogativas é a primeira pista que o ouvinte utiliza para proceder à interpretação da frase, uma vez que elas apresentam um comportamento específico (SILVA, 2011, p. 24).

Fonagy (1993) afirma que as asserções interrogativas encontradas durante as conversas espontâneas formam uma classe homogênea, tratando sempre de uma asserção um tanto hesitante, pedindo a confirmação ou informação. Ainda o autor afirma que a entonação das frases interrogativas difere das frases assertivas.

O autor, baseado em outros teóricos como Malmberg, Karcevskij e Brysgunova, trata a frase inacabada e frase interrogativa no mesmo grupo, o que Karveckij chamará de modelo tensional da frase.

Essa busca de tensão que parece caracterizar a entoação das interrogativas as associa de forma evidente aos enunciados inacabados”. A esse respeito, pode-se afirmar que o comportamento fonológico descendente final das frases assertivas é semelhante ao comportamento das frases acabadas, visto que ambas veiculam uma informação completa. A questão total, por outro lado, mostra a intenção do falante em completar uma informação através da resposta sim/não de seu interlocutor, o que justifica, semanticamente, concretizar-se por meio de uma curva ascendente final, comportamento semelhante ao de frases inacabadas (FONAGY, 1993, p. 44).

Com base nessas informações, percebemos que, nas frases interrogativas, há necessidade de uma maior interação, para que o outro possa “acabar” o enunciado de seu interlocutor, o que favorece a comunicação. E nossos dados que são de inquéritos de conversas espontâneas indicam que as frases interrogativas são as que mais influenciam o uso do *tu*, como se o interlocutor precisasse do outro para prosseguir com o diálogo. É o que podemos ver no excerto retirado do inquérito 05, uma conversa entre dois jovens de 23 e 24 anos:

- (17) Inf. 1 - é cê achou bonitinho () ((risos))
 não sério tu gostou disso aí?
 Inf. 2 - gostei
 Inf. 1 - tá achando legal?
 Inf. 2 - olhando aSSIM AQUI... no {pape::l⁵⁸

Notamos também que quanto mais espontânea era a conversa, mais havia frases interrogativas, enquanto em outras, além de discursos longos, havia a interrupção do documentador, para que o diálogo tivesse continuidade. Dessa forma, podemos dizer que há ligação entre a escolha do pronome e a entoação frasal, conforme vimos na Tabela 25.

De acordo com os nossos resultados, há mais probabilidade da forma *tu* ocorrer em frases interrogativas (0,734) do que nas declarativas (0,413). Acreditamos que tal fato seja reflexo decorrente de dois fatores: da situação interacional de coleta dos dados, na qual os participantes demonstravam-se à vontade para interrogar e exclamar algum fato ou situação ao seu interlocutor, até pelo fato de já se conhecerem e terem uma intimidade, no decorrer da interação, já que, semanticamente, *tu* representa o pronome usado nas relações de maior igualdade, envolvendo a semântica da solidariedade, sendo, portanto, a forma escolhida pelo falante para ser empregada quando há maior interação face a face.

Segundo Costa (2016, p. 169):

⁵⁸ Frase retirada do inquérito 05.

Isso acontece, porque, em enunciados do tipo “pergunta”, a interação comunicativa requer a presença mais específica de um interlocutor – eu-tu a quem se dirige a admiração, exclamação, surpresa, ênfase a aquilo que se diz ou questionamento, o que torna a relação comunicativa mais próxima entre falante/ouvinte, e como a forma *tu* é a mais usual e não parece denotar distanciamento social, acaba sendo mais frequente para este tipo de frase.

Quanto aos trabalhos já realizados no Brasil, na pesquisa de Costa (2016), Guimarães (2014), Andrade (2010) e Lucca (2005), essa variável também foi selecionada para o pronome *tu*, assim como no de Almeida e Assunção (2008), sendo as interrogativas favorecedoras dessa variante nestes estudos. Esta última investigação não há a presença de pesos relativos, portanto a afirmação de que este grupo favorece o *tu* se baseia apenas nos percentuais obtidos para as interrogativas (29%) e para as afirmativas (6%).

Tabela 26 - Atuação da entonação sobre o pronome *tu* em Lucca (2005)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Interrogativa</i>	164/209	79	0,54
<i>Declarativa</i>	146/226	65	0,43
<i>Exclamativa</i>	17/18	94	0,87

Fonte: Elaborada por Lucca (2005).

Na pesquisa de Lucca (2005), em seu estudo em Brasília, o tipo de estrutura que apresentou mais privilegiado uso do *tu* foi a exclamativa (94% e 0,87), embora a frase interrogativa também favorecesse o pronome em destaque, mesmo de forma menos expressiva (79% e 0,54). Lucca (2005) afirma que o caráter emotivo das frases interrogativas refletia no estilo menos monitorado, favorecendo o uso do *tu*.

Tabela 27 - Atuação da entonação sobre o pronome *tu* em Costa (2016)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Exclamativa</i>	16/20	80	0,882
<i>Interrogativa (afirmativa e negativa)</i>	28/43	65,1	0,596
<i>Declarativa afirmativa</i>	236/375	62,9	0,488
<i>Declarativa negativa</i>	27/51	52,9	0,315

Fonte: Elaborada por Costa (2016).

Na pesquisa de Costa (2016), assim como na de Lucca (2005), as frases exclamativas foram as aliadas do pronome *tu* (80% e 0,882). As frases interrogativas também

favoreceram (65,1% e 0,596) a regra, sendo apenas as declarativas como inibidoras do pronome *tu*.

As pesquisas de Brasília (ANDRADE, 2010) e Fortaleza (GUIMARÃES, 2014) usam apenas interrogativas versus declarativa/exclamativas e os resultados se assemelham muito aos nossos.

Tabela 28 - Atuação da entonação sobre o pronome *tu* em Andrade (2010)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Interrogativa</i>	107/229	46,7	0,73
<i>Declarativa/ exclamativa</i>	181/605	29,9	0,42

Fonte: Elaborada por Andrade (2010).

Em Brasília, Andrade (2010) observa que os enunciados interrogativos (46,7% e 0,73) favorecem o *tu*, ao contrário dos não interrogativos (29,9% e 0,42). Nota-se que os pesos relativos, obtidos para esta variável, são bem expressivos, tanto quanto os nossos. A autora constata que, em orações mais exaltadas, com tom mais emotivo ou cantado (tom alto ou ascendente), o *tu* é privilegiado.

Tabela 29 - Atuação da entonação sobre o pronome *tu* em Guimarães (2014)

	Aplica/Total ⁵⁹	%	P.R.
<i>Interrogativa</i>	269/354	76	0,701
<i>Declarativa/ exclamativa</i>	523/1201	43,5	0,438

Fonte: Elaborada por Guimarães (2014).

Por fim, Guimarães (2014), que estudou dados do NORPOFOR⁶⁰, mas com falantes com menos escolarização, apresenta um resultado bem representativo quanto a esta variável. As frases interrogativas (76,% e 0,701) favorecem o uso do *tu*, enquanto as frases declarativas e/ou exclamativas (43,5% e 0,438) inibem o seu emprego. Observa-se que essa variável é representativa nas duas amostras, indicando que o fator frase interrogativa tem o mesmo efeito tanto para falantes com nível superior, como também para aqueles com apenas nível médio a sem escolarização.

⁵⁹ Aplica refere-se à quantidade de ocorrências da variante, enquanto o Total refere-se ao total de vezes que esse fator aparece nessa rodada. O P.R. é a abreviatura para Peso Relativo.

⁶⁰ NORPOFOR é um projeto da cidade de Fortaleza, Norma Popular de Fortaleza, desenvolvida em 2003-2006 composta com informantes que tinham até ensino médio.

c) Faixa etária

Tabela 30 - Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Faixa etária I (22 a 35 anos)</i>	58/153	37,9	0,588
<i>Faixa etária II (36 a 56 anos)</i>	38/275	13,8	0,567
<i>Faixa etária III (a partir de 56 anos)</i>	9/173	5,2	0,322

Fonte: Elaborado pela autora.

A faixa etária foi considerada relevante para os nossos estudos, sendo a terceira variável selecionada. Em nossa pesquisa, os informantes faixa etária I (22 a 35 anos) e faixa etária II (36 a 56 anos) se revelaram favorecedores do pronome *tu* (37,9% e 0,588; 13,8% e 0,567, respectivamente), enquanto os mais velhos, faixa etária III (mais de 56 anos) aparecem como inibidores do pronome com 5,2% e 0,322, como se apresenta na Tabela 30.

Nessa nossa análise, observamos que os falantes de menor idade beneficiam o uso do pronome *tu*, enquanto os mais velhos favoreceram o pronome *você*. Esses resultados nos levam a duas opções: ou estamos diante de indícios de uma mudança linguística ou apenas de uma gradação etária. Assim como afirmam Leite, Callou e Moraes (2003, p. 88) que entendem que o pesquisador, ao lidar com o tempo aparente, pode não estar diante de uma mudança, porque a distribuição por faixas etárias “pode ser apenas aparente e não representar mudanças na comunidade, vindo a constituir um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração”.

Labov (2008, p.164) ainda informa que devemos considerar as relações entre tempo real e tempo aparente quanto à questão de prestígio em processo de mudança. No grupo de maior *status*, como esse de falantes com nível superior⁶¹, que exibe maior segurança linguística, e essas duas dimensões se correspondem bem estreitamente. Comparando com os nossos informantes, teoricamente, os membros mais velhos tenderiam a conservar suas formas de prestígio mais antigas, consolidadas relativamente cedo em seu desenvolvimento, enquanto os membros mais jovens exibiriam a adoção da forma de prestígio mais nova.

As pesquisas de Guimarães (2014), Ramos (2012), Martins (2010), Alves (2010), Andrade (2010), Rocha (2010), Lopes *et al.* (2009), Mota (2008), Paredes Silva (2008), Santana (2008), Dias (2007), Oliveira (2005), assim como a nossa, selecionaram os mais

⁶¹ Subtende-se que, por terem passado mais tempo estudando, falantes com nível superior tenham mais segurança linguística do que falantes analfabetos ou com apenas nível médio.

jovens como favorecedores do *tu*, mostrando que a variante canônica está em crescente ascensão, apresentando, dessa forma, indícios de uma mudança linguística, enquanto os trabalhos de Franceschini (2011), Assunção e Almeida (2008) e Oliveira (2007) privilegiam o uso do *você*. No trabalho de Costa (2016), não foi um fator selecionado, mas a autora informou que os mais jovens usam com mais frequência o pronome *tu* que os mais velhos. Vale salientar que, no trabalho de Franceschini (2011), os falantes da região em estudo, Concórdia- SC, usam com mais frequência o pronome *tu*, sinalizando uma forma recorrente, como expõe a autora.

Tabela 31 - Atuação da faixa etária sobre o pronome *tu* (*tu* x *você*) em Guimarães (2014)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i>	388/625	62,1	0,637
<i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i>	262/520	50,4	0,460
<i>Faixa etária III (a partir de 50 anos)</i>	142/410	34,6	0,341

Fonte: Elaborada por Guimarães (2014).

Na Tabela 31, da pesquisa de Guimarães (2014), a faixa etária mais jovem é favorecedora do pronome em questão (62,1% e 0,637) e as inibidoras são as faixas dos mais velhos (34,6% e 0,341) e dos adultos (50,4% e 0,460). A autora estuda a mesma comunidade de fala que a nossa, diferenciando-se pelo fato desses informantes não terem nível superior, no entanto, podemos ver semelhanças com os nossos resultados. Assim, podemos dizer que, para o uso do pronome *tu*, independente do grau de escolaridade, os mais jovens são sempre aliados dessa variante.

d) Tipo de referente

Tabela 32 - Atuação do tipo de referente sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Específico</i>	100/419	23,9	0,601
<i>Genérico</i>	5/182	2,7	0,280

Fonte: Elaborado pela autora.

A variável tipo de referência diz respeito quanto à forma como são usados os pronomes: se de forma específica, referindo-se ao interlocutor, ou de forma genérica, quando se usa a segunda pessoa para se reportar a qualquer pessoa. Essa variável foi a quarta

selecionada pelo programa. Nossos resultados indicam que o pronome específico (23,9% e 0,601) beneficia o uso do *tu*, já o pronome genérico (2,7% e 0,280) inibe, sem dúvida, o seu emprego, como podemos ver na Tabela 32.

Encontramos somente cinco ocorrências para forma genérica com o pronome *tu*, que é um número bem inferior, se comparado ao *você*, bem como ao *tu* na forma específica. Esses dados nos indicam que o pronome *tu* como forma genérica não é muito usual entre nossos informantes, e sim o *você*. Como ilustração do que estamos chamando de uso do *tu* genérico, abaixo segue um trecho da transcrição do inquérito 11, que faz parte de nossa amostra:

- (18) Inf. 2 - certamente ... eh agora é o seguinte o contribuinte ...
 Inf. 1 - o contribuinte não se nega a pagar ((voz de estranho)) des-de que ele saiba que aquilo ali é neces{sário ((voz de estranho))
 Inf. 2 - *tu*num vai fazer
 ela analisar o seguinte o o contribuinte somos ((voz de estranho)) nós... o... o comprador o consumidor ((voz de estranho)) é que é o ((ruído)) con{tribui com imposto. (Inq. 11)

Definimos, em nossa pesquisa, como o processo de referência indireta/específica a um indivíduo como sendo aquele que ocorre quando o falante volta-se a uma situação de interação anterior ao momento da situação comunicativa, acontecida com outro interlocutor, e acaba reportando-se, na interação discursiva “real”, ao discurso já ocorrido, numa espécie de “digressão conversacional”, como apontado por Modesto (2006, p. 96).

Apoiando-nos na probabilidade de ocorrência dos fatores de maior significância, podemos inferir que a forma pessoal *tu* tem maior frequência de uso quando faz referência a um interlocutor específico na interação, haja vista os dois únicos fatores selecionados como mais relevantes referirem-se especificamente a um interlocutor de existência reconhecida no discurso, mesmo que este não esteja presente na situação conversacional, embora sendo referenciado por meio do discurso do próprio falante e identificado por todos. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, só que no caminho oposto, em direção ao outro extremo do *continnum*, o da referência genérica, é perceptível o desfavorecimento de *tu* pela referência genérica, com 0,280 de peso relativo.

Isso nos leva a perceber que se os demais fatores desfavorecem o uso de *tu* por um lado, por outro, favorecem a escolha de *você* o que vem a ratificar a nossa hipótese de controle deste grupo, que diz respeito à possibilidade de a variante *tu* favorecer a referência específica, enquanto que a forma *você* é mais frequentemente empregada em referência a um

interlocutor indeterminado no ato comunicativo (genérica) e pode designar qualquer pessoa (não sendo possível identificar a qual informante o falante se dirige). Sendo assim, quando a pessoa é reconhecida ou alguém específico presente na interação comunicativa, o uso preferencial é do pronome *tu* de referência específica. Vale ressaltar que há uma distância significativa entre os valores, dos pesos relativos deste grupo, demonstrados para o favorecimento e os valores do desfavorecimento. Portanto, é possível afirmar que a forma pronominal *tu*, pelos dados demonstrados, mantém os traços canônicos característicos deste pronome de segunda pessoa, em referência a um interlocutor identificado no ato comunicativo.

Dessa forma, podemos dizer que o uso do *tu*, de modo geral, é de referência específica, como já hipotetizávamos, devido ao seu traço canônico. Vale ressaltar que isso não ocorre somente entre os nossos informantes, pois a maioria das pesquisas, como já mostramos, aponta para o uso genérico feito com o pronome *você*.

Foi observado que essa variável foi relevante em todos os trabalhos que tratam o pronome de segunda pessoa, independente de qual seja a predominância do pronome, o *você* é mais usado como genérico do que o *tu*. Costa (2016), Guimarães (2014), Franceschini (2011), Martins (2010), Andrade (2010) e Oliveira (2005⁶², 2007) obtiveram resultados semelhantes aos do nosso estudo, revelando o favorecimento do *tu* pela forma específica. Outras pesquisas dão notícia do uso categórico do *você* como referência genérica, como o estudo de Nogueira (2013).

Tabela 33 - Atuação do tipo de referente sobre o pronome *tu* (*tu* x *você*) em várias pesquisas sociolinguísticas variacionistas

		Tipo de pronome	%	P.R.
Concórdia-SC	Franceschini (2011)	Contexto sujeito determinado	79	0,72
Santos-SP	Modesto (2006)	Direta	42	0,61
Tefé-AM	Martins (2010)	Específico	74,7	0,55
Brasília-DF	Andrade (2010)	Específico	72,3	0,54
Fortaleza-CE	Guimarães (2014)	Específico	53,3	0,529

Fonte: Elaborado pela autora.

⁶² A autora não apresenta os pesos relativos para o *tu* e sim para o pronome *você*, mas seus dados indicam que o uso genérico é favorecedor do pronome *você*.

Observando a Tabela 33, constatamos que, mesmo com nomenclaturas distintas para o mesmo fator, temos um resultado similar ao desta pesquisa. Uma das explicações possíveis é que o pronome *você*, por ser oriundo da forma de referência à terceira pessoa, Vossa Mercê, ainda, mantém traço semântico desta forma de tratamento nominal, de maior distanciamento social. Acreditamos, que este traço contribua significativamente, para que a forma *você* ocorra com maior frequência de uso, em situações de referência genérica ou de referência a um interlocutor não especificado no ato interlocutivo (menor proximidade), e a forma *tu*, em situações de referência direta/específica a um interlocutor (maior proximidade). Então, o pronome *você*, ao ser preferido em situações formais, de referência indireta ou genérica, conserva socialmente, até aos dias atuais, valor funcional de conotação positiva, como a cortesia e polidez.

e) Grau de simetria entre os informantes

Tabela 34 - Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Totalmente simétrico</i>	54/176	30,7	0,733
<i>Parcialmente assimétrico (idades diferentes)</i>	35/317	11	0,422
<i>Totalmente assimétrico</i>	16/108	14,8	0,389

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto grupo de fatores relevante para o *tu* foi o grau de simetria entre os interlocutores, cujos pesos relativos, como indica a Tabela 34, mostram os seguintes: o fator totalmente simétrico (0,733) atua como o mais forte aliado do uso do pronome *tu*. Já, nas interações parcialmente simétricas, com idades diferentes, (0,422), assim como nas totalmente assimétricas, (0,389), isto é, quando os informantes apresentam a mesma idade e sexo/gênero diferente, ocorre inibição do uso do pronome *tu*.

Os dados nos dão indícios de que, quanto o uso do *tu*, quando a única diferença entre os informantes era o sexo, por isso foram eliminados da nossa análise. Outro ponto relevante é que só ocorreram dois casos de *tu* em relação de poder de baixo para cima, que foi com o mesmo informante. No inquérito 34, a conversa entre dois homens, um de 41 anos e outro de 25 anos.

Tal fato pode ter ocorrido, porque o assunto em questão era sobre futebol, pois o mais velho era educador físico.

- (19) Inf. 2 - não como um clássico... do futebol brasileiro...
 Inf. 1 - hein? {mas... quem QUEM geralmente quem aposta...
 Inf. 2 - *tu* quer o quê?
 Inf. 1 - ((pigarreou)) o o:... {tá interessado em apostar
 [...]
 Inf. 1 - os melhores CRAque... é o é AABB...
 Inf. 2 - e A. me diz uma coisa... no Farias Brito *tu* sempre foi técnico de basquete? ou era Educação Física? (Inq.34)

Como esperávamos, as relações simétricas, ou seja, aquelas relações solidárias em que os informantes são do mesmo sexo e da mesma idade, são aliadas do pronome *tu*, ratificando a Teoria do Poder e da Solidariedade, em que as relações são solidárias. É válido lembrar que as conversas não são entre pessoas desconhecidas, um dos informantes escolhia com quem e onde conversar. No entanto, mesmo sendo de caráter mais íntimo, foi observado que a diferença de idade favorecia e o uso de determinado pronome em detrimento do outro.

Dentre as pesquisas que estudam esse fenômeno, essa variável apareceu como relevante nas de Costa (2016) e Guimarães (2014), o pronome *tu* sendo beneficiado pelas relações solidárias.

f) Paralelismo formal

Tabela 35 - Atuação do paralelismo formal sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Tu precedido de tu</i>	10/13	76,9	0,861
<i>Isolado</i>	79/354	22,3	0,589
<i>Primeiro da série</i>	9/85	10,6	0,435
<i>Tu precedido de cê</i>	2/26	7,7	0,439
<i>Tu precedido de você</i>	5/123	4,1	0,268

Fonte: Elaborado pela autora.

O paralelismo formal, segundo Scherre (1998), é a própria repetição de uma variante de uma mesma variável dependente no discurso. Essa foi a sexta variável selecionada nesta rodada e, de acordo com a Tabela 35, os resultados apresentados indicam que há o favorecimento do pronome *tu* quando o *tu* é precedido pelo *tu* (76,9% e 0,861) e quando o pronome está isolado (22,3% e 0,589). No entanto, quando ele é o primeiro da série (10,6% e 0,435) ou *tu* é precedido de *cê* (7,7% e 0,439) e o *tu* precedido de *você* (4,1% e 0,268), o uso desse pronome é inibido.

Estudos como o de Costa (2016), Guimarães (2014), Santos (2012) e Martins (2010), apresentam resultados semelhantes aos encontrados nesta pesquisa. O que mais se

assemelha quanto ao valor elevado do peso relativo é o de Santos (2012), em seu estudo na cidade do Rio de Janeiro.

Tabela 36 - Atuação do paralelismo formal sobre o pronome *tu* (*tu* x *você*) em Santos (2012)

	Aplica/Total	%	P.R.
Forma empregada como 1 ^a referência ao interlocutor	7/31	22.6	0.61
Forma empregada após a segunda intervenção da pesquisadora	37/193	19.2	0.51
Forma antecedida de Nulo/zero	12/54	22.2	0.53
Forma antecedida de Você	9/98	9.2	0.32
Forma antecedida de Tu	14/21	66.7	0.87

Fonte: Elaborado por Santos (2012).

De acordo com Brown e Gilman (1960), formas não solidárias tendem a levar a marcas não solidárias (*você* – *você*) e formas solidárias tendem a aparecer com formas solidárias (*tu* – *tu*). Conforme foi observado, os dados corroboram com a teoria de Brown e Gilman, mas vale reforçar que outros casos também foram observados.

- (20) Inf. 1 - menina... menina tu fica *tu* lê aí esses traBALho que eu /tava vendo a qualidade desse curso que é muito BOM muito esclare-reDOR... aí depois *você*POde juntar aqui coMIgo ou com E. a T. uma pessoa mais esclarecida... pra nós fazer aquela reunião com os professores digo O:lhe S.... se for uma reunião... pra ficar com aquilo ali MESmo... que nem ao me-nos vão ter o trabalho de ler o texto... é preferível nem come-çar...{desestimula qualquer pessoa" (Inq. 16).

No caso acima, inquérito 16, duas mulheres de idades próximas 30 e 37 anos, conversam questões de ensino. A primeira informante inicia com o pronome *tu*, mas depois usa o pronome *você*, quebrando o padrão. O contrário também ocorre. Inicia a conversa com o pronome *você*, mas, no decorrer de sua fala, usa o pronome *tu*.

- (21) Inf. 1 - eu disse A. eu acho o seguinte SEMPRE quando /tá se iniciando um:: a/ um novo Ano... você tem que dar um POUco da maTÉria da série anterior... então /cê tem que reVER a matéria da terceira série... dePOIS que você quando fizer o seu primeiro planejamento você VAI... infiltrando a matéria da da... da quarta série... ela disse "é" aí eu só sei já vi um comentário menina A. tá dando sílaba num sei o quê num sei mais o quê começaram com as fofoca né? () professor... () eu disse "Olha menino é o seguinte aqui tem a proPOSTa da Prefeitura... do currículo/ da Prefeitura tem a proposta"... "AÍ TU me arranja essa proPOSTa porque eu vou ficar em cima DELa num sei mais o quê"... (Inq. 16).

Scherre (1998, p. 46) afirma que a “facilidade de processamento associada à lei do menor esforço, tendência à repetição mecânica de formas semelhantes, funcionamento da memória imediata, aspectos psicolinguísticos de processamento, automonitoração e fatores estilísticos se relacionam à *produção*” (SCHERRE, 1998, p. 46, grifo da autora).

Destarte, as repetições ocorrem devido a uma tendência de o próprio ser humano repetir o pronome que acabou de ser dito. A autora também explica a ausência do paralelismo, como ocorre na forma isolada e que, no nosso caso, favoreceu discretamente “A lei do menor esforço, por exemplo, associada aqui à diminuição do esforço de produção pelo mecanismo da repetição, muitas vezes tem sido também usada na linha do princípio da quantidade: marcas redundantes são previsíveis; então, por que fazer esforço em repeti-las?” (SCHERRE, 1998, p.47). Ao mesmo tempo em que o interlocutor pode fazer uso da lei do menor esforço e repete o mesmo pronome, ele também simplesmente omite, como ocorre com mais frequência com o *tu*.

g) Sexo/gênero

Tabela 37 - Atuação do gênero/sexo sobre o pronome *tu*

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Feminino</i>	79/274	28,8	0,623
<i>Masculino</i>	26/327	8,0	0,397

Fonte: Elaborada pela autora.

A sétima variável selecionada foi o gênero/sexo, cujos resultados, dispostos na Tabela 37, indicam que as mulheres (28,8% e 0,623) são aliadas do *tu*, ao contrário dos homens (8% e 0,397), contrariando nossa hipótese inicial, segundo a qual seriam os homens os maiores favorecedores do uso do *tu* e as mulheres seriam aliadas do *você*.

Nossos resultados para esta variável se assemelham aos de trabalhos realizados na região Norte, Nordeste e Sul do Brasil, a saber: Costa (2016), Babilônia e Martins (2011) e Martins (2010), na região Norte; Franceschini (2011), Zilli (2009) e Loregian-Penkal (2004), na região Sul; Guimarães (2014), Santana (2008) e Oliveira (2007; 2005), na região Nordeste. Todos esses trabalhos selecionaram o gênero/sexo como relevante e a mulher como aliada do *tu*. Nesses estudos, observamos que os falantes não estigmatizam o uso desse pronome, principalmente no Norte e Sul, que, na verdade, é a variante mais usada.

Diferente dessas localidades, nas regiões Centro-Oeste, encontramos os trabalhos de Andrade (2010), Dias (2007) e Lucca (2005), e, no Sudeste, Santos (2012), Lopes *et al.* (2009) e Paredes Silva (2008), os quais apresentam resultados diferentes, indicando que os

homens favorecem o uso do *tu*. Mas ressaltamos que a variante mais recorrente nessas regiões é o pronome *você*, ou seja, a mulher privilegia o uso da variante mais frequente.

Nossa pesquisa indica que as mulheres beneficiam o uso do *tu*, mas esse pronome não é o mais usado, tampouco a variante de prestígio. Esperávamos que o *você* fosse mais usado que o *tu*, mas que o *tu* fosse favorecido pelos homens, já que, de acordo com as pesquisas, os homens tendem a usar a variável estigmatizada ou de menor prestígio. Como Labov (2008, p. 281) afirma:

Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio. Elas mostram isso numa linha inclinada acentuada da alternância estilística, sobretudo no extremo mais formal do espectro.

Desse modo, espera-se que, em uma variação estável, os homens usem com mais frequência a forma não padrão quando comparados às mulheres. Os homens, então, seriam menos influenciados pelo estigma social, enquanto as mulheres são mais conservadoras, usariam mais a forma padrão, devido ao prestígio da variante escolhida. Essa teoria, infelizmente, não foi confirmada na primeira fase de nossa pesquisa.

Porém, podemos analisar por outro viés. Segundo Labov (1990), quando há as mudanças *from above* [com consciência social e externas à variedade em uso], as mulheres favorecem o uso da variante de prestígio mais que os homens. Por ocorrerem em um nível relativamente elevado de consciência social, “mostram uma maior taxa de ocorrência em estilos formais, são frequentemente sujeitos a hipercorreção, e às vezes mostram estereótipos evidentes como com variáveis sociolinguísticas estáveis⁶³” (LABOV, 1990, p. 213). O autor afirma que o papel da mulher está interligado tanto na aquisição de novos padrões de prestígio como na eliminação de formas estigmatizadas.

Importar um novo padrão de prestígio é, essencialmente, a adoção de uma norma externa à comunidade de fala, e os grupos com alta insegurança linguística são mais sensíveis a essas normas. Os mesmos grupos são mais suscetíveis à eliminação de formas estigmatizadas, que se realiza sob o comando vigilante dos grupos dominantes reconhecidos publicamente⁶⁴ (LABOV, 1990, p. 213).

⁶³ Show a higher rate of occurrence in formal styles, are often subject to hypercorrection, and sometimes show overt stereotypes as with stable sociolinguistic variables (LABOV, 1990, p. 213).

⁶⁴ The importation of a new prestige pattern is essentially the adoption of a norm external to the speech community, and groups with high linguistic insecurity are most sensitive to such norms. The same groups are most susceptible to the elimination of stigmatized forms, which takes place under the vigilant stewardship of the publicly recognized dominant groups (LABOV, 1990, p. 213, tradução nossa).

Labov (1990) ainda informa que, na mudança *from bellow* [sem consciência social e internas à variedade em uso], as mulheres usam a variante inovadora com mais frequência que os homens. Baseados nessa mudança, poderemos observar se nesse momento havia indícios de mudança *from bellow*.

Eckerte e McConnell-Ginet (2010 [1992]) fazem ressalvas quanto a afirmação de Labov, uma vez que a noção de homens e mulheres na sociolinguística se aparece de forma cristalizada, com generalizações.

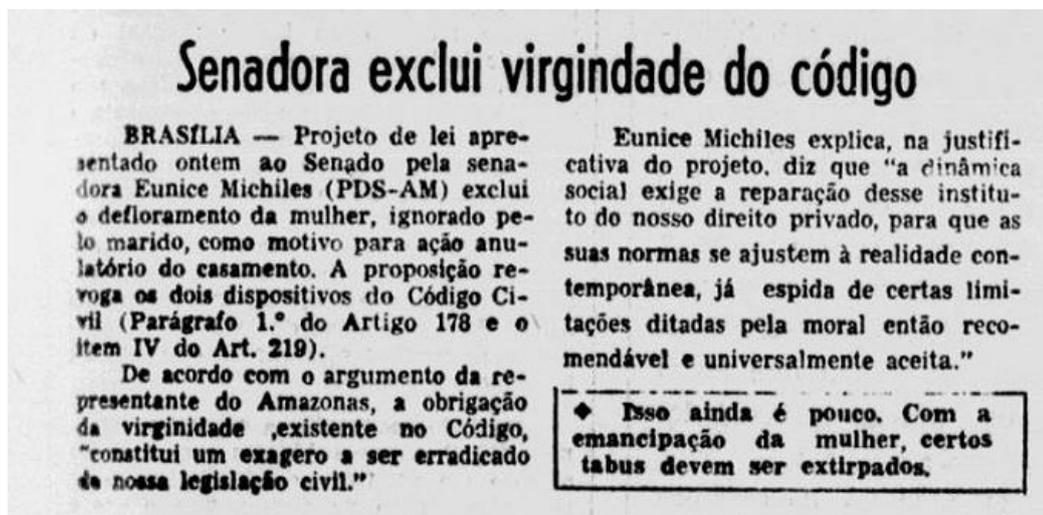
A linguagem das mulheres tem sido compreendida como refletindo seu (nosso) conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, deferência, encorajamento, expressividade emotiva, afiliação, sensibilidade em relação aos outros, solidariedade. Já a linguagem dos homens é descrita como evidenciando sua dureza, falta de afeto, competitividade, independência, competência, hierarquia, controle (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010 [1992], p.95).

Apesar de essas características não serem criações da cabeça dos sociolinguistas, deve-se ter muito cuidado com tais generalizações. Isso porque as sociedades são diferentes, e estão em contextos diferentes.

A partir dessa premissa, ao analisarmos a sociedade em questão, nós temos uma sociedade brasileira patriarcal, em que a mulher era e ainda é subjugada. Como vimos na seção da metodologia, a mulher brasileira ainda ganha menos que os homens. Agora, considere isso a quase 30 anos atrás. Não apenas questões salariais entram em questão, mas o seu papel na sociedade.

Somente em 1979, temos a nossa primeira mulher a ocupar uma cadeira no Senado, Eunice Michiles. Sua trajetória na política foi marcada por uma tentativa de retirar da legislação brasileira dispositivos que minavam a liberdade feminina. Em setembro de 1980, a senadora Eunice, do PDS/AM, apresentou o PL 237/80 (Tal projeto de lei revoga o parágrafo primeiro do artigo 178 e o item IV do artigo 219 do Código Civil - Lei 3071, de 1º de janeiro de 1916, corrigida pela Lei n. 3725, de 15 de janeiro de 1919). A sua proposta revogava os artigos 178 e 219 do Código Civil de 1916, que previam a possibilidade da anulação do casamento em casos nos quais o homem descobrisse, em até dez dias, que a esposa não havia se casado virgem.

Figura 5 - Notícia sobre projeto de lei



Fonte: migalhas.com.br⁶⁵ (2019).

A proposição chegou a ser aprovada pela CCJ do Senado. No entanto, foi arquivada cinco anos depois e só deixou de existir, de fato, após a entrada em vigor do Código Civil de 2002 – mesmo com a equiparação entre homens e mulheres prevista pela Constituição Federal de 1988.

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Mesmo mulheres e homens sendo iguais perante a lei, a lei se contradizia ao mostrar que havia diferenças entre eles, e o homem poderia anular o casamento caso descobrisse que a mulher não era mais virgem.

Fazendo uma retomada aos anos 70, houve a expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da Industrialização configuram um momento de grande crescimento econômico. As taxas de crescimento econômico e os níveis de emprego aumentaram. O país consolidou sua industrialização, modernizou seu aparato produtivo e se tornou mais urbano, embora ao custo do aumento das desigualdades sociais e da concentração da renda. Ao mesmo tempo, houve transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher, que intensificadas pelo impacto dos movimentos

⁶⁵ Disponível em: <migalhas.com.br>. Acesso em: 21 dez. 2018.

feministas e pela presença feminina cada vez mais atuante nos espaços públicos, facilitaram a oferta de trabalhadoras (BRUSCHINI, 1994).

A expansão da escolaridade e o acesso das mulheres às universidades contribuíram para este processo de transformação. Apesar desse processo de mudança, Bruschini (1994) aponta para um fato importante:

A persistência de um modelo de família no qual cabem à mulher as responsabilidades domésticas e socializadoras determina a necessidade de uma constante articulação entre papéis familiares e profissionais. A disponibilidade dos indivíduos do sexo feminino para o trabalho depende de uma complexa combinação de características pessoais, como a idade e a escolaridade, de outras relacionadas à família, como o estado civil e a presença de filhos, como ainda de características da própria família, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Mas esses fatores se interrelacionam também com a condição econômica da família, direcionando as mulheres em cada etapa da vida familiar para os afazeres domésticos ou para atividades econômicas dentro ou fora do lar (BRUSCHINI, 1994, p. 182).

Esse modelo acentuado nas décadas anteriores, ainda se mostra muito presente nos lares brasileiros. E, para as mulheres com filhos, o mais difícil era conciliar o trabalho com a responsabilidade pela guarda, cuidado e educação dos filhos na família e a insuficiência de equipamentos coletivos como as creches limitam a saída da mulher para o trabalho remunerado, sobretudo se os rendimentos obtidos são insuficientes para cobrir custos com formas remuneradas de cuidado infantil (BRUSCHINI, 1994).

O difícil equilíbrio entre atividades econômicas e familiares, que se torna mais frágil ainda pela presença de crianças, depende também do tipo de atividade econômica a absorver a trabalhadora. Atividades formalizadas, com horários regulares de trabalho e maior distanciamento entre a casa e o trabalho são fatores que dificultam a conciliação de responsabilidades. A atividade informal, na qual não há jornadas regulares de trabalho, o trabalho domiciliar e o rural, ao contrário, costumam facilitar o arranjo necessário entre família e trabalho, embora não haja acesso a garantias trabalhistas (BRUSCHINI, 1994, p. 185).

Além disso, dados do IBGE apontam para um fato que já abordamos, mesmo com a defasagem entre os rendimentos dos dois gêneros diminuindo, a remuneração média de trabalho das mulheres ainda ficou em um patamar inferior ao dos homens. “Considerando as pessoas ocupadas com rendimento de trabalho, a remuneração média de trabalho das mulheres em 1992 representava 61,6% da recebida pelos homens e, em 1999, alcançou 69,1%” (IBGE⁶⁶).

⁶⁶ Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm18>>. Acesso em 5 jan. 2019.

Analisar a sociedade na época nos dá respaldo para observá-la com mais cuidado. Essas informações nos mostram que a mulher, principalmente na década de 90, estava em um patamar abaixo dos homens, tendo a necessidade de se destacar para conseguir respeito. E isso pode e é observado também pela linguagem, com o comportamento linguístico ora conservador, ora inovador, desde que este não seja estigmatizado pela sociedade. Acerca disso, Labov (2001) reformula sua teoria do Paradoxo do Gênero e restabelece como Paradoxo da Conformidade: “as mulheres evidenciam um comportamento linguístico menos desviante que os homens em relação ao cumprimento da norma padrão, caso o desvio seja seriamente condenado. Entretanto, as mulheres mostram-se mais desviantes que os homens no que se refere ao exercício da norma padrão, quando a irregularidade não é gramaticalmente rechaçada (estigmatizada) pela comunidade linguística” (RUMEU, 2013, p. 570).

Dessa forma, ao verificarmos que as mulheres são as favorecedoras do uso do pronome *tu*, mesmo que não haja uma frequência considerável, podemos perceber que o *tu* não é estigmatizado pelos nossos informantes, mesmo que ocorra sem a concordância canônica (Como já mostramos, a concordância canônica é de 15%). Tampouco podemos afirmar que o *você* o seja.

Assim, em nossa pesquisa, podemos dizer que o uso do *tu* não é a forma de prestígio, e mesmo não sendo a mais usada, também não é uma forma estigmatizada. O uso do *você* nessa amostra se apresenta bem mais intenso que o outro pronome, entretanto, falantes de nível superior utilizam, em sua maioria, o pronome *tu* sem a concordância canônica.

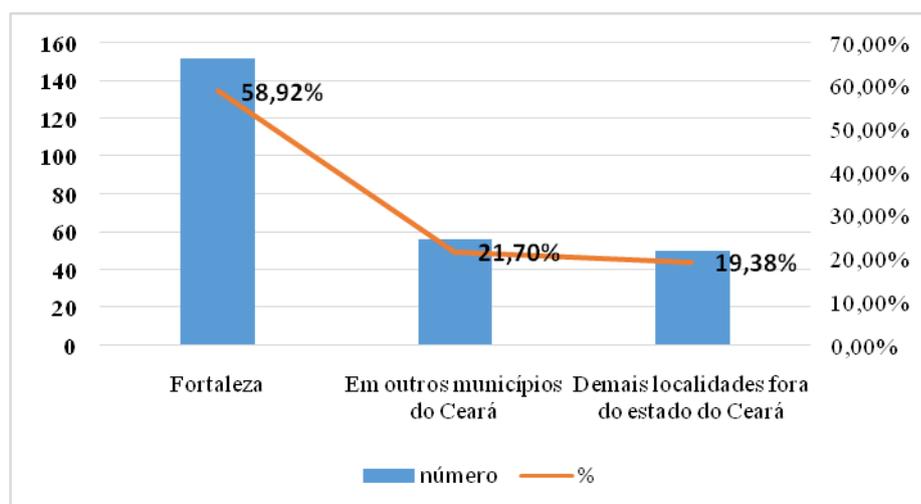
Para que essa afirmativa tenha mais respaldo, resolvemos aplicar um teste de atitudes a fim de observar como os falantes acreditam que usam determinada variante, como veremos na subseção a seguir.

8.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS TESTES DE ATITUDES

Inicialmente, tivemos 260 respostas, mas eliminamos 2 por não concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em nossas respostas, tivemos no total: 258, nos quais 152 são oriundos de Fortaleza, 56 são de outra parte do Ceará, mas não nasceram na capital e 50 são dos demais estados do Brasil⁶⁷, como podemos ver no Gráfico 3.

⁶⁷ Optamos por juntar em um só grupo os informantes nascidos fora do Ceará, tendo em vista que eram muitos.

Gráfico 3 - Distribuição dos informantes no Teste de Atitudes por origem



Fonte: Elaborado pela autora

Apresentaremos os resultados das perguntas feitas acerca do uso dos pronomes de segunda pessoa, separados de acordo com a localidade, apesar de agruparmos em um só conjunto aqueles que não nasceram no Ceará. Nosso intuito é observar se os falantes acham que alteram as formas de tratamento de acordo com a situação de comunicação e ouvinte, e se fatores do próprio falante (local de nascimento, onde mora, gênero, profissão) farão diferenças quanto às escolhas linguísticas.

Quanto aos informantes nascidos em Fortaleza, tivemos a seguinte divisão: dos 152 nascidos em Fortaleza, 100 são do gênero feminino e 52 do gênero masculino. Nenhum se identificou com outro gênero. No quesito idade, tivemos 88 da faixa etária I (20 a 35 anos), 59 da faixa etária II (entre 36 e 55 anos) e somente 5 da faixa etária III (acima de 56 anos). E sobre a escolaridade, tivemos um total de 148 com ensino superior, e apenas 4 que não cursaram/estão cursando o ensino superior.

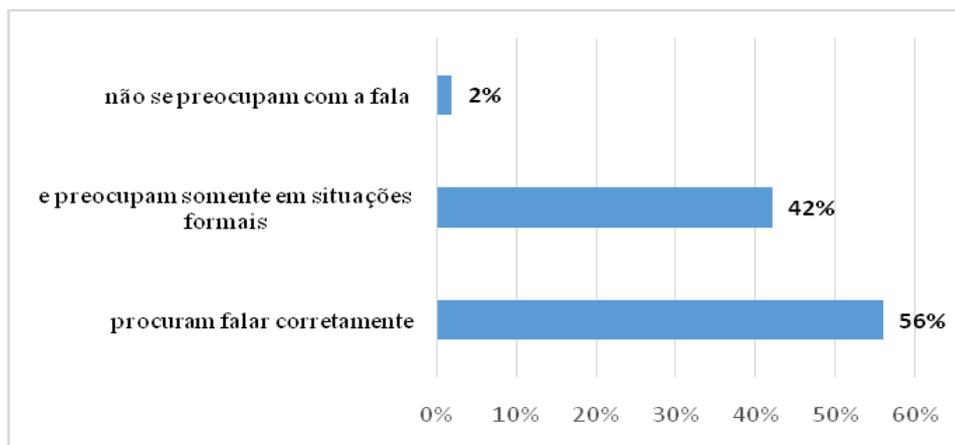
8.2.1 Primeiras Perguntas: o uso da língua

No primeiro momento, além das perguntas sobre faixa etária, local onde nasceu, onde mora atualmente, gênero, onde estudou (se escola e universidade pública ou privada), fizemos duas perguntas sobre o uso da língua, que veremos em seguida:

Pergunta 01: Você considera que, no dia a dia, você se preocupa em como fala?

Tivemos os seguintes resultados para os falantes fortalezenses:

Gráfico 4 - Percentual de respostas da pergunta “Você considera que, no dia-a-dia, você se preocupa em como fala?”

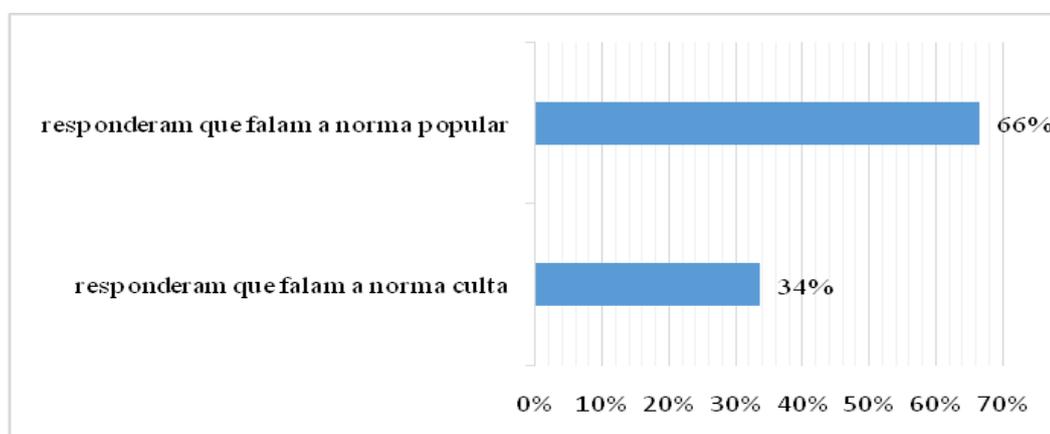


Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do Gráfico 4 mostram que 56% (85 dos informantes) procuram falar corretamente, 42% (64 dos informantes) se preocupam somente em situações formais e 2% (3 informantes) não se preocupam com a fala. Dos informantes que responderam, somente três informantes não se preocupam falar corretamente independentemente da situação. Em uma investigação mais apurada, são mulheres, de universidade pública, do curso de Letras e Educação, duas na primeira faixa etária e uma na segunda faixa etária. Espera-se que essas que apontaram não haver preocupação com a fala tenham conhecimento de variação linguística.

Pergunta 02: Você acredita que fala a norma culta ou a norma popular?

Gráfico 5 - Percentual de respostas da pergunta: Você acredita que fala a norma culta ou a norma popular?



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 152 informantes de Fortaleza, 51 responderam que falam a norma culta, enquanto 101 responderam que falam a norma popular. Um dado interessante foi o resultado dessa pergunta, pois, apesar de a maioria de preocupar em falar corretamente e algumas em situações formais, a maioria acredita que fala a norma popular, mesmo sendo falantes de nível superior. Esse resultado nos leva a observar como os falantes acreditam que o português é difícil, conforme Bagno (1999) mostra os preconceitos que existentes na língua. Os dados dessa pergunta serão retomados posteriormente na última pergunta feita em nosso teste.

8.2.2 Segundo Momento: perguntas de acordo com o ouvinte

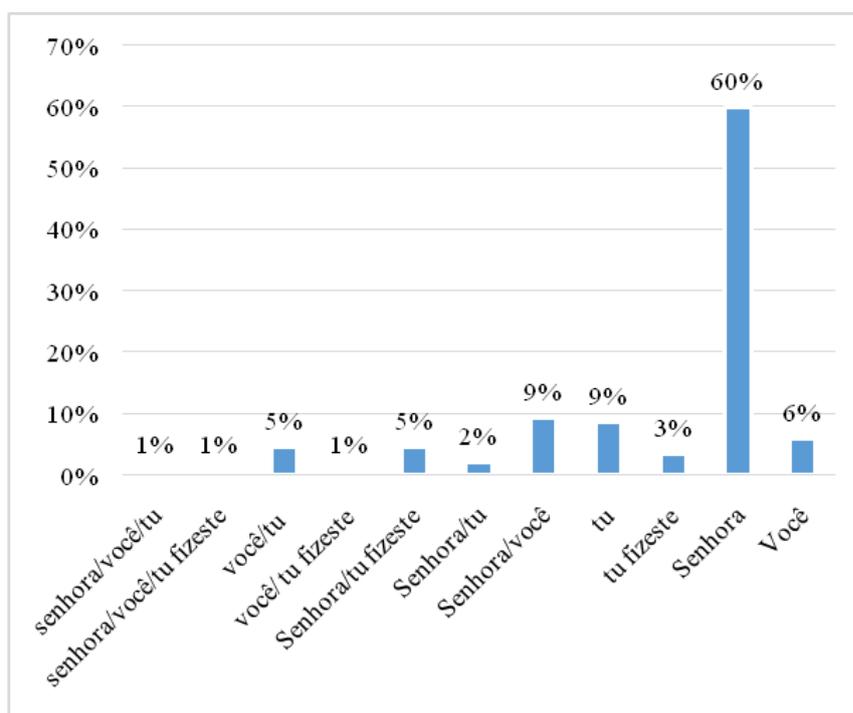
Baseado na ideia de que os informantes variariam o uso dos pronomes de acordo com a pessoa com quem fala, criamos uma segunda seção de perguntas. Fizemos perguntas para que os informantes respondessem qual pronome ele utilizaria de acordo com a situação. Para tanto, usamos alguns contextos: familiar, profissional, educacional.

8.2.2.1 Ambiente familiar

Criamos 6 situações hipotéticas para que os informantes respondessem qual pronome usam, dando a opção de escolher mais de uma opção.

a) Filho fala com a mãe: “Mãe, a senhora já fez o almoço?, Mãe, você já fez o almoço?, Mãe, tu já fez o almoço?, Mãe, tu já fizeste o almoço?”

Gráfico 6 - Percentual de respostas da pergunta do filho falando com a mãe



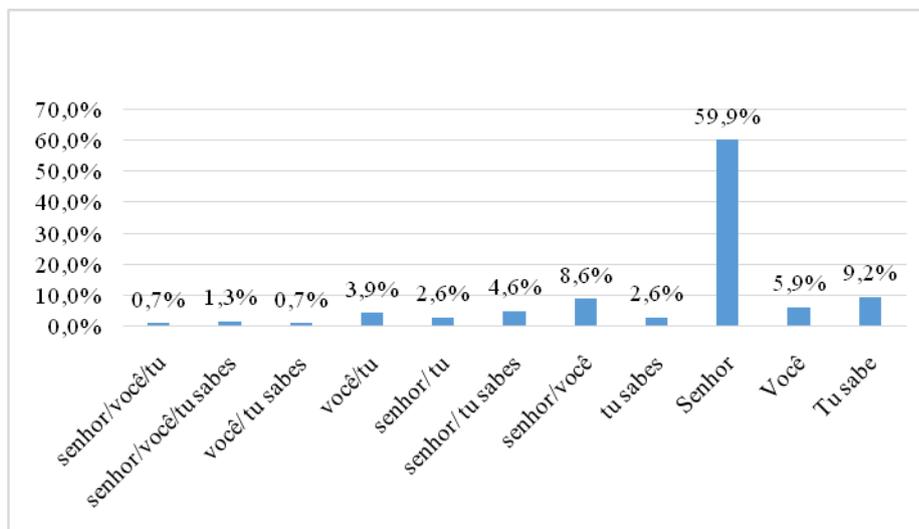
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 6 apresenta os percentuais da pergunta para se referir à mãe. Os informantes puderam responder mais de uma opção, mas a maioria, 91 informantes, (60%) escolheu *senhora*, enquanto a segunda opção ficou *senhora/você*, 14, (9%), a terceira *tu*, 13, (9%), a quarta *você*, 9 (6%). Em seguida, *você/tu* e *senhora/tu com concordância*, 7, (5%, ambos). *Tu com concordância* foram 5 (3%), *senhora/tu* foram 3 (2%), *você/ tu com concordância* e *senhora/você/tu com concordância* 1 (1% ambos). O resultado dessa pergunta nos revela que a forma preferida pelos falantes fortalezenses é *a senhora* para se referir à mãe. Outras formas também são usadas, e há quem use os três pronomes *tu*, *você* e *a senhora* na mesma situação (que foram apenas duas pessoas que indicaram isso). O fato nos revela que o uso de um pronome que denote respeito ainda é bastante usado/preterido pelos falantes de Fortaleza.

Na cidade de Florianópolis (RAMOS, 2012), diferente do que apresentamos, o uso do *tu* e *senhor* se mostrou bem semelhante (35% só *tu* e 31% só *o senhor*). Podemos notar que, para se referir ao pai ou mãe, nós utilizamos um distanciamento, sinal de respeito a uma pessoa mais velha, enquanto os florianopolitanos não veem assim. A relação pai/filho, segundo os dados, revelam uma aproximação entre a família.

b) Filho fala com pai: “Pai, o senhor sabe qual o resultado do jogo?, Pai, você sabe qual o resultado do jogo?, Pai, tu sabe qual o resultado do jogo?, Pai, tu sabes qual o resultado do jogo?”

Gráfico 7 - Percentual de respostas da pergunta do filho falando com o pai

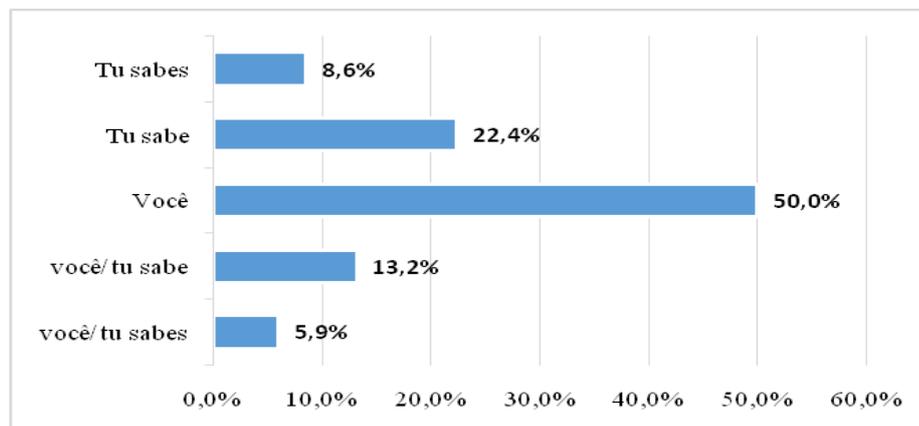


Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, como no caso da mãe, os filhos fortalezenses afirmaram preferir, em sua maioria, pela forma *o senhor* para se referirem ao pai. Esperávamos que essa seria a forma mais usada, independente do gênero do nosso ouvinte. O pronome *o senhor* é uma forma polida e respeitosa a se referir com mais velhos.

c) Pai fala com o filho/filha: “Filho(a), você sabe qual o resultado do jogo?, Filho(a), tu sabe qual o resultado do jogo?, Filho(a), tu sabes qual o resultado do jogo?”

Gráfico 8 - Percentual de respostas da pergunta do pai falando com o filho/filha

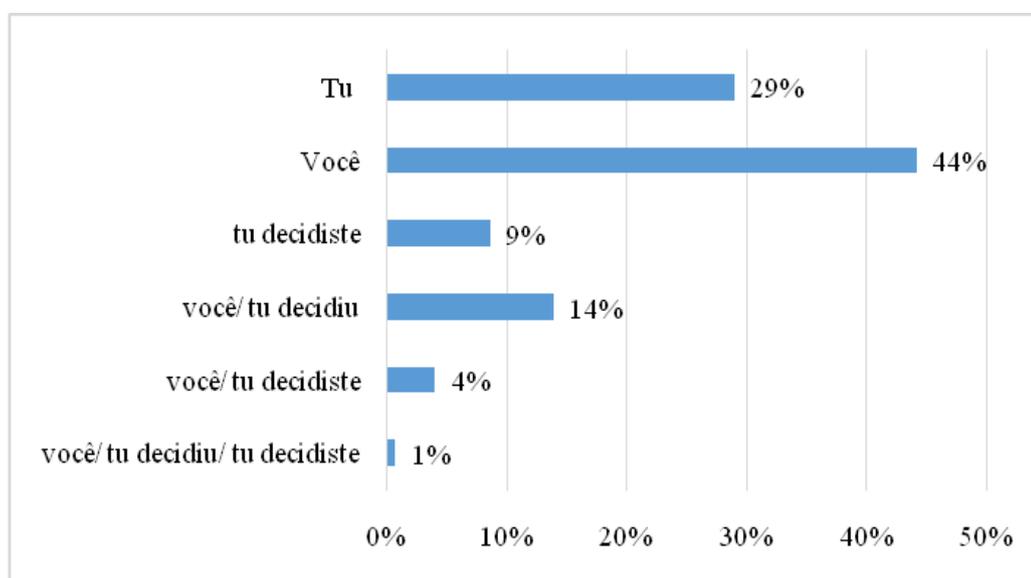


Fonte: Elaborado pela autora.

Desconsideramos o fato de o interlocutor se homem ou mulher, apesar de que fizemos isso outras situações. Nesse caso, observamos apenas a relação assimétrica da idade. Os dados nos revelam que os falantes fortalezenses de nível superior, numa situação de informalidade, com pessoas conhecidas, preferem usar o pronome *você*, no total foram 76 (50%). O número de informantes que afirmam que usam o pronome *tu* com a concordância canônica é baixo, mas representativo, uma vez que 8,6% (13) e 5,9% (6) optaram por esse uso. Os últimos estudos variacionistas que trabalham com *corpus* falado apontam para um uso muito pequeno de pessoas que usam o pronome *tu* com essa concordância (MARTINS, 2010; ALVES, 2010; GUIMARÃES, 2014; SCHERRE *et al*, 2015), o que nos leva a observar se, nos *corpora* mais atuais, (independentemente da localização) isso realmente acontece.

d) Falando com cônjuge ou namorado(a): “Amor, você decidiu para onde vamos viajar?, Amor, tu decidiu para onde vamos viajar?, Amor, tu decidiste para onde vamos viajar?”

Gráfico 9 - Percentual de respostas da pergunta falando com cônjuge ou namorado(a)



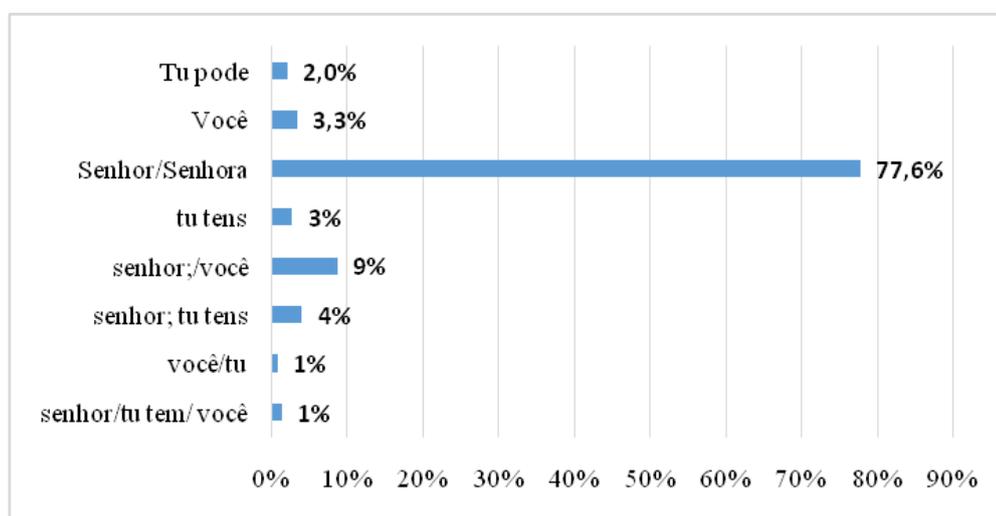
Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 9, o *você* aparece em maior destaque com 44% (67 respostas), seguido do *tu* 29% (44 dados), e 14% respondeu *você/ tu decidiu* (21). 9% respondeu que usa *tu* com concordância canônica (13) e apenas 4% disseram usar os pronomes *você/ tu* com concordância (6) e somente 1% (1) respondeu usar as três formas: *você/ tu/ tu* com concordância canônica. Esse resultado

ratifica a informação do item anterior, em situação de informalidade com seu cônjuge, os fortalezenses também afirmam que preferem usar o pronome *você*, em detrimento da variável *tu* nas relações amorosas. No entanto, o uso do pronome *tu* teve um leve aumento, enquanto o *você* teve uma redução quanto ao uso. Leva-nos a acreditar que o pronome *tu* é mais usado com pessoas mais íntimas e que iria depender também do assunto que é tratado.

e) Falando com avô ou avó “Vô/vó, o/a senhor(a) pode me contar aquela história de novo?, Vô/vó, você pode me contar aquela história de novo?, Vô/vó, tu pode me contar aquela história de novo?, Vô/vó, tu podes me contar aquela história de novo?”

Gráfico 10 - Percentual de respostas da pergunta falando com avô ou avó



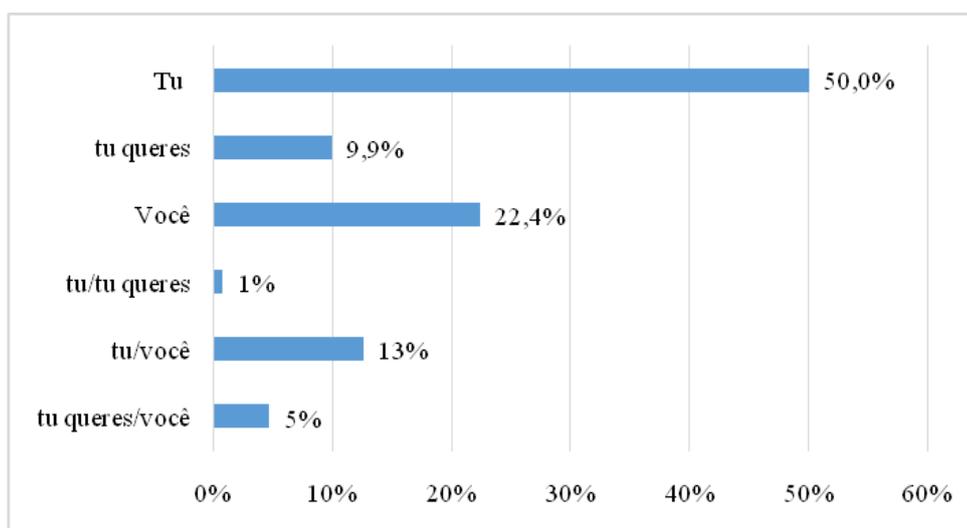
Fonte: Elaborado pela autora.

Colocamos essa opção a fim de observar se haveria diferenças entre a relação de pais e filhos e avós e netos. Nessas duas relações assimétricas o uso de *o senhor* é predominante nos dois casos, mas o uso de netos para os avós é mais evidente, como esperávamos. 77,6% dos informantes afirmam que usam apenas a forma *o senhor* para se dirigir aos parentes mais velhos (118 respostas). Os dados mostram que 9% usa *senhor e você* (13 dados), seguido de 4% para *senhor e tu tens* (6 respostas), 3,3% afirmaram usar *você* (5 dados), 3% disseram usar o *tu* com concordância canônica (4), 2% disseram usar o pronome *tu* sem concordância (3) e somente 1% afirmou usar três formas - *senhor, você e tu* sem concordância canônica - (2) ou somente *você e tu* (1 resposta).

Esses dados revelam que, mesmo aparecendo outras formas de tratamento, ainda o uso do *senhor* é preterido – tendo o resultado bem diferenciado- para se referir a alguém bem mais velho.

f) Falando com seu irmão ou irmã: “Tu quer ir à praia no domingo comigo?, Você quer ir à praia no domingo comigo?, Tu queres ir à praia no domingo comigo?”

Gráfico 11 - Percentual de respostas da pergunta falando com seu irmão ou irmã



Fonte: Elaborado pela autora.

O resultado dessa pergunta também se mostrou expressivos e bem diferente da relação simétrica entre namorados. Metade dos informantes, 50%, (76) afirmou que usam apenas o pronome *tu* para se dirigir aos irmãos, seguidos de 22,4% (34) que dizem usar somente *você*, e somente 9,9% (15) mencionam que usam o *tu* em sua concordância canônica. Esse dado confirmou nossas expectativas, que esperávamos que nas situações de intimidade o *tu* fosse mais frequente, no entanto, nos causou estranheza nas relações entre namorados, já que os informantes mostraram que usam mais o *você*, já, entre irmãos, o uso é mais acentuado do *tu*. Tal dado pode indicar que os informantes se sentem mais íntimos e mais à vontade em usar um pronome de intimidade com os irmãos.

8.2.2.2 Ambiente profissional

No ambiente profissional, fizemos seis perguntas: 4 relacionados ao chefe (se era homem, mulher, mais velhos, mais novo/mesma idade). Duas em relação aos colegas de trabalhos, no sentido de observar se a distância entre eles iria fazer com que mudassem o uso do pronome.

a) No ambiente de trabalho, com sua chefe que é mais velha que você: “Você tem um minuto? Preciso falar com você, Tu tens um minuto? Preciso falar contigo, Tu tem um minuto? Preciso falar contigo, A senhora tem um minuto? Preciso falar com a senhora”.

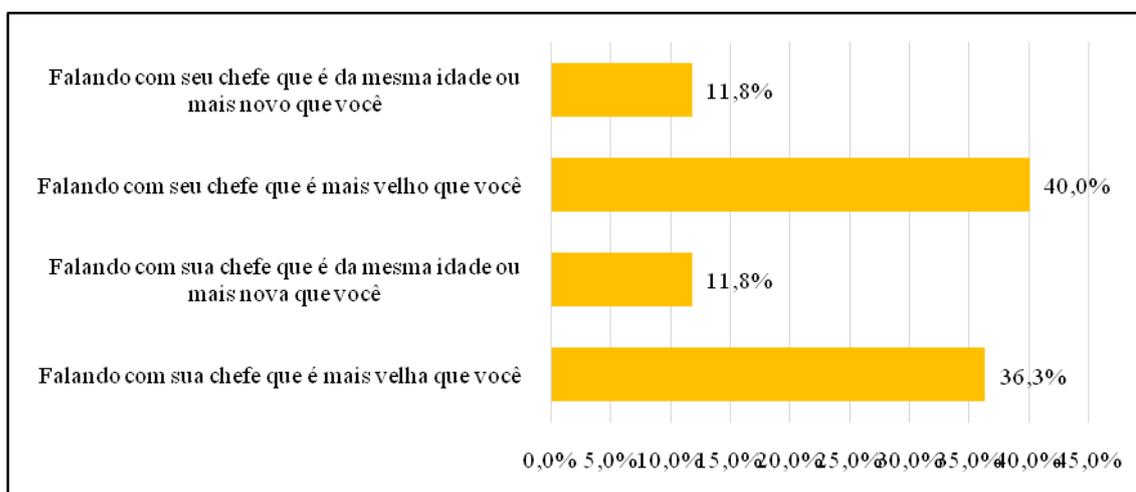
b) Falando com sua chefe que é da mesma idade ou mais nova que você: “Você tem um minuto? Preciso falar com você, Tu tens um minuto? Preciso falar contigo, Tu tem um minuto? Preciso falar contigo, A senhora tem um minuto? Preciso falar com a senhora”.

c) Falando com seu chefe que é mais velho que você “Você tem um minuto? Preciso falar com você, Tu tens um minuto? Preciso falar contigo, Tu tem um minuto? Preciso falar contigo, O senhor tem um minuto? Preciso falar com o senhor.”

d) Falando com seu chefe que é da mesma idade ou mais novo que você: “Você tem um minuto? Preciso falar com você, Tu tens um minuto? Preciso falar contigo, Tu tem um minuto? Preciso falar contigo, O senhor tem um minuto? Preciso falar com o senhor.”

A partir dessas quatro perguntas, separamos os resultados de acordo com os pronomes selecionados pelos informantes. Alguns informantes assinalaram mais de uma opção, mas não foi maioria⁶⁸.

Gráfico 12 - Uso do pronome *o senhor* no trabalho para falar com o chefe



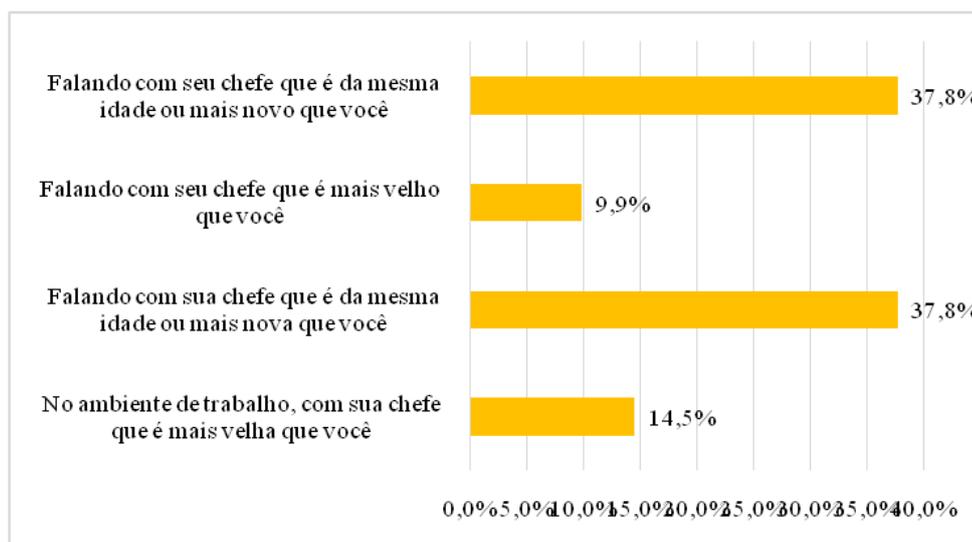
Fonte: Elaborado pela autora.

⁶⁸ Os dados que tiveram mais uma opção assinalada foram: para a chefe mais velha *tu tens/a senhora* 5; *você/a senhora* 15; *você/tu* 2; *você/ tu tens* 3; *você/ tu tens/ a senhora* 3; para a chefe mais nova ou da mesma idade: *tu tens/a senhora* 4; *você/a senhora* 7; *você/tu* 9; *você/ tu tens* 11; *você/ tu tens/ a senhora* 1; *tu tens, tu* 1; *você, tu, tu tens* 1; para o chefe mais velho: *tu tens/ a senhora* 4, *você/o senhor* 18, *você/tu* 3; *você, tu tens, a senhora* 2; *você/ tu/o senhor* 1; para o chefe mais novo ou da mesma idade: *tu tens/ o senhor* 5; *você/o senhor* 12; *você/tu* 8; *você/ tu tens* 9; *você, tu tens, a senhora* 2.

O Gráfico 12 mostra o resultado do pronome *o senhor/a senhora* para se referir ao chefe. No total 245 informantes responderam que usariam o *o senhor/a* para se referir ao chefe. Desses, 89 utilizam para a chefe (36,3%), enquanto para o chefe são 98 (40%). Já conversando com sua chefe da mesma idade ou mais nova apenas 29 responderam que usariam *senhor* (11,8%), o mesmo resultado para os chefes da mesma idade ou mais novo. Os dados nos revelam que os nossos informantes optam por preterir a forma *senhor/senhora* quando o/a chefe é mais velho, nos revelando que, em uma relação assimétrica, o fato de ter uma posição hierárquica superior não é tão preponderante quanto a idade da pessoa com quem se fala.

Os dados de Rocha (2012) nos revelam que esse pronome *o senhor* também é bastante usado em Florianópolis, mas ao que tudo indica, somente nas relações marcadamente assimétricas. Em nossa pesquisa, revelou que o fator idade mostrou-se mais próximo do *senhor* que os outros fatores.

Gráfico 13 - Uso do pronome *você* no trabalho com o chefe

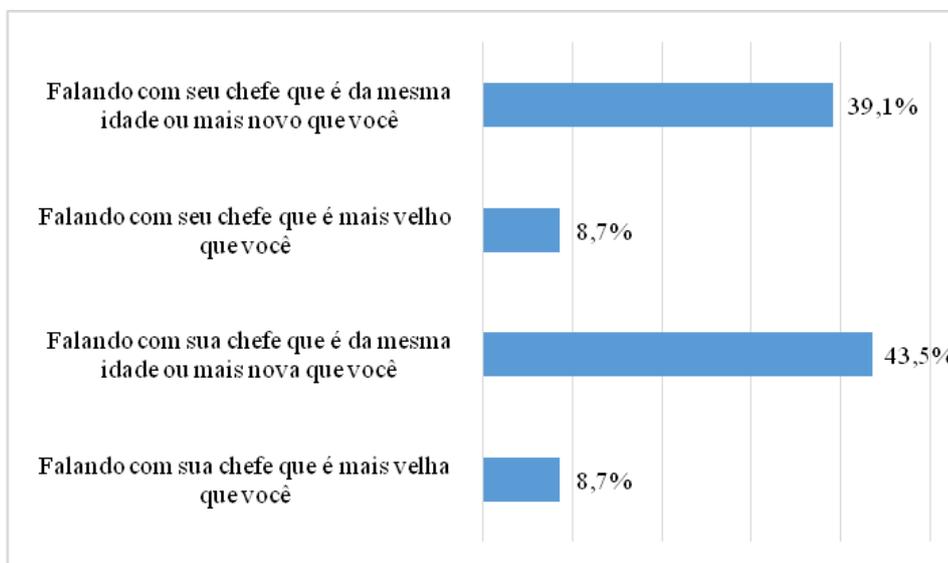


Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao uso do pronome *você* para se referir ao chefe, encontramos 65 respostas. 65 informantes responderam que usariam o *você* para se referir ao chefe (independente se é homem ou mulher) que são mais velhos (37,8%). Já o uso para a chefe mais nova ou da mesma idade foi de 25 dados (14,5%), enquanto para o chefe mais novo ou da mesma foram 17 (9,9%). Note que, nesse segundo caso, os chefes, quando têm a idade inferior a do falante, ou a mesma idade, os informantes optam por usar o pronome *você*, como se houvesse uma aproximação, por conta da idade, mas que ainda sim, devido ao *você* não ser

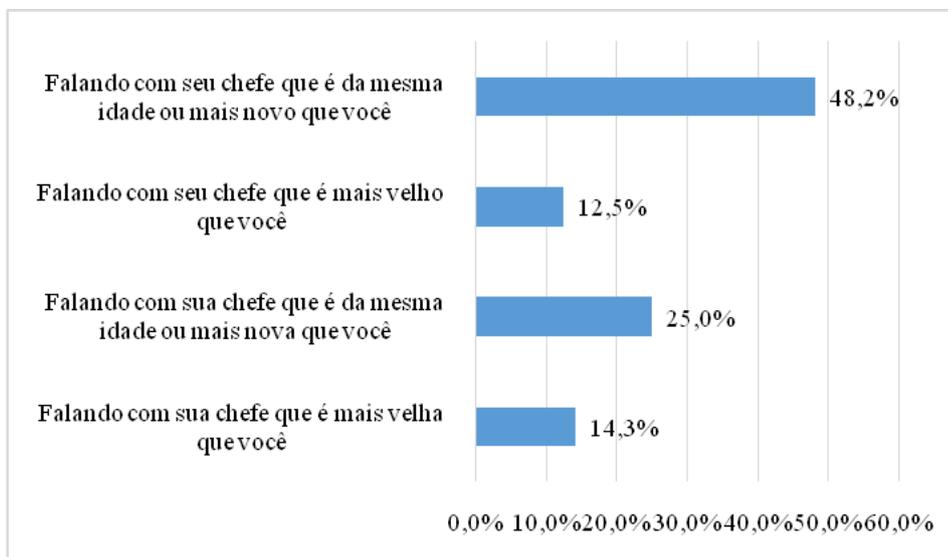
estigmatizado, é uma forma que não marca distanciamento, mas que também não há muita intimidade.

Gráfico 14 - Uso do pronome *tu* sem concordância canônica no trabalho com o chefe



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 15 - Uso do pronome *tu* com concordância canônica no trabalho com o chefe



Fonte: Elaborado pela autora.

Um dado relevante nessa pesquisa foi o uso do pronome *tu*. Nos Gráficos 14 e 15, são mostrados os resultados percentuais do uso do *tu* sem e com concordância canônica. Os dados revelam que os informantes optam por usar o *tu* com concordância canônica que sem a concordância. Interessante que, nos gráficos, podemos ver que para se referir à chefe da mesma idade ou mais nova tem diferença significativa entre o uso do pronome *tu*. Enquanto

com concordância canônica, temos 25%, sem concordância temos 43,5%. O uso desse pronome sem a concordância marcada já se mostrou evidente não só em pesquisas nessa localidade em estudo, mas também em outras regiões. Aqui já se mostrou que a forma não é estigmatizada, mas os próximos resultados confirmam que ela não é uma forma de prestígio. Nossa seleção foi feita somente com as respostas em que o informante marcou apenas uma opção, foram no total 89, com 56 com concordância canônica e 23 sem concordância canônica. Os dados mostram semelhanças nos resultados quanto ao uso do pronome *tu*, apresentando o mesmo percentual nos dois gráficos, no entanto, a quantidade de respostas é diferente em algumas opções.

Tabela 38 - Uso do *tu* com ou sem concordância canônica para se referir ao chefe

	Sem a concordância		Com a concordância	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Falando com sua chefe que é mais velha que <i>você</i>	2	8,7%	8	14,3%
Falando com sua chefe que é da mesma idade ou mais nova que <i>você</i>	10	43,5%	14	25,0%
Falando com seu chefe que é mais velho que <i>você</i>	2	8,7%	7	12,5%
Falando com seu chefe que é da mesma idade ou mais novo que <i>você</i>	9	39,1%	27	48,2%
	23		56	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 38, podemos fazer uma comparação mais visível entre o uso dos pronomes. Com os chefes que são mais velhos, encontramos os mesmos resultados independente do gênero da pessoa com quem se fala, duas respostas para sem concordância canônica (8,7%) e 8/7 respostas para com a concordância canônica (14,3%/12,5%). No entanto, observamos um dado completamente distinto quando se trata de chefes mais novos ou da mesma idade. Enquanto sem concordância foram 10/9 para se referir aos chefes mais velhos ou da mesma idade (43,5% e 39,1%), as respostas com concordância se mostraram diferente, principalmente com o chefe mais novo ou da mesma idade. Para se referir a chefe, foram 14 dados (25%), enquanto para o chefe mais novo ou da mesma idade foram 27 dados (48,2%). Os dados indicam que, para falar com os homens, o uso do pronome *tu* com concordância canônica é mais frequente.

e) Falando com seus colegas de trabalho mais próximos: “Você trouxe aquele material que pedi?, O senhor trouxe aquele material que pedi?, Tu trouxe aquele material que pedi?, Tu trouxeste aquele material que pedi?”

f) Falando com seus colegas de trabalho mais distantes: “Você trouxe aquele material que pedi?, O senhor trouxe aquele material que pedi?, Tu trouxe aquele material que pedi?, Tu trouxeste aquele material que pedi?”

Tabela 39 - Resultado do uso dos pronomes a colegas mais próximos e colegas mais distantes

uso dos pronomes com colegas	Com colegas mais próximos		Com colegas mais distantes	
uso do tu	56	37%	18	12%
uso do tu trouxeste	12	8%	16	11%
uso de o senhor	0	0%	11	7%
uso do você	49	32%	79	52%
uso tu; tu com concordância	3	2%	0	0%
uso do você/senhor	1	1%	6	4%
uso do você/tu	21	14%	10	7%
uso do você/tu com concordância	7	5%	8	5%
uso do tu/o senhor	0	0%	1	1%
uso do tu com concordância/o senhor	0	0%	2	1%
uso do tu/tu com concordância/o senhor	1	1%	0	0%
uso do tu/tu com concordância/você	1	1%	0	0%
uso do tu com concordância/você/o senhor		0%	1	1%
uso do tu/tu com concordância/você/o senhor	1	1%	0	0%
	152	100%	152	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 39, mostra o resultado das perguntas para colegas próximos e para colegas distantes. Com colegas mais próximos, o mais recorrente foi o *tu* com 56 dados (37%), seguido do *você* 49 respostas (32%), e *tu e você* com 21 dados (14%), por fim, o uso do *tu* com concordância canônica, 12 dados (8%). Os demais dados não apresentam resultado relevante. Já com colegas mais distantes, tivemos 79 respostas para o uso de *você* (52%), seguido do *tu* com 18 dados (12%) e *tu* com concordância canônica com 16 respostas (11%) e 7 dados para *o senhor* (7%) e *você e tu* com 10 dados (7%).

Os dados nos revelam que os informantes preferem uma forma considerada mais distante e impessoal para os colegas de trabalho com quem eles não têm intimidade, enquanto com os colegas mais próximos são preteridas formas com *tu* e *você*. Observem que a forma

você é usada de forma acentuada nos dois casos, como se fosse uma forma neutra, enquanto o *tu* é acentuado com os colegas próximos e o *senhor* é o escolhido nas relações mais distantes. Interessante dessas respostas é que o uso do *você* é acentuado para os colegas distantes e há também o *senhor* que aparece praticamente somente destinado a colegas distantes. Já com colegas próximos, o uso do *tu* e *você* é mais frequente e o uso do *tu* com concordância praticamente não é opção.

8.2.2.3 Ambiente Universitário

No ambiente universitário, fizemos 3 perguntas destinadas a conversas com professores- que varia de acordo com a faixa etária- e somente uma a colegas. Sabemos que a relação gênero/sexo é importante, e por isso foi opção em algumas perguntas, mas, para nosso teste não ficar muito extenso, optamos por, nesse contexto, colocarmos somente perguntas levando em conta a faixa etária do professor.

Assim, temos a seguir a três perguntas levando em consideração a faixa etária do professor:

a) Na faculdade, falando com seu professor (que tem a idade de 20 a 35 anos) “Professor, tu podes receber meu trabalho próxima semana?, Professor, tu pode receber meu trabalho próxima semana?, Professor, o senhor pode receber meu trabalho próxima semana?, Professor, você pode receber meu trabalho próxima semana?”

b) Falando com seu professor (que tem a idade de 36 a 55 anos) “Professor, tu podes receber meu trabalho próxima semana?, Professor, tu pode receber meu trabalho próxima semana?, Professor, o senhor pode receber meu trabalho próxima semana?, Professor, você pode receber meu trabalho próxima semana?”

c) Falando com seu professor (que tem a idade mais de 56 anos) “Professor, tu podes receber meu trabalho próxima semana?, Professor, tu pode receber meu trabalho próxima semana?, Professor, o senhor pode receber meu trabalho próxima semana?, Professor, você pode receber meu trabalho próxima semana?”

**Tabela 40 - Uso dos pronomes no ambiente universitário: falando com seus professores
(das três faixas etárias)**

	Professor entre (20 a 35 anos)		Professor (36 a 55 anos)		Professor (com mais de 56 anos)	
uso de o senhor	70	46%	98	64%	130	86%
uso do tu com concordância	4	3%	4	3%	3	2%
uso do tu sem concordância	1	1%	0	0%	0	0%
uso do você	46	30%	22	14%	4	3%
uso de o senhor/tu	1	1%	0	0%	0	0%
uso de o senhor/ tu com concordância	3	2%	3	2%	4	3%
uso de o senhor/você	20	13%	20	13%	8	5%
uso do você/tu	1	1%	1	1%	1	1%
uso do você/ tu com concordância	1	1%	0	0%	0	0%
uso de o senhor/você/tu	2	1%	2	1%		0%
uso de o senhor/você/tu com concordância	3	2%	2	1%	2	1%
	152		152		152	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 40, apresentamos os três resultados significativos para professores entre 20 a 35 anos: uso do *senhor* com 70 dados (46%), seguido de 46 respostas para o uso de *você* (30%) e 20 dados para o uso de *você e senhor* (13%). Quando o professor tem a idade entre 36 a 55 anos, foram encontrados três resultados significativos: 98 respostas com o uso de *o senhor* (64%), 22 casos de uso de *você* (14%) e 20 dados de uso de *o senhor/você* (13%). Já, quando o professor tem acima de 56 anos, foram encontradas as seguintes respostas: 86 responderam usar *o senhor* (86%) e 8 disseram usar *você e o senhor* (5%).

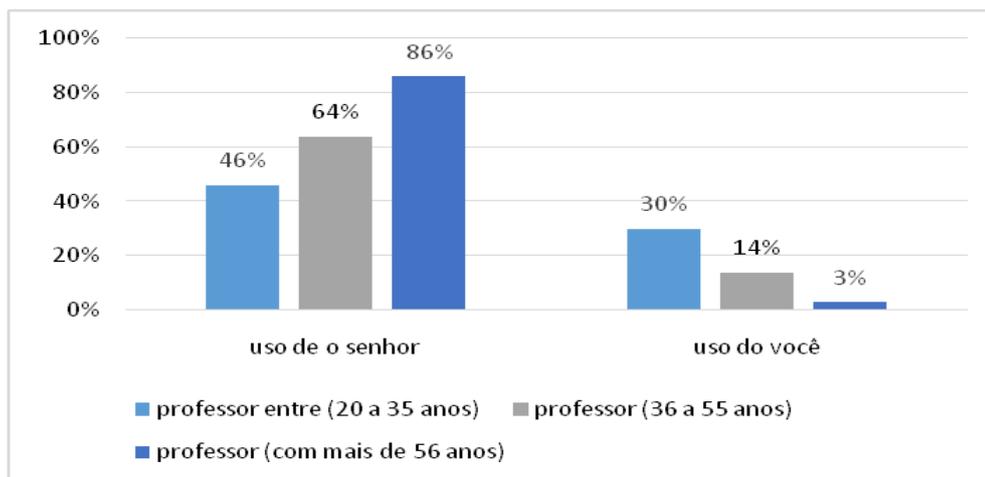
Os demais dados se mostraram insignificantes, como podemos ver na Tabela 40, em que o pronome *tu* está abaixo de 3% para se referir a um professor, independente da faixa etária dele.

O resultado dessas perguntas ratifica a ideia de que os informantes fortalezenses preferem a forma *senhor* para se referir aos mais velhos, enquanto o uso de *você* aumenta para os mais jovens. Observa-se uma gradação quanto ao uso dos pronomes em questão. A idade dos professores inibe o uso de *senhor*, principalmente quando se trata de mulheres, uma vez que, no Brasil, chamar uma mulher de *senhora* pode denotar não somente respeito, mas

indicação de que é uma pessoa velha. Muito comum as mulheres se sentirem ofendidas e responderem “senhora está no céu”.

No Gráfico 16, podemos ver como essa gradação ocorre com os pronomes *você* e *senhor*.

Gráfico 16 - Percentual de respostas para o uso de você e senhor para se dirigir a professor



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que a proporção que a idade do professor em questão aumenta, o uso do *senhor* também cresce. Em contrapartida, a proporção que a idade do professor diminui, o uso do *você* aumenta. Essa relação assimétrica de poder fica mais evidente na diferença de idades do que propriamente no cargo hierárquico superior.

A última pergunta no ambiente universitário foi referente aos colegas de sala.

d) Falando com seu colega de sala: “Tu pode me emprestar a xerox daquela matéria?, Você pode me emprestar a xerox daquela matéria?, Tu podes me emprestar a xerox daquela matéria?”

Tabela 41 - Percentual de respostas para o uso dos pronomes para se dirigir a colegas

	Quantidade	%
Uso do tu sem concordância	61	40%
Uso do você	35	23%
Uso do tu com concordância	16	11%
Uso do tu sem concordância/tu com concordância	1	1%
Uso do tu sem concordância /você	28	18%
Uso do tu com concordância/você	7	5%
Uso do tu sem concordância/tu com concordância/você	4	3%
	152	

Fonte: Elaborado pela autora.

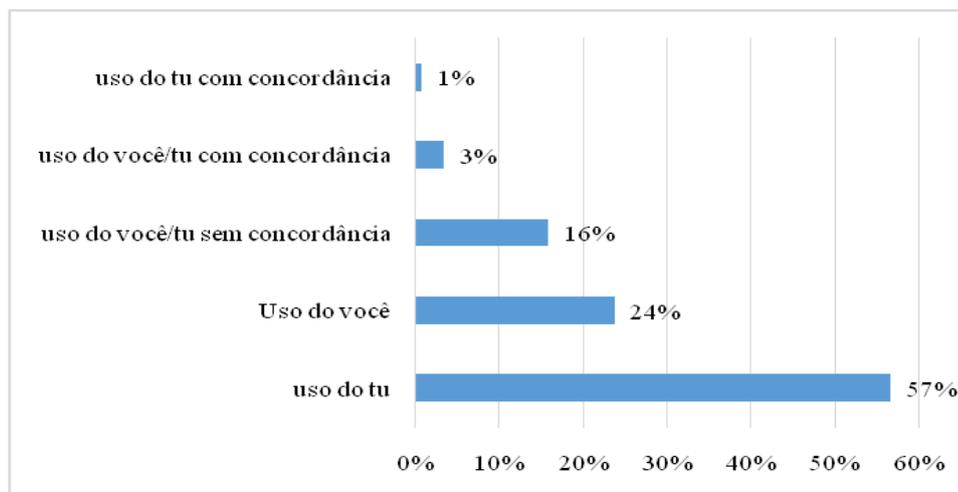
A Tabela 41 mostra que, para se referir a colegas de faculdade, 61 dos informantes optam por usar o *tu* sem concordância (40%), seguido por 35 que usam *você* (23%). Logo depois, 28 usam as duas formas *você* e *tu* sem concordância (18%). Somente 7 usam o *tu* com concordância (5%) e 4 usam o *tu* sem concordância, o *tu* com concordância e o *você* (3%). Somente uma pessoa afirmou usar o *tu* com e sem concordância (1%).

Nas relações simétricas, entre amigos de faculdade, observa-se que os informantes dizem preferir usar o *tu*, seguido de *você*. Vale reforçar que os informantes também optaram pelo uso do *tu* sem a concordância canônica, que só tiveram 16 pessoas afirmando que usariam dessa forma. Os 61 que afirmaram usar o *tu*, usariam sem a concordância, ratificando a ideia de que o uso do *tu* sem concordância é aceito, sem qualquer constrangimento.

8.2.2.4 Ambiente descontraído

O último ambiente que criamos foi com os amigos em um bar. Neste caso, tivemos a intenção de procurar um ambiente informal.

a) No bar, falando com os amigos “Você trouxe a minha cerveja?, Tu trouxeste a minha cerveja?, Tu trouxe a minha cerveja?”

Gráfico 17 - Percentual de respostas para o uso dos pronomes para se dirigir a amigos

Fonte: Elaborado pela autora.

A última pergunta desse momento é sobre amigos em um bar, um ambiente bem informal, onde esperávamos que o grau de intimidade e de informalidade chegasse em seu ápice. Nossos resultados corroboram com essa hipótese. Mais da metade dos informantes afirmaram que usariam somente o *tu* (86 informantes, 57%), seguido de *você* (36 informantes, 24%), e logo depois os dois pronomes *tu/você* (24 informantes, 16%). Assim, como a pergunta anterior, essa reforça que o uso do *tu* sem concordância ocorre majoritariamente em ambientes informais e quando há entre os interlocutores uma relação simétrica, com intimidade entre os interlocutores.

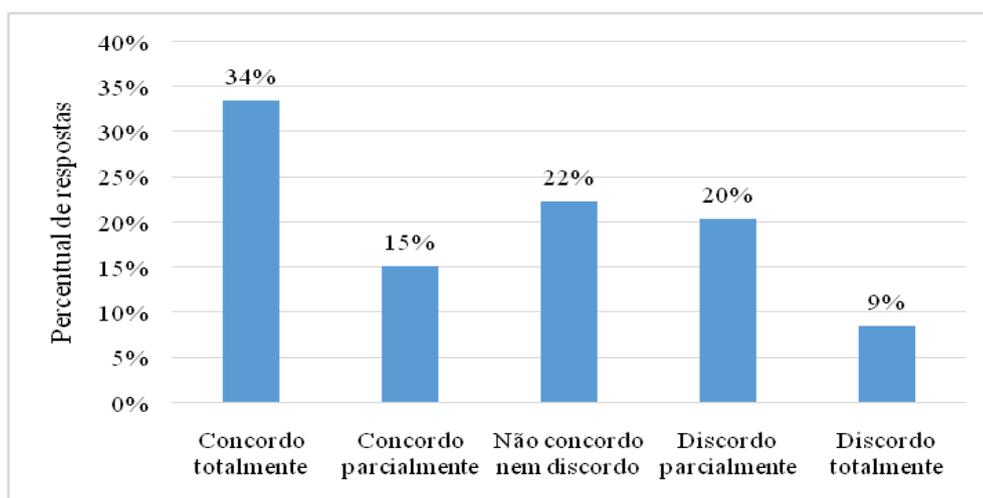
8.2.3 Terceiro Momento: declarações sobre o uso das formas pronominais

No terceiro momento, fizemos declarações acerca do uso dos pronomes que seriam avaliadas de “concordo” a “não concordo” a possibilidade de ele utilizar determinar variável, em determinadas situações como veremos em seguida.

A primeira afirmação foi:

1. No dia a dia, eu uso mais o pronome *você* que o pronome *tu*

Gráfico 18 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “eu uso mais o pronome você que o pronome tu”



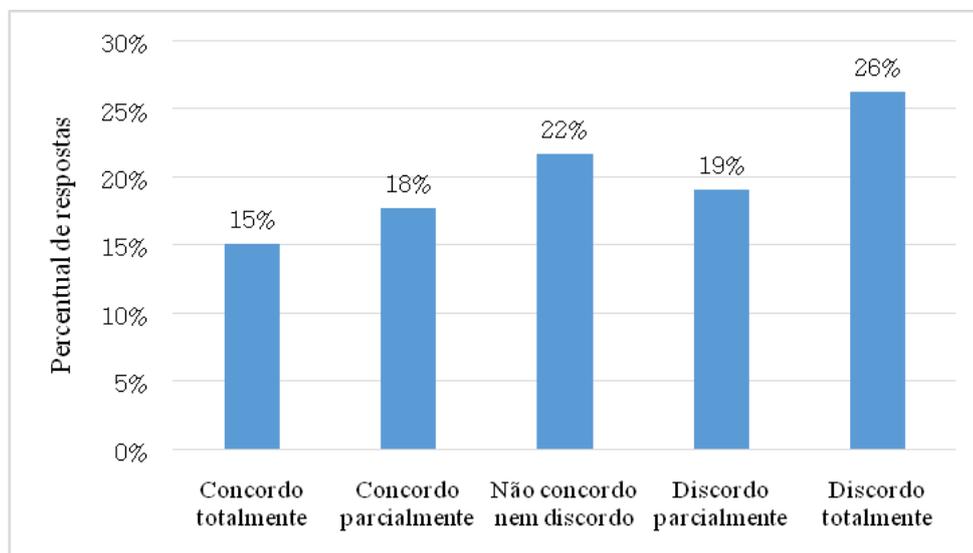
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 18 apresenta o resultado do uso do pronome *você* em detrimento do *tu*. 34% afirma concorda totalmente (51 informantes). 23 concorda parcialmente (15%), 34 não concordo nem discordo (22%), 31 discorda parcialmente (20%) e somente 13 discorda totalmente (9%).

O resultado dessa pergunta indica que a maioria dos informantes usa no dia a dia o *você*, mesmo que não seja exatamente mais que o *tu* - já que muitos se pronunciaram como não concordar ou ficar neutro nessa declaração. O que nos leva a entender que, na maioria das situações, o *você* funciona com um pronome neutro, que pode ser usado em todas as situações, diferente do *tu*, que já se mostrou preferido somente nas situações de intimidade.

2. No dia a dia, eu só uso o pronome *você*

Gráfico 19 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “No dia a dia, eu só uso o pronome *você*”



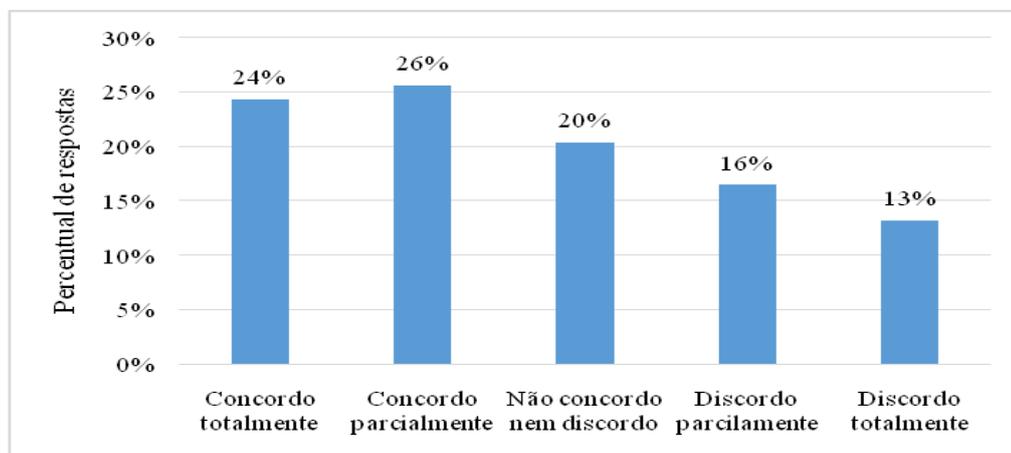
Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 19, temos como resultado o seguinte: 40 informantes informaram discordar totalmente (26%), 29 discordam parcialmente (19%), 33 não concordam nem discordam (22%), 27 concordam parcialmente (18%) e somente 23 concordam totalmente (15%).

O resultado dessa afirmação mostrou que 35% dos informantes, ou seja, 36 pessoas afirmam não utilizar o pronome *tu*. Esperávamos que mais informantes discordassem dessa declaração, uma vez que, de acordo com as perguntas feitas anteriormente, vimos que muitos informantes usam o pronome *tu* no seu dia a dia, mesmo que somente em situação informais.

3. Só utilizo o pronome *tu* em situações de grande intimidade/informalidade

Gráfico 20 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “Só utilizo o pronome *tu* em situações de grande intimidade/informalidade”

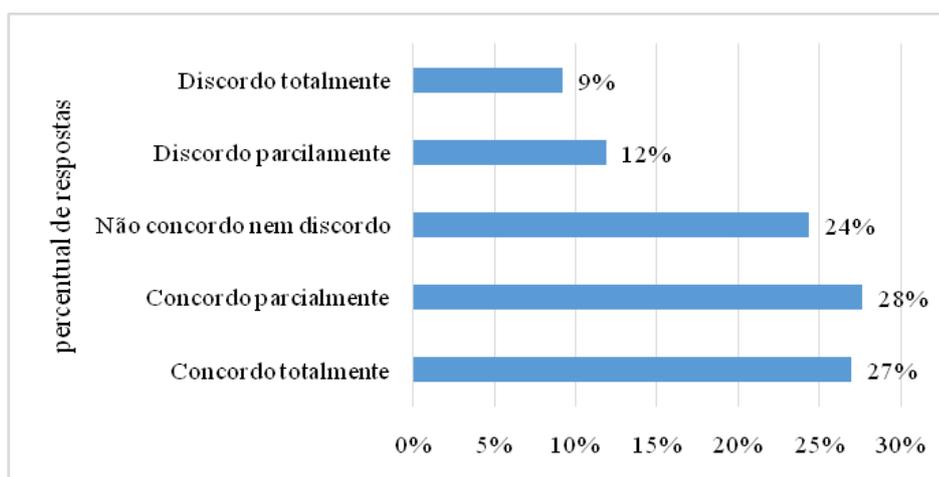


Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 20 apresenta o resultado para a seguinte afirmação: “só utilizo o pronome *tu* em situações de grande intimidade”. 37 informantes responderam concordar totalmente (24%), 39 concordam parcialmente (26%), 31 nem concordam nem discordam (20%), 25 discordam parcialmente (16%) e 20 discordam totalmente (13%). Metade concordou ou concordou parcialmente o que confirma nossa hipótese de que esse pronome é utilizado em situações de intimidade. Vale reforçar que os que discordam podem estar inseridos tanto nos que não utilizam o pronome em questão como também o utilizam nas mais diversas situações.

4. O uso do pronome *tu* e *você* varia de acordo com gênero e idade da pessoa com quem eu falo

Gráfico 21 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “O uso do pronome *tu* e *você* varia de acordo com gênero e idade da pessoa com quem eu falo”



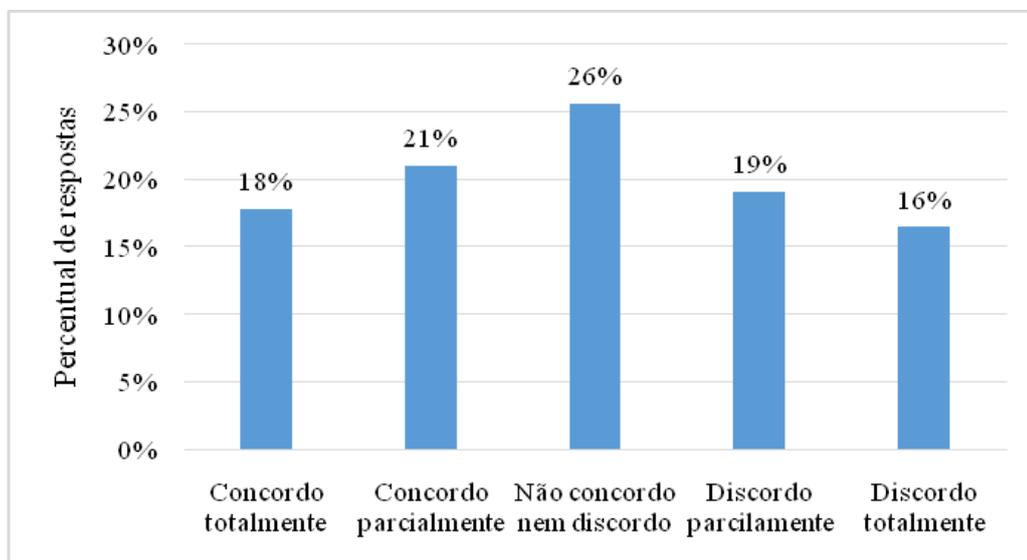
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 21 apresenta o resultado da afirmação se o uso do pronome *tu* e *você* varia de acordo com gênero e idade da pessoa com quem eu falo. 41 informantes responderam que concordam totalmente (27%), 42 concordam parcialmente (28%), 37 não concordam nem discordam (24%), 18 discordam parcialmente (12%) e somente 14 discordam totalmente (9%).

Os resultados dessa pergunta mostram que os informantes variam o uso dos pronomes de segunda pessoa de acordo com o gênero e faixa etária. No entanto, não foi observado variação quanto ao gênero da pessoa com quem se fala nas perguntas feitas no primeiro momento dos testes, já que os informantes mostraram usar do mesmo jeito. Na faixa etária, houve uma sutil diferença entre o uso dos pronomes, mas que precisaria ser investigada ainda mais para observar essa variação.

5. O uso do pronome *tu e você* varia de acordo com o assunto que é conversado

Gráfico 22 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “O uso do pronome *tu e você* varia de acordo com o assunto que é conversado”



Fonte: Elaborado pela autora.

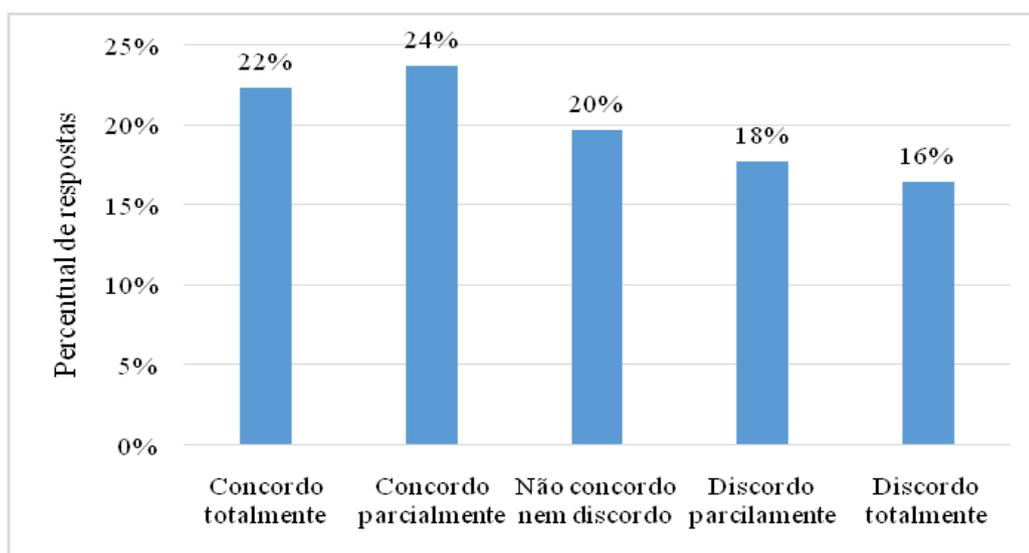
No Gráfico 22, responde-se à afirmação sobre “o uso do pronome *tu e você* varia de acordo com o assunto que é conversado”. 27 informantes responderam que concordam totalmente (18%), 32 concordam parcialmente (21%), 39 não concordam nem discordam (26%), 29 discordam parcialmente (19%) e somente 25 discordam totalmente (16%).

Esse resultado foi interessante, já que a opção “nem concordo nem discordo” foi a que teve maior percentual, indicando que não varia por conta do assunto. No entanto, acreditamos que o tópico discursivo possa sim ser um fator que faça com que os pronomes possam variar, conforme já vimos em alguns trabalhos dessas variáveis (LOREGIAN-PENKAL, 2004; GUIMARÃES, 2014).

6. Uso mais *você* quando vou reclamar algo com alguém que tenho intimidade.

Exemplo: "Como *você* pôde fazer isso?"

Gráfico 23 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso mais *você* quando vou reclamar algo com alguém que tenho intimidade”



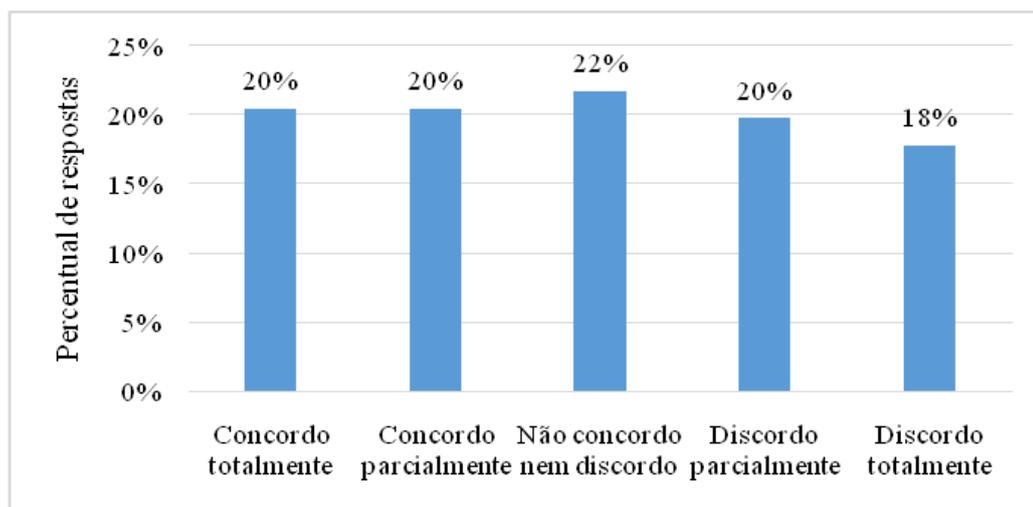
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 23 apresenta o resultado da afirmação “Uso mais *você* quando vou reclamar algo com alguém que tenho intimidade”. 34 informantes responderam que concordam totalmente (22%), 36 concordam parcialmente (24%), 30 não concordam nem discordam (20%), 27 discordam parcialmente (18%) e somente 25 discordam totalmente (16%).

O resultado dessa declaração é muito interessante, uma vez que os informantes se mostraram neutros na questão anterior, mas que, ao contextualizar, como no caso de uma reclamação, menos da metade apontou concordar/concordar parcialmente do enunciado, nos levando a crer que nossos informantes preferem usar o pronome *tu*.

7. Uso mais *você* quando vou pedir algo com alguém que tenho intimidade.
Exemplo: "Oi! Você poderia me emprestar seu carro?"

Gráfico 24 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso mais *você* quando vou pedir algo com alguém que tenho intimidade”



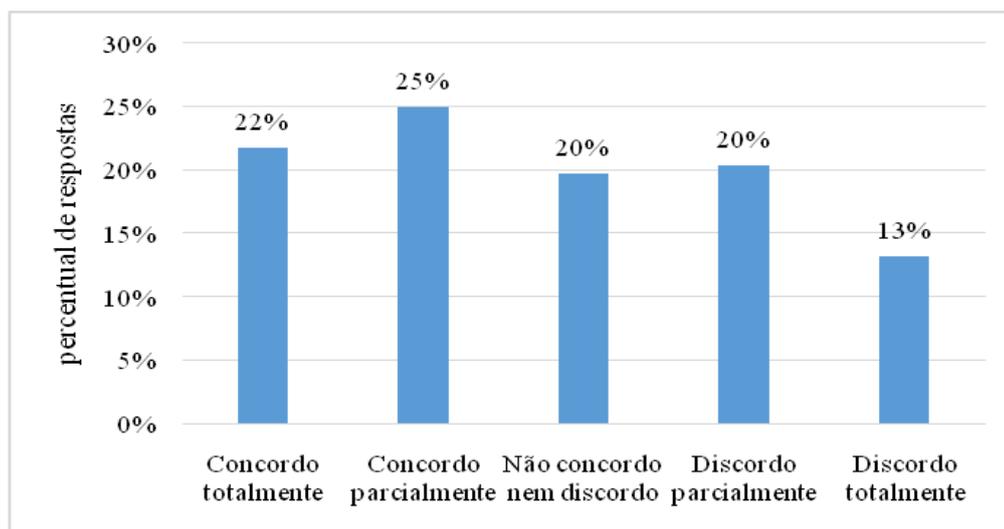
Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 24, temos o resultado para a afirmação “Uso mais *você* quando vou pedir algo com alguém que tenho intimidade”. 31 informantes responderam que concordam totalmente (20%), 31 concordam parcialmente (20%), 33 não concordam nem discordam (22%), 30 discordam parcialmente (20%) e somente 27 discordam totalmente (18%).

O resultado mostrou-se homogêneo em todos os itens, como podemos ver, o que nos leva a crer que metade usa o pronome *você*, enquanto 38% não o utiliza nestas situações. Podemos inferir que o uso do pronome *tu* *você* parece ser usado nas situações de informalidade, sendo o *tu* o mais usado.

8. Uso mais *tu* quando faço alguma brincadeira ou uso da ironia com alguém que tenho intimidade.

Gráfico 25 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso mais *tu* quando faço alguma brincadeira ou uso da ironia com alguém que tenho intimidade”



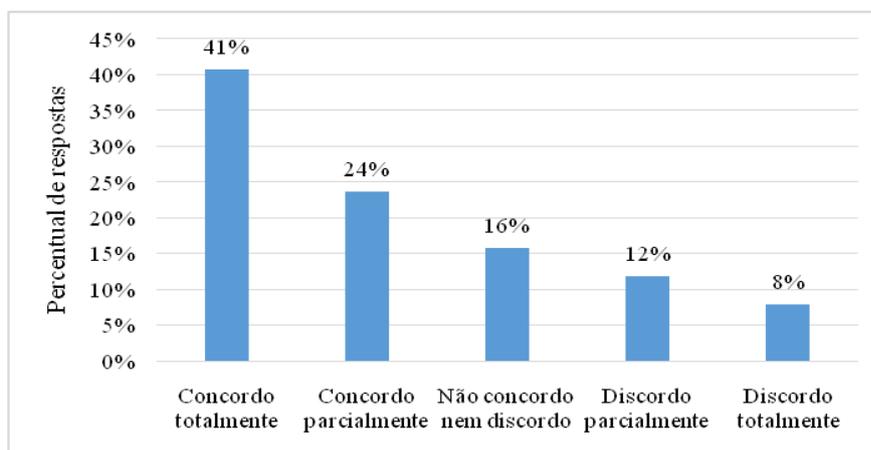
Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 25, podemos ver o resultado da afirmação “Uso mais *tu* quando faço alguma brincadeira ou uso da ironia com alguém que tenho intimidade”. 33 informantes responderam que concordam totalmente (22%), 38 concordam parcialmente (25%), 30 não concordam nem discordam (20%), 31 discordam parcialmente (20%) e somente 20 discordam totalmente (13%).

O tópico discursivo brincadeiras/ironia já foi selecionado por alguns estudos como favorecedor do uso do *tu*, como Guimarães (2014). O resultado mostrou que, apesar de não ser maioria, boa parte dos informantes (47%) afirma usar o uso do *tu* em situações de brincadeiras e ironia, com 71 informantes (33 concordam e 38 concordam parcialmente).

9. Uso pronome *o senhor/a senhora* quando não conheço a pessoa ou não tenho intimidade

Gráfico 26 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso pronome o senhor/a senhora quando não conheço a pessoa ou não tenho intimidade”



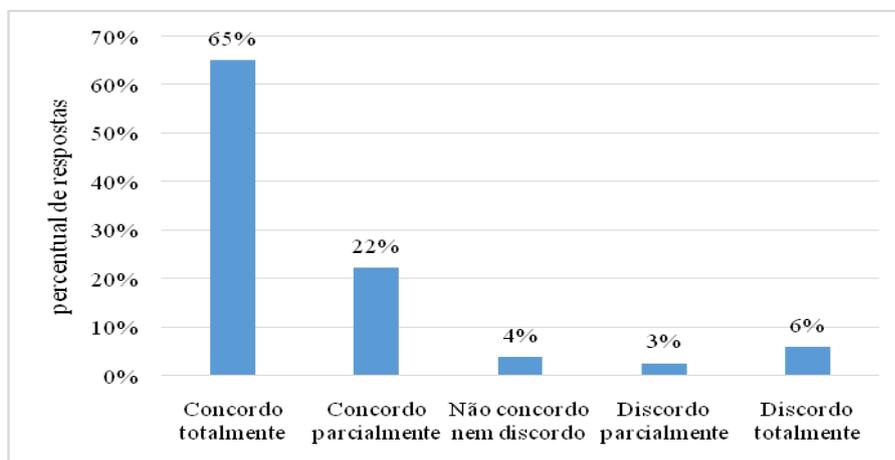
Fonte: Elaborado pela autora.

A resposta da afirmação “Uso pronome *o senhor/a senhora* quando não conheço a pessoa ou não tenho intimidade” está no Gráfico 26. 62 informantes responderam que concordam totalmente (41%), 36 concordam parcialmente (24%), 24 não concordam nem discordam (16%), 18 discordam parcialmente (12%) e somente 12 discordam totalmente (8%).

Como podemos ver, o uso do pronome *o senhor/a senhora* mostrou-se bastante acentuado no resultado dessa pergunta. Mais da metade 65% afirma usá-lo quando não conhece ou não apresenta intimidade com a pessoa, mostrando que o uso desse pronome ainda é muito produtivo nas relações distantes e também assimétricas, como já foi mostrado anteriormente.

10. Uso pronome *o senhor/a senhora* quando a pessoa é mais velha

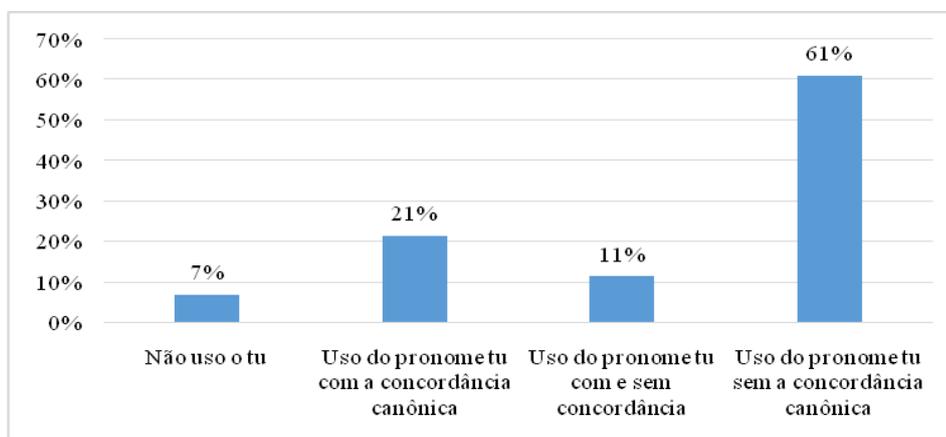
Gráfico 27 - Percentual de resposta de concordo a discordo em “Uso pronome o senhor/a senhora quando a pessoa é mais velha”



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 27 apresenta o resultado da afirmação de que se usam o pronome *o senhor/a senhora* quando a pessoa é mais velha. 99 informantes responderam que concordam totalmente (65%), 34 concordam parcialmente (22%), 6 não concordam nem discordam (4%), 4 discordam parcialmente (3%) e somente 9 discordam totalmente (6%).

O resultado dessa pergunta reforça o que já esperávamos: o uso do *senhor* para se referir a pessoas mais velhas. 87% (99 concorda e 34 concorda parcialmente) dos informantes afirmam usar o pronome *o senhor/a senhora* para se referir a uma pessoa mais velha. As perguntas anteriores já deixaram expostas que os informantes em estudos apontam como fator preponderante para o uso do *o senhor/a senhora*, nas relações assimétricas, o fato de seu interlocutor ser mais velho, por questões de respeito.

11. Sobre o uso do pronome *tu***Gráfico 28 - Percentual de resposta sobre o uso do pronome *tu***

Fonte: Elaborado pela autora.

A última afirmação para que os informantes respondessem se concordam ou não foi sobre o uso do pronome *tu*. 92 informantes responderam que só usam o *tu* sem a concordância canônica (61%), enquanto 32 responderam que só usam com a concordância canônica (21%), 17 afirmaram usar tanto o *tu* com concordância como sem a concordância canônica (11%) e apenas 10 responderam que não usam o pronome *tu* (7%).

As respostas dos nossos informantes reforçam que em Fortaleza o uso do pronome *tu* é bastante recorrente, mas é mais presente em conversas em que o nível de interação é alto e onde há intimidade. No *corpus* coletado em 1994, foram encontrados poucos dados do uso do pronome *tu*, um resultado diferente, que pode nos dar indícios de que se trata de uma mudança linguística, com o aparecimento em grande escala do pronome *tu*.

Nessa resposta, pedimos para justificar o porquê de tal afirmação. Dos que afirmaram que não usam o pronome *tu*, justificaram que acham muito informal ou que é estranho, como podemos ver em algumas explicações:

- (1) *Evito usar, acho muito informal... Acho que é mais uma questão cultural...apesar do uso ser correto, sinto estar sendo desrespeitosa ao usar o mesmo.* (Inf.75)
- (2) *Acho o pronome tu ofensivo. Não sei pq.* (Inf.153)
- (3) *O pronome TU com a conjugação em 2º pessoa do singular caiu em desuso, as pessoas não falam mais.* (Inf.156)

Quanto aos que disseram que usam o pronome *tu* com a concordância canônica, as respostas indicam que a maioria afirma usar porque acha correto, bonito, “*para não ferir a*

língua” o que nos leva a acreditar que há um julgamento negativo do uso do pronome *tu* sem concordância.

- (4) *Sou da área. Procuro falar corretamente* (Inf. 235)
- (5) *Prefiro conjugar os verbos corretamente* (Inf. 254)
- (6) *Meus professores sempre salientaram que devemos usar corretamente os verbos em relação ao pronome. Acabei até evitando usar o pronome tu para não errar na conjugação* (Inf. 29)
- (7) *Acho o “tu” mais bonito, sofisticado e poético. Às vezes tenho vontade de utilizá-lo por motivo algum, ou para lembrar a segunda do singular... Ou ainda para ouvi-lo, por achar bonito! :)* (Inf. 125)

Essas explicações nos surpreenderam, pois esperávamos que as respostas não estivessem atreladas ao uso do correto-incorrecto da língua. Tal julgamento denota que ainda é forte o preconceito linguístico e que precisa ser ensinado nas escolas não apenas a gramática tradicional, como também precisa ser reforçado a existência da variação linguística.

Mas, diferente das explicações anteriores, os que responderam que usam as duas formas, tivemos como explicações o seguinte:

- (8) *Depende do grau de formalidade e do distanciamento com a pessoa* (Inf. 71)
- (9) *Às vezes quando a situação ou o interlocutor me leva a achar que devo utilizar uma linguagem mais formal e culta, faço a conjugação correta da gramática, quando não sinto isso, não conjugo.* (Inf. 252)
- (10) *O uso do “tu” com conjugação gramatical só uso em situações de escrita que exigem esta norma.* (Inf. 6)
- (11) *Uso os dois. Tenho consciência de que em minha cidade o tu é pronome de tratamento equivalente ao você é por isso muitas das vezes em situações formais e informais o uso.* (Inf. 31)

Observamos que, nesse caso, a pessoa que fala vai variar de acordo com a situação comunicativa, observando também a sua audiência. Tal resposta mostra o nível de consciência linguística para adaptar a sua fala as mais diversas situações de interação.

Por fim, apresentamos algumas respostas dos informantes que responderam usar somente o *tu* sem fazer a concordância canônica com verbo:

- (12) *Na maior parte das minhas situações diárias estou em ambientes e situações informais, portanto, acredito não ser de extrema necessidade utilizar a norma culta em todos os diálogos, uma vez que, a meu ver, a função da língua é estabelecer com eficiência e eficácia a comunicação entre os indivíduos, o que pode tranquilamente ocorrer sem o uso da mesma.* (Inf. 175)
- (13) *Utilizo “tu” em praticamente todas as conversas, inclusive com pessoas hierarquicamente acima de mim (como pro reitor ou o reitor). No dia a dia utilizo linguagem informal para conversas faladas, porém procuro utilizar uma linguagem mais rebuscada em certos contextos (como e-mail e certos grupos de WhatsApp do trabalho).* (Inf. 225)

- (14) *Acredito que a conjugação dos verbos não segue os preceitos normativo-gramaticais quando usamos o pronome TU, especialmente em situações de informalidade e intimidade. Penso que em sala de aula devemos esclarecer para os nossos alunos que essa forma de uso do TU se configura como uma variação linguística e que não deve ser alvo de preconceito linguístico.* (Inf. 212)
- (15) *Pode parecer pedante o uso da norma culta falta de costume* (Inf. 100)

As respostas para essa pergunta mostram que alguns têm consciência e fazem a concordância com a terceira pessoa porque acham informal, por costume, por hábito, o que caracteriza ser taxada tal ocorrência linguística como natural na fala local. Tais respostas denotam conhecimento da variação linguística e adequação quanto ao uso da língua. Outra questão também citada é que nem sempre o *tu* com sua concordância canônica é bem visto, sendo considerado pedante aquele que a utiliza.

8.3 SÍNTESE DA SEÇÃO

Em nossa amostra retirada do PORCUFORT, desenvolvido durante os anos de 1993-1995, mostrou que o pronome mais usado pelos falantes é o *você* (56,3%), seguido de *cê* (22,90%) *tu* (16,1%) e *o senhor* (4,7%). Em nossa análise binária *tu* e *você*, o programa GoldVarb selecionou sete grupos de fatores aliados para o pronome *tu*: sequência discursiva, tipo de frase, faixa etária, tipo de pronome, grau de simetria entre os informantes, paralelismo formal e sexo.

Na rodada, os dados apontam que, quando os falantes narram ou durante os diálogos, o uso do *tu* é favorecido, bem como nas frases interrogativas. Assim como em outros estudos, o pronome específico é aliados do *tu*. E, como esperávamos, o paralelismo formal revelou que o *tu* precedido de *tu* é um importante fator.

Quanto aos fatores sociais, a faixa etária mostra uma graduação, em que os mais novos usam mais o *tu*, enquanto os mais velhos usam mais o *você*. As mulheres também são aliados do pronome *tu*, bem como os interlocutores do mesmo sexo e mesma faixa etária (totalmente simétrico) beneficiam o pronome *tu*. Esses resultados nos dão indícios de que, o pronome *tu*, apesar de não ser uma variante de prestígio, ela não é estigmatizada.

Quanto aos dados das Avaliações Linguísticas, estes apontam que o uso dos pronomes não ocorre de forma caótica, mas sim há uma sistematização por parte dos informantes. Foi observado que eles variam, principalmente, de acordo com a faixa etária do ouvinte, independente do grau da relação de poder entre eles.

Há indícios de que a variante *o senhor* ainda é bastante usada pela população fortalezense, mas seu uso se dá de maneira particular. Os informantes indicaram que preferem o pronome em questão quando conversam com pessoas mais velhas, ou quando não conhecem bem o interlocutor. Há conexão também com as relações assimétricas que indicam poder, como pai, mãe, professor e chefe, mas o que indica é que esse emprego se dá, especialmente, pela questão da idade.

O *você* parece perpassar em todas as situações comunicativas, como se funcionasse como pronome neutro que ficaria bem em todas as situações. Essa forma se mostrou preferida em algumas situações.

Já o uso do *tu* é bastante favorecido em relações íntimas, como irmãos e amigos. Ocorre em relações majoritariamente simétricas, e em que haja como uma interação íntima entre eles. Nas perguntas sobre o uso dos pronomes, esperávamos que o *tu* fosse preferido nas conversas entre casal, entre os irmãos e entre amigos, no entanto, entre casal não foi a forma preferida.

9 CONCLUSÃO

Nesta seção, tecemos nossas conclusões acerca dos resultados de nossa pesquisa. Adotamos a metodologia da sociolinguística variacionista, buscamos verificar que fatores linguísticos, sociais e estilísticos poderiam explicar a presença do tratamento por *tu* na comunidade de fala de Fortaleza-CE na década de 90. Além disso, nossa pesquisa foi composta por um teste de atitude aplicado 25 anos depois do projeto PORCUFORT ter sido concluído.

Inicialmente começamos com o estudo da amostra do PORCUFORT, em que os resultados mostram a presença de três formas de tratamento faladas em Fortaleza: *tu*, *você* e *o senhor*. Em nossa amostra, há o predomínio do uso do pronome *você* com 56%, e os 44% são divididos entre as outras formas. Ao observar somente as duas formas, *tu* e *você*, os números indicam que há uma distância considerável entre esses pronomes: 17% para *tu* e 83% para *você*.

Esse resultado indica que os falantes fortalezenses com nível superior, conforme o esperado, optam por uma forma considerada mais neutra, ou seja, *você*. Tal resultado é diferente do trabalho realizado na mesma cidade (GUIMARÃES, 2014), em que os informantes tinham a escolaridade abaixo da desse estudo aqui realizado.

Quanto ao resultado com a rodada binária feita pelo GoldVarb, dos 11 grupos de fatores que controlamos, tivemos 7 selecionados pelo programa: sequência discursiva, entonação frasal, faixa etária, tipo de pronome, grau de simetria entre os informantes, paralelismo formal e sexo/gênero. Os 4 excluídos foram: tópico discursivo, tipo de relação, tipo de relato e polaridade. Tivemos uma surpresa quando os fatores tópico discursivo e tipo de relação não foram selecionados pelo GoldVarb, uma vez que acreditávamos que não só seriam selecionados como também teriam grande relevância quanto ao uso dos pronomes.

Dos fatores linguísticos, tivemos a entonação, tipo de referente e paralelismo formal. Quanto à entonação, as frases interrogativas são as que mais privilegiam o uso do *tu*, resultado similar a de vários estudos, como o de Guimarães (2014) que estudou a mesma comunidade de fala, só que com falantes sem nível superior. O tipo de referente foi apontado como relevante (em quarto lugar), com o tipo específico privilegiando o uso do *tu*. Tal resultado aparece em várias outras pesquisas, o que denota que o uso do *tu* como pronome específico é mais usado por falantes em todos aqueles que usam esse pronome. Já o paralelismo formal mostrou-se também um fator importante, sendo o *tu* precedido de *tu* o que mais beneficia o pronome *tu*, seguido do pronome isolado. Esse resultado corrobora com

Brown e Gilman (1960), segundo os quais afirmam que formas solidárias tendem a aparecer com formas solidárias (*tu-tu*), e com Scherre (1998) que se mostra a tendência de repetirmos o pronome que acabou de ser realizado.

Já os fatores estilísticos selecionados foram: sequência discursiva e grau de simetria entre os informantes. A sequência discursiva foi o fator que se mostrou mais relevante, tivemos a narração como fator que mais privilegia o uso do *tu*, seguido do dialogal e argumentação. Tal resultado reforça a necessidade de inserir as variáveis estilísticas na seleção de variáveis independentes nos estudos variacionistas. Outro fator que se mostrou importante, em quinto lugar, foi o grau de simetria entre os informantes, sendo as relações totalmente simétricas como fator favorecedor do pronome *tu*. Já as relações assimétricas foram apresentadas não somente como favorecedoras do pronome *você* pelo GoldVarb, mas também nos testes de atitudes foram relevantes, principalmente quando se trata de diferenças entre as faixas etárias.

Quanto aos fatores sociais, os dois que foram selecionados de forma significativa foram a faixa etária e o sexo/gênero. Na faixa etária, os mais novos e os da segunda faixa etária (36 a 56 anos) indicaram beneficiar o uso do pronome *tu*, o que pode indicar um processo de mudança linguística. Dados mais atuais poderão confirmar ou não esse indicativo. Já quanto à variável sexo/gênero, as mulheres se mostraram favorecedoras do pronome *tu*, resultado que nos surpreendeu, uma vez que esperávamos que as mulheres beneficiassem o pronome de maior prestígio.

Após os resultados obtidos pelo GoldVarb, fizemos um teste de avaliação linguística com falantes fortalezenses com nível superior. Observamos tanto o próprio falante como o seu possível interlocutor – variando gênero e faixa etária-, bem como situações comunicativas diversas. Como já afirmamos antes, as respostas dos testes mostram que as escolhas dos pronomes não ocorrem de forma aleatória, há uma sistematização por parte dos informantes. Foi observado que eles variam, principalmente, de acordo com a faixa etária do ouvinte, independente do grau da relação de poder entre eles.

Colocamos como opção o pronome de tratamento *o senhor*, a fim de observar se essa forma ainda permanecia no léxico fortalezense. Os dados indicam que sim, o pronome *o senhor/a senhora* ainda é bastante usado para se referir a pessoas mais velhas. No entanto, tudo indica que, em relações de poder por questão de autoridades, como falar com seu chefe, ou professor, o uso de *o senhor* não é tão usado, a não ser que essa relação seja assimétrica em função da faixa etária. Dessa forma, podemos dizer que o uso do pronome *o senhor* está associado, atualmente, à faixa etária.

Com base nos dados sob análise, o pronome *você* permanece sendo muito usado pelos falantes fortalezenses. Acreditamos que funciona como um pronome neutro, servindo em todas as situações. É a forma preferida pelos falantes nas mais diversas situações.

Os testes de avaliação nessa comunidade dar-nos-iam indícios de uma mudança linguística, no entanto, o surgimento e a ressignificação de reações negativas podem retardar ou até mesmo impedir a mudança linguística. As respostas dos indivíduos nos testes apontam rejeição ao *tu*, assim como apontam para o uso mais íntimo. E isso nos leva a crer que há coexistência dessa forma com o *você* nessa comunidade de fala.

Por fim, tivemos o aparecimento do pronome *tu* de forma substancial, bem diferente do que encontramos nos dados do PORCUFORT. As situações comunicativas mais informais, em relações, principalmente, simétricas, como conversas entre amigos e irmãos, foram as que os informantes indicaram usar mais o pronome *tu*. Esperávamos que, em todas as relações simétricas com intimidade, fosse apontado o *tu* como forma preferida, mas, para a nossa surpresa, nas conversas entre casais, os informantes indicaram que usariam mais o pronome *você* que o *tu*.

Para sabermos mais sobre o uso do pronome, fizemos uma pergunta que acreditamos ser de bastante relevância para entendermos como funciona o uso dos pronomes atualmente. As pessoas que disseram não usar o pronome *tu* informaram, por exemplo, que o *tu* é feio, ou que por uma questão cultural não o utiliza.

Os respondentes que afirmaram não usar a forma com sua conjugação explicaram que fazem isso porque acreditam ficar muito formal, que não fica natural, o que ratifica a ideia de que esse pronome, além de não ser uma forma estigmatizada, o que evidencia que seu uso sem a concordância canônica também é bem aceito pela comunidade fortalezense.

Os resultados dos testes apontam para o uso das três formas *tu*, *você* e *o senhor*, assim como no PORCUFORT. Há a indicação de que a forma *tu* seja mais usada do que *você* na década de 90, o que nos leva a acreditar que seu uso foi ampliado, como mostram os dados do PORCUFORT. Aponta também que a utilização do pronome *tu* com a concordância canônica tenha aumentado sua frequência de uso, sem que seja estigmatizado.

Nosso intuito nessa pesquisa foi apresentar o uso das formas pronominais de segunda pessoa pelos fortalezenses com nível superior. Sabemos das limitações de nosso trabalho, mas acreditamos que nosso estudo apresenta dados e resultados relevantes que contribuem para uma descrição mais acurada do fenômeno da variação *tu/você* no português brasileiro com os falantes que possuem nível superior.

Este estudo poderá servir de parâmetro para outros que estudem esse mesmo fenômeno, para a gramática de usos, bem como poderá auxiliar estrangeiros que pretendem estudar português.

Além disso, estudos dessa natureza servem para desmistificar a ideia de um Nordeste homogêneo. Falantes dessa região têm sotaques diferentes, expressões diferentes, como também usam os pronomes de forma diferente.

Para finalizar, novos estudos poderão ampliar as explicações para a variação do uso dos pronomes de segunda pessoa aqui pesquisada, usando, por exemplo, uma amostra de fala culta mais atual.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.

ADAM, J. M. **A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, B. K. M. **As realizações das vogais /e/ e /o/ pretônicas no falar culto de Fortaleza-CE sob a perspectiva variacionista**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/3606/1/2010_diss_CCBALVES.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

AMARAL, L. I. C. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. 2003. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1907/000361552.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7005/1/2010_CarolinaQueirozAndrade.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

_____. **A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu**. 2015. 158 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22602>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ARAÚJO, A. A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2011, v. 15, p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ARAÚJO, M. A. M. **Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

ARAÚJO, L. E. S. A variável faixa etária em estudos sociolinguísticos. **Revista Estudos Linguísticos**, n. 35, v. 2, maio 2007, p. 389-98. Disponível em:

<<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/71.PDF>>. Acesso em: 20 dez. 2018>

ASSUNÇÃO, J. da S.; ALMEIDA, N. L. F. A realização do TU e VOCÊ na variante linguística de falantes feirenses. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 12., 2008, **Anais...** Feira de Santana: UEFS, 2008.

AVELHEDA, A. C. C.; DA SILVEIRA, E. F. B.; DE SOUZA, S. C. G. Avaliação do uso variável das vogais pretônicas: estudos preliminares de crenças e atitudes. **Letrônica**, v. 10, n. 1, p. 293-312. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/24929/16334>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. **Revista Guavira Letras**, UFMS/Campus Três Lagoa, Mato Grosso, v. 13, p. 49-60, 2011.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2009.

BAUGH, J. A Dissection of Style Shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. [S.l.]: Cambridge University Press, 2001. p. 109–118.

BELL, Alan. Language style as audience design. **Language in society**, v. 13, n. 2, p. 145-204, jun., 1984. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BENTES, A. C. “Tudo que é sólido desmancha no ar”: sobre o problema do popular na linguagem. **Gragoatá**, Niterói, n. 27, p. 117-134, 2. sem. 2009.

BEZERRA, M. A. **Sequência textual**. [on-line]. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sequencias-textuais>>. Acesso em: 30 out. 2018.

BEZERRA, M. A. Uso de tu/você em interações infantis. **Letras**, Campinas, PUCCAMP, v. 1, n. 13, p. 96-118, 1994.

_____. Uso de tu/você e estratégias de polidez. **Revista Intercâmbio**, PUC-SP, São Paulo, v. 6, p. 496-519, 1997.

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 18, p. 339-382, 1972.

BITTENCOURT, A.; OLIVEIRA, V. H.; CAVALCANTE, A. L.; MAGALHÃES, K. A. Avanços da Educação Superior e a Política de CT&I no Estado do Ceará. In: **Desenvolvimento Econômico do Ceará: evidências recentes e reflexões**. Fortaleza - Ceará: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE, 2014, v. 1, p. 287-316. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/Desenvolvimento_Economico_do_Ceara_Evidencias_Recentes_e_Reflexoes.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Programa de expansão do sistema público federal de ensino superior**. 2004/2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/expifef_acs.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. EDUC, 1999.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). **Style in Language**. Cambridge: Masschusetts, MIT Press, p. 253-281, 1960. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

BROWN, P.; S. LEVINSON. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BRUNO, A.; FARIAS, A. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 179-190, jan. 1994. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102>>. Acesso em: 16 dez. 2019. doi:<https://doi.org/10.1590/%x>.

CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Valter de. **Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador**. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

CINTRA, L. F. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). **Signum: estudos da linguagem**, v. 15, n. 1, p. 111-127, 2012.

COSTA, R. M. S. **A alternância das formas pronominais tu, você e o (a) senhor (a) na função de sujeito no português falado em Cameté – PA**. 2016. 391 f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2016.

COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. v.1.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora–MG**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CYSNE, M. R. P. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português falado brasileiro**. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2309>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge University Press, 2001, p. 119-126.

_____. Variation, convention, and social meaning. Plenary talk. **Annual meeting of the Linguistic Society of America**, San Francisco, 2005.

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. [1992]. Tradução: Branca Falabella Fabrício. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

FONAGY, I. As funções modais da entonação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, p. 25-65, jul/dez, 1993. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636884/4606>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FORTALEZA e os anos 90. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/01/fortaleza-e-os-anos-90.html>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal Nós/A gente e Tu/Você em Concórdia-SC**. 2011. 152f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/27214>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v. 31, p. 931-952, 1999.

FREITAG, R. M. Ko.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, n. 3, 2012.

FREITAG, R. M. Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência e tópico. In: GÖRSKI, E.; COELHO, I.; SOUZA, C. (Org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

FURTADO, B. A. A. **A concordância de número em predicativos do sujeito: variação linguística em Fortaleza**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Trad.: Jane Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114. [1967, On face work. In: Interaction Ritual. New York: Pantheon Books, p. 5-45].

GÖRSKI, E. M.; ROST SNICHELLOTO, C. A.; DAL MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; DA HORA, D. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

GUIMARAES, T. A. A. S. **TU É DOIDO, MACHO!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 236 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

GUY, G. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28-29, p. 17-32, 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERÊNIO, K. K. P. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intralinguística**. 2006. 120 f. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2006. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/PDF/TRABALHO0150.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. In: BISOL, L. (Org.). 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HORA, D. da; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188, 2011. (1ª parte). Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32349/20549>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.); LUCENA, Rubens Marques de (Org.). **Estudos Linguísticos e Filológicos**. João Pessoa: Editora Ideia, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ceará-Fortaleza - infográficos: histórico**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm18>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. -revista e ampliada. Brasília, 2012.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. The logic of nonstandard English. In: GIGLIOLI, P. **Language and social context: selected readings**. Penguin Books: Universidade de Michigan. p. 179-215, 1972.

_____. Where does the Linguistic Variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working papers in sociolinguistics**, n. 44, 1978.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: SANKOFF, D. et alii. (Eds.). **Language variation and change**. Cambridge: Cambridge

University Press, v. 2, n. 2, p. 135-56. 1990. Disponível em:
<<http://journals.cambridge.org/action/displayFulltext?type=1&fid=2703836&jid=LVC&volumeId=2&issueId=02&aid=2703828>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. **Principles of linguistic change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change**. Volume 2: Social Factors. Language In Society-Oxford-, v. 29, 2001.

_____. **The social stratification of English in New York city**. 2. ed. [ampliada]. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso, São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

_____. **How I got into linguistics, and what I got out of it**. Disponível em:
<<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/HowIgot.html>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. **Journal of narrative and life history**, v. 7, jan. 1997, p. 3-38, 1997. Disponível em:
<<https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/jnlh.7.02nar>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher In.: **Linguagem, gênero, sexualidade**. OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). Trad. Adriana Braga e Édison Luis Gastaldo. São Paulo: Parábola Editorial, p. 13- 30, 2010.

LAMBERT; W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluation reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal Social Psychology**, Montreal, Quebec, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. **Journal of social issues**, v. 23, n. 2, p. 91-109, 1967.

LAVOR, C. M. A. de.; ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M. Uma fotografia sociolinguística dos verbos botar, colocar e pôr em Alagoa, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n.37, p. 171-310, jan./abr., 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEFEBVRE, C. As noções de estilo. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 203-236.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos de Mudança no Português do Brasil: Variáveis Sociais. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. **Razões e emoção**: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 1, p. 87-114, 2003. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LIMA-HERNANDES, M. C.; CASEB-GALVÃO, V. Polaridade no encaixamento: relação entre camadas de negação e integração de orações. In: KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB, B.; SCHÖNBERGER, A. **Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung**. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2006, v. 1, p. 257-266. Disponível em: <http://www.academia.edu/775523/Polaridade_no_encaixamento_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_camadas_de_nega%C3%A7%C3%A3o_e_integra%C3%A7%C3%A3o_de_oras%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LIMA-HERNANDES, M. C.; BARROSO, P. Tensão negativa em cartas paulistas: o português culto de São Paulo. **Domínios de Linguagem**, v. 1, p. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11436>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LOPES, J. B. **Variação, percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular**. 2017. 332 f. Dissertação (Mestrado em estudos Linguísticos). Universidade Federal da Fronteira Sul. 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1077>>. Acesso em: 30 jan. 2019

LOPES, C.; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do *Voceamento* no português brasileiro: expansão de *você* - sujeito e retenção do clítico - *te*. **Linguística**. Madrid, v. 25, junho, p. 30-65, 2011. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LOPES, C.; MARCOTULIO, L. L.; SILVA, A. S.; SANTOS, V. M. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. **Neue Romania**, Berlim, v. 39, p. 49-66, 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/PPU.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In.: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.) **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003, p. 61-73.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/22530>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/17608913/A-variacao-tuvoce-no-DF>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MACHADO, A. L. G. Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2ª pessoa. In: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: cultura, 2010, São Cristóvão. **Anais...** 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, v. 16, n. 69, 64-82, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, C. B. Ensino Superior Brasileiro nos anos 90. **São Paulo: São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, jan./mar., 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9801.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MARTINS, G. F. **A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas**. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/6996/3/2010_GermanoFerreiraMartins.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MARTINS, R. A. S. M.; CARINE, H.; SILVA, D. M.; SCHERRE, M. M. P. Atitudes linguísticas dos falantes portuenses frente ao uso do pronome tu. **Revista Porto das Letras**, v. 4, n. 1. 2018.

MEIRELLES, A. Veja as 10 atrizes mais bem pagas de 2017. **Exame**, 16 ago. 2017. Carreira. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/veja-as-10-atrizes-mais-bem-pagas-de-2017>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MENDES, E. A. de M. Você, o senhor, ou o quê? **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 135-150, 1998. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/319/284>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MENON, O. O português pronominal do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, Ed. UFPR, p. 91-106, 1995. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19069/12374>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP**. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8.2006.tde-02102006-221207. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-02102006-221207/pt-br.php>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Ed. EUFC, 1994.

MOORE, E. Interaction between social category and social practice: explaining was/were variation. **Language variation and change**, Cambridge, v. 22, p. 347- 371, 2010.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no Português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AIRR-7DHJPA/mariaalice_mota_diss.pdf?sequence>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MULHERES ganham 77,5% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. **UOL**, 11 mar. 2018. Economia. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/11/desigualdade-salarial-homem-mulher-ibge.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

NARLOCH, L. A diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil. **Mises Brasil**, 31 ago 2018. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2093>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

NASCIMENTO, I. B. **O uso variável do pronome de segunda pessoa *você(s)/cê(s)* na cidade de São Paulo**. 2011. 217 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Gera, Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06062011-155117/pt-br.php>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

NOGUEIRA, F. M. S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francieli%20Nogueira.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

OLIVEIRA, L. A. F. de. Tu e você no português afro-brasileiro. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: EDUFBA, 2005. (Comunicação Oral).

_____. Tu e Você no português popular do estado da Bahia. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA, 8., 2007, Salvador, **Anais...** Salvador: 2007. (Comunicação Oral).

ORLANDI, P. S. **Usos e (des)usos da flexão verbal de segunda pessoa do singular em textos orais de informantes de Tubarão (SC): um estudo de caso**. 2004. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/73813_Patricia.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/en.php>>. Acesso em: 30 out. 2018.

PACKER, S. M. **Formas de tratamento em Jaguará do Sul- SC**. 1990. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24390/D%20-%20PACKER,%20SONIA%20MARIA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, p. 131-151, 2006.

PAIVA, M. C. A. A variável gênero/sexo. In.: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, p. 33-42, 2010.

PAREDES SILVA, V. L. O sujeito pronominal de 2ª pessoa na fala carioca: variação e mudança. **Revista Diacrítica**, Braga, v. 22, p. 93-106, 2008.

PEÑA; H. A. C.; CASTILLO, S. T. S. **Los estudios de género sociolingüístico: orígenes y perspectivas**. In: Colombia, Folios, ed: N/A, v. 9, fasc. 1, p. 35 - 45, Año 1998. Disponível em: <http://www.pedagogica.edu.co/storage/folios/articulos/folios09_05arti.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2018.

PEREIRA, M. L. S. **Por que eles não concorda?** Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

POR QUE Collor sofreu impeachment? **Politize**. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/impeachment-collor-porque-sofreu>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004. (Série Dispersos).

RAMOS, J. M. De nome a pronome: um estudo sobre o item 'senhor' (datado 2011, disponível 2012). **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 16, p. 69-84, 2012. ISSN 2238-3824. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/161>>. Acesso em: 29 abr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.16.2.69-84>.

ROCHA, P. G. da. A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratoles e de Santo Antônio de Lisboa: uma abordagem sociolinguística variacionista. **Working Papers em Linguística**, v. 11, p. 69-81, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11nespp69>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. **O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico**. 2012. 336 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2012.

_____. Qual forma pronominal você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Uma reflexão sobre a escolha de tratamento nas relações assimétricas em Florianópolis/SC. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 09, n. 17, p. 1-19, 2º semestre de 2013. Disponível em: <http://www.letramagna.com/17_12.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2019.

_____. Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo? A escolha de tratamento nas relações simétricas em Florianópolis/SC. **Working Papers em Linguística**, v. 16, n. 1, p. 190-202, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n1p190/30771>>. Acesso em: 6 jan. 2019.

RODRIGUES, A. G. P. **Ramo rê se rai dá certo**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

_____. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 283 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/TESE_ANA%20GERMANA%20PONTES%20RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2019.

ROMÃO, F. L. Brasil década de 90: a recorrência das desigualdades em meio a muitas transformações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003. **Anais...** Campinas: Sociologia e Conhecimento Além das Fronteiras, v. 1., p. 251-252, 2003.

ROST SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 7, p. 109/7-130, 2008.

RUMEU, M. C. B. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. **Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 545-576, 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciaarumeu/Rumeu2013ALFA.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2018.

SALES, S. H. S. **Norma e usos na linguagem falada em Fortaleza**. 2004. 86 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=157194>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SANTANA, J. C. D. de. Universidade Estadual de Feira de Santana. **Relatório de pesquisa: o uso dos pronomes TU e VOCÊ no falar feirense culto**. Feira de Santana, 2008, 31p.

SANTOS, V. M. **“Tu vai para onde?... Você vai para onde?”**: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SantosVM.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SANTOS, J. C. F. **Não quero não! As negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza/CE na perspectiva variacionista**. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada,

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83342>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANKOFF, G. Age, apparent time and real time. In: **Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics**, Second Edition, p. 1-16, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez., 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, p. 147-177, 2010.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da Abralin**, Curitiba, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146, 1ª parte, 2011. Disponível: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-especial-1o-parte/a-variacao-linguistica-2.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. In: **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2015, p. 133-172.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHILLING-ESTES, N. Sociolinguistic fieldwork. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C., (Eds.). **Sociolinguistic variation: Theories, methods, and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 165-189, 2007.

SEIXAS, V. C.; ALKMIM, M. G. R. de. Estruturas negativas sentenciais em textos dos séculos XVIII e XIX. In: CONGRESSO NACIONAL DE FILOLOGIA E LINGUÍSTICA, 16., 2012, **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: CNLF, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/050.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018

SETTE, N. D. **Formas de tratamento no português coloquial**. 1980. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, p. 01-17, 2008. Disponível em:

<http://www.researchgate.net/publication/237690131_A_COMUNIDADE_DE_FALA_NA_SOCIOLINGUISTICA_LABOVIANA_ALGUMAS_REFLEXES>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SILVA, A.; BARCIA, L. R. Vossa mercê, você, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX. **Revista Ao Pé da Letra**, Recife, n. 4, p. 21-30, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/viewFile/231511/25614>>. Acesso: 28 jan. 2019.

SILVA, F. C. da. **Variação entre os pronomes tu e você na função de sujeito na fala de Natal (RN): uma abordagem sociofuncionalista**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/36372451/Varia%C3%A7%C3%A3o_entre_os_pronomes_TU_e_VOC%C3%8A_na_conversa%C3%A7%C3%A3o_de_Natal_RN_uma_abordagem_sociofuncionalista_Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_Mestrado_2015_>. Acesso em: 27 jan. 2019.

SILVA, H. C.; AGUILERA, V. A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 58, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n3/1981-5794-alfa-58-03-00703.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

SILVA, J. C. B. **Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, M. E. **As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. 1980. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica-Rio, Rio de Janeiro, 1980.

SOARES, I. C.; LEAL, M. G. F. Do senhor ao tu: uma conjunção de mudanças. **Moara: Revista do Curso de Mestrado**, Belém, n. 1, p. 27-64, mar/set, 1993.

SOUZA, L. M.; GRITTI, L. L.; OLIVEIRA, R. P. Um estudo sobre os itens de polaridade negativa no PB e seu licenciamento. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 9, p. 41-56, jul/dez, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/19848420.2008v9n2p23/9351>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular? A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. **Era uma vez você**. 2002. 184 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2002.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Varição estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, v. 3, p. 93-121. 2014.

VIANA, R. B. de M. *Tem mais existir que haver* no falar dos fortalezenses: o papel dos fatores sociais na variação dos verbos existenciais. In: ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 95-125.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y (Eds.), 1968 [Ed. Br.: (2006)]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLI, G. N. **Por que “tu” e não “você”?** 2009. 50 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura, Universidade Estadual de Santa Catarina, Criciúma, 2009. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003F0A.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Teste sobre a fala

Teste sobre a fala***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail *

2. Onde nasceu? *

3. Onde mora atualmente? *

4. Qual gênero se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino
 Outro

5. Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- Entre 20 e 35 anos
 Entre 36 e 55 anos
 Mais de 56 anos

6. Em que tipo de escola estudou no Ensino Médio? *

Marcar apenas uma oval.

- Escola pública
 Escola Privada

7. Em que tipo de universidade estuda ou concluiu sua graduação? *

Marcar apenas uma oval.

- Universidade pública
 Universidade privada
 Não fiz faculdade

8. Qual sua área de formação? *

9. Qual sua profissão? *

12/11/2018

Teste sobre a fala

10. Você considera que, no dia-a-dia, você se preocupa em como fala? **Marcar apenas uma oval.*

- Sim, procuro sempre falar corretamente o português
- Me preocupo com minha fala, somente em situações formais
- Não me preocupo com minha fala

11. Você acredita que fala a **Marcar apenas uma oval.*

- Norma culta da língua
- Norma popular da língua

Nas situações a seguir, escolha a frase que utilizaria

Aqui pode escolher mais de uma opção

12. Filho fala com a mãe: **Marque todas que se aplicam.*

- Mãe, a senhora já fez o almoço?
- Mãe, você já fez o almoço?
- Mãe, tu já fez o almoço?
- Mãe, tu já fizeste o almoço?

13. Filho fala com pai: **Marque todas que se aplicam.*

- Pai, o senhor sabe qual o resultado do jogo?
- Pai, você sabe qual o resultado do jogo?
- Pai, tu sabe qual o resultado do jogo?
- Pai, tu sabes qual o resultado do jogo?

14. Pai fala com o filho/filha: **Marque todas que se aplicam.*

- Filho(a), você sabe qual o resultado do jogo?
- Filho(a), tu sabe qual o resultado do jogo?
- Filho(a), tu sabes qual o resultado do jogo?

15. Falando com cônjuge ou namorado(a): **Marque todas que se aplicam.*

- Amor, você decidiu para onde vamos viajar?
- Amor, tu decidiu para onde vamos viajar?
- Amor, tu decidiste para onde vamos viajar?

12/11/2018

Teste sobre a fala

16. Falando com avô ou avó **Marque todas que se aplicam.*

- Vô/vó, o/a senhor(a) pode me contar aquela história de novo?
- Vô/vó, você pode me contar aquela história de novo?
- Vô/vó, tu pode me contar aquela história de novo?
- Vô/vó, tu podes me contar aquela história de novo?

17. Falando com seu irmão ou irmã **Marque todas que se aplicam.*

- Tu quer ir à praia no domingo comigo?
- Tu queres ir à praia no domingo comigo?
- Você quer ir à praia no domingo comigo?

18. No ambiente de trabalho, com sua chefe que é mais velha que você **Marque todas que se aplicam.*

- Você tem um minuto? Preciso falar com você
- Tu tens um minuto? Preciso falar contigo
- Tu tem um minuto? Preciso falar contigo
- A senhora tem um minuto? Preciso falar com a senhora.

19. Falando com sua chefe que é da mesma idade ou mais nova que você **Marque todas que se aplicam.*

- Você tem um minuto? Preciso falar com você
- Tu tens um minuto? Preciso falar contigo
- Tu tem um minuto? Preciso falar contigo
- A senhora tem um minuto? Preciso falar com a senhora.

20. Falando com seu chefe que é mais velho que você **Marque todas que se aplicam.*

- Você tem um minuto? Preciso falar com você
- Tu tens um minuto? Preciso falar contigo
- Tu tem um minuto? Preciso falar contigo
- O senhor tem um minuto? Preciso falar com o senhor.

21. Falando com seu chefe que é da mesma idade ou mais novo que você **Marque todas que se aplicam.*

- Você tem um minuto? Preciso falar com você
- Tu tens um minuto? Preciso falar contigo
- Tu tem um minuto? Preciso falar contigo
- O senhor tem um minuto? Preciso falar com o senhor.

12/11/2018

Teste sobre a fala

22. Falando com seus colegas trabalho mais próximos **Marque todas que se aplicam.*

- Você trouxe aquele material que pedi?
- Tu trouxe aquele material que pedi?
- Tu trouxeste aquele material que pedi?
- O senhor trouxe aquele material que pedi?

23. Falando com seus colegas trabalho mais distantes **Marque todas que se aplicam.*

- Você trouxe aquele material que pedi?
- Tu trouxe aquele material que pedi?
- Tu trouxeste aquele material que pedi?
- O senhor trouxe aquele material que pedi?

24. Na faculdade, falando com seu professor (que tem a idade 20 a 35 anos) **Marque todas que se aplicam.*

- Professor, o senhor pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, você pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, tu pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, tu podes receber meu trabalho próxima semana?

25. Falando com seu professor (que tem a idade 36 a 55 anos) **Marque todas que se aplicam.*

- Professor, o senhor pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, você pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, tu pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, tu podes receber meu trabalho próxima semana?

26. Falando com seu professor (que tem a idade mais de 56 anos) **Marque todas que se aplicam.*

- Professor, o senhor pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, você pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, tu pode receber meu trabalho próxima semana?
- Professor, tu podes receber meu trabalho próxima semana?

27. Falando com seu colega de sala **Marque todas que se aplicam.*

- Tu pode me emprestar a xerox daquela matéria?
- Tu podes me emprestar a xerox daquela matéria?
- Você pode me emprestar a xerox daquela matéria?

12/11/2018

Teste sobre a fala

28. No bar, falando com os amigos **Marque todas que se aplicam.*

- Tu trouxe a minha cerveja?
- Você trouxe a minha cerveja?
- Tu trouxeres a minha cerveja?

Sobre a Língua Portuguesa e o uso dos pronomes, escolha uma das opções das abaixo:

Aqui você pode escolher entre: 1- concordo totalmente, 2- concordo parcialmente, 3- não concordo nem discordo, 4- discordo parcialmente, e 5- discordo totalmente.

29. A gente fala de formas diferentes em situações diferentes. **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

30. No dia a dia, eu uso mais o pronome você que o pronome tu **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

31. No dia a dia, eu só uso o pronome você **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

32. Só utilizo o pronome tu em situações de grande intimidade/informalidade **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

33. O uso do pronome tu e você varia de acordo com gênero e idade da pessoa com quem eu falo **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

34. O uso do pronome tu e você varia de acordo com o assunto que é conversado **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

12/11/2018

Teste sobre a fala

35. **Uso mais você quando vou reclamar algo com alguém que tenho intimidade. Exemplo: "Como você pôde fazer isso?" ***

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Concordo totalmente Discordo totalmente

36. **Uso mais você quando vou pedir algo com alguém que tenho intimidade. Exemplo: "Oi! Você poderia me emprestar seu carro?" ***

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Concordo totalmente Discordo totalmente

37. **Uso mais tu quando faço alguma brincadeira ou usa da ironia com alguém que tenho intimidade. ***

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Concordo totalmente Discordo totalmente



12/11/2018

Teste sobre a fala

38. Uso pronomes senhor/senhora quando não conheço a pessoa ou não tenho intimidade **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

39. Uso pronomes senhor/senhora quando a pessoa é mais velha **Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Concordo totalmente	<input type="radio"/>	Discordo totalmente				

40. Sobre o uso do pronome tu **Marque todas que se aplicam.*

- Uso com a conjugação da gramática "Tu podes me emprestar..."
- Uso sem a conjugação "Tu pode me emprestar"
- Não uso o pronome tu

41. Justifique o seu uso *

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em concordância com a pesquisa

Você foi convidado para participar da pesquisa As formas de tratamento tu e você em Fortaleza-CE. A sua participação nesta pesquisa é voluntária e consiste em responder ao questionário eletrônico online.

Ao responder o questionário você não terá nenhum benefício direto ou imediato. No entanto, os resultados desta pesquisa poderão nos auxiliar na descrição do falar culto do português brasileiro. Sua resposta será enviada automaticamente à doutoranda Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

Os conhecimentos resultantes deste estudo serão constituídos por dados estatísticos. Os sujeitos participantes não serão mencionados ou identificados. Dessa forma, podemos garantir que em nenhum momento durante os processos de análise e divulgação dos resultados terão a identidade exposta. A pesquisa será divulgada em revistas especializadas e eventos na área de Linguística, bem como em uma tese de doutorado. Os dados coletados constituirão um banco de dados que ficará sob a guarda dos pesquisadores do projeto por cinco anos, podendo, eventualmente, ser utilizados em pesquisas futuras.

Tratando-se de uma pesquisa que busca verificar as formas pronominais mais usadas pelos falantes das mais diversas localidades, em especial Fortaleza, os riscos passíveis de ocorrer são a manifestação de embaraço ou constrangimento ao responder o questionário, ou ainda desgaste no raciocínio ao preencher o instrumento de pesquisa, o que pode demandar tempo no entendimento das questões, situações nas quais o participante poderá interromper ou desistir de participar.

Os benefícios de sua participação nesta pesquisa seriam os seguintes: desenvolvimento do senso altruísta de poder contribuir para um projeto em prol dos valores culturais da comunidade e a oportunidade de conhecer melhor seu próprio modo de falar.

A decisão em não participar da pesquisa não acarretará nenhum tipo de constrangimento. Além disso, o participante poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou dano. A qualquer momento, o participante poderá fazer perguntas aos pesquisadores, que têm a obrigação de prestar os devidos esclarecimentos.

12/11/2018

Teste sobre a fala

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo.
PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimaraes email:
[tatianeaaguimaraes@gmail.com/](mailto:tatianeaaguimaraes@gmail.com) (85) 99127.6436.
Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Termo de compromisso dos pesquisadores
Garantimos que este Termo de Consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões colocadas pelo participante.

Prof. Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães
Doutoranda- UECE

42. Declaro que li os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar. Para participar da pesquisa, é necessário que você concorde com o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você concorda em participar desta pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo
 Não concordo

Powered by
 Google Forms

APÊNDICE B - Respostas sobre o uso do pronome *tu* nos testes de atitudes

Explicação de porque não usam o pronome <i>tu</i>
Evito usar, acho muito informal... Acho que é mais uma questão cultural...apesar do uso ser correto, sinto estar sendo desrespeitosa ao usar o mesmo.
Não uso
Uso raramente
Evito usar o pronome sempre que possível substituo pelo vc.
soa estranho
não uso
Acho o pronome tu ofensivo. Não sei pq.
O pronome TU com a conjugação em 2° pessoa do singular caiu em desuso, as pessoas não falam mais.
Não costumo usar
É mais usual o você.

Explicação de quem usa o pronome <i>tu</i> com a concordância canônica
Utilizo quando estou retratando a pessoas mais novas que eu e íntimas.
Norma culta da gramática
Meus professores sempre salientaram que devemos usar corretamente os verbos em relação ao pronome. Acabei até evitando usar o pronome tu para não errar na conjugação.
Uso pois acho a forma correta mesmo quando algumas pessoas consideram errado ou excessivamente íntimo!
-
Geralmente utilizo o pronome tu em ambientes formais, com a conjugação correta gramaticalmente.
Quando falo com alunos
Acho que o pronome tu pode ser usado tranquilamente numa conversa ou situação informal ou corriqueira.
Porque acredito ser a forma mais correta.
Português correto
....
Para pedir com educação
Geralmente uso “senhor” como respeito a pessoa
na verdade passei a usar mais o pronome *tu* após fazer amizade com uma pessoa do Sul. Três anos

de convivência aí o *tu* entrou no meu vocabulário 🧐♀
Pq aprendi
Sempre uso o tu com a desinência número-pessoal prescrita pela norma gramatical.
Ao estar numa conversa formal
Acho o “tu” mais bonito, sofisticado e poético. Às vezes tenho vontade de utilizá-lo por motivo algum, ou para lembrar a segunda do singular... Ou ainda para ouvi-lo, por achar bonito! :)
Creio ser o correto
Creio ser o correto
Qdo necessário
Mais formal
Concordância verbal
Quando fico mais atenta ao seu uso e conjugação, então eu uso.
Xxx
Uso você geralmente porque acho mais fluente a concordância e mais bonita.
Norma culta
Nunca uso.
Filho de paraense.
Sou da área. Procuro falar corretamente
Para não ferir a língua
Prefiro conjugar os verbos corretamente

Explicação de quem usa o pronome com a conjugação da gramática "Tu podes me emprestar...", Uso sem a conjugação "Tu pode me emprestar"
Depende do grau de formalidade e do sostanciamento com a pessoa
Uso o Tu em situações ou de muita intimidade (brincadeira e aí até uso o verbo conjugado errado, tipo "tu vai?") Ou em situações muito formais (entrevista de emprego, reunião com gerente).
Não
Não
T
Depende da situação
Dependendo da situação de formalidade uso a norma culta ou não. De qualquer forma, prefiro usar o pronome você.
Depende de com quem falo
Depende muito do momento e de quem eu estou falando. Se for alguém muito próximo ou que eu saiba que não possui conhecimento e uso das desinências corretas, uso o tu sem a conjugação.

Uso tanto na linguagem informal quanto na formal.
Hipercorreção
Dependendo do grau de formalidade da conversa, uso a concordância formal ou não para o pronome "tu"
As vezes uso corretamente, até mesmo como forma de exercitar, mas outras vezes, quando não estou em situações muito íntimas, acabo caindo no costume de usar a conjugação errada coloquial.
Às vezes quando a situação ou o interlocutor me leva a achar que devo utilizar uma linguagem mais formal e culta, faço a conjugação correta da gramática, quando não sinto isso, não conjugo.
Acho mais direto.
O uso do "tu" com conjugação gramatical só uso em situações de escrita que exigem esta norma.

Explicação de quem usa o pronome <i>tu</i> sem a concordância canônica
Eu praticamente só uso o pronome tu!
Informalidade
Uso sem a conjugação é comum na região em que moro.
Varia bastante. Nasci e fui criado em Fortaleza. Morei quase 9 anos em São Paulo, o de comecei a adotar o "você" na vida cotidiana. Retornei a Fortaleza, mas continuo utilizando o "você".
Apesar de saber como é a norma correta, eu uso apenas na escrita, e depende da situação (no WhatsApp, com alguém com quem tenho intimidade, por exemplo, usaria sem a conjugação). Na fala ninguém com quem convivi usa com a conjugação. Pareceria esnobe usar.
Sei a forma correta mas não uso pq a sociedade não aceita bem
Uso o pronome TU para os casos de intimidade e de informalidade e o pronome VOCÊ para os casos de pouca ou nenhuma intimidade e de formalidade.
Contexto mais cultural, adquirido mais no social.
Porque é a tendência do uso onde moro.
Pode parecer pedante o uso da norma culta falta de costume
É o mais comum de se usar e, por isso, não sofre preconceito por não fazer a concordância verbal.
Uso os dois, tu e. você . E acabo não empregando da forma correta.
Depende de com quem estou falando e da situação
Uso a forma popular da língua portuguesa
Costume
Vício de linguagem e por parecer mais íntimo
Apenas pelo costume
Resposta do cotidiano, poucas vezes uso tu podes
Acho mais informal
Mau hábito

Costume da regional
A conjugação certa do Tu denota na fala um uso bem mais formal
Tu deixa eu ir?
Costume de dizer tu
O pronome tu é bastante popular na região que moro, sendo, portanto utilizado regularmente na fala do dia a dia. Costume.
Faço uso coloquial da gramática no dia a dia
Uso pela força do hábito mesmo.
Pq é assim no cotidiano, parece estranho falar a conjugação gramatical, você fica parecendo um estranho
Mais fácil e leve
Utilizo mais o pronome tu por costume.
Uso por ser comum, e julgo não ser errado.
Situações informais e pessoas que tenho intimidade
Pura informalidade , pois tenho conhecimento da conjugação do pronome. Mas , devido à informalidade falo errado .
Custo usar mais o você, mas quando utilizo o tu não sigo faço a conjugação do verbo de forma adequada.
Tu é informal pra mim. Por tanto não me preocupo em usar adequadamente a conjugação do verbo.
Na maior parte das minhas situações diárias estou em ambientes e situações informais, portanto, acredito não ser de extrema necessidade utilizar a norma culta em todos os diálogos, uma vez que, a meu ver, a função da língua é estabelecer com eficiência e eficácia a comunicação entre os indivíduos, o que pode tranquilamente ocorrer sem o uso da mesma.
Sei a conjugação correta dos verbos com o uso do pronome tu, mas não costumo usar pois costumo usar o pronome em situações de informalidade e intimidade.
Tu somente em caso de intimidade. Senhor/senhora somente quando não tenho qualquer intimidade, quando a idade do interlocutor é muito avançada ou a pessoa, embora jovem, é muito formal.
Nunca utilizo em início de frase por não achar adequado
Para mim é mais natural e dá tom de mais proximidade com as pessoas.
Eu até tento usar tu, mas sempre fresca comigo se eu consigo corretamente o verbo. Hahaha
Uso de maneira informal, mas sem conjugar o verbo conforme a gramática normativa
Uso o "tu" para pessoas mais próximas e/ou situações mais informais.
Uso o tu em situações não tão formais, e soaria estranho usar a conjugação mais polida e formal com amigos ou pessoas com quem tenho intimidade, mesmo sendo o correto.
Hábito
As vzs conjugo corretamente, mas na maioria das vezes não.
Uso o pronome "tu" sem conjugação para falar com amigos e familiares que são mais velhos do que

eu 15 anos, mais ou menos. Passando disso, já uso o pronome "você" ou "senhor (a)".
Essa forma já está popularizada na fala do brasileiro.
Em situações mais formais, uso "você". Em informais, uso "tu" sem a conjugação. Em nenhuma situação uso o "tu" com conjugação.
Acredito que o uso do "tu" com conjugação da variante padrão atribui uma formalidade indesejável ao uso do pronome, especialmente em Fortaleza e região, onde o "tu" possui valor também afetivo.
Acredito que a conjugação dos verbos não segue os preceitos normativo-gramaticais quando usamos o pronome TU, especialmente em situações de informalidade e intimidade. Penso que em sala de aula devemos esclarecer para os nossos alunos que essa forma de uso do TU se configura como uma variação linguística e que não deve ser alvo de preconceito linguístico.
Língua mais fácil
Fala coloquial
Informal
Uso de acordo com a proximidade que tenho das pessoas
Costume
Utilizo "tu" em praticamente todas as conversas, inclusive com pessoas hierarquicamente acima de mim (como pro reitor ou o reitor). No dia a dia utilizo linguagem informal para conversas faladas, porém procuro utilizar uma linguagem mais rebuscada em certos contextos (como e-mail e certos grupos de WhatsApp do trabalho).
Em situações informais com pessoas íntimas onde não me preocupo com a conjugação do verbo
Raramente uso com a conjugação gramatical
A fala sai mais fluída, rápida e dinâmica. O "tu" conjugado corretamente traz um ar de muita formalidade.
Uso o tu quando tenho proximidade ou quando quero forçar uma intimidade que não tenho ainda.
Uso predominantemente dessa forma "tu pode", na fala, por influência da minha variação linguística materna. Contudo, é frequente o uso da forma verbal adequada à norma padrão, também em textos orais. Já na escrita, a predominância é da forma em acordo com a norma culta. Raramente escrevo com os verbos fora da norma padrão, e se o faço, normalmente tenho efeitos estilísticos claros em mente para isso.
Na norma culta, especialmente da modalidade oral, parece-me ser mais adequado o uso do tu sem a conjugação.
Mais simples e comum no dia a dia
Na oralidade utilizo para me referir ao outro em poucas situações, mas não flexiono o verbo.
uso popular
Linguagem informal
Uso raramente, em situações informais sem uso da conjugação verbal e mais raramente ainda, uso em situações formais com uso da conjugação verbal.
Não sei, acredito que seja vício de linguagem.
Não sei, acredito que seja vício de linguagem.

Acho que a Língua culta se torna meio ofensiva, soa uma superioridade desnecessária, principalmente no dia a dia.